

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

GABRIELA EWALD RICHINITTI

**GAIOLA DE ESPERAR TEMPESTADES**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

GABRIELA EWALD RICHINITTI

**GAIOLA DE ESPERAR TEMPESTADES**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras – área de concentração em Escrita Criativa – no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Tietzmann

Porto Alegre

2019

## Ficha Catalográfica

R531g Richinitti, Gabriela Ewald

Gaiola de Esperar Tempestades / Gabriela Ewald Richinitti . –  
2019.

206 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Tietzmann.

1. Literatura contemporânea. 2. Paradigma cartesiano. 3.  
Pós-modernidade. 4. Romance. I. Tietzmann, Roberto. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

GABRIELA EWALD RICHINITTI

**GAIOLA DE ESPERAR TEMPESTADES**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil – PUCRS

---

Profa. Dra. Gabriela Silva – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
- URI

---

Prof. Dr. Roberto Tietzmann – PUCRS  
(Orientador)

Porto Alegre

2019

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Lucia, que, na infância, me contava histórias à hora de dormir. Nunca me bastando os livros, se punha a inventá-las. Foi a primeira ficcionista que admirei.

Ao meu pai, Carlos Eduardo, que apoiou minha decisão de colocar de lado a sobriedade do direito para apostar na insensatez da arte. Ele sempre disse que só importava que eu fosse feliz.

À minha irmã, Fabiana, que sempre me acompanhou nas interpretações extraordinárias da realidade. As divertidas madrugadas que atravessamos criando histórias e teorias complexas para compreender as pessoas são verdadeiros exercícios de ficção.

À minha avó, Irene, desde sempre minha mais entusiasmada leitora, por compartilhar comigo a experiência, a sensatez e a extraordinária sabedoria de oitenta e sete anos de vida. Nossas conversas e cafés ao longo da tarde têm uma importância inestimável para mim.

Ao Lucas Trindade, meu primo-irmão (mais irmão do que primo), por todos os veraneios assistindo a filmes de terror na velha casa da Inambuí.

Ao Lucas Furtado, meu melhor amigo e parceiro insubstituível de discussões literárias, projetos profissionais, cinemas, festas, viagens e conversas sobre tudo o que nos inquieta e fascina nesse mundo.

Às gurias do Rosário – Carol, Camille, Flávia, Gabi Burck e Jude –, por essa amizade de formação que perdura há mais de uma década, tão cheia de histórias.

Ao meu orientador, Professor Roberto Tietzmann, pela disponibilidade e atenção durante os anos do mestrado; depois de cada reunião, eu saía com o ânimo renovado para levar o projeto adiante – além de ótimas referências cinematográficas.

Ao Professor Luiz Antonio de Assis Brasil, por todas as lições que me formaram como escritora de ficção, pela generosidade que demonstra com todos seus alunos e pela confiança depositada na minha literatura. Sem a experiência na Oficina de Escrita Criativa, eu jamais teria chegado até aqui.

Ao Professor Carlos Gerbase, cujos apontamentos na banca de qualificação foram fundamentais para o resultado final deste trabalho.

À Professora Gabriela Silva, que gentilmente aceitou o convite para participar da banca de defesa.

Aos amigos que fiz no mestrado, por partilharem comigo a paixão pela literatura. Foi maravilhoso conhecer pessoas tão fascinantes e queridas ao longo desses dois anos.

Aos professores e demais profissionais que transformam a PUCRS num ambiente onde a criatividade, o conhecimento e a boa convivência prosperam (sem falar nas abelhas que gostam de café sem açúcar).

Às paixões inominadas que inspiraram esse romance.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este trabalho divide-se em duas partes: uma ensaística e outra ficcional.

O ensaio consiste em um projeto de pesquisa e produção de conhecimento que pode ser dividido em três etapas. Na primeira delas, aborda-se a crise do paradigma moderno, baseado na objetividade, nas relações de causa e efeito, na compartimentação dos fenômenos complexos e na previsibilidade de leis estáveis. Apresentam-se os motivos factuais e ideológicos que levaram ao estremecimento da epistemologia racional, cuja aplicação alavancou múltiplas descobertas científicas até o século XX. Na sequência, delineiam-se as mais significativas ideias e concepções que emergiram nesse terreno de incertezas a que chamamos *pós-modernidade*, em oposição ao modelo antecedente.

A segunda seção do ensaio estabelece o vínculo entre as considerações dos capítulos iniciais e o tema específico da literatura. Estudando as técnicas empregadas pelas narrativas contemporâneas para enfrentar a realidade complexa, percebe-se de que maneira as características associadas ao paradigma pós-moderno se entranham na escrita literária. Autores representativos, com obras publicadas entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, servirão de base à análise.

Por fim, para transformar o estudo em um projeto realizável de escrita, serão propostas algumas direções e posturas que a literatura pode assumir diante das polifônicas verdades e descrenças que parecem enredar-se inextrincavelmente no mundo contemporâneo. Trazendo para os conflitos ficcionais os problemas que a sensibilidade artística é capaz de perceber, toma-se a literatura como meio de recompor – com os artifícios estéticos e intelectuais que lhe são inerentes – a realidade que perdeu sua perspectiva.

A parte ficcional é composta pelo romance *Gaiola de Esperar Tempestades*, escrito a partir das reflexões, leituras e ideias que constituem o ensaio.

**Palavras-chave:** literatura contemporânea; paradigma cartesiano; pós-modernidade; romance.

## ABSTRACT

This work is divided into two parts: an essay and a fiction.

The essay consists of a knowledge production and research project that can be divided into three stages. The first one addresses the crisis of the modern paradigm, based on objectivity, on cause and effect relations, on the compartmentalization of complex phenomena and on the predictability of stable laws. It presents the factual and ideological reasons that led to the shudder of rational epistemology, whose application leveraged multiple scientific discoveries until the twentieth century. In the sequence, the most significant ideas and conceptions that emerged in this field of uncertainties that we call postmodernity, as opposed to the previous model, are outlined.

The second section of the essay establishes the link between the considerations of the opening chapters and the specific theme of literature. Studying the techniques used by contemporary narratives to confront complex reality, we can see how the characteristics associated with the postmodern paradigm are absorbed by literary writing. Representative authors, with works published between the end of the twentieth century and the first decades of the twenty-first century, serve as a basis for the analysis.

Finally, in order to transform the study into an achievable project of writing, some directions and positions that literature can take on the polyphonic truths and disbeliefs that seem to be inextricably entangled in the contemporary world are proposed. Since it brings into fictional conflicts the real problems that the artistic sensibility is capable of perceiving, literature is taken as a means of recovering - with the aesthetic and intellectual artifices inherent to it - the reality that has lost its perspective.

The fictional part is composed by the novel *Gaiola de Esperar Tempestades*, written from the reflections, readings and ideas that constitute the essay.

**Keywords:** contemporary literature; Cartesian paradigm; postmodernity; novel.



## SUMÁRIO

<b>O romance: Gaiola de Esperar Tempestades.....</b>	<b>10</b>
<b>O ensaio: A literatura de um tempo sem perspectiva.....</b>	<b>167</b>
1. Introdução: como acreditar nessa realidade inconcebível para extrair dela alguma literatura.....	168
2. A literatura contemporânea e a literatura sem perspectiva: dois conceitos intercambiáveis que podem deixar de sê-lo.....	173
3. Literatura e seus fenômenos sísmicos .....	177
3.1. A crise do paradigma epistemológico e a crise do romance moderno .....	177
3.2 O desacreditado sujeito de René Descartes .....	182
3.2.1 O método, o viajante e o relógio: onde tudo começou e para onde se encaminha. ...	182
3.2.2 O estremecimento do paradigma cartesiano e a metodologia do desterro .....	190
4. Narrativas contemporâneas: manifestações da realidade estremecida. ....	200
4.1 Histórias fragmentadas .....	200
4.2 Romance rizomático .....	203
4.3 Laboratório de linguagem.....	206
5. Considerações finais: breve manifesto para uma literatura propositiva. ....	208
8. Referências bibliográficas .....	211

**GAIOLA DE ESPERAR  
TEMPESTADES**

# **PARTE I**

## **OS DISPAROS**

## 1.

Naquela última viagem, estranhei a ausência de estrelas. Os faróis revelavam lances de estrada, às vezes a carcaça dum bicho atropelado ou pedaços de pneus que, depois de duas ou três recapagens, esfarelavam contra o asfalto. Atravessávamos a noite Leona, o motorista do ônibus, o homem que morreria e eu.

Estávamos no final de 1991. Papai Noel já estampava os rótulos da Coca-Cola. A utopia socialista se estilçava nas páginas dos jornais. A independência do Uzbequistão, da Macedônia, da Bielorrússia, da Armênia, da Ossétia do Sul, dos meus vinte e dois anos. Entre os formandos do ano de 1992, o retrato de toga e capelo ainda deve estar pendurado em alguma parede na Egrégia Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nunca fui conferir se os responsáveis pelo mural escreveram meu nome franco-alemão – Charlotte Vogt – com todas as consoantes que lhe são devidas.

Não me lembro de ter pensado que eu estava testemunhando a mudança substancial da vida como então a conhecíamos. Durante a faculdade, enquanto passava pelas bancas de revista com a mochila enganchada às costas, quase sempre atrasada para alguma aula, o espírito da época me contaminava pelo gargalo da Soda Limonada e pelos fones do meu velho walkman. Apesar de reparar pouco nos rumos que o planeta tomava, devia ter o olho clínico para meus próprios momentos importantes. Possuo poucas fotografias daqueles anos: apenas os registros essenciais. Cada captura da Kodak era irreversível.

Talvez por nunca ter reparado no que acontecia ao meu redor, me adaptei muito bem a todas as transformações; não escrutinei o primeiro fio branco de cabelo e me sobressaí no escritório de advocacia onde trabalho como uma espécie de referência em matéria de tecnologia. Por ser capaz de levar adiante uma videoconferência com um cliente de São Paulo ou da Bahia, me tornei uma peça indispensável, bastante admirada pelos velhos advogados, que romantizam as máquinas de escrever porque conseguiam dominá-las. Ao longo do tempo, alguns estagiários desafiaram meu posto, mas eles vão embora ao final de um ou dois anos. Eu permaneço.

Hoje pela manhã, no elevador, discuti com uma vizinha sobre as possibilidades do apocalipse. Ela morre de medo da Robô Sophia, assistiu a um vídeo onde a humanoide diz que nos destruirá. Eu continuo apegada aos vírus mutantes e às armas de abrangência planetária. Na verdade, sempre imaginei o fim do mundo como um vento meio azulado que sopra mais devagar do que a velocidade da informação, de modo que as partes do planeta ainda não varridas agonizam por horas, dias ou anos. As notícias conseguem espalhar o medo, mas não previnem

a catástrofe. No instante derradeiro, os mais bravos estarão amontoados dentro da última área intacta. Eu não me encontrarei entre eles; esperarei o vento azul à janela do meu quarto, analisando de cima o tumulto da rua. Espero que dessa vez haja tumulto. Espero que meus vizinhos não insistam nas fugas nem descubram a misantropia que lhes falta às tardes de domingo, quando entoam hinos selvagens para seus times de futebol.

Ninguém acredita na viabilidade da Terra. No máximo, os utopistas creem em meios populares de evacuá-la. Eu acordo todos os dias com a impressão de que vivo o epicentro da história humana, mas é possível que seja apenas um delírio de vaidade. Talvez os operários da Revolução Industrial tivessem menos tempo para refletir sobre as transformações que presenciavam, pois aquelas máquinas ainda precisavam deles, e de seu trabalho atento dependiam coisas tão importantes quanto a manutenção dos dedos. Entre videoconferências e petições, pesquiso teorias apocalípticas e diagnósticos que associam dores de cabeça a doenças incuráveis.

E, no entanto, 1991 parecia um ano qualquer. Não foi bissexto nem consumou nenhum dos presságios de Nostradamus, embora a essa última afirmação não se alinhem os entusiastas do profeta, que, em uma de suas quadras, diz que *um dia, serão amigos os dois grandes chefes*, prenunciando a queda da União Soviética. Parece-me – e assim parece aos céticos – que tais previsões são interpretadas sempre à luz de fatos consumados, nunca antes. Em 1991, talvez eu acompanhasse o desmembramento da União Soviética pela televisão enquanto descascava o esmalte das unhas, bocejando o cansaço universitário, pensando no cardápio do almoço. Ainda hoje, a escolha entre guisado, almôndega ou bife me preocupa mais do que a iminência do apocalipse ou as guerras no Oriente, sobretudo se tenho fome – e os noticiários passam à hora das refeições, daí as epidemias de gastrite. Egoísmos dessa natureza sucedem a cada ser humano, embora nos custe admitir. A única angústia que partilhei com a humanidade do primeiro ano daquela década foi a morte de Freddie Mercury, no dia 24 de novembro.

Leona me ensinou a gostar de *Queen*. Gravou numa fita cassete – mesmo à época, esse tipo de mídia já sinalizava declínio. Ao vivo do Rock In Rio de 85, a voz de Freddie eclodia do corpo magro, ressoando nas costelas, expandindo-se pelas centenas de milhares de gargantas.

Mais do que a morte Freddie, mais do que a independência da Bielorrússia, mais do que a segunda edição do Rock In Rio, Leona foi o grande acontecimento de 91. Minha formatura ocorreria no ano seguinte, mas o que fazer da minha vida depois disso me inquietava menos do que o fim das nossas viagens.

Toda sexta-feira, à meia-noite, tomávamos o mesmo ônibus. As cidades onde viviam nossas famílias eram vizinhas; Leona parava no minúsculo distrito de Mariante e eu, meia hora depois, descia na pequena Venâncio Aires. O horário pouco requisitado devia ter algum sentido logístico para a empresa que operava o transporte naquela linha; começou a ser oferecido em 91 e deixou de existir no ano seguinte – como se, de alguma forma, dependesse de nós.

Era conveniente para apenas uma pessoa além de mim: Leona, que estudava jornalismo em outro campus da Universidade Federal. Cada uma saía de sua aula à noite e ia para a rodoviária, onde passamos a nos encontrar. Sempre na sexta-feira, perto da meia-noite. Eu tinha tempo de comer alguma coisa nas lanchonetes do Centro Histórico e, às vezes, tomava uma cerveja com os colegas do direito. Ficava tão ansiosa para encontrar Leona que mal conseguia participar das conversas. Nunca falei dela para ninguém. Não me importava em permanecer calada em meio aos assuntos; na verdade, nunca me importei.

Com Leona era diferente. Ao longo de nossas viagens, fui reduzindo cada vez mais minha existência àquelas noites de sexta-feira, às horas breves que existiam entre o instante em que a encontrava na plataforma da rodoviária de Porto Alegre e o desolador momento em que ela desembarcava em Mariante. Descia um pouco antes das duas horas da madrugada, num terminal situado à beira daquele vilarejo paupérrimo e soturno; o distrito não passava de uma estradinha de chão batido margeada por casebres de madeira que não eram muito diferentes de galpões ou estrebarias.

Apesar de viver tão à deriva naqueles anos, eu tinha uma vaga consciência da precária felicidade que construía – e antecipava o vazio em que mergulharia quando as viagens com Leona acabassem. Pensava em meios de mantê-la por perto, quem sabe tomando o mesmo ônibus à mesma hora para o resto da vida. Seria um artifício constrangedor, como uma juventude estendida à força sobre um corpo que já envelheceu. Não funcionava com os velhos punks que eu via bebendo cerveja na Osvaldo Aranha, alguns magros como caveiras, brincos nos lóbulos moles, ou pior, barrigudos, inchados, vermelhos. As pessoas ficam ridículas quando tentam amansar o tempo.

Se a convidasse para minha formatura no ano seguinte, o pacto se romperia. Ela se tornaria uma dessas pessoas normais que ocorrem nas nossas existências e depois desaparecem, casam, têm filhos, doenças, envelhecem e nos rendem um velório enfadonho. Eu a apresentaria aos meus amigos, talvez uma história curiosa sobre onde nos conhecemos. Ela deixaria de pertencer ao minúsculo universo das coisas extraordinárias.

Acho que Leona sabia de tudo isso. Jamais teria aparecido na minha formatura.

Sempre achei que, depois da amputação da cauda, quando a Pequena Sereia ganhou pernas, o príncipe deixou de amá-la. Como os homens devem deixar de amar as prostitutas que resgatam das ruas; como as prostitutas resgatadas das ruas devem odiar os antigos clientes quando precisam lavar suas cuecas.

Durante a infância, pensava que os príncipes dos contos de fadas fossem um só homem. Não variavam muito em conduta ou aparência – e não podia haver infinitos príncipes no reino único das fadas. Esse príncipe sequestrava as mulheres de suas fantasias e depois as descartava. A elas, restava a zona da realidade – mais ou menos o que ocorre depois que desaba a primeira paixão.

Nessa noite de céu liso, Leona me afastou duas vezes de seu ombro, ergueu-se do banco e olhou para a frente, em direção ao homem. Não sei o que viu. Sem dizer nada, tornou a me acomodar junto de seu corpo, passando os dedos através dos meus cabelos, como costumava fazer.

## 2.

Arrasto Freddie Mercury pelas ruas de Porto Alegre. O aparelhinho nano que cabe dentro do bolso do meu jeans é tecnologia ultrapassada, de modo que nenhum ladrão inteligente tentará roubá-lo. O maior problema são os ladrões burros e obsoletos; deles não posso me proteger.

Meus fones de ouvido vedam os sons prosaicos da manhã de domingo, fazendo-me prestar mais atenção às cores, aos detalhes e aos gestos. O feirante embala três caquis num saco plástico enquanto ri, expondo as restaurações metálicas nos dentes molares e o fundo encarnado da garganta. Quando engancho a sacola nos dedos, acho estranho não ouvir os ruídos do plástico.

Pauso a música com o refrão de *Somebody To Love* suspenso, prestes a escorregar pelo meu canal auditivo, e estendo um molho de couves em direção a uma mulher muito gorda e vermelha que deve se chamar Bertha ou Frida. Ela diz “três reais” com um ódio que atribuo à sua infelicidade. aguardo meu troco e lamento o destino das couves tão verdinhas que serão queimadas pela potência da minha nova geladeira.

Não permito que Freddie conclua sua canção. Enrolo os fones num emaranhado que me trará problemas num futuro próximo e enfio tudo no bolso de trás do jeans. Odeio qualquer coisa pendurada em mim, incluindo bolsas, colares, sutiãs, pochetes e crianças.

Caminho no contrafluxo da multidão, com medo de enlouquecer e dar um pontapé no focinho dos yorkshires. Talvez a vizinha do elevador tenha razão em temer a Robô Sophia: somos horríveis quando assumimos o papel criativo de deus. A busca pelo cachorro perfeito deu errado. Todos os yorkshires deram errado e ninguém se importa. Um poodle preto revira as órbitas azuis quando esbarra nas minhas canelas; seus olhos transidos de medo e catarata não percebem nada. Tudo falha ao meu redor. O sol sanfona o cenho dos passantes, mesmo nas criancinhas vejo rugas que germinam. Então enxergo Leona.

No instante em que a descubro, sei que se trata apenas de uma miragem em meio à multidão. É uma garota que lembra Leona nos trejeitos, olhos, altura, sutilezas: as barras rasgadas das calças, os cabelos cheios e negros.

Sei que não é Leona, pois Leona hoje tem minha idade ou está morta, o tempo implacável também agiu sobre ela, e a garota que vejo é apenas uma jovem comprando anéis de uma mulher indígena. Há algo específico sobre seu quadril, a forma de projetá-lo à frente do corpo, um movimento leve, como se desejasse tomar distância para observar algo que apenas ela percebe. A garota que não é Leona prova as circunferências dos anéis em cada um dos dedos com os mesmos gestos calculados que a Leona verdadeira usava para escolher o par de bancos onde sentaríamos, à esquerda ou à direita, não muito perto do banheiro, jamais visíveis ao motorista ou a algum passageiro eventual. Como o homem que morreu.

Vou para a mesma banquinha de anéis. No caminho, deposito algumas moedas no cesto de uma criança, que sopra forte a ocarina, um som tão doce quanto o recheio que vai nutrindo o miolo dos churros na banca ao lado. Abro passagem entre os filtros de sonhos dependurados sobre a bandeja de bijuterias e me coloco ao lado da garota que não é Leona. Encosto de leve meu braço no dela, sua pele também tem a cor doce, estica-se pelo antebraço numa lisura sem pelos, quente de sol, leite fervido com açúcar por muitas e muitas horas até atingir aquela tonalidade, a consistência jovem.

Sem me olhar, ela recua. Estuda o próprio rosto num espelho oval pendurado entre colares e cangas, uma vaidade que a experimentação meticulosa dos anéis não justifica. Toco seu ombro.

– Com licença, por acaso o nome da tua mãe é Leona?

**3.**



Não sei o que Leona viu na madrugada de nossa última viagem. Ela percebia muitas coisas o tempo todo. Às vezes, sua cabeça a deslocava para lugares distantes, imergia em silêncios imprevisíveis.

Eu ficava angustiada quando ela olhava além de mim, fixando-se em algum ponto que me parecia vazio ou trivial. Os olhos de Leona eram de um raro preto, em cada gema a pupila não se distinguia da íris, a menos que uma luz direta incidisse; na penumbra do ônibus, isso quase não acontecia. Eram olhos difíceis de rastrear.

Usava óculos de aros grandes, como as secretárias ou as garotas impopulares dos filmes colegiais norte-americanos. Não sei se era impopular ou se um dia trabalhou como secretária, se debocharam dela na escola ou se abriu os dois primeiros botões da camisa para seduzir algum professor. Não sei como se comportava longe de mim, na vida real. Nunca soube que impressão as outras pessoas tinham dela.

Costumava tirar os óculos durante as viagens, mas os recolocou para observar algo no homem. Ergui a cabeça, forçando os olhos na mesma direção. Perguntei o que estava acontecendo. Perguntei se ela o conhecia. Perguntei, em tom de brincadeira, se era seu marido. Não me respondeu.

Não ter falado de Leona a ninguém transformou em segredo os eventos daquela noite. Não é o tipo de assunto que se joga à mesa do café da manhã para a sua família do interior, a menos que haja disposição para responder a infinitas perguntas e esmiuçar os detalhes e explicar *quem é essa sua amiga Leona e depois o que vamos fazer a respeito disso tudo que acabamos de ouvir e preferiríamos, pelo amor de deus, continuar ignorando.*

Talvez eu apenas não quisesse admitir que Leona pertencia ao mesmo mundo dos meus parentes e dos meus colegas da faculdade de direito, jovens que memorizavam termos em latim para conferir autoridade à pouca importância do que tinham a dizer. Talvez eu não quisesse pensar no que ela representava na minha vida concreta – no que aquilo tudo dizia sobre Charlotte. Sem ela, a história talvez fosse outra.

Não apenas a história daquela noite ou a história do homem morto. A história da minha vida.

#### 4.

A garota que não é Leona também não é filha de Leona; me diz isso balançando a cabeça, numa negativa veemente demais para uma pergunta casual feita por uma desconhecida.

Se eu fosse louca, diria que a garota está mentindo; há algo acontecendo ao meu redor desde sempre, conluios que me escapam. Toda uma teia de sentidos e relações se costurando à minha volta; reuniões de alcova, onde a antiga Leona instrui seu exército de conspiradores a nunca me perder de vista.

Mas eu não sou louca nem paranoica, não chutei o focinho dos yorkshires minutos atrás. Compreendo que a vida seja uma sucessão de insignificâncias. Compreendo que a garota ao meu lado não me dirija a palavra apenas porque estamos perto, muito perto do meio-dia, e nessa hora faminta somos bichos menos generosos uns com os outros. Quanto a Leona – se continuou transformando em ato suas filosofias e crenças –, deve mesmo estar morta.

Os olhos pretos da garota me atravessam e ancoram em algum ponto além de mim. Seus lábios arqueiam-se num sorriso discreto. Viro a cabeça para olhar também, mas não vejo nada diferente ao meu redor. Durante o tempo em que ela coloca o anel, puxa uma nota do bolso das calças e estende a mão, durante o tempo em que escuto a vendedora juntando as moedas do troco, durante o tempo em que essa forma triste de escambo se perfectibiliza entre uma mulher indígena e uma garota que prefere anéis feitos de casca de árvore, durante esse tempo estarei olhando para as trivialidades da manhã, e é como se cada yorkshire, criança, poodle cego, dona de casa, testemunha de Jeová, aleijado, imitador de gatos, esportista, estudante e pessoa genérica que, de tão genérica, se torna misteriosa, é como se cada ocorrência que vejo arrastasse consigo uma fração da minha energia.

## 5.

Couves e alfaces despontam das sacolas plásticas. Comprei uma abóbora inteira, que desalinha minha coluna para a direita enquanto subo os lances de escada, o exercício diário que não me salvará do grupo de risco das cinquentonas sedentárias.

Não tenho mãos para tirar os fones dos ouvidos quando chego ao terceiro andar e descubro Felipe escorado ao batente da porta de Laura, a vizinha do trezentos e um.

Portanto, quando chego ao terceiro andar e vejo Felipe numa pretensa pose sedutora, pernas enlaçadas umas nas outras, mãos penteando os cabelos para trás, sorriso tolo, meus canais auditivos estão inundados pelas águas de uma cachoeira.

Durante cinco dias, meditei todas as manhãs. No meu aparelhinho de som ficaram os barulhos da natureza que deveriam me levar ao nirvana, à plenitude espiritual ou ao menos a um dia de paz na Terra.

Foram os cinco piores dias da minha vida. Eu acordava furiosa com a ideia de passar a próxima meia hora numa almofada me defumando com incenso de mirra. Quanto mais eu pensava em não pensar, mais acabava revolvendo os pensamentos, e assim imergia num redemoinho cerebral. Algumas ideias, quase por travessura, invadiam minha cabeça, coisas como contas vencidas, o final ambíguo de *Blade Runner* ou o gás que talvez eu tivesse deixado escapando de uma das bocas do fogão. Assim, eu e Buda nos distanciávamos.

A sensação de fracasso e descontrole emocional se agravava após essas sessões malsucedidas. À noite, num sono descontínuo, eu consultava o relógio de hora em hora, antecipando o momento em que acordaria com o primeiro compromisso: incenso de mirra, almofada, sons da natureza, Buda, os finais de *Blade Runner*, vórtice de pensamentos, fracasso.

Isso explica a remanescente cachoeira espiritual desaguando nos meus ouvidos enquanto Laura me olha, nervosa, e Felipe se vira, o sorriso encantador aos poucos se dissipando.

Não largo as sacolas no chão, não dou meia-volta, não continuo subindo. De todas as alternativas, escolho a pior: nenhuma. Fico parada no último degrau.

Os dois me observam. Laura diz algo, talvez um cumprimento. Em seguida, acrescenta uma frase mais longa. A cascata engolfa todo o som, todos falam a voz das águas.

Laura deve ter, na melhor das hipóteses, trinta anos. A franja reta junto às sobrancelhas faz com que pareça uma criança gigantesca. Posso imaginá-la com duas trancinhas pendendo sobre os ombros enquanto lambe um pirulito de círculos coloridos e dança *I've Written A Letter To Daddy*, como Bette Davis em *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?*

O que acontecerá a Baby Laura não me diz respeito. Continuo subindo os degraus, dissipando em força mecânica a fúria que rebenta dentro de mim.

## 6.

Sobre o travesseiro, deixei a Barlavento fechada no invólucro; a capa traz uma fotografia em P&B onde Lou Reed parece o jovem Frankenstein. Rasgo o plástico, desejando que fosse a pele de Felipe, as costas se abrindo em ranhuras sanguinolentas, a carne se acumulando debaixo das unhas.

Quando ele entrar em casa, não me revoltarei; não posso me revoltar, ou pensará que sinto ciúmes ou remorso por tê-lo deixado. Não consigo esquecer o conteúdo do *pen-drive* branco que ele esqueceu dentro do bolso da calça.

Conectei ao meu computador. Abrir dispositivo? Ok. Imagens e vídeos cobrindo depressa a tela, aos poucos eu distinguia as formas, abri um dos arquivos, reproduzi trinta segundos de um vídeo mal gravado de uma garota de minissaia dentro de um ônibus lotado, depois outro, um pouco mais nítido, uma mulher masturbando um cavalo até ele esporrar sobre seus seios imensos, e outro, um homem enfiando o pau na goela de uma carpa, pilando os órgãos, o barulho viscoso, os olhos esbugalhados do peixe. Arranquei o *pen-drive* da entrada USB e devolvi ao bolso da calça. Nada daquilo admitia uma explicação satisfatória, portanto não pedi explicações.

Também não pedi o divórcio naquele ano; tampouco conversei com Felipe. Eu não queria pensar nem falar sobre aquilo, muito menos admitir que eu já o detestava bem antes de descobrir seu arsenal de pornografia. Senti raiva, asco e até mesmo pena, inventei explicações que o desculpavam, talvez algum amigo tivesse lhe aplicado alguma brincadeira infeliz. Depois passei a recluir seus objetos pessoais. Guardava uma distância cautelosa do laptop quando o encontrava ligado sobre algum móvel da casa.

Cogitei investigar Felipe mais a fundo, talvez aquele conteúdo não passasse de uma curiosidade muito episódica, não uma espécie de fantasia sexual da meia-idade. Nos últimos três anos, o puni por razões que ele jamais compreenderá; não lhe dei um único instante do meu prazer, fiz com que me fodesse a seco, recusando-me a participar de suas fantasias.

## 7.

Dependendo da inclinação ao misticismo, é significativo pontuar que a catástrofe aconteceu numa sexta-feira 13, em dezembro de 1991. Leona e eu conversamos pouco nessa última noite. O homem de terno trouxera para dentro do ônibus um pedaço do mundo e nós não conseguíamos esquecer sua presença a apenas alguns assentos de distância. Não nos beijamos nenhuma vez. Não me lembro do nosso último beijo. É como se ainda estivesse por acontecer.

Posso ter recomposto essas memórias depois do que ocorreu, reconstruindo as cenas uma a uma, resignificando o tempo que passamos ali dentro; talvez meus pensamentos estejam deformados pelo trauma, embora nunca tenha associado minha incapacidade de extrair satisfação da vida comum como um sintoma do estresse pós-traumático. Não há ninguém para me contradizer; é apenas a verdade que prosperou.

Essa última viagem aconteceu pouco antes do natal, numa época em que o natal não passava de um tedioso compromisso familiar. Só mais tarde entendi que o espírito natalino pode ter influenciado a decisão do homem.

Até o momento em que ele se ergueu do assento e abriu a maleta, dando início ao vórtice perturbador de ocorrências daquela noite, transcorreu pouco mais de uma hora de viagem, durante a qual eu e Leona mal nos tocamos. Sabíamos que, alguns bancos à nossa frente, na fileira oposta, estava sentado um sujeito estranho. Sua presença bastava para contaminar nossa atmosfera de liberdade, mas não era só isso: ele trazia consigo a iminência da aniquilação. Foi o catalisador do fim.

Leona chegou a pegar um de seus romances de Raymond Chandler; posso vê-la tirando da mochila a lanterna de leitura, acoplando-a à borda do livro, ajeitando atrás da orelha uma mecha de cabelo. Eu considerava aquela luzinha que permitia ler no escuro um exemplo da inventividade de nossa geração; enquanto isso, Steve Jobs já digitava nas teclas brancas de seu *Macintosh*.

*Adeus, minha adorada.* Ou não foi esse o livro que Leona pegou? Uma capa preta, estilo *noir*, com letras amarelas e a ilustração do detetive Marlowe de chapéu. Tenho a coleção completa de Chandler na estante – toda ela adquirida muitos anos após o acontecimento.

Ainda na plataforma de embarque, eu observara o homem; um Sr. Ninguém, com terno surrado e maleta de couro, o rosto obscurecido pela barba grisalha. Leona ainda não havia chegado, portanto éramos os únicos passageiros noturnos diante do box onde, dentro de vinte minutos, estacionaria o ônibus. Não recorro suas feições, sua altura, seu tipo físico, se usava aliança ou relógio; imagino-o com as sobrancelhas grossas, mas não posso ter certeza. Andava de um lado para o outro, o queixo quase colado ao peito; eu o achei estranho, mas, logo que Leona chegou e me abraçou pela cintura, eu o esqueci.

Dentro do ônibus, evitei olhar em sua direção, por medo de que houvesse algo muito errado com seu rosto, a ausência dos olhos, chagas purulentas, fossas nasais expostas. Quando caminho por alguma rua hostil, também me esquivo dos rostos, como se o simples fato de ignorá-los pudesse me proteger de suas intenções.

Naquela noite, não me protegeu.

Deixo de lado a Barlavento; preciso do fôlego de uma xícara de café antes de começar alguma das longas matérias da revista. Sem pensar muito, mexo na estante de livros; escondi a carta de Leona entre as páginas 43 e 44 da *Grande Enciclopédia Larousse*, volume 1. Pego a lupa na segunda gaveta da mesa de cabeceira e a posiciono sobre a primeira folha. Sei o conteúdo de cor, portanto esmiúço os sulcos desses papéis amarelados onde se conservam os vestígios da existência de Leona.

## 9.

Foi em junho de 1991 que estreou no Brasil o *remake* de *A Noite dos Mortos-Vivos*. Leona me contou que assistira ao filme no cinema. Um perfume diferente se descolava da manta florida que ela trazia enrolada ao pescoço. A estampa não combinava com seu jeito sóbrio, tampouco aquele cheiro enjoativo e insistente. Parecia um perfume caro, com um bom fixador que o manteria impresso ao tecido por muitos dias; eu precisava sentir se a pele de Leona partilhava daquele novo rastro olfativo, queria entender se aquele acessório lhe fora enxertado por outra pessoa. Nunca cheguei a saber com certeza, mas, nas viagens seguintes, o perfume e a manta não reapareceram.

Naquela noite, não conseguia prestar atenção ao que ela dizia. Enquanto pensava em meios de descobrir se Leona estivera com mais alguém no cinema, escutei-a narrar o enredo do início ao fim, com muito mais entusiasmo do que bom senso. Como sempre, pontuava os acontecimentos com suas impressões extravagantes sobre os atores e as cenas. Perceber que ela de fato estivera envolvida com o filme me tranquilizou até o momento em que me disse:

– Eu não teria ido ver uma bobagem dessas por conta própria. Ainda mais um filme requeitado.

– Então por que tu foi?

– Porque me convenceram a ir.

– Quem te convenceu?

Leona ignorou minha pergunta. Fazia isso para conduzir a conversa pelos rumos que a interessavam. Eu permitia, consciente de que ela era mais interessante do que eu: mais articulada, muito segura de suas ideias singulares.

– É isso que eu gosto no cinema. É tipo um livro que a gente pode ler com mais alguém, na mesma hora. Tu vai bastante no cinema, Charlie?

Fiz que sim com a cabeça, torcendo para que ela não me perguntasse quais filmes eu tinha visto nos últimos tempos. Minha resposta não foi uma completa mentira, mas uma verdade antecipada: hoje, devo ser uma das mais assíduas frequentadoras dos cinemas que restam em Porto Alegre. Vejo todo tipo de filme, desde que não envolva dinossauros e dragões.

– Eu achei que iam ser aqueles zumbis de terror *trash*, sabe? Mas não. Na saída, me contaram que o diretor foi fotógrafo de guerra no Vietnã.

Leona continuou falando sobre *remakes*, a estética *trash*, a Guerra do Vietnã e outros assuntos que ia misturando. Eu não me preocupava em dizer nada, ela não se preocupava em me ouvir. Às vezes, erguia-se entre nós essa espécie de quarta parede e eu me resignava a ser plateia para seus monólogos.

Demorei a entender se Leona amava ou abominava os filmes de terror. Falava como se tivesse visto todos, mas os achava previsíveis e dizia que não funcionavam com ela. Mais tarde, depois de ter assistido a várias obras do gênero, eu compreendi que existe um sentimento de superioridade em predizer as tramas, as personagens, as cenas: o mesmo intuito de dominar o futuro que instiga a ciência.

Quando a câmera se aproxima de uma jovem e apenas o compasso da água pingando contra a louça da pia rompe o silêncio e a garota procura algum frasco nas prateleiras do armarinho de remédios antes de fechá-lo, então podemos prenunciar a aparição do espírito, do monstro no espelho ou do falso detonador. Um gato preto pulando sobre a mocinha. Gestos que delatam o susto tornam o terror comercial o gênero mais seguro de todos; qualquer pessoa que tenha visto mais de dez filmes desse tipo é capaz de fechar os olhos um instante antes de se assustar. Perdi a conta dos fantasmas que evitei apenas porque consegui decifrá-los com antecedência.

Nunca soube predizer Leona. Cheia de verdades opostas e atitudes que não caberiam em nenhuma outra pessoa, suas características eram tão irrepetíveis quanto as impressões digitais coletadas junto ao cabo de um revólver. Indícios que nem sempre recontam a história correta dos disparos.

Leona acreditava num padrão latente, numa fórmula capaz de prever qualquer coisa. Não apenas os filmes de terror: o universo inteiro. Quando falava sobre suas crenças, algo fervia dentro de seus olhos; às vezes, ela me assustava, talvez fosse louca, psicótica, esquizofrênica. Contava histórias terríveis, explicava-me que o mundo era um organismo e o tempo agia como a peristalse das nossas vísceras, impelindo toda a matéria viva à putrefação. Os zumbis não serviam como personagens de terror, porque zumbis éramos todos. Disse isso e colocou as duas

mãos à frente do corpo: mesmo imitando um zumbi, Leona não conseguia abandonar sua altivez.

Escorada à janela, observei de canto sua performance. Soltei uma breve risada com ênfase nas narinas, como ainda faço quando quero sinalizar meu desconforto. Ela estava mais descontraída do que nunca e, em cada gesto, empurrava sobre mim uma nova porção daquele perfume indecifrável:

– Eles vêm nos pegar, Charlie.

Leona parecia me provocar, mas não deixava evidências sonoras ou visuais disso: somente aquele cheiro, aquela alegria, aquela súbita paixão por zumbis. Demonstrei meu descaso com um movimento de ombros. Ela deve ter cruzado os braços, como fazia para demarcar uma indignação fingida:

– Ok, dessa vez te deixo ser a voz da razão. Os corajosos e os filhos da puta morrem primeiro. Depois...

Acho que ela ia começar alguma teoria sobre a ordem de órbitas dos filmes *mainstream*, mas eu a interrompi:

– Então por que tu continua falando?

Por algum tempo, seu semblante se fechou – ou supus que tivesse se fechado, pois não ousei olhar para ela. Eu estava a ponto de chorar, a testa batendo contra o vidro a cada guinada do ônibus. Esperei que Leona me mandasse à merda e mudasse de assento. Em vez disso, ela abriu a mochila e puxou um envelope grande, selado com um adesivo de caderno.

– Eu não vou pegar o ônibus sexta que vem. Preciso ficar.

Falava baixo. O ânimo de antes desaparecera. Prosseguiu:

– Fiquei pensando no que tu ia fazer sozinha durante a viagem, olhando aí pro escuro.

O ônibus atravessou alguma espécie de cratera, fazendo minha cabeça bater com força contra o vidro. Na mesma medida em que Leona se mantinha sempre ativa, eu parecia sofrer todo tipo de humilhação diante dela. Esfreguei a testa.

– Eu vou ficar bem – respondi, virando um pouco o rosto para ver o envelope.

– Sei que sim. Mas te escrevi uma carta durante a aula chata da manhã. Se tu resolver sentir saudade.

Quando as incongruências me fazem duvidar de tudo – quando chego a pensar que a inventei por completo –, busco em meio à Grande Enciclopédia o maço de folhas amarrotadas. Elas são a única prova. Não as manuseio com frequência, tenho medo de que desmanchem; vênulas azuis se desprendem de cada letra quando as observo com a lupa. Comparo a caligrafia



de Leona com a minha própria e vejo que se distinguem em tudo. Sou canhota, minha escrita é lenta e geométrica; a dela parece ter arrebentado de repente sobre as folhas, espalhando as frases. Cada vez que releio a carta, sei que, em 1991, eu não poderia ter escrito nada daquilo.

## 10.

A normalidade tensa com que começou a última viagem também prenunciava a tragédia. Disso não sabíamos com clareza, embora presentíssemos; ou eu não sabia, enquanto Leona previra tudo através de suas fórmulas secretas. Décadas depois, eu pensaria que todos os nossos trajetos fizeram parte de uma única sequência, uma única jornada em direção à implosão da nossa história.

Existe um ponto onde tudo desaparece. A cena derradeira é aquele momento em que vi as luzes vermelhas iluminando seu rosto, brilhando nos lábios úmidos que sussurravam junto aos meus cabelos.

– Vai dar tudo certo, Charlie.

Um sorriso rápido, os dedos tocando minha nuca e enfim os tênis de cano alto pisando a demarcação do acostamento. A viatura piscava, queimando minhas retinas; acho que cruzei os braços para que as mãos parassem de tremer, fechei os olhos para fingir um pesadelo, os balões coloridos dançando na face interna das pálpebras. Pensei que os policiais perceberiam meu nervosismo e me levariam direto para a cadeia. Nas margens da estrada, não consigo visualizar se havia plantação de tabaco, banhado, milharais, anúncios de colheitadeiras; se coaxavam sapos-bois, se ventava, se fazia frio – nada disso ficou. Apenas nós existimos dentro de um foco de luz que incide sobre o miolo dum breu infinito. A luz oscila entre o vermelho e o vazio; Leona nunca pisa fora das faixas do asfalto. Anda devagar, penetra a sombra e desaparece para sempre.

## 11.

Charlie,

Eu acredito que tudo no universo já está determinado a acontecer, você sabe disso. É um modo menos romântico de falar em destino, a liberdade que preconizamos é uma ilusão. Por exemplo: escrevo essa carta porque não posso evitar, porque só me resta escrever essa carta.

Na nossa ridícula sensação de onipotência, quando não entendemos algo, chamamos de imprevisto ou caótico.

Mas qual o efeito prático dessa constatação em nossas vidas minúsculas? Nenhum. Crer na mentira das nossas infinitas possibilidades de escolha é nossa única possibilidade de escolha. Entende?

Eu vi você antes que você me notasse. Você usa a mochila com alças muito compridas, isso força sua coluna. Pensei de que maneira poderia me aproximar. Você nunca prende os cabelos direito, tem sempre essas mechas escapando da borrachinha, uma desordem bonita. Talvez se eu oferecesse um chiclete, mas e depois? Nós não temos muito a ver, você é o tipo de menina que chama a atenção de todos os rapazes em um raio de muitos quilômetros. Precisava de um plano, um bom plano para que você não se sentisse desconfortável nem desinteressada nos meus assuntos. Não foi apenas por causa da sua beleza típica, os olhos puxados de leve sob as sobrancelhas que se arqueiam nessa expressão de constante impaciência. Então decidi que tentaria acessar uma parte sua que as pessoas costumam desprezar. O sol de março nas maçãs do seu rosto, quase queimadas, uma faixa vermelha cobria também o declive do seu nariz. As fantasias: todos te tomam como uma garota óbvia, não é, Charlie? Você olhava com tédio para uns senhores que mastigavam pastéis engordurados e bebiam café preto, mas, em dado momento, se ateu a uma velha arrastando uma trouxa de pano sobre o ombro. Parei do seu lado, você se virou e sorriu. Algumas pessoas parecem personagens, não parecem? Foi isso o que eu disse. Mais ou menos. Não lembro as palavras exatas. Seus olhos se abriram mais, acho que surpresos, e depois se voltaram para a mulher curvada, com sulcos profundos no rosto cor de terra. Com certeza você se lembra do que me respondeu: aonde será que ela vai? Depois disso, as frases se encadeiam e pavimentam a zona de intermédio a que, na teoria do nosso encontro, eu chamaria de uma nova dimensão dialógica. Não acho que essa senhora tenha uma passagem. Acho que vive aqui mesmo, nessa rodoviária. Pode morar na rodoviária? Talvez ela não use esse verbo. Como assim? Morar. Talvez ela diga que espera, como todo mundo que está aqui. Mas esperar o quê? As pessoas esperam sempre alguma coisa que as tire do lugar, por melhor que esse lugar pareça aos outros. Pensam, sonham, fantasiam, criam. Será que essa é a diferença dos seres humanos para os outros animais? A ansiedade? Inquietude, eu acho. O que você espera? Silêncio. O ônibus manobrava. Eu percebi que você, Charlie, só esperava que algo realmente grande acontecesse. Era a pessoa mais bonita que eu já tinha visto.

## 12.

As coisas não aconteceram como Leona descreveu na carta, não fluíram tão bem assim. A forma como ela distorceu nosso diálogo me entristece: como se eu precisasse ser reinventada para lhe causar algum interesse. Houve lapsos angustiantes, momentos em que eu não soube mais o que dizer; sentia-me pequena e frágil a seu lado, embora ela fosse mais baixa, mais magra, os desenhos do corpo apagados dentro da camiseta escura e dos jeans soltos. Leona era capaz de mentir até mesmo sobre fatos que eu havia presenciado, rasurando as histórias de tal maneira que só me restava acatá-las. Sua versão não é apenas melhor: é mais convincente, e por isso suplantou a realidade do nosso primeiro encontro.

Ouçõ a porta bater no corredor. Felipe passa os domingos vendo futebol na TV. O inferno se completa quando liga também o rádio para acompanhar alguma partida paralela. Às vezes, pesquisa imóveis na internet para me provar que está tentando encontrar um apartamento; mas ele não quer ir embora, não quer que as coisas mudem. Pedir outra mulher em casamento, construir outro lar, tudo isso o cansa. Tem fobia de qualquer movimento que perturbe sua inércia. Por isso, há quase um mês, arrasta-se pela casa, mal barbeado, alimentando-se de sacos de batata palha e latas de Coca-Cola *diet*. Não sai com amigos e sequer admite ir muito longe para buscar alguma espécie de consolo sexual; no terceiro andar mora Laura e no computador existem as mulheres que se enroscam num ninho de orgasmos fingidos. Durante a madrugada, quando desço para beber água, escuto-as gemendo; os barulhos atravessam as paredes da sala de televisão onde há um mês o sujeito com quem me casei dorme num sofá-cama precário.

Ele tentou de todas as maneiras não me dar ouvidos. Eu havia bebido demais no jantar, mas minha decisão estava sóbria. Queria me separar, não suportava mais dividir com ele a cama, o silêncio das refeições. Sentia nojo do jeito como ele mastigava.

Vou até a sala e encontra-o, bebendo uma lata de Coca-Cola *diet* e vendo futebol. Ele me olha desconfiado, espera que eu faça algum comentário, tem as pernas bem abertas e um dos braços acomodados atrás da cabeça grisalha.

Não digo nada, vou à cozinha, preparo o café, batendo panelas e louças, ele aumenta o volume e a narração da partida toma conta da casa, peço que abaixe aquela merda, ele não escuta, ou finge não ouvir, peço outra vez, aos gritos:

– Abaixa essa merda, Felipe.

Ele abaixa o volume.

– Encontrei um apartamento – ele diz. – Um bom apartamento.

- Ótimo. Quando tu vai embora?
- O proprietário ainda não avisou quando vai estar liberado.
- Espero que muito em breve.

Volto para meu quarto equilibrando sobre a bandeja o bule cheio de café, a xícara e um tablete de chocolate.

### 13.

O primeiro homem que me fodeu se chamava Caio. Aconteceu no primeiro ano de faculdade. Eu não tinha muito interesse por sexo, mas não queria ficar com fama de garota frígida do interior. Quase todos os rapazes da turma haviam me convidado para sair e ninguém entendia por que eu nunca aceitava. Muito menos eu.

Caio estava nos últimos semestres, não era feio nem bonito, não chamava a atenção, não faria um escândalo por causa da experiência ruim. Além do mais, ele me olhou na noite exata, quando eu estava decidida a beber até achar engraçado ver meu rosto no espelho e transar com qualquer um no banheiro.

Beijei Caio, deixei que ele colocasse as mãos por dentro da minha blusa, sovasse meus seios com a técnica dos padeiros, deixei que me conduzisse ao banheiro e lá, entre arranjos corporais desastrados, fodemos com pressa, com força, com dor. Alguém batia na porta do lado de fora. Eu estava seca, mas evitava o impulso de fechar as pernas; meus gemidos de dor fingiam prazer e ele intensificava os movimentos, o suor salgado escorrendo da base dos cabelos e molhando minhas mãos.

Gozou, afastou-se do meu corpo e, escorado na pia, abotoou as calças. Juntou do chão minha blusa e a entregou sem olhar no meu rosto, o maior gesto de ternura daquela trepada. Ele saiu, disse para a fila de espera que havia *uma garota passando mal no banheiro, porra, mija na rua, filho da puta*. Eu fiquei ali dentro, esfregando a superfície da vulva e observando os desenhos do sangue nos pedaços de papel higiênico. Enquanto chutavam a porta, identifiquei em vermelho a silhueta da Ave Maria, as mãos unidas sob o nariz, um manto cobrindo a cabeça. Então comecei a rir e do riso fez-se uma golfada de vômito.

### 14.

Abro as persianas e fecho o vidro; entra sol, mas não a algazarra das crianças, a vibração com os gols da rodada, os latidos dos cães e todos os outros barulhos deprimentes do domingo. Ajeito a revista sobre as coxas, mordo um pedaço de chocolate e o engolfo num gole quente de café. Sento na poltrona e abro a revista, marcada na página de Tom Lennox.

## 15.

Depois de Caio, houve outros; homens eventuais, sexos um pouco melhores, mas o desejo esmorecia antes que eu pudesse chegar perto do orgasmo.

No começo de 1991, as sextas-feiras à noite já haviam se transformado no motivo pelo qual eu suportava a monotonia das aulas, das conversas com pessoas que já não me interessavam, do estágio no escritório de advocacia localizado num prédio antigo do Centro Histórico. Aos poucos, mudavam meus gostos – os manuais jurídicos conviviam com novelas russas e tramas policiais, eu aprendia a ler Borges, Cortázar, Kafka, faltava as aulas de direito tributário para remexer os baús poeirentos dos sebos, desvendando entre espirros o preço rabiscado nas últimas páginas, à procura de algo novo que pudesse surpreender Leona. Algo que eu pudesse ensinar a ela.

Tornei-me assídua na videolocadora *Take*, onde o catálogo de clássicos ocupava um espaço que só perdia para a seção pornográfica, cuja abertura estreita se ocultava atrás de um pôster de *Querida, Encolhi as Crianças*. Eu passava muito tempo vasculhando as estantes, tentando encontrar os filmes de que Leona falava e outros que pudesse lhe sugerir como uma recomendação casual, algo como *vi ontem mesmo, me lembrei de ti, depois me diz o que achou*.

## 16.

O homem se ergueu. Um estalo. O revólver na mão.

Na mão um revólver e um estalo quebrando o ar, não o estouro definitivo da pólvora, algo mais delicado, o baú de metal se fechando, o choque entre duas bolas de gude, os pés da criança despertando a mina terrestre, a primeira vez que beijei Leona, o ponto sem retorno, a esfera de chumbo que, lançada verticalmente a partir do solo, atinge o vértice do movimento e fica suspensa por uma fração de segundo no céu. O gatilho. À beira do sono profundo, é esse estalo que ainda hoje me puxa de volta num espasmo de músculo. Dentro do ônibus, as luzes

vacilam sobre a silhueta do homem – as ombreiras angulares do paletó, dois poços de sombra nos olhos, o rosto transformado numa máscara inexpressiva.

A iluminação do ônibus falhou naquele instante, pressentindo o cenário, ou, em vez das lâmpadas, minha consciência hesitou? Por que eu me lembro daquele rosto como se fosse de gesso, sem perturbações, a face impassível da tragédia, a Morte de Bergman? Como posso acreditar no eremita que, habitando solitário há tantos anos as cavernas da minha memória, me distrai com fatos tão improváveis?

## 17.

Numa das noites, cheguei mais cedo e sentei nos bancos do fundo. Vi Leona me esperando na plataforma, a mochila preta apoiada no ombro, os tênis encardidos pela poeira da rodoviária.

Havíamos nos desentendido na viagem anterior, quando ela leu na palma da minha mão o futuro que, mais tarde, se consumaria: advogada, um marido, sem coragem ou entusiasmo para filhos. Eu sabia que ela estava certa; a indiferença com que profetizou sua ausência no meu futuro é que me feriu.

Isso aconteceu antes do inverno, talvez em maio. Embora eu não consiga precisar o mês nem a ordem das viagens, sei que ainda fazia calor, pois eu cortara com tesoura as mangas de uma camiseta velha e amarrara um lenço vermelho no pescoço. Queria parecer alguém à beira da revolução. Queria que Leona me respeitasse.

O motorista avisou que partiríamos e Leona entrou, esticando o pescoço em direção à área de embarque, tentando me encontrar ainda no último minuto.

Andando pelo corredor do ônibus, me enxergou; permaneceu algum tempo parada, sorrindo na minha direção. Essas suas pausas de suspense agiam sobre mim com potência anfetamínica, me levando a uma euforia insuportável; Leona era como uma fera na tocaia, escolhendo a abordagem perfeita.

Desviei o olhar, observando através do vidro sujo as manobras de saída do veículo.

Ela veio até mim, escorou-se no assento vago e aguardou que eu virasse meu rosto para ela.

– E aí, maragata? É impressão minha ou hoje somos inimigas?

Joguei minha mochila sobre a poltrona vizinha. Ela transferiu com cuidado meus pertences para os bancos da frente e sentou ao meu lado.

– Tu sabe o que eu penso sobre conflitos, Charlie.

Segurou meu rosto com a mão direita e me beijou firme na bochecha. Não havia o menor espaço para a hesitação nas atitudes de Leona. Suas ações pareciam impulsivas, mas aqueles pequenos lapsos de maquinação prévia – os instantes em que se demorou ali, no meio do corredor – garantiam que cada gesto fosse convicto.

– Um grande desperdício de tempo.

Ao dizer isso, senti sua mão subindo pelas minhas costas.

Na hora seguinte, eu estaria sobre Leona, de costas para ela, com sua jaqueta sobre minhas coxas, as calças emboladas nos tornozelos, sua mão dentro da minha calcinha, o lenço vermelho para sempre perdido no vão das poltronas.

## 18.

Quanto tempo é necessário para conhecer alguém?

O tempo que passávamos juntas, as histórias que ela me contava, as coisas que ela me dizia, o que ela me deixava entrever de sua vida: tudo era sempre insuficiente.

## 19.

A Barlavento é o que se poderia chamar de revista *underground*. Os jornalistas usam pseudônimos e transitam pelo limbo que existe entre o fato e sua recriação ficcional. Não estabelecem compromisso com a verdade, mas nos persuadem a acreditar naquilo que escrevem. Aprendi com Leona algo que comprovaria anos mais tarde, atuando como advogada no Tribunal do Júri: uma representação coerente e interessante é mais eficaz do que a verdade.

A Barlavento não se preocupa em acompanhar os acontecimentos do planeta; a conjuntura política aparece apenas como pano de fundo para as histórias de pessoas sem muita importância. Enquanto as notícias dos jornais se contradizem e são esquecidas a cada instante, há algo que persiste e se repete nos indivíduos.

Parei de ler jornais e sites de notícia porque não tenho paciência para escutar que as coisas andam muito mal. Duas vezes por dia recebo áudios de dez minutos que me instruem a estocar macarrão instantâneo e me esconder num bunker, porque amanhã – e isso é certo – será

o dia. Idealistas ferozes pegarão em armas e sitiaram as ruas com seus projetos de miséria, dos bueiros verterão exércitos de ratos e homens narcóticos. Supostos técnicos da operadora de telefonia baterão à minha porta a pretexto de um reparo qualquer e me aplicarão sevícias inimagináveis.

A *Barlavento* não me diz que as coisas andam mal em manchetes garrafais. Não diz que o Ocidente repousa sobre fundamentos equivocados, que o Congresso é um sanatório, que andar na rua à noite é uma sentença de morte e que, por fim, dez bilhões de pessoas serão infelizes em dois mil e cinquenta e cinco. O que me resgata do tédio de ser uma criatura insignificante e ao mesmo tempo atormentada pela megalomania da autoconsciência são as pequenas histórias: os indivíduos e seus acontecimentos singulares.

Leona nunca falou da conjuntura política insana dos anos noventa. Andávamos em silêncio sobre o limiar do futuro, mas ela me distraía com seu arsenal de ideias fora do lugar e seu acervo de narrativas absurdas, nas quais eu fingia acreditar para que nunca terminassem. Naquele ano, sim, fui bastante feliz.

## 20.

Ao meu pai francês eu devo a origem do nome Charlotte. Foi minha mãe quem escolheu, acho que para demarcar algo que, em todos os demais aspectos, se diluiria: sou francesa à metade.

Ser um pouco francesa me dava autoridade na escola. Crescidas entre lavouras de soja, jararacas e agrotóxicos, as crianças das colônias costumam ter nomes idosos, em homenagem a avós e santos nos quais só lhes resta acreditar. Leocádia, Terezinha, Juceli, Dulce, Norema, Acélio, Gertruda, Ironi, Alcemir. Eu era Charlotte, meio francesa, meio extraviada. Meio herege.

Na verdade, nunca quis conhecer meu pai.

Minha mãe não criou pretextos para sua ausência; não me disse que foi à guerra, que morreu nadando em um rio à meia-noite, que me concebeu em meio aos ardores de uma paixão. Nenhum mistério, nenhuma curiosidade: nem mesmo um retrato.

Veio ao Brasil a negócios, engravidou a jovem secretária da indústria beneficiadora de tabaco, mandou um dinheiro no primeiro ano e achou que assim estava bom. Ela concordou: estava bom.



Apenas subtraindo do meu próprio semblante as características que não descubro na família da minha mãe consigo investigar algum rastro dele. Sou a mais alta, tenho cílios compridos, o rosto um pouco alongado.

## 21.

Nunca entendi por que Leona começou a me chamar de Charlie, mas a verdade é que não consigo imaginá-la me chamando de qualquer outra forma.

Eu, que sempre achei o resto do mundo enfadonho e estúpido, descobria um ânimo inédito para escutar Leona. Mais do que isso: eu registrava seus modos de dizer, suas expressões marcantes, as palavras ambíguas, as variantes da voz, os gestos que acompanhavam as frases.

A partir das primeiras viagens, passei a criar teoremas impossíveis para resolver os enigmas de seu comportamento. Queria saber se Leona mencionara de propósito determinada canção, se havia algo sobre ela – talvez sobre mim – a ser decodificado na letra. Queria entender por que ela usava a expressão *adeus* – tão forçada e teatral – em vez de *tchau* quando descia do ônibus. Ao menos quanto a isso, obtive uma resposta completa, embora não menos intrigante:

– Porque adeus é longo. Tchau é curto.

Eu devo ter feito uma expressão confusa, porque ela sentiu que deveria continuar:

– Adeus reverbera, como se não acabasse nunca. O tchau é um simples fim. Um ponto final.

Meses depois, quando a vi lendo uma versão surrada de *O Longo Adeus*, de Raymond Chandler, supus que aquele livro tivesse alguma relação com sua teoria sobre as despedidas reverberantes e terminativas. Talvez inspirada pela atmosfera da literatura policial, senti que decifrava Leona com minha observação furtiva e perspicaz, tornando-a objeto de um processo investigativo infinito.

Para não arruinar meu próprio método, não contei a Leona que, na segunda-feira seguinte, comprei *O Longo Adeus*, cuja leitura, ao contrário, não se estendeu por mais do que um dia. É nesse livro que aparece um sujeito enigmático chamado Lennox, de quem Leona deve ter emprestado parte do pseudônimo sob o qual escreve na revista Barlavento: Tom Lennox.

## 22.

- Por que tu me chama de Charlie?
- Tu não gosta?
- Gosto. Só que é o apelido de Charles. É de homem.
- Não é de homem. É teu.
- Me diz uma mulher que se chame Charlie.
- Tu.
- Além de mim.
- Pouco importa, Charlie. Pouco importa mesmo. É muito melhor que não seja comum.
- Tu diz isso porque Leona é comum. Meio comum.
- Então me dá um nome incomum.
- Não consigo.
- Por quê?
- Porque eu sei que o teu nome é Leona.
- Isso é o que eu te digo, Charlie.

## 23.

Propus às minhas colegas de apartamento que fizéssemos o jogo do copo; eu queria ter algo extraordinário para contar a Leona. Algo que a deixasse espantada com minha coragem. Uma experiência de vida tão fantástica quanto as que ela me contava.

A princípio, as garotas que moravam comigo resistiram em participar. Tínhamos em comum a criação católica, que não recomendava mexer com espíritos; mas também partilhávamos a juventude e o impulso de transgredir.

Combinamos que poderíamos interromper o jogo a qualquer momento.

Montei o tabuleiro com números de 1 a 9, as letras do alfabeto e as palavras “sim” e “não”. Depois de acender algumas velas de cera branca, desliguei todas as luzes e nos sentamos ao redor da mesa, com os indicadores postos sobre o copo de vidro posicionado no centro.

Aos vinte e um anos, o ceticismo ainda não contaminara toda minha perspectiva sobre o mundo; tampouco eu sabia que através dessas suspensões da razão ocorrem os motivos para insistir na vida. A realidade não tem nada a oferecer se não nos iludirmos um pouco.

A cenografia estava pronta; as chamas das velas projetavam sombras trêmulas na parede, como se os fantasmas já bailassem ao nosso redor. Retive a força dessa imagem para contá-la a Leona, mas nem sempre as ideias prontas cabem no terreno para o qual foram

planejadas. Na sexta-feira seguinte, eu interromperia a história em meio a uma vontade quase incontrolável de chorar. Leona conteria minha mágoa dentro de um abraço. Jamais se preocupou em pedir perdão, porque sabia que o tinha sempre ao alcance dos menores gestos.

Tudo se tornava ainda mais assustador por causa das infiltrações que necrosavam as paredes do apartamentinho que dividíamos no centro da cidade. Cada canto daquele lugar me remetia à palavra *podre*. Lençóis *podres*, de raras lavagens; ar *podre*, de não circular o bastante e de haver tanto tráfego na avenida que ficava dois andares abaixo da janela. Comida *podre* dentro da geladeira, que não dava conta de conservar o feijão mal preparado. Até hoje não gosto de queijo porque, no apartamento *podre*, só comíamos queijo rançoso, sem saber que não era essa a natureza de um queijo saudável. As pessoas não sentem falta do que nunca provaram; a felicidade se instala onde os critérios são mais baixos.

Eu sinto saudade daquele buraco *podre*, com comida *podre*, numa região *podre* quando percebo que esse lindo apartamento que eu e Felipe adquirimos numa rua arborizada me arrastou para essa vida. Aliás, os lençóis fio egípcio, o aparelho *split* da Samsung – com design *ultraclean*, mais silencioso que os batimentos do meu próprio coração – e o colchão *king size* – cujo complexo jogo de molas poderia me catapultar para fora da cama – não me salvaram de insônias muito mais angustiantes do que as noites de mau sono no apartamento universitário. Nas madrugadas mais quentes do verão, o ventilador da Brisa arrastava sobre meu corpo o ar lodoso. Tentando varrer a extensão de um quarto que, de todo modo, era minúsculo, aquele modelo de ventilador parecia obstinado em um movimento de negação. Várias vezes preferi arrancá-lo da tomada por achar que me vigiava com seu ânimo repressor.

Embora sinta falta do lugar onde vivi até os vinte e dois anos, nenhuma ideia me parece mais odiosa do que retornar a ele.

O que aconteceu ao redor do tabuleiro já não me assombra. Ainda assim, nenhuma explicação pode ser satisfatória. As teorias racionais de Leona para os eventos que lhe narrei na sexta-feira seguinte serviram apenas para me humilhar; não tinham nenhum fundamento.

Tanto quanto sei que espíritos não existem, estou certa de ter me comunicado com eles naquela noite.

## 24.

Enquanto estivemos casados, busquei Felipe raríssimas vezes fora do nosso expediente sexual dos domingos, como naquela quarta-feira que atravessamos vestidos com nossas roupas

de permanecer em casa. Raios serpenteavam em meio aos prédios, nuvens de chumbo pairavam sobre a cidade. O intervalo entre o relâmpago e o trovão se tornava cada vez mais curto, aproximando-nos do instante em que a bolha de ar pastoso se romperia numa tormenta apocalíptica.

Felipe tomou a providência ridícula de tirar a TV da tomada, o que me irritou. Depois, deitou-se em silêncio ao meu lado e cruzou os braços atrás da cabeça.

Ficamos sem dizer nada durante alguns minutos, observando a tempestade elétrica pela janela. Comecei a me sentir excitada pelo jogo de claro-escuro que revelava em *flashes* nossos corpos cobertos por roupas mínimas. Abri minha bermuda e a fiz deslizar pelas pernas. Não havia nenhuma novidade no meu corpo, nem mesmo a calcinha bege sugeria qualquer maquinação prévia de *reacender a chama* de uma relação que já nascera das cinzas.

Temi que Felipe fizesse algum comentário a respeito do sinal de nascença que fica sobre o osso direito do meu quadril. Essa marca nunca lhe pertenceu e eu não queria que a percebesse. No instante em que um clarão pôs em evidência meu corpo, tive certeza de que ele diria algo. Não era uma certeza fundamentada. As paredes do apartamento estremeceram.

Eu me virei para o lado dele, ocultando o sinal do quadril.

## 25.

Eu e Leona nunca dividimos uma quarta-feira de tédio nem passamos mais do que algumas horas na companhia uma da outra.

Mas dividimos a violência de uma tempestade.

Anos depois, eu desconfiaria de que Leona não passava de uma garota promíscua. Repassaria a técnica dos seus gestos e o modo infernal como sorria para esquivar-se às perguntas. Sinto ciúmes da segurança com que ela me beijou pela primeira vez – no nosso segundo encontro –, ignorando qualquer possibilidade de rejeição. Eu devia tê-la rejeitado, dito que aquilo era um engano tremendo. Até mesmo minha confusão desmoronou ao vê-la sorrir, a mão ainda enlaçando minha nuca: fazendo-me admitir que, ao lado dela, tudo sempre estaria certo.

A noite de tempestade aconteceu mais perto do fim do ano. O céu esmigalhava-se numa chuva ruidosa sobre a lataria do ônibus, que se arrastava pela estrada. Chovia pedras de gelo. É a última recordação que tenho de sentir medo da tempestade.

Não foi um medo normal.

Não pensei que sofreríamos um acidente por aquaplanagem, o que seria razoável, como aprenderia na autoescola alguns anos mais tarde. Eu achava que mergulharíamos numa dimensão cega, atravessando a cortina espessa de água para vagar no asfalto infinito. Acalmava-me olhar para as faixas amarelas do acostamento, mas me desesperava perceber que elas só existiam dentro dos faróis do ônibus. Eu tinha certeza de que ninguém o pilotava. Tive muitas certezas absurdas ao longo da vida.

Conforme o escuro ia engolindo nossos rastros, a luz dos faróis tramava o caminho. E se nos chocássemos, de repente, contra o mundo suspenso?

Quando notou meu desespero, Leona cedeu o assento do corredor e assumiu o lugar à janela, olhando de perto o espetáculo das rajadas elétricas e das pedras de gelo que açoitavam o vidro.

– Eu acho que a gente vai morrer – eu disse.

Leona transpôs meus cabelos com os dedos.

– Tu quer uma resposta que te acalme ou uma resposta honesta?

Ela sorria tranquila.

– Honesta.

– A gente provavelmente não vai morrer. Mas pode ser que morra mesmo. E teu medo não vai nos salvar.

Leona pôs a mão espalmada contra o vidro, acho que para sentir o impacto do granizo.

– E se esse vidro quebrar?

– Eu me corto.

## 26.

Felipe também se virou para mim, abandonando a tormenta às suas costas. Se ele tivesse me tocado, eu o teria repellido. Dei-lhe meio minuto para estragar tudo. Não aconteceu.

Enrosquei meu corpo ao dele e senti contra minha coxa o membro duro. Ele permaneceu imóvel. Gostei de pensar que sentia medo de mim.

Eu o conduzi para o meio das minhas pernas e impus minha cadência. Acho que a chuva já fustigava a rua quando ele gozou, embora eu recorde a chuva e o gozo como eventos simultâneos, condensados dentro de um instante de clímax geral.

27.

A janela não quebrou com o impacto das pedras de gelo; no entanto, guardo a cena como se tivesse acontecido. Uma bola cristalina atingindo o vidro, que se estilhaça contra a mão de Leona, rasgando a malha de pele, tendões e veias. Córregos vermelhos escorrem entre os dedos enquanto os anéis de hematita – não lembro se os usava naquela noite – represam o sangue.

Nos anos seguintes, eu tentaria reproduzir com alguns rapazes a sensação de viver algo clandestino – oscilando entre a adrenalina do flagrante e a descoberta de espaços secretos de privacidade, sempre sob alguma ameaça. Foi assim que transei nas dunas das praias, nas poltronas dos cinemas ou deitada sobre os bancos de *sedans*, picapes e *SUVs*. Arrastei garotos entusiasmados para banheiros de festas, bares, shoppings, restaurantes.

Eu gostaria de ter Leona entre as quatro paredes de um quarto, sobre uma cama com colchão de molas e lençóis limpos, janelas fechadas para resguardar-nos de qualquer ruído do mundo exterior. De certa forma, acho que apenas negava aos meus amantes o que não pudera ter com ela.

Leona parecia ignorar que fazíamos algo clandestino. Para a lógica hermética que regia os movimentos daquele ônibus noturno – conforme as leis que ela própria estabelecera –, não havia necessidade de falar sobre assuntos que pertenciam a outros universos.

Leona esqueceu a violência da tempestade e me trouxe para mais perto, beijando de leve meus lábios; o céu se liquefazia em tons purpúreos atrás do sorriso que seguia quase todos os seus primeiros avanços. Ela não tinha pressa, jamais tinha pressa; e, no entanto, com ela as coisas se moviam numa vertigem.

Já havíamos transado outras vezes naquele mesmo ônibus, mas nunca daquela maneira. Dessa vez, suas mãos se infiltravam por dentro da minha roupa, convencendo-me a despir a camiseta e o sutiã, a suspender o medo dentro do espaço transitório onde urdíamos uma ilusão de liberdade.

Nua sobre os bancos de um interurbano, ocorreu-me que os relâmpagos fossem os *flashes* de uma câmera analógica a fotografar meus seios, e que sobre mim estava o próprio demônio encarnado numa garota de gestos mansos. Os lábios de Leona inventavam ângulos no meu corpo que, antes dela, jamais haviam existido; depois dela, esses mesmos ângulos desapareceram.

Toda vez que abria os olhos, as retinas inundavam-se do palor arroxeadado dos relâmpagos. À deriva na tempestade de raios e gelo, eu sentia que a boca e as mãos de Leona

me percorriam e tramavam ao mesmo tempo, como os faróis do ônibus faziam à estrada escura. Convicções fugazes atravessaram o amálgama de luzes e células em que eu me transformara, como a ideia de que tudo não passava de um delírio agonizante em meio a uma descarga elétrica, e há apenas alguns instantes Leona me falava sobre um sujeito chamado Michael Faraday, a gaiola de Faraday onde nos manteríamos incólumes ainda que toda a eletricidade do planeta convergisse sobre nossas cabeças.

28.

– E se esse vidro quebrar?

– Eu me corto.

– E se um raio cair no ônibus?

– Nada acontece.

Leona ainda tinha a mão espalmada contra a janela.

– É verdade, Charlie. Eu te prometo. Esse aqui é o lugar mais seguro onde a gente poderia estar agora.

Seu rosto desapareceu numa faixa impenetrável de sombra, mas ainda hoje consigo repor o semblante sem dificuldade. As íris negras oscilavam em frações de milímetro, untadas por um brilho invulgar, enquanto as sobrancelhas se franziam. Ela traduzia em contrações musculares a importância do que tinha a dizer; possuía uma grande vocação para narrar histórias, injetando-lhes uma paixão que convertia qualquer evento banal em algo magnífico. Leona punha ao cotidiano o tempero exato da ficção, mas também sabia arquitetar um devaneio conforme as leis inflexíveis da realidade.

– Tem uma coisa que se chama gaiola de Faraday. Tu não estudou isso?

Eu não tinha a mais vaga ideia do que ela estava falando, mas aquele assunto não me interessava. Eu teria sentido a mesma impaciência se, num voo turbulento, alguma testemunha de Jeová me convidasse para rezar. A única diferença é que Leona falava de física, nunca de Deus.

– Sabe o que é?

– O quê?

– A gaiola de Faraday.

– Não.

– A gente tá dentro de uma.

Eu só queria que ela calasse a boca e se compadecesse da minha angústia. Seu carinho era econômico e imprevisível. Percebi que seria mais fácil apenas fingir que a escutava.

– Aqui não precisa ter medo nunca.

Demorei a perceber que aquele assunto não era apenas um manual de sobrevivência para tempestades de raios ou um modo de dominar a irracionalidade do medo com explicações científicas. Dessa vez, Leona estava mais perto de endossar minhas angústias do que de ridicularizá-las. Falava sobre a gaiola perfeita que nos protegia de toda violência externa – a utopia dum ponto neutro e inviolável onde nada nos atormentaria. Nesse lugar específico – e somente dentro de nossos limites –, poderíamos sobreviver.

## 29.

Numa tarde chuvosa, vasculhando a seção de revistas da livraria, a Barlavento me atraiu por causa da matéria de capa, que trazia o retrato de uma senhora sentada ao lado de um fogão a lenha azul-piscina. De imediato percebi a semelhança com o antigo fogão da casa onde passei minha infância, um modelo bastante comum na região, produzido por uma pequena metalúrgica chamada Eisen.

Foi meu primeiro contato com a Barlavento, por acaso. Comprar livros e revistas pelo mérito da capa e do título é algo que faço com frequência, mas não seria difícil atribuir esse primeiro encontro a qualquer força do destino.

## 30.

Nos invernos da minha infância, a roça amanhecia coberta pelo verniz opaco da geada; minha mãe achava sempre impressionante, apesar de não ser um evento raro. Ficávamos as duas na varanda, em silêncio; as maçãs dela afundavam a cada sorvida no mate.

Eu não gostava de chimarrão. Recusava-me a colocar a boca no insalubre *canudo de alumínio*, como chamava a bomba.

Minha mãe falava pouco – ainda menos do que eu. Era a mais nova dos cinco irmãos, a mais bonita, a única que jamais pegara no cabo da enxada. Odiava o berro dos porcos agonizantes, tinha pavor de qualquer criatura que rastejasse, recusava-se a colher couve por causa das lagartas, não mordida as goiabas por medo de encontrar larvas. Apreciava a paz do



campo apenas em seu ideal contemplativo. Queria que as vaquinhas dessem leite fresco, nunca coices – embora os braços de minha avó vivessem salpicados de hematomas. Enchia-se de alegria quando as borboletas ornamentavam o céu em revoadas coloridas, mas achava de péssimo agouro as enormes bruxas espalmadas nas quinas da casa, com desenhos de olhos nas asas marrons. Entregava-me a vassoura e pedia que eu as matasse, cuidando com o pó venenoso que desprendiam. Se caísse nos olhos, cegava.

Eu, que nunca fui de matar bicho, no máximo tangia as mariposas para fora de casa.

Mais de uma vez encontrei minha mãe chorando de madrugada por causa dos ouriços que entoavam uma lamúria tristíssima no meio do mato. Se não havia ouriços, o coaxar dos sapos também servia para lhe tomar horas de sono.

O lamento comprido e agudo dos sapos suscitava-lhe pensamentos infelizes, nos quais ela se enredava noite adentro. Nunca me ocorreu perguntar de que matéria triste eram feitos aqueles pesadelos.

Ninguém sabia explicar a inaptidão de minha mãe à natureza onde crescera. O certo é que escapou do cotidiano no campo logo que pôde e foi trabalhar como secretária na empresa de fumo da cidade mais próxima – onde acabou engravidando do meu pai francês.

O que meus avós e tios mais celebravam em mim era a falta de nojo e a dignidade com que os via degolarem as galinhas e abaterem os animais maiores. Nenhum bicho estrebuchando me fazia perder a fome do almoço. Isso quase perdoava a repulsa ao chimarrão.

### **31.**

Eu já estava perto de completar trinta anos quando, numa quarta-feira de verão, enterrei minha mãe na parte antiga do cemitério rural, ao lado do túmulo dos meus avós. Aceitei dormir na casa de um primo ali perto. Passei as piores horas da minha vida com os olhos abertos no escuro, escutando a lamúria dos sapos, um canto de alma penada que abre fissuras nas represas da dor. Acho que foi nessa noite, vulnerável e solitária, que voltei a precisar de Leona. Oito anos após seu desaparecimento, eu ainda pensava nela a todo momento, mas só agora percebia que a perdera. Desde nossa última viagem, eu sentia como se tudo houvesse mudado muito pouco, de modo que havia um abismo entre a dimensão objetiva do tempo e a efetiva consciência que eu tinha de sua passagem.

Deixei um bilhete agradecendo a hospitalidade e peguei a estrada de volta a Porto Alegre antes do amanhecer. No caminho, atravessei o distrito de Mariante, onde Leona nascera. O

tempo se esquecera de agir sobre o terminal rodoviário em que o ônibus a deixava: à beira da estrada de terra, encontrei o mesmo casebre verde-água, com dois buracos que serviam de bilheteria e mercadinho. Àquela hora, a pouca luz não me permitiu divisar os pacotes cor-de-rosa das pipocas de canjica nem os pirulitos em forma de chupeta que pendiam sobre o balcão; mas estavam lá.

## 32.

Acho que o fogão a lenha azul e as memórias do lugar onde passei minha infância estabeleceram a primeira associação da Barlavento com Leona. Algo ainda vago e difuso, que precisaria de outros apuros mentais para assomar à consciência.

Sentada ao lado do fogão, a mulher da capa usava um lenço na cabeça e tinha olhos encovados; pela qualidade da fotografia, não pude entender se as marcas em seu rosto eram cicatrizes ou rugas muito profundas, do tipo que apenas décadas de sol e cigarro conseguem escavar na pele de alguém. O título, impresso em letras amarelas na margem inferior, também dizia muito pouco. *A mulher que vimos definhar*. Enquanto aguardava na fila para comprar a revista, analisei melhor a fotografia da capa. A temperatura de cor e a borda esquerda chamuscada conferiam uma beleza imperfeita à composição. Nas laterais, em letrinhas miúdas, *acervo pessoal, 1989*. Mil novecentos e oitenta e nove. *A mulher que vimos definhar*. Não era espantoso supor que mulher retratada já estivesse morta há décadas. Que ela parecesse saber disso, essa era a parte terrível. A superposição de tempos, a anacronia de sua resignada tristeza, o fogão esmaltado, azul-piscina, minha avó, já bem magrinha, rachando lenha no galpão, eu recolhendo pinhões para cozinhar na chapa quente, Leona descendo do ônibus em meio à estrada mal iluminada, seus tênis de cano alto pisando a terra vermelha, também forasteiros, também anacrônicos, as Kodaks analógicas, a tempestade de imagens desconexas revertendo num instante raro, raríssimo, em que todas as coisas soam absurdas e irreais, até que o rapaz do caixa – bonito como todos os atendentes da livraria – perguntasse qual a forma de pagamento.

É difícil saber por que nos lembramos de determinados detalhes supérfluos – os bancos em que eu e Leona sentamos na noite em que nos conhecemos, números 25 e 26 – e nos esquecemos de coisas tão intrigantes quanto a história que Leona me contou na nossa terceira ou quarta viagem, sobre uma mulher que se tornara temida por ter poderes sobrenaturais. Morava em Mariante e ninguém da vizinhança arriscava se aproximar.

Durante a leitura da revista, fui me lembrando dos detalhes do caso contado por Leona: a mulher solitária, o silêncio absoluto que orbitava sua casa, a resistência dos mais velhos em pronunciar seu nome. Leona escrevera a história para uma das disciplinas do curso de jornalismo.

– Mas ela mexe coisas com a força da mente?

Para uma garota ingênua e comum, era isso o que interessava: a versão fantástica dos fatos.

Para uma garota como Leona, os fenômenos sobrenaturais atribuídos à mulher pouco importavam. Ela se interessava pelo que as pessoas eram capazes de criar em volta daquilo; a forma como uma versão da história podia, de fato, mudar a história.

– Claro que não – disse Leona. – Eu não pedi pra ver. É nisso que acreditam. Eu não tenho medo dela. Antes tinha pena, porque era muito doente e sozinha. Mas agora acho outra coisa.

– Que ela enganou todo mundo?

– Ela é o fenômeno, não? As pessoas repetem cem vezes por dia o nome do padeiro, mas ele vai ser esquecido, vai morrer junto com todo mundo que conheceu. Essa mulher não vai. Mesmo que evitem dizer o nome, mesmo que tenha vivido na sombra. As próximas gerações vão passar pelo túmulo dela e dizer que ali foi enterrada a garota *poltergeist*.

A reação da comunidade e o fascínio construído em torno daquela mulher é que interessavam Leona. Enquanto todos a isolavam do convívio, mantinha-se ativa em sua solidão, definhando com todos seus segredos.

A matéria de capa da *Barlavento* – assinada por um sujeito chamado Tom Lennox – trazia uma história muito semelhante à de Leona, recompondo uma espécie de voz coletiva sobre uma mulher que, na juventude, protagonizara uma série de eventos sobrenaturais. O nome do lugar não era citado, mas ficava claro que a garota *poltergeist* desenvolvera sua fama numa região pobre por volta dos anos 60, tendo passado à idade adulta como uma pessoa reservada, tímida e doente. Havia breves passagens de teor jornalístico, mas predominava a biografia ambígua da garota *poltergeist*, que podia ter pagado caro demais por uma molecagem adolescente feita numa comunidade supersticiosa, mas que também podia acreditar na própria paranormalidade. De qualquer forma, resignara-se a um definhamento silencioso, sem negar ou confirmar todo tipo de fenômeno que lhe atribuíam: chuvas de pedras, ruídos inexplicáveis, o desaparecimento de objetos na capela, relatos de aparições, a doença misteriosa e outros fatos que os anos somam, subtraem e modificam, abastecendo sua imortalidade.

Podia também ser um conto, um relato ficcional, como sugeriam as minguadas fontes e referências. Não ficava evidente o vínculo do texto com a verdade, mas o fogão a lenha estava ali – do mesmo modelo em que, durante a infância, eu tostava meus pinhões – e o rosto anônimo daquela mulher era de uma brutalidade impossível de ser forjada. Eu gostei mais do texto de Tom Lennox do que dos outros que compunham aquela edição da revista, e decidi que passaria a acompanhar sua seção nas publicações mensais da Barlavento.

Embora tenha reconhecido semelhanças já na primeira história de Lennox, a teoria de que *Leona estava por trás de tudo* não apareceu num clarão. Foi ganhando nitidez no decorrer das leituras seguintes, solidificando-se numa certeza tão instável quanto todas as memórias que guardo do ano em que nos conhecemos.

### 33.

Pesquisei o nome de Tom Lennox no Google. Encontrei apenas resultados esparsos, todos redirecionados à revista. Nas redes sociais, nenhum perfil que pudesse corresponder ao sujeito que assinava a coluna da Barlavento. Como eu suspeitava, não era um nome verdadeiro.

Poderia supor que Tom Lennox é o pseudônimo atrás do qual se escondem vários colaboradores com interesses e estilos diferentes. Ocorre que Leona também era assim, um baralho de assuntos e modos inventivos de contar histórias. Ela defendia suas próprias ideias, não a verdade – para proteger algo em que acreditava, seria capaz de qualquer coisa, inclusive de se ocultar atrás de outro nome.

Se acreditasse que tinha bons motivos, Leona seria capaz de devolver a arma a um suicida. De mentir para a polícia. De desaparecer para sempre.

### 34.

Como parei de me importar com a desintegração da minha vida conjugal e passei a aplicar as técnicas dos romances policiais para desvendar Leona nas matérias assinadas pelo misterioso Tom Lennox é algo que levaria qualquer psicanalista a tremer de excitação ante a possibilidade de diagnosticar um caso evidente de escapismo. O desejo de evasão da mulher desiludida, que recorre a devaneios mirabolantes para livrar-se das frustrações. A cinquentona menopáusicas que rejeita as marcas indelévels do tempo.

Ocorre que discordo do meu psiquiatra hipotético. Enquanto leio as palavras de Lennox, circulando com caneta vermelha as evidências de Leona, é como se argumentasse com meu analista interno que ela está aqui, veja bem, Leona está em todos os lugares.

Não apenas pela identidade entre algumas histórias. Há também os interesses em comum, as micronarrativas que servem para comprovar teorias, a fixação pelo lado avesso dos fatos e pela versão impopular dos acontecimentos. Por fim, as expressões: Leona sempre preferia as palavras amplas – adeus, universo, energia – às suas variantes pontuais – tchau, mundo, força.

### 34.

– Tem alguém aí?

As chamas das velas vibraram com o ar que saiu da minha boca. Temi que se apagassem, nos deixando no completo escuro. Não precisávamos de mais esse fator no cenário. Já estávamos aterrorizadas o bastante.

Para reforçar nosso pacto de lealdade, Olívia, Carla e eu – minhas colegas de apartamento – nos entreolhamos. A leve pressão que aplicávamos ao copo não condizia com a brancura das pontas de nossos dedos. Aquilo podia ser efeito da luz e do medo. Carla, a mais assustada das três, havia descascado todo o esmalte cor de rosa que cobria as unhas.

Longe de estar tranquila, comecei a pensar em coisas estúpidas. Nas mãos compridas de Leona. Nas unhas nuas e limpas, nos anéis prateados que ela usava, às vezes quatro ou cinco distribuídos pelas mãos. Quando algo a inquietava, ficava mudando os anéis de dedo. Trocou-os muitas vezes de lugar na noite em que o homem morreu. Não pareciam acessórios de beleza, mas as peças de um ábaco.

O copo se moveu. Um milímetro. Voltei a me concentrar, achando que talvez eu o tivesse empurrado sem querer. Tentei aliviar um pouco mais a pressão do dedo, me limitando a tangenciar o vidro. Carla perguntou se alguém mais tinha percebido. No instante em que eu e Glória assentimos com a cabeça, um impulso mais brusco empurrou o copo em direção ao “sim” do tabuleiro, estancando no meio do caminho.

Ficamos em silêncio, esperando que mais alguma coisa acontecesse. Nossas sombras tremiam atrás de nós, como se tivéssemos projetado sobre elas todo nosso horror.

– Tem alguém aí? – voltei a perguntar, dessa vez mais alto, com mais firmeza. – Se tem mais alguém nessa sala, por favor, se manifeste.

O copo avançou muito devagar sobre o tabuleiro, chegando à resposta definitiva: sim, havia alguém mais.

35.

– Eu não acredito que vocês tenham conversado com fantasmas. Acho que conversaram com seus próprios dedos.

Sei que isso aconteceu na semana seguinte à viagem em que perdi o lenço vermelho. Enquanto Leona desmerecia a história que eu mal começara, enfiei a mão no espaço entre os bancos, certa de que havíamos sentado no mesmo lugar da sexta-feira anterior.

– O que houve? – ela disse.

– O meu lenço vermelho. Eu perdi sexta passada.

– Ah, desiste.

– Não foi aqui que a gente sentou?

– Tanto faz. Não vai achar.

Nunca achei. Tenho quase certeza de que ela o pegou.

Ao longo da semana, eu antecipara com grande ansiedade o momento em que lhe contaria a experiência do jogo do copo. Não apenas para mostrar minha coragem, mas pelas respostas que obtivera dos espíritos: eles contrariavam as previsões que Leona fizera sobre o meu futuro. Minha vida não seguiria o cronograma da mulher de classe média – marido, emprego estável, viagens turísticas nas férias de inverno. Existia algo maior na tocaia do meu futuro: algo que o estilhaçamento dramático do copo não me permitira descobrir.

– Deve ser uma merda viver sem acreditar em nada – eu disse, me virando para a janela. Em meio à escuridão da estrada, imaginei que surgiria uma garota de vestido branco, com o rosto coberto por uma cortina espessa de cabelos negros. Uma descarga de medo me atingiu e voltei a olhar para Leona. Ela franziu as sobrancelhas; acabara de tirar os óculos de grau e, na base de seu nariz, haviam se formado dois pequenos sulcos.

– O que tu quer dizer com nada?

– Nada. Nenhum mistério. Tudo é óbvio. É isso?

Leona mordida com força a parte interna das bochechas, de modo que a luz vertical do ônibus demarcava bem os contornos do seu rosto. Meu ânimo anterior se convertera em irritação. Prossegui:

– Tu acha que sabe tudo? Entre milhares de cientistas e, sei lá, pais de santo, astronautas, ufólogos, é tu que entende todas as coisas do mundo? A Leona é que sabe.

Ela ficou girando o anel em torno do polegar com a circunspeção de alguém que bate as cinzas do cigarro enquanto pensa no que dizer. Acho que Leona não fumava; ao menos suas roupas não cheiravam a cigarro.

– É que eu não costumo acreditar nas coisas que as pessoas contam por aí. Preciso ver eu mesma. E nunca vi nada assim.

Embora não tenha gostado nem um pouco de saber que minha história se perdera na massa amorfa das *coisas que as pessoas contam por aí*, percebi que a soberba de Leona havia cedido. Num gesto rápido, ela fez a borrachinha deslizar do pulso para os cabelos, enfeixando-os num penteado alto, as mechas caindo numa cascata sobre os ombros. Ficava bonita assim.

– Tu nunca viu, então ninguém pode ver.

– O problema é que as pessoas querem acreditar. Depois é que veem.

– E por que tu mesma não tenta?

– Porque é esse o problema. Não tem como criar toda a situação e dizer que o resultado foi espontâneo. Colocar um copo no meio da mesa, apagar todas as luzes, chamar os fantasmas, três amigas apavoradas. Parece tudo, menos um experimento controlado.

Fiquei pensando se eu poderia ter armado uma emboscada para mim mesma. Preferia acreditar na traição de alguma das minhas amigas – Carla ou Olívia –, mas não conseguia imaginá-las conduzido o copo em direção às letras do tabuleiro. Quando terminou suas explicações neurológicas acerca da capacidade do cérebro humano de sustentar realidades paralelas, Leona permitiu que eu terminasse meu relato. Ouviu com sincera atenção, esclarecendo detalhes que minha afobação obscurecia; eu sabia que, a qualquer momento, ela poderia desviar o foco para algum aspecto que julgasse mais interessante.

Eu perguntara ao espírito – que se chamava Jacob, como depreendemos a partir da junção das letras J, A, C e B – se, no meu futuro, aconteceria algo importante. O copo permaneceu alguns segundos sobre o “sim” e, depois, numa sucessão de movimentos muito rápidos e confusos, escapou sob nossos dedos, rolando pela borda da mesa e se estilhaçando aos pés de Olívia.

Leona não fez mais perguntas. Disse que eu não devia me preocupar tanto assim com o futuro; afinal, ter uma vida normal não era tão ruim, não entendia por que aquilo me deixava tão desesperada.

– A gente sempre espera que alguma coisa aconteça – eu disse.

Ela compreendeu a alusão à própria carta e sorriu.

Naquele instante, quis que ela fosse o grande acontecimento a me arrancar da inércia, me tomando sem nenhum vestígio de ternura, avançando sobre mim com o ímpeto da catástrofe. Usava uma regata preta e justa naquela noite, com um bóton do *Queen* preso na altura do peito; a magreza deixava saliente a estrutura de tendões, veias e fibras. Logo abaixo de seu ombro, uma linha de músculo estremeceu; coloquei meus dedos sobre aquele ponto. Achei fascinante a forma como pelos invisíveis texturizavam a pele e investiguei com tanta atenção aqueles centímetros de corpo que, durante algum tempo, eles foram a única superfície tangível do planeta.

Ela fechou os olhos e encostou a cabeça no banco, deixando o longo pescoço à mostra. Restara algum vestígio manso de sorriso nos lábios.

Beijei de leve seu ombro e fui subindo devagar pela nuca. Nossos lábios se encontraram no mesmo instante em que toquei seu seio por baixo da regata. Acomodei-me sobre ela, com seu rosto entre minhas mãos. Os dois olhos negros se abriram, tremeluzindo sob a inconstância das luzes que atravessavam o vidro.

### 36.

Cano na têmpera, engrenagens, pólvora, o disparo: soco de chumbo contra o crânio, a deformação sinistra do rosto, o homem desabando.

Antes de qualquer atitude, parecia fundamental retomar o controle das minhas duas mãos, que agora não passavam de apêndices distantes. Concentrei-me nelas, apertando os dedos contra as coxas para me certificar de que respondiam; devo ter mantido a cabeça baixa, porque não vi quando Leona se levantou e saiu do meu lado.

Eu não estava muito lá. Não estava em lugar algum. O tiro abriu uma grande ruptura na realidade e eu me permitia deslizar para dentro daquele hiato, desconectada de tudo, até mesmo do meu corpo. Devo ter confundido a manobra do ônibus junto ao acostamento com esse desvio para a irrealidade.

Devo ter confundido todo o resto da minha vida com um percurso pelo acostamento. Nunca voltei de verdade à estrada.



37.

Não sei quanto tempo levou até que minhas pernas enfim me erguessem entre os bancos. Vi o homem atirado no corredor, o braço estendido ao lado do corpo, o revólver a alguns centímetros da mão aberta, um rasgão oblíquo revelando carne e sangue. Leona agachara-se ao lado dele, apoiando os cotovelos nos joelhos. Não sei dizer se estava calma ou se fazia um exercício mordaz de autocontrole, mas parecia tão indiferente quanto um médico na sala de cirurgia. Concentrei minha atenção nela, deixando que todo o resto se esbatesse nas margens da minha visão.

Leona ergueu devagar o rosto na minha direção e fez um gesto negativo com a cabeça, depois voltou a olhar para o homem. Como se respondesse a um comando secreto dela – como se ambos tivessem *ensaiado* durante aqueles segundos em que lutei contra meu pânico –, ele emitiu um murmúrio fantasmagórico. Só então entendi que continuava vivo.

Continuava vivo em seu inferno particular. Tateava às cegas em busca da arma.

Tinha uma bala enfiada no crânio e continuava querendo morrer.

38.

Leona fez o que eu precisava que fizesse: me instruiu a ser útil, carimbando meu passaporte para a fuga. Ergueu-se sem precisar do apoio das mãos e falou comigo com calma, como se não escutasse os gritos estertorosos do sujeito estendido a nossos pés. Eu olhava apenas para ela. O rosto do homem não passava de uma mancha vermelha nas bordas do meu campo de visão; de seus gritos eu não podia me livrar.

Eu devia procurar o motorista e buscar ajuda na estrada. A ordem de Leona parecia simples e me dava um motivo nobre para sair correndo daquele inferno. O espaço inviolável onde vivi as melhores horas da minha vida de repente se transformara no pior lugar onde eu já estivera.

Abri a cortina de acesso à cabine. As escadas em espiral que levavam à porta do veículo pareciam um redemoinho de degraus sob meus pés. Tive medo de cair e de ser engolida pela escuridão da estrada. Quis olhar outra vez para Leona, porque ela era o único elemento fixo naquela aura de sonho. Vi os cabelos derramados pelos ombros, as costas magras se destacando sob a camiseta, as calças desbotadas abrindo-se um pouco mais na altura do calcanhar.

E então vi o ténis preto pisando o cano do revólver e o empurrando com um movimento certo em direção à mão do homem, que acatou a arma com a sofreguidão pouco destra de um faminto diante do prato de sopa.

Mergulhei no torvelinho de escadas, esperando que me cuspsse em alguma outra dimensão. Senti apenas o asfalto duro chocando-se contra a sola dos meus calçados.

Comecei a andar depressa pela estrada. Sentia que minha medula gelava, com a espinha quase atravessando as costas. Uma angústia semelhante à que existe entre o relâmpago e o trovão – enquanto a luz púrpura ainda marca as retinas e os tímpanos esperam que o estouro lhes golpeie – elevou-se à potência da morte real.

Assim, o fato de eu já esperar o segundo tiro quando ele aconteceu só aumentou meu sofrimento: houve um breve lapso em que aguardei o estampido, torcendo para que ocorresse logo, para que o homem *morresse de uma vez* e me livrasse de qualquer possibilidade de intervir. Menos seco, mais vago do que o anterior – abafado não apenas pela carcaça metálica do ônibus, mas pela aura de sonho que se adensava ao meu redor – o tiro aconteceu, e selou a fantasia que eu vinha elaborando. *Não vi* Leona empurrar o revólver de volta à mão de um homem que queria morrer.

### 39.

A matéria mais recente de Tom Lennox se chama *A epidemia da tarantela*. Um pequeno povoado que dança compulsivamente a tarantela no meio da praça durante dias e noites, até que os dançarinos tombem exaustos. Corpos em convulsão, o hedonismo levado ao limite do desprazer, os olhos esgazeados de loucura que se procuram em meio aos sapateados, arranjando-se em pares, separando-se em vertigens, vomitando sobre os sapatos cobertos de pó. É um relato maravilhoso, imagético, potente. Em meio à história, consigo distinguir as teorias racionalistas que Leona usava para explicar os fenômenos mais estranhos: o contágio emocional aconteceu porque as pessoas acreditavam que podiam ser afetadas pela epidemia de dança. Sublinho algumas frases que ecoam o tom dela. *A epidemia são as emoções. As emoções que criaram a música e a dança também criaram o delírio.*

As frases de Lennox me prendem num círculo inescapável. O sapateado mortal parece estar dentro da minha cabeça, repisando pensamentos inúteis, levando-me por caminhos perigosos. Começo a achar que já ouvi essa história de Leona. Talvez no começo de tudo, nas nossas primeiras noites, aquelas que se perderam na pouca importância que pareciam ter. Essas

noites não existiram: nenhuma noite foi irrelevante ao lado dela. Nem mesmo a primeira. Sempre foi algo grande para mim. Desde nossa primeira conversa. Eu nunca ouvi essa história antes. Esse pensamento só me ocorreu depois de chegar à última frase. Eu nem mesmo conhecia a palavra tarantela. Estou criando uma memória falsa. Estou criando minha armadilha, ecoando meus próprios fantasmas: como na ocasião em que ouvi dos espíritos meu futuro, uma profecia que cumpre a si mesma. Sem olhar, tateio a mesinha ao meu lado em busca da xícara de café. Em vez disso, toco o controle da televisão. Passo o dedo pelos botões emborrachados e, mesmo sem ver, sei a função de cada um deles. Não é difícil. Deve ser tão intuitivo quanto encontrar a trava de segurança e apertar gatilho. Aperto.

Na outra extremidade do quarto, a televisão liga: mulheres de cores saturadas rebolam dentro de tops cobertos de lantejoulas enquanto a voz monocórdica do apresentador anuncia os encantos de uma marca de refrigerante. Aos domingos, a televisão leva ao extremo suas associações grosseiras entre produto e instinto: fome, sexo, competição e consumo arranjam-se de formas que apenas pela reiteração patética soam menos ridículas. Mulheres sensuais em meio a marcas de refrigerante, homens disputando partidas de futebol enquanto o narrador aproveita as pausas para incitar os telespectadores a desafivelarem suas cervejas. Na ciclotimia do capitalismo, o entretenimento de má qualidade preenche as depressões da euforia consumista e a publicidade é o preço a se pagar por cada hora de mau lazer televisivo. De qualquer forma, são as ideias que se vendem, não os produtos. A necessidade dos bens de consumo se esgota, mas a demanda por ideias e sentimentos é infinita.

Um dia, o número de pixels das imagens corresponderá ao número de átomos dos corpos e produtos que as telas reproduzem. E depois? As resoluções das TVs serão tão grandes quanto as nossas resoluções serão escassas; ficaremos sentados, passivos, assistindo, desejando coisas em sequência para esquecer aquilo que adiamos.

A ausência corpórea de Leona só potencializa sua capacidade de replicar-se em hipóteses, sonhos, significados e vagas esperanças. O desejo não se exaure: continuo à espera.

Trago a xícara até a boca; o café frio e o amargor residual do chocolate sobem à garganta num misto de náusea e azia. Tem sido esse desconforto o sentimento de todos os meus domingos e eu sei que deveria fazer algo para contorná-lo, mas simplesmente não faço.

O fim da faculdade me lançou de vez na vida adulta. No ano seguinte – 1992, quatro meses antes do *impeachment* do então presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello –, me efetivei no escritório de advocacia onde estagiava e encontrei um pequeno apartamento na zona norte da cidade, deixando para trás o apartamento *podre* da área universitária. Depois de faltar a todos os reencontros de turma, só voltei a ver meus antigos colegas de faculdade na rotina dos tribunais; às vezes, em algum jornal, inchados pelo tempo, a calva espelhando os *flashes*.

A última viagem com Leona nunca chegou ao destino. O ônibus ficou estacionado às margens da estrada escura; ao olhá-lo pela última vez, tive a sensação de que ali dentro se repetiriam para sempre os acontecimentos daquela noite. Um círculo inescapável, uma dança compulsória.

Ecoando na minha memória solitária, os eventos se repetem desde então.

#### 41.

Quando o segundo estampido me libertou, cumpri sem dificuldade a missão de encontrar o motorista. Ele não havia abandonado de todo o local, mas também não voltou para conferir o que estava acontecendo dentro do ônibus. Até certo ponto, eu o compreendo. De que serviriam suas mãos vazias tremulando junto às calças do uniforme? Voltar ao ônibus significava confrontar de peito aberto a possibilidade de levar um tiro. Mas a vergonha de correr para o outro lado não oferecia uma alternativa melhor. Por isso, ele somente permaneceu.

Muito se diz sobre comandantes de navio e pilotos de avião: diante da tragédia, nunca devem abandonar seus passageiros. Mas e quanto aos motoristas de ônibus, exaustos e mal pagos, conduzindo pela noite três passageiros cujos bilhetes, somados, não ultrapassavam cem reais? O certo é que os acidentes rodoviários são muito mais frequentes do que os naufrágios e as desgraças aéreas, e não há nenhum código de ética ou regra de conduta para o motorista que, às suas costas, ouve um disparo.

Talvez existisse um nebuloso código de honra entranhado na autoestima daquele indivíduo, pois ele ficou hesitante na zona de limbo, entre fugir e enfrentar. Entre a coragem inexigível e a covardia vexatória, adotou o termo médio: não fez nada. E assim, não sendo absolutamente bravo ou covarde, chegou à conduta mais ineficaz de todas.

Protegia-se no manto do escuro. Não sei se chegou a ouvir o segundo tiro.

Depois de relatar que um homem *havia se matado* e que precisávamos buscar socorro, comecei a correr às cegas pelo acostamento da estrada, com o ar fresco atravessando meus

pulmões. Caí duas vezes com as mãos espalmadas no asfalto, me ergui, voltei a correr. Rompendo o breu impenetrável com os movimentos do corpo, sentia que, de repente, poderia me chocar contra uma parede de concreto – o fim do universo. Estendia os braços à frente para me proteger dessa colisão. Depois, ganhei confiança de que a noite era infinita: talvez a maior experiência de liberdade de toda a minha vida.

Faróis passaram, ignorando meus sinais.

**42.**

Até a chegada da primeira viatura, com suas luzes vermelhas e seus rumores radiofônicos, andei em silêncio pelos intestinos da noite, numa solidão enlouquecedora, ouvindo o escuro chiar à minha volta, grilos, folhagens, interferências de onda, antenas parabólicas, sussurros distantes, sons que se fundiam, produzindo uma substância audível.

**43.**

Com o rigor de um equilibrista que cruza sem dificuldade o precipício sobre um cabo de aço, agora os tênis de cano alto de Leona pisavam a demarcação do acostamento. Conforme se aproximava, ocupava todo meu campo de visão, de modo que eu enxergava apenas seu rosto, emoldurado pelos sinalizadores luminosos às suas costas:

– A polícia – murmurei, quando ela já se encontrava a um passo de mim.

Precisávamos esconder que éramos cúmplices naquele crime.

Leona assentiu com um movimento delicado de pálpebras. Uma camada de luz vermelha verteu sobre seus lábios quando ela virou o rosto para dizer, junto aos meus cabelos:

– Vai dar tudo certo, Charlie.

Tocou minha nuca e, num hiato escuro, se afastou. À minha frente, a realidade se desdobrou em duas, que se sucediam no mesmo ritmo do jogo de claro e escuro irradiado dos sinalizadores.

O primeiro universo resplandecia, rubro e complexo, com Leona andando ao centro, cada vez mais distante, em direção à viatura, cujas luzes intermitentes deflagravam alguma espécie de explosão cósmica muito semelhante ao Big Bang. Nessa realidade, havia movimento, as ocorrências expandiam-se, Leona existia.

Então o primeiro universo falhava; sobre ele descia o *blackout* da inconsciência. Todas as formas, luzes e gestos desapareciam. Nessa realidade não havia movimento, as ocorrências retraíam-se e Leona desaparecia – como se nunca houvesse existido. No escuro, a inércia e a coragem não se distinguiam.

Fechei os olhos. Balões coloridos flutuavam num fundo encarnado. A garota por quem me apaixonei estava fora do meu alcance para sempre, mas eu só compreenderia isso depois – quando a perda evidenciasse a paixão, quando a paixão evidenciasse a perda.

#### 44.

Nunca precisei falar sobre os acontecimentos daquela noite.

Um policial anotou meus dados e me pediu para aguardar o carro que me levaria em segurança até a minha cidade. Se precisassem de mim, entrariam em contato.

Jamais precisaram de mim.

Dentro do ônibus, a sequência lógica de um suicídio: a mão do morto presa ao cabo do revólver, a cabeça repousando sobre o sangue, dois disparos, o primeiro tangenciando a morte, o seguinte a consumando.

Foi Leona quem assumiu a conversa com os policiais; seu testemunho dos fatos deve ter bastado. O movimento rebelde de seus cabelos escuros, a dureza pétrea de seus olhos, a lucidez angular de seu queixo, toda a fisionomia conspirando a favor daquela garota que carregava consigo a razão.

#### 45.

Não planejava passar o fim de dezembro e os primeiros dias de 92 na casa do interior, ajudando minha mãe a preparar biscoitos amanteigados e bolos de natal, mas foi isso o que fiz. Precisava conferir o resultado das provas finais da faculdade. Telefonei para Olívia e pedi que fizesse isso por mim.

A qualquer momento, pensei que a polícia viria me buscar, me obrigando a revelar minha versão acerca dos acontecimentos do ônibus. Devia escolher entre confessar a

contribuição de Leona para o suicídio ou mentir para a polícia. Sempre me saí bem conservando o silêncio, mas a habilidade de inventar histórias era um talento de Leona.

Ela deve ter executado seu papel com perfeição, porque a polícia nunca me procurou para esclarecer nenhum ponto. A versão dela bastava, como sempre bastou.

Até me convencer de que ninguém viria atrás de mim, desenvolvi uma espécie de Síndrome de Raskólnikov – o protagonista de *Crime e Castigo* e seu medo obsessivo de ser descoberto. De alguma forma, mesmo que um testemunho meu pudesse trazer problemas para Leona, eu não me via responsável por carregar um segredo dela. Eu sentia o contrário: era ela quem carregava um segredo meu.

#### 46.

Na metade de janeiro, voltei a Porto Alegre para a formatura. A sensação térmica ultrapassava os quarenta graus quando me enfiei dentro da toga para desfilarmos pelo Salão de Atos e receber o diploma, sob os aplausos de minha mãe, a única pessoa que convidei.

Nos dias que antecederam o evento, o temor de ser convocada pela polícia cedeu lugar a um medo ainda mais ilógico: de que Leona comparecesse à minha formatura. Ao subir no palco, percorri os rostos da plateia. Encontrei minha mãe, mas não Leona. Repeti algumas vezes a investigação. Quando me convenci de que ela não estava lá – e nem teria por que estar, pois eu sequer a convidara –, uma tristeza me ensurdeceu aos discursos cerimoniais. Nada daquilo fazia o menor sentido. Palavras repetidas todos os anos, durante décadas, pela obstinação das liturgias. Minha única vontade era sair daquele palco. Mas permaneci sentada, como ainda hoje permaneço, assistindo com o rosto impassível a um programa de auditório, enquanto o domingo transcorre igual a todos os outros.

#### 47.

Liberto-me da hipnose televisiva e levanto da poltrona, decidida a servir uma taça de vinho, expulsar Felipe da área comum da casa e assistir a algum dos títulos da minha lista de *filmes obrigatórios*, onde coloquei os filmes que adio há anos sem motivo aparente.

Anoiteceu. Apenas um abajur ilumina a sala de estar. Como único vestígio de Felipe, um porta-copos ainda úmido sobre a mesa de centro.

Em termos materiais, nossa separação começou há dois anos. Cada um passou a comprar os próprios alimentos e guardá-los em gavetas separadas da dispensa.

Na minha gaveta, chocolate amargo, granola, amêndoas, pistaches e bolachas integrais. Na gaveta de baixo, reservada a Felipe, barras de chocolate branco com *cookies*, café solúvel e salgadinhos industrializados. Sua revolta contra o modismo da alimentação saudável foi a resposta aos discursos com que comecei a atacar nossa vida de consumo, bradando contra a obediência com que engolimos todo tipo de lixo que a publicidade nos empurra, querendo responsabilizá-lo pela passividade diante da nossa existência tão medíocre, da qual eu sou, desde o início, sua maior cúmplice.

#### 48.

Perto da meia-noite, o dia oito de março de 1991 expirava, abandonando nos braços do vendedor de rosas aquele triste buquê de flores murchas.

Pouco antes de chegar até de mim, entabulando a conversa que marcaria nosso começo, Leona subiu a rampa de acesso à plataforma de embarque e, no caminho, deve ter cruzado com o vendedor de rosas vermelhas, vestindo uma gravata borboleta em meio à rodoviária de Porto Alegre.

Durante algum tempo, fiquei pensando naquelas flores belas e viçosas, com os espinhos decepados dos caules tão lisos quanto as canelas e virilhas que eu depilara com cera quente naquela mesma manhã. À noite, nos vasos das salas de estar das mulheres de classe média, os minutos se encarregavam de murchá-las.

Às três horas da manhã do dia nove de março de mil novecentos e noventa e um, deitada na cama da casa dos meus avós, ouvindo os orgasmos tristes dos sapos, eu repassaria minha primeira conversa com Leona. Lamentaria o fato de não termos falado a respeito do homem das rosas, cuja vestimenta excêntrica clamava por nosso interesse. Eu poderia tê-la impressionado com a ideia dos caules decepados e das rosas cabisbaixas a despetalarem nas salas de estar. Imergindo na mágica absurda do entressonho, já quase adormecida, imaginei que, em vez de pétalas, as rosas floresciam em línguas vermelhas.

#### 49.



Entrei na frente e me acomodei no assento correspondente ao número impresso à minha passagem: no meio do ônibus, junto à janela. Mesmo havendo uns cinquenta assentos vagos, ela sentou ao meu lado.

– Ainda não sei teu nome – eu disse, para ganhar algum tempo enquanto pensava em novos assuntos para prender seu interesse durante as próximas duas horas.

– É mesmo – ela respondeu – Nem eu.

– Me chamo Charlotte.

– Charlotte?

– É. Meu pai. Era francês.

– Era?

– Longa história.

– A gente tem tempo – ela disse, estendendo o braço sobre mim para alcançar uma tira da cortina. – Posso fechar?

– Pode.

Num movimento rápido, cobriu as manobras de saída junto às estruturas cinzentas e às luzes oleosas da rodoviária.

– Quando a paisagem ficar bonita, a gente abre de novo.

Mesmo à noite, o emaranhado de viadutos que expelle os automóveis para fora da cidade lembra uma tubulação suja. Com a cortina azul vedando as imagens de asfalto e concreto, me senti ainda mais desamparada ao lado daquela garota. Eu queria observá-la sem que ela percebesse, queria tentar entendê-la, captar alguma nuance que a explicasse – que ao menos explicasse seu interesse em mim e meu interesse por ela. Alguma lei da minha própria natureza impedia que nossos olhares ocupassem o mesmo espaço. Devia ser a polaridade das cores, meus olhos de um azul aquoso, os dela de um denso petróleo. E eu ainda não sabia seu nome.

– E eu ainda não sei teu nome – insisti.

Sem saber onde colocar os braços, cruzei-os sobre o ventre, comprimindo os músculos para dissipar um pouco daquele novo tipo de energia que me atravessava e que poderia me levar a dizer alguma estupidez. Eu percebia certa *cadência* naquela garota; ela modulava a voz conforme a importância que conferia às palavras, todos seus movimentos e gestos tinham alguma intenção, algum propósito. Eu queria continuar falando com ela, esperava que invadisse cada vez mais meu espaço, que eu pudesse invadi-la muito além do nome, da idade, da vida profissional, das conversas médias. Havia mais coisas sobre ela, um universo inteiro sobre ela.

– Não importa. O meu não é francês.

Ela fez um gesto engraçado, varrendo o ar à sua frente para espantar algo insignificante.  
– Grande coisa – eu disse, rindo.

Ela sorriu. Aos poucos, o sorriso reduziu-se a uma pequena fissura entre os lábios. Baixei o rosto, descruzei os braços, voltei a cruzá-los. A expressão em seu rosto permanecia imperturbável quando enfim respondeu.

– Leona.

O nome reverberou durante algum tempo entre nós, como uma verdade óbvia que alguém enuncia pela primeira vez.

## 50.

Leona me perguntou que tipo de música eu gostava de escutar. Fiquei tentando entender que espécie de resposta impressionaria aquela garota estranhíssima, de aspecto atemporal, que sentara ao meu lado mesmo havendo cinquenta assentos vagos no ônibus. Em qualquer outra circunstância, eu teria detestado aquela intrusão; mas não detestei, porque ela era divertida e incomum, e o fato de ter se interessado por mim me fez sentir que devia corresponder ao seu interesse, pois qualquer recuo ou silêncio de sua parte significaria que eu a desapontara. Eu não sabia manter conversas exóticas nem dizer coisas irreverentes, embora julgasse que, há minutos atrás, antes do embarque, tivesse me saído muito bem ao criar hipóteses acerca da velha da rodoviária, em eterno estado de espera. Talvez – e isso era algo novo – eu não fosse alguém com tão pouco a dizer, mas houvesse encontrado, ao longo da vida, uma série de pessoas que me entediavam.

Na plataforma, enquanto falávamos sobre esse *eterno estado de espera*, eventos fundamentais e irreversíveis ocorriam ao meu redor. Às vezes, quando experimento essa sensação de que existe algo acontecendo à minha volta, numa conexão de sentidos ocultos, e começo a esquadrihar a banalidade aparente das coisas, estou apenas voltando àquela primeira conversa. Quem enxergasse duas garotas de vinte e poucos anos conversando numa rodoviária não poderia supor que concebiam um novo universo, regido por leis próprias. É possível que apenas Leona soubesse, com sua capacidade inacreditável de antecipar a interpretação aos próprios fatos.

Eu, no entanto, não sabia. Apenas me deixava sorver para dentro daquela *nova dimensão dialógica* – como Leona escreveria na carta alguns meses mais tarde. O *Big Bang* que inaugurou

nosso universo – todo parcelado ao longo das viagens de 1991 – aos poucos varria a realidade circundante para o vasto nada sem importância.

Não sei o que os bebês sentem quando aprendem a falar, adquirindo o poder de exprimir aos outros suas necessidades básicas, seus sentimentos primários e suas opiniões pessoais. O fato é que, para a imensa maioria das pessoas, isso parece suficiente: emitem um som capaz de ser decodificado por criaturas semelhantes. Estancam nessa conquista elementar da socialização. Tentam se reconhecer nos perfis dos horóscopos, torcem para times de futebol, interiorizam sonhos de massa, defendem interesses corporativos, se encaixam em algum grupo onde possam falar com grande alegria sobre o que têm em comum. Dedicando suas vidas ao que lhes é comum e ordinário, não sei o que fazem de tudo aquilo que têm de incomum e extraordinário; talvez não tenham mesmo nenhuma reserva desse tipo, talvez sejam criaturas feitas à imagem e semelhança de qualquer sociedade a que possam se amoldar.

Quanto a mim, sempre convivi com essa massa tóxica de pensamentos que eu não me permitia dizer a ninguém, e que mantinha em estado amorfo dentro da parte mais secreta, escondendo de todos as evidências de que eu, na verdade, não era alguém normal. De repente, Leona estava ali, convocando meu absurdo, sugerindo metáforas para traduzir à insuficiência das palavras tudo aquilo que elas não alcançavam e que permanecia, por isso, escondido – e que me fazia sentir, portanto, incompleta.

Eu nunca fui nenhuma espécie de *outsider*. Fazia amigos, trocava angústias típicas da idade, da vida profissional, das aspirações românticas, dos seriados de TV, da moda jovem. Havia, contudo, um vago indício de desconexão no tom robótico com que me incorporava ao unísono dos sonhos comuns. Por mais grandiosos e delirantes que pudessem ser – casar com um sócio do Brad Pitt, ter dinheiro para frequentar as discotecas da classe alta –, esses sonhos não me explicavam *o porquê*, nem me convenciam *de que* a vida deveria ser vivida.

Naquela noite de março, especulando a história de uma velha à meia-noite na rodoviária de Porto Alegre, eu descobria algo novo. Leona não se preocupava muito em ser entendida. Em vez de transitar por áreas seguras e conhecidas, me chamava à conquista das terras inauditas, ao desmembramento das hipóteses, à exploração de pensamentos que não orbitavam o rigoroso astro da normalidade.

Eu descobria algo novo, isso era certo. Pensei que esse *algo novo* fosse a própria Leona, uma garota com interesses mais instigantes do que todas as pessoas com quem eu convivia. Pela primeira vez, eu me sentia à vontade para exprimir uma série de ideias absurdas que me passavam pela cabeça. Por isso, nos anos que seguiram ao seu desaparecimento, procurei

*alguém como Leona*. Mas a verdade é que talvez esse *algo novo* não dependesse de *alguém como Leona*, mas da atmosfera daquele ônibus, que, para *alguém como eu*, era a única respirável. Fora dela, era a própria Charlie quem desaparecia.

Era de Charlie que eu sentia tanta falta.

## 51.

Uma verdade óbvia, quando precisa ser explicada, constrange-nos um pouco. Eu não poderia saber seu nome, seria estranho se soubesse; de qualquer forma, compreendia sua relutância em dizê-lo. Se eu precisava lutar contra a tendência diminutiva do meu próprio nome, Leona correspondia inteiramente ao seu. Nenhuma fera ruge antes de acercar-se o bastante da presa. Ela pisava manso, capturando minha confiança.

À porta do ônibus, vasculhando a mochila em busca da passagem, deixei que ela entrevisse meu Walkman. Superada a solene apresentação dos nomes, Leona quis saber o tipo de música que eu gostava de escutar.

Eu não tinha muito conhecimento nessa área, mas percebi que a mochila dela tinha uma porção de *bottons*: *Sex Pistols*, *Rolling Stones*, *The Cure*, *Joy Division*. Eu não saberia citar três músicas de nenhuma dessas bandas, mas respondi que gostava de rock. Outra vez, não estava mentindo, mas antecipando um gosto que se desenvolveria mais tarde, por influência de Leona.

Ela franziu o cenho. Achei que tivesse descoberto minha fraude identitária. Esforcei-me para lembrar nomes aleatórios de bandas de rock que não fizessem parte da constelação de sua mochila. *The Beatles*.

– Não imaginei – ela disse, apoiando as duas mãos no banco da frente e encostando o rosto no braço direito para me analisar sob uma nova perspectiva.

– Não imaginou o quê?

– Que tu ouvisse rock.

Fiquei em silêncio, torcendo para que o assunto terminasse por ali. Tentei desviar a conversa para o campo das hipóteses e das impressões, onde, horas atrás, me saíra bem imaginando as motivações e os destinos das pessoas na rodoviária.

– O que tu imaginou?

– Sobre teu gosto musical?

– É. Eu tenho cara de quem gosta do quê?

Ela afinou a voz, colocando a mão sobre o peito:

– De tudo que toca na novela.

Esse ataque repentino não me permitiu conter a expressão ofendida.

– Nem vejo novela – respondi, como se falasse para a estrada escura do outro lado da janela.

Leona suspendeu um sorriso e balançou os cabelos negros, que roçavam nos ombros. Ao longo daquele ano, o comprimento chegaria até a metade das costas.

– Eu implico um pouco com novela. Mas é só de brincadeira. Pode ver novela.

Eu também implicava um pouco com novela. O bem contra o mal, a felicidade do mocinho e da mocinha casando no último episódio: as novelas me irritavam tanto quanto as pessoas que continuavam vibrando com os lugares-comuns dessas histórias.

– Não vejo, acho cafona – eu disse. – É sempre a mesma coisa.

– As pessoas deveriam ver filmes – disse Leona, como se essa fosse a única resistência possível à popularidade das telenovelas.

Fiz que sim, embora, à época, meu conhecimento de cinema não fosse muito além das dublagens da TV aberta, dos *blockbusters* e de meia dúzia de filmes premiados pelo Oscar.

– Deixa eu ver teu *Walkie*?

Puxei a mochila que eu havia comprado no começo do ano, com o dinheiro do estágio. Era um modelo com estampa floral, em tons de cor-de-rosa. Dava para entender por que aquela garota, vestindo roupas escuras e carregando uma mochila preta crivada de *bottons* de rock, tinha pensado que eu era uma fã das tramas românticas das novelas.

– Minha mãe me deu essa mochila de natal – menti.

– É bem bonita. A minha já tá toda detonada – ela disse, chutando a mochila preta a seus pés. – Mas eu gosto assim.

Entre materiais de aula e peças de roupa que eu enfiara ali dentro, não conseguia localizar meu Walkman.

– Não tá achando? – ela perguntou.

– Não. Será que caiu quando fui pegar a carteira com a passagem?

– Sem chance. A gente teria visto.

– Pois é. Mas a gente tava tão distraída conversando.

– Eu teria visto. Nunca perco nada.

No instante em que terminou de falar, fisguei um fone de ouvido lá no fundo.

– Ai, tá aqui. Foi lá pra baixo.

Tentei puxar, mas não quis danificar o fio que se enrolara à espiral de um caderno. Eu me sentia patética, tão confusa e atrapalhada diante daquela garota que parecia guardar um juízo mordaz sobre o restante do mundo. *Tudo o que não era Leona, e que, por isso, não prestava.*

Puxei o caderno para fora. Enquanto desenrolava os fones, Leona se abaixou para pegar algo que caíra no chão do ônibus. Minha visão periférica compreendeu o que emergia da zona escura.

## 52.

Sirvo uma taça generosa de um merlot bastante encorpado. Uma onda vermelha se sobrepõe até a borda e enfim se acomoda no fundo do cristal. Fatio alguns pedaços de queijo num pires e acrescento alguns damascos ao lado. Com as pernas encolhidas sobre o sofá, dou um *play* no próximo filme da lista: *A Árvore da Vida*, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes. Enquanto ignoro o versículo da Bíblia que serve de preâmbulo à história, me ocorre que uma mulher da minha estatura e da minha idade não deveria se encolher como uma adolescente aborrecida no sofá.

Desde o começo, sei que vou detestar esse filme. Vou achá-lo vazio e pretensioso, vou execrar a opinião dos amigos de Felipe que, há quatro meses atrás, durante um jantar numa cobertura da zona sul, disseram que era profundo, belíssimo, poético, transcendente, artístico. Descreveram toda a história como uma jornada espiritual:

– Olha que o último filme que me fez chorar assim foi o *Titanic* – disse uma mulher que se apresentava como Artista Visual, após relatar que mal conseguira ler as legendas de *A Árvore da Vida* por trás da cortina de lágrimas.

– É realmente maravilhoso, quero ver tudo desse diretor – se entusiasmou outra, que se chamava Viviane ou Vânia.

– Não foi ele que dirigiu aquele outro que a gente viu semana passada, meu bem? – perguntou o Marido da Artista Visual.

Eu estava há muito tempo ausente daquela conversa. Não me manifestara durante toda a noite acerca dos assuntos de política, futebol, seriados de TV e crianças, de modo que me sentia impelida a demonstrar alguma desenvoltura social na pauta cinematográfica; no entanto, um pouco mortificada pela espumante, apenas acompanhava os diálogos. Percebia que Felipe – talvez inquieto com meu silêncio prolongado – me lançava olhares furtivos. O Sujeito Gordo à minha esquerda, o Marido da Artista Visual e uma Mulher Meio Nipônica trabalhavam na

empresa de engenharia de Felipe; a Artista Visual e Vânia ou Viviane, assim como eu, compunham o trio de esposas. Eu conhecia todos eles de outros eventos, exceto a Mulher Meio Nipônica.

– Qual filme a gente viu semana passada? – perguntou a Artista Visual.

– Aquele do planeta que colide com a Terra.

– Ah, sim – exclamou. – Acho que o nome era...

Eu reparava na quantidade de rímel depositado nos cílios da Artista Visual e na iminente queda de uma enorme bola de tinta preta no seu olho esquerdo. Esperava que sua elegância de socialite desmoronasse com aquele pequeno incidente. Minha atenção, contudo, bastou para deixá-la inquieta; talvez ela tenha desconfiado da minha expectativa perversa. Virou o rosto depressa para o lado esquerdo, gesticulando enquanto quase derrubava a taça à sua frente.

– Acho que era *Tristeza*, algo assim. Era o nome do planeta.

– *Melancolia* – eu disse, captando no ar seu equívoco.

– Isso – concordou, me olhando de relance. – Isso. Isso mesmo. Vocês viram? – ela evitava se dirigir a mim.

– A Charlotte vê muito filme – observou Felipe, talvez para me reinserir na conversa.

– Não é do mesmo diretor de *A Árvore da Vida*? – insistiu o Marido.

– Não – respondi, convicta.

Um silêncio se abateu sobre a mesa, até que Viviane ou Vânia retomasse o ponto inicial:

– Bom, mesmo assim. Vejam *A Árvore da Vida*. Poesia pura. Só a fotografia já vale.

A Artista Visual concordou, agarrando o pulso da Meio Nipônica, que tivera o azar de sentar ao seu lado. A Nipônica arregalou demais os olhos nipônicos, revelando as escleras branquíssimas. Ficou claro para mim que ela vagava em alguma órbita muito longe daquela discussão e agora se obrigava a retornar, aterrada pela mão gelada da outra. Percebi que éramos cúmplices na dissociação, parceiras impossíveis pela própria natureza de nosso alheamento. Eu também me desconectara, embora continuasse observando todos os movimentos da mesa com uma lucidez assombrosa, que me fazia reparar nos detalhes que transformam as nuances humanas num roteiro de comédia.

– E tem o Brad Pitt – exclamou a Artista Visual, ainda agarrada ao braço da Nipônica, erguendo-se um pouco da cadeira e buscando cumplicidade nos outros rostos femininos. Dessa vez, eu mesma desviei o olhar. Nunca tive nada contra o Brad Pitt, mas me perguntava quando ele deixaria de ser uma espécie de clichê do tesão feminino. Minhas colegas de faculdade o

mencionavam; agora, aquelas peruas desconhecidas também o invocavam como motivo óbvio para qualquer mulher se interessar por um filme.

Vozes femininas aclamaram a existência de Brad Pitt – incluindo a Nipônica – enquanto os três homens lamentaram a existência de Brad Pitt. Um tipo muito peculiar de *déjà vu* me trouxe a sensação de que eu já vira aquela conversa sendo reencenada um milhão de vezes. Só variavam os rostos na sala. *Eu já frequentei esse jantar*. Sem desfocar os olhos da Nipônica – que, mesmo participando, continuava estranhamente dessincronizada de toda a algazarra, como se não soubesse o motivo das risadas, quem era Brad Pitt ou o que fazíamos naquela sala de jantar –, sarrupiei com discrição a taça de espumante de Felipe. Aquela *brut* sensacional desaparecera da mesa, dando lugar a uma garrafa de espumante rosé com um rótulo suspeito, estratégia clássica das pessoas meio ricas: impressionam os convidados com boas bebidas na entrada e, quando todos já perderam o rigor do discernimento, passam a desovar os presentes que ganharam no último natal. O problema desses presentes aparece no dia seguinte, quando os convivas despertam em suas casas revirando as gavetas de remédios à procura de antídotos para as dores de cabeça. Ainda assim, as espumantes *demi ordinárias* não se comparam ao tipo de elixir que eu bebi até meus vinte e poucos anos: uma mistura de suco em pó, vodka barata e açúcar. *Mas eu sabia que frequentaria esse jantar*.

– O Brad Pitt é que nem vinho. Só melhora com o tempo – disse Vânia ou Viviane, que estava sentada numa das extremidades.

Seu marido – o Sujeito Gordo sentado ao meu lado – bateu com as mãos na mesa, coberto de ciúmes. Todos gargalharam, porque, afinal, aquilo era muito novo, muito engraçado. Eu, Felipe e a Nipônica rimos também, um pouco mais discretos.

– Vocês ficam com o Brad Pitt que a gente fica com a Angelina Jolie.

A ala feminina cumpriu com rigor seu papel, com um enxame de unhas vermelhas revoando em gestos indignados. Por sorte, a Artista Visual realizou o grande desejo de seu subconsciente, aflorado desde o primeiro gole na espumante. Derrubou a taça de cristal, iniciando um ciclo interminável de desculpas e rodopios atordoados em busca de um pano.

## 53.

A muito custo, *A Árvore da Vida* tenta me afogar em sua profundidade. A taça bojuda do *merlot* se sai melhor.



Felipe deve estar fodendo com a vizinha do trezentos e um. Sei muito bem o que farei nos próximos instantes, deixando o filme rodar à revelia da minha atenção enquanto pego a chave e saio de casa, fechando a porta atrás de mim e pisando macio sobre um par de pantufas.

54.

Vi Leona fisgar uma calcinha que eu havia enfiado na mochila junto com algumas peças de roupa que pretendia deixar em Venâncio Aires. Ela precisou de algum esforço para decifrar, em meio à iluminação frugal do ônibus, os ursinhos que estampavam o tecido lilás.

– Falei que nunca perco nada – ela disse, enquanto me apresentava uma das melhores versões de seu sorriso ambíguo.

Larguei a mochila e tirei depressa a calcinha de seus dedos, esgaçando um pouco o elástico.

– Tô levando umas coisas pra doar.

O sorriso de lábios fechados continuava intacto em seu rosto.

– Essa calcinha é ridícula – eu disse, amassando-a, tentando fazer com que o tecido ocupasse o menor espaço possível dentro da minha mão.

– Por quê? – perguntou Leona, embora o porquê fosse óbvio.

– Os ursinhos – respondi, enfiando a calcinha no fundo da mochila. – Ganhei de natal.

Eu havia comprado há um ano atrás.

– Eu achei uma graça – disse Leona. – É bonita e combina contigo.

Demorei algum tempo encarando o fundo escuro da mochila, segurando o fecho metálico entre o polegar e o indicador. Leona fizera questão de acrescentar a palavra *bonita* antes de afirmar que *combinava comigo*.

– Eu não uso esse tipo de calcinha – respondi, fechando de vez a mochila e desistindo de pegar o Walkman.

– E que tipo de calcinha tu usa? – ela emendou.

Não é o tipo de pergunta que se espera de uma garota que você conhece há menos de uma hora. Dessa garota você também não espera que esteja sentada ao seu lado dentro de um ônibus vazio por volta de uma hora da manhã.

Meu coração disparou. Foi esse o primeiro disparo. Leona já assumira a função que lhe caberia até o fim: ditava as regras e conferia ritmo àquele universo. Nossas coxas se tocavam. Embora eu não conseguisse lembrar que calcinha escolhera ao me arrumar para a aula da noite,

sentia o tecido contra o meio das minhas pernas, os músculos internos contraindo-se para represar uma onda vibrante.

Apenas ri. Leona balançou um pouco os ombros, como se achasse bobo o meu constrangimento ao falar de uma simples calcinha. Mas não era bem a calcinha que me deixava constrangida.

Livrando-nos daquele embaraço, ela se ergueu para acomodar sua mochila no banco da frente. A mochila escorregou pelo assento e caiu com um estrondo no chão. Leona colocou as mãos na cintura, disse “merda” e perguntou se eu queria alcançar a minha também. Entreguei minha mochila florida e agradeci. Enquanto ela arrumava nossas coisas, aproveitei para afastar depressa o cós das minhas calças. Pensando no espaço amostral do meu guarda-roupa, havia cerca de quarenta por cento de chance de eu estar usando uma calcinha interessante.

– De renda preta – eu disse.

Ela não chegou a sentar; estancou na metade do movimento, com a cabeça um pouco inclinada para trás e a boca entreaberta. Parecia reconsiderar coisas muito importantes e profundas a meu respeito;

– Calcinha de renda preta – repetiu, movendo devagar a cabeça para cima e para baixo.

– É mesmo?

– Quer ver só? – perguntei, levando a mão à lateral da cintura, desafiando sua descrença.

Leona voltou a sentar, seguindo com os olhos meu movimento. Puxei para baixo o cós das calças, revelando parte do quadril, uma tira rendada e um retângulo de tecido preto. Queria que ela soubesse o quanto meu corpo era bonito. Alternei a atenção entre aquela faixa de pele íntima e seu rosto. Na outra pista, algum veículo lançou um feixe de luz sobre seus lábios úmidos, que rebrilharam, enquanto os olhos pretos erguiam-se em direção aos meus:

– Tu tem um sinal aqui.

No instante em que senti seus dedos tocando meu quadril, investigando a textura daquela marquinha na pele, quis que sua mão avançasse, invadindo a fronteira da cintura. Ergui um pouco o quadril e deixei escapar um suspiro baixo, uma fração de voz no âmago da garganta, um desejo do qual Leona, a julgar pelo que aconteceria na sexta-feira seguinte, já desconfiava.

Desço as escadas de concreto com passos cuidadosos. O sensor de movimento acende a luz. Chego ao terceiro andar e me aproximo da porta do trezentos e um. Procuo identificar a voz de Felipe em meio às conversas que vêm do apartamento de Laura. O corredor escurece.

A suave embriaguez e o tédio da noite de domingo ofuscam qualquer centelha de ciúme que possa existir na minha conduta. Claro, há também uma certa curiosidade em descobrir com quem anda trepando o homem que foi meu marido nas últimas duas décadas.

A certeza de que ele estaria ali desaparece conforme identifico apenas as vozes da televisão dentro do apartamento de Laura. Um desapontamento muito grande se transforma em algo mais grave, como se esse simples equívoco colocasse em risco uma série de antigas convicções. A falha num único experimento ameaça toda a teoria de que Leona é Tom Lennox.

## 56.

Em fevereiro de 1992, uma mulher com uma ferida herpética nos lábios pintados de vermelho informou, através de um microfone, que o semidireto da meia-noite de sexta-feira, com destino para Venâncio Aires, não existia.

- Eu pegava ano passado.
- Último horário às vinte e duas horas.
- A senhora pode conferir?
- Último horário. Vinte e duas horas.

Foi assim que o ônibus onde conheci Leona desapareceu da lista de itinerários.

De qualquer forma, já não fazia o menor sentido viajar tarde da noite, considerando que eu podia me liberar do escritório bem mais cedo. Ainda assim, ao longo daquele ano, na esperança de encontrar Leona, devo ter insistido no horário das vinte e duas horas de sexta-feira uma dúzia de vezes.

Circulei pelo campus da comunicação, junto à faculdade de jornalismo. Procurei seu nome nas páginas dos periódicos porto-alegrenses e até mesmo na *Folha do Mate*, a pequena publicação jornalística de Venâncio Aires. Achava que Leona poderia começar sua carreira por algum desses jornais, embora eu estivesse certa de que, no futuro, ela seria o tipo de jornalista que escreve matérias mais intensas, cheias de potência investigativa e rompantes literárias.

Eu frequentava os cinemas de Porto Alegre. Descobria Leona em algum modo de caminhar, em alguma voz, em algum trejeito; com os batimentos em descompasso, andava na

direção de seu simulacro, apenas para ver se dissolverem todas as expectativas de um reencontro.

## 57.

Seis anos mais tarde, em 1998, conheci Felipe num curso intermediário de computação que durou três tardes de sábado. Formamos duplas nas atividades e, nas duas últimas aulas, ele escolheu o computador ao meu lado. Fizemos piadas um pouco maldosas sobre o professor, cujo tique consistia em virar a cabeça com gestos bruscos. Quando ele ia ajudar algum dos alunos, eu e Felipe virávamos o rosto um para o outro daquele jeito ríspido, às vezes ao mesmo tempo, e não fazíamos muita questão de conter as risadas.

Eu não saía com ninguém há um bom tempo. Nossa parceria tornara divertidas aquelas três aulas monótonas. Pensei que funcionaria pela vida inteira.

– Que merda é essa? – eu perguntei, puxando a manga da camisa de Felipe.

Várias janelas de erro se acumulavam na tela do meu Windows 95. Sempre tive alguma dificuldade para acompanhar receitas e etapas lógicas de qualquer tarefa. Aquele era o resultado da inobservância de alguns itens elencados pelo professor dos tiques.

– Meu deus – disse Felipe. – O que tu fez aí?

– Puta que pariu – eu disse, enquanto mais e mais mensagens se sobrepunham no plano de fundo celestial. Comecei a apertar várias teclas ao acaso. – Eu devo ter feito alguma coisa errada.

– É mesmo? – disse Felipe, rindo. – Tu acha mesmo?

– Sério, o que houve?

– Eu não tenho a menor ideia.

Quando o professor se aproximou, atraído pelas nossas risadas, Felipe apagou rápido minha tela.

– Algum problema? – Um tique histórico dobrou sua nuca para o lado oposto.

Eu perdi o controle, o bom senso e a educação, iniciando um processo descarado de contenção de gargalhadas. Felipe, tentando me encobrir, se dirigiu ao sujeito, que, após se recuperar do tique histórico, nos olhava com raiva.

– Sem querer apagou tudo aqui no computador dela.

– Preciso ir ao banheiro – eu disse, escapando pela porta da sala.

Quando voltei, alguns minutos depois, encontrei Felipe concentrado em sua tarefa. Admirei seu rosto de perfil, com os cabelos pretos e encaracolados, o nariz comprido e reto, os lábios finos. Na tela do meu computador, restava apenas uma janela aberta. Nas letras miúdas do bloco de notas, estava escrito: “alguém nessa sala quer te convidar para sair”.

– E ele não tem coragem? – perguntei, me virando para Felipe.

– Oi? – ele disse, inclinando um pouco o rosto.

– Essa... pessoa. Não tem coragem de me convidar?

– Ele?

Felipe esticava a cabeça na direção do professor, que, do outro lado da sala, roía as unhas.

– Ah, é ele que quer me chamar pra sair?

– Sinto muito – disse Felipe, comprimindo os lábios. – Acho que ele tem medo de ouvir um não.

– Diz pra ele que eu dificilmente recusaria um cinema.

Felipe olhou na direção do professor, que continuava roendo as unhas com fúria, alheio às conversas que pululavam em sua sala de aula.

– Sabe que eu acho que ele toparia um cinema?

– Ótimo. Pena que ele vai perder algumas cenas. Sabe, por causa dos movimentos... – virei a cabeça de leve. Felipe demorou um pouco para entender minha piada, então riu.

– Me passa teu telefone? Daí eu passo pra ele no fim da aula.

Anotei meu número na parte interna do braço de Felipe. As veias azuis serviam como as linhas de um caderno escolar.

Naquela mesma noite, ele telefonou. Combinamos de ver *O Show de Truman*.

## 58.

Encontrei Felipe sentado em frente à *bombonière* do cinema, com as pernas cruzadas, lendo um folheto com as próximas estreias. No Oscar de 1999, ficaríamos indignados, estarecidos e revoltados ao saber que *O Show de Truman* não fora indicado sequer à categoria de melhor filme.

Percebi que Felipe escolhia bem os cortes de suas roupas. Usava calças jeans mais justas e uma camisa que dava a impressão de ter sido passada algumas horas antes. Durante o filme,

enquanto nos beijávamos, coloquei a mão no volume entre suas pernas. Gostei de senti-lo endurecer sob meu toque.

Depois, saímos para jantar. Conversamos sobre o filme, nossos empregos, nossas poucas experiências com drogas. Eu estava com vinte e nove anos, ele com vinte e sete. Dividimos uma massa com molho branco e escalopes de filé. Ele não tentou me explicar o funcionamento da economia global, tampouco descreveu como os engenheiros projetavam as pontes. Quando a conversa chegou aos três a zero da derrota do Brasil para a França na final da Copa do Mundo daquele ano, eu disse que não me importava com futebol. Não entendia como as pessoas depositavam suas esperanças, frustrações e alegrias num resultado que só dependia do esforço e da competência de um grupo de homens muito ricos.

– A torcida empurra o time, faz sua parte, joga junto – disse Felipe, depois de concordar que o orgulho de uma nação inteira não podia mesmo depender do sucesso em um esporte.

– Tu tava lá? – perguntei, alinhando os talheres no canto do prato.

– Lá onde?

– Na França. Em julho.

– Na Copa do Mundo? Não.

– Então tu não fez nada pra impedir a derrota.

## 59.

Leona afastou a mão do meu quadril e eu voltei a puxar a cintura da calça para cima. Seu sorriso perdeu o traço de ambigüidade, indicando apenas que ela estava muito animada com alguma nova constatação:

– Agora eu entendi.

– Entendeu o quê? – eu disse, realinhando a postura junto ao encosto do banco.

– O que faz teu tipo.

Cruzei os braços e me encolhi um pouco contra a janela.

– Teu tipo de música – completou. – Acho que captei.

Leona estralou os dedos no ar. Eu não conseguia acompanhar aquelas transições frenéticas de assunto. Passei os dedos pelo vapor acumulado na janela, desenhando um jogo da velha.

– Semana que vem tu pega esse ônibus de novo? – ela perguntou, se debruçando sobre mim e se antecipando para assinalar um xis na casinha central do jogo. Senti seu seio pequeno comprimido contra meu ombro e recuei um pouco.

– Acho que sim – respondi, com a voz mais baixa do que gostaria. – Provavelmente.

– Ótimo. Quero te trazer uma coisa.

– Que coisa?

Marquei uma bolinha no jogo da velha.

– Sério?

Na mesma linha da minha marcação, Leona desenhou um xis. Dessa vez não me afastei. Sob a blusa preta e justa, tive certeza de que ela não usava sutiã.

– Sério o quê?

Limitei-me a colocar uma bolinha no único lugar que não me levaria à derrota.

– Tu pensa que eu vou contar? E correr o risco de não te ver mais?

Não consegui conter um sorriso.

– Por quê? É um presente ruim? Uma revista de novelas?

– Não. Claro que não. É uma coisa magnífica – disse, com um gesto expansivo das mãos.

Fiquei me perguntando se aquilo significava um presente grande. Eu não queria parecer curiosa, portanto não insisti. Reencontrá-la na sexta-feira seguinte era a única certeza de que eu precisava. Outra vez, o seio tocou meu ombro; o tom de sua pele – sobretudo a cor terrosa dos lábios – sugeria mamilos castanhos e pequenos. Eu confirmaria essa suspeita ainda naquele mês de março.

– É óbvio como isso vai acabar – ela disse, apagando com a mão nosso jogo da velha.

## 60.

*É óbvio como isso vai acabar.* Eu me lembraria dessa frase uma porção de vezes ao longo da vida, mas, ao contrário de Leona, sempre cheguei ao fim. Sempre fiquei para presenciar as ruínas.

Ontem à noite, depois de sondar a porta da vizinha e concluir que Felipe não estava lá, voltei para o meu apartamento, bebi dois copos d'água e deixei outro na mesa de cabeceira, ao lado da cama, para beber durante a noite, evitando começar a segunda-feira de ressaca. Antes de dormir, conferi a hora no celular – uma e trinta e nove – e pensei que me esqueceria da

existência do copo d'água, derrubando-o na próxima vez que consultasse a hora. Agora, com os pés descalços, cumpro a minha profecia, catando os cacos maiores e os enrolando no caderno esportivo do jornal de hoje, mesmo sabendo que Felipe costuma ler aquela seção quando vai ao banheiro.

Ele voltou para casa e apenas encostou a porta da sala de TV onde dorme. Talvez para que eu perceba sua disposição em voltar, em continuar ali.

Sempre dormiu mais pesado – mais em paz – do que eu. Os barulhos que me despertam precisam ser multiplicados entre dez e quinze vezes para perturbar o sono de Felipe. Se tivéssemos um filho, eu acordaria sempre antes, e voltaria a dormir sempre depois.

Não tivemos um filho, mas telefones tocando muito cedo, vizinhos desrespeitando o horário de silêncio, o alarme do nosso carro disparando na madrugada. Vendavais, objetos caindo e quebrando, janelas abertas durante tempestades. Sempre eu acordando, sacudindo meu marido pelos ombros, assistindo ao seu despertar gradual, calmo, alheio ao medo da morte, da violência urbana, das intempéries, das catástrofes, do fim do mundo.

Nos primeiros anos, eu resolvia tudo sozinha. Fechava as janelas, juntava os enfeites estilhaçados, conferia se as portas estavam bem trancadas, atendia aos telefonemas inoportunos, ligava para a portaria me queixando da música, do liquidificador, da furadeira ou do vizinho de cima pulando corda, pulando amarelinha, pulando por qualquer motivo, mas pulando sobre o teto de alguém que, dentro de três horas, precisaria trabalhar.

Depois, achei que Felipe precisava atender aos telefonemas, se indispor com os vizinhos, lidar com as tempestades e temer os bandidos comigo. Passei a acordá-lo, mesmo que seu longo período de desorientação me irritasse ainda mais do que seu sono incorruptível. Numa madrugada, enquanto o vendaval ameaçava detonar todos os enfeites da sala, pedi que levantasse para fechar as janelas. Depois de resmungar palavras desconexas e enfim sair da cama, arrastando seus chinelos, ouvi-o mijar com tranquilidade no banheiro. Felipe nunca conheceu a urgência.

Agora eu posso entrar no seu dormitório improvisado, sentar por ali e observá-lo à vontade, sabendo que apenas o quinto ou sexto toque do despertador – que deve acontecer dentro de duas horas – será capaz de acordá-lo. Posso tossir, bocejar, derrubar qualquer coisa. O sofá-cama ergue seus pés um pouco acima da linha dos ombros; me pergunto se ele desperta com formigamentos ou dormência. Até onde alguém se acostuma aos colchões duros, às refeições insípidas, aos casamentos hostis, às vidas quase infelizes?



Sento sobre uma almofada caída ao lado do sofá-cama. Se Felipe acordasse agora, eu lhe diria que precisamos conversar e traria à tona qualquer um dos tópicos sobre os quais deveríamos mesmo conversar – sua mudança, o divórcio, a vizinha do terceiro andar e a coleção de pornografia com temática perturbadora. Estendo o braço e afasto com delicadeza o cobertor. A ereção de Felipe sob o tecido do pijama me faz querer capturá-lo dentro de um insondável sonho erótico, cujas possibilidades começo então a imaginar, fantasiando sobre a fantasia, num labirinto de desejos avessos e imagens cruzadas.

A passividade de Felipe diante das minhas escolhas contribuiu para que essa relação sobrevivesse até aqui, mas também decretou sua ruína. No começo, ele assumiu alguns dos meus gostos e interesses, forjando uma proximidade agradável entre nós; frequentávamos o cinema juntos, dividíamos bons vinhos, assistíamos a documentários sobre *serial killers* e teorias conspiratórias. Sempre respeitou as fronteiras que eu impunha ao núcleo inviolável da minha intimidade – aceitava que eu permanecesse um dia inteiro em silêncio e ouvia minhas insurgências acerca de temas delicados, sobre os quais ele não ousava opinar. O mundo aceitava Felipe como ele era e Felipe aceitava o mundo como ele era. Ele não tinha razão para querer mudanças. Estava satisfeito e preferia continuar satisfeito.

Admitia que eu me recolhesse às nove horas da noite de um sábado, com um livro, uma taça de vinho e cubinhos de queijo, deixando-o solitário com os programas da TV. Não questionava minha indisposição para oferecer jantares em casa e me portar como uma boa esposa perante seus amigos. Encontrava toda socialização de que precisava no futebol das quintas-feiras e no *happy hour* com o pessoal do trabalho.

Quando eu queria sair para jantar num bom restaurante, experimentando várias cervejas artesanais do cardápio, ele me acompanhava, bebia, ria comigo. Quando eu parecia não querer companhia nenhuma, ele se afastava, ocupado com seus próprios interesses.

Aos poucos, contudo, o fato de Felipe estar *sempre satisfeito* se tornou o principal motivo da minha insatisfação. Ele não se submetia às minhas vontades para preservar um sentimento que valorizava acima de tudo; ele se submetia para preservar-se numa estabilidade que valorizava acima de qualquer sentimento. Se eu estivesse disposta, passaria o domingo inteiro na cama, abraçado à minha cintura, transando e dormindo a intervalos regulares.

No íntimo, eu continuava esperando. Esperava que algo grande voltasse a acontecer na minha vida. E Felipe não podia ser, nem de longe, esse grande acontecimento. Ele representava o exato oposto – a grande dilação.

Vinte e sete anos depois de Leona, parece impossível que nada de extraordinário tenha interceptado minha história. Por motivos obscuros, a ereção solitária de Felipe sob o tecido fino do pijama me faz sentir culpada. Seu ideal de felicidade consiste nos breves gozos sensoriais que intercalam um longo marasmo cotidiano. Sou eu quem precisa de grandes significados para a vida; sou eu quem não descobre a felicidade nos lugares-comuns. Era óbvio que acabaria assim.

## 61.

A intimidade dos corpos, não o amor. O costume, não o amor. A convivência, não o amor.

Eu não o quero de volta, não o amo, sei que qualquer tentativa de recompor nosso casamento reacenderia minha raiva, meu asco, minha vontade de puni-lo por tudo aquilo que não fui: pelo desaparecimento de Leona.

Talvez eu queira apenas reafirmar meu domínio antes de abandoná-lo. O mesmo gesto de quem ordena à liberdade um pássaro habituado ao cativeiro. Pegando com cuidado na palma da mão e fechando a gaiola.

Agarro o pênis de Felipe por cima do pijama e o sinto crescer dentro da minha mão.

## 62.

Tomamos um desvio na estrada. A primeira viagem se aproximava do fim.

– E por que direito? – perguntou Leona, levantando-se para içar sua mochila do banco da frente.

O espaço ondulava; eram os cabelos dela movendo-se na semiescuridão, seus dedos compridos transpondo aquele pedaço vagamente palpável de noite. Eu tentava elaborar uma resposta que demonstrasse o quanto o direito dizia pouco a meu respeito; eu não queria ser um daqueles burocratas, estudiosos de normas e seguidores de padrões. Leona era a própria ruptura desse mundo.

Atirou-se de novo ao meu lado e abriu um dos bolsos da mochila. Não estava disposta a insistir no assunto; todo o interesse que devotava à minha formação acadêmica se exaurira naquela pergunta. Talvez eu nunca encontrasse outra chance de demonstrar meu desinteresse

pelas leis que regravam a realidade lá fora, pelos códigos que reduziam o processo vital a um trâmite burocrático, pelos padrões que transformavam as potências únicas de cada indivíduo numa frequência uniforme e monocórdica.

– Direito é o que fazem as pessoas que não sabem o que fazer – respondi.

Leona tirou da mochila os óculos de grau com grandes aros pretos e os colocou no rosto. Havia mesmo algo anacrônico – ao mesmo tempo moderno e antiquíssimo – no seu jeito. Pessoas como Leona devem ocorrer meia dúzia de vezes a cada milênio, apresentando pouca ou nenhuma coerência com o tempo e o espaço onde aparecem. Suas ideias não dependem muito das circunstâncias históricas e sociais. Atravessam incólumes os uníssonos, as multidões, os costumes locais, as modas, os consensos. As desgraças. As paixões.

Os óculos de Leona não transformavam apenas sua fisionomia: mudavam as próprias circunstâncias. Eram indício de que algo ao nosso redor precisava de uma observação mais atenta ou que algum assunto muito sério exigia sua melhor leitura. Ela falava menos, muito menos com eles; enchia-se de mistério, de uma beleza magnética.

A princípio, pensei que não tivesse me escutado. Girou a cabeça para os dois lados, perscrutou a estrada através dos vidros, ergueu-se para localizar a cabine do motorista. Tirou os óculos, limpou as lentes na barra da camiseta e voltou a recolocá-los. Só então me dedicou a agudeza negra de seus olhos. Outra vez baixei o rosto.

– Quem não sabe o que fazer acaba fazendo como todo mundo. – A voz grave e calma de Leona percorreu cada sílaba antes de transformar-se num calafrio a percorrer toda a extensão das minhas costas.

As luzes dos postes atravessavam a janela, rolando sobre meu colo. Entrávamos na área residencial de Mariante. A melancolia das duas horas da madrugada misturou-se à sensação de que, no somatório de todos os minutos daquela viagem, Leona se desiludira comigo. Achei que não voltaria na próxima sexta-feira; achei que eu nunca saberia qual o presente secreto que prometera.

Senti a mão de Leona envolvendo meu pulso. Agora as luzes rolavam também sobre seu braço, rebrilhando nos anéis metálicos:

– Charlie, tá chegando no meu ponto. Nos vemos semana que vem?

Achei Charlie um apelido estranho e bonito. Não havia tempo para dizer mais nada. Virei um pouco o rosto. Ela me beijou no canto da boca.

Um beijo ambíguo, aquele beijo no escuro.

– Até semana que vem – respondi.

E então comecei a esperar pela semana seguinte.

### 63.

Uma gotícula umedece a superfície do pijama. Acompanho as fisgadas simultâneas do tecido das calças e do rosto de Felipe; suas pálpebras continuam fechadas. Tento pensar no que direi quando ele acordar e me vir de joelhos ao seu lado, manuseando para cima e para baixo um anel imaginário enquanto me esfrego devagar na almofada que tenho entre as pernas.

Quando penso que devo parar, sair dessa sala e ir para o trabalho, a culpa e a excitação me tragam numa onda irresistível, fazendo com que eu me esfregue na almofada com mais força, acelerando o movimento da minha mão direita ao redor do pênis nem grande, nem pequeno do meu ex-marido inteiramente mediano. Leona me disse que sua saliva permaneceria por três dias na minha boca e que a minha saliva permaneceria por três dias na sua. Não é muito tempo e agora já se passaram três décadas. Felipe acordou ou não acordou, eu quero que ele acorde de uma vez, tornando impossível recuar. Concentro-me na cabeça vibrante, no ponto infinitamente escuro onde desemboca a uretra, um canal exclusivo para a evasão, para a desistência, para o desperdício inevitável de milhões de cromossomos X e Y nas fibras brancas dos lençóis, no fundo vítreo dos sanitários, no látex dos preservativos, no reto de homens e mulheres, nas amígdalas, nas mesas de escritório, nas meias esportivas da Nike, no ralo dos chuveiros, nos umbigos projetados, nos umbigos profundos, nas línguas, nas gargantas, nas vaginas ácidas, nas calcinhas surripiadas, no peito de Felipe que, amparado pelas duas mãos, ergue-se, gemendo, os olhos tão embaciados quanto a porra que também lhe atinge, em jatos descontínuos, a base do pescoço.

Ainda fricciono algumas vezes para a frente e para trás sobre a almofada, mas a extensão derrotada logo acima do abdome de Felipe já não me inspira. Restam seus olhos absortos, gratos, sonolentos, assustados, eu não sei, ele não pergunta, fica em silêncio, toda a energia drenada pelo orifício infinitamente escuro da evasão.

Eu me levanto, colocando a almofada ao lado dele. Quase alcanço a porta sem que nenhuma pergunta me persiga, até que o escuto dizer meu nome francês – Charlotte – com uma sutil curvatura de interrogação ou espanto.

Com a palma da mão sobre a maçaneta gelada, percebo o líquido enrijecer na pele. Viro um pouco o rosto, não o bastante para conseguir vê-lo. Escapo pela porta e me tranco no lavabo do corredor para ensaboar as mãos.

64.

No escritório, conduzo videoconferências, passo o café na copa, redijo memoriais, me encarrego de burocracias miúdas e discuto casos complicados com os dinossauros que romantizam máquinas de escrever e canetas Bic. Trabalho com uma avidez que flerta com a impertinência, oferecendo ajuda e assumindo tarefas que não me competem, valorizando em excesso o emprego que se interpõe à hora em que precisarei retornar ao apartamento onde, pela manhã, invadi os sonhos do meu ex-marido – o mesmo que venho tentando mandar embora há meses.

Cada vez que a lembrança retorna, parece mais sórdida. Não por causa do ato, mas pelo prazer que me impediu de evitá-lo. O sêmen branco escorrendo pela minha mão, o pen-drive branco onde Felipe guarda seu acervo de pornografia envolvendo aves, peixes, cavalos, cães e filmagens escondidas de garotas com minissaias e calcinhas enfiadas nas nádegas. Não assisti aos vídeos até o fim, não vasculhei os arquivos digitais de Felipe e cheguei mesmo a percorrer todas as etapas morais cabíveis, entre o nojo e a estranheza. No fim, encontrei um meio dissimulado de extrair prazer daquelas cenas, de converter a perversidade em gozo.

Perto das sete horas, todos desligam suas telas, tampam as canetas Bic, chacoalham as chaves dos *sedans* e vão embora. Hoje as luzes são minhas, ou seja, terei de apagá-las. É sempre inquietante ser o último a sair de um espaço comercial, projetado para o convívio, com salas de reuniões, poltronas de couro, balcões de atendimento e ilhas de computadores. Deveria haver um profissional capacitado para ser o último, um último de carreira, com adicional de insalubridade, encerrando as atividades diárias de lugares tão complexos quanto supermercados e *shopping centers*. Saio depois das oito, não por haver resolvido todas as pendências – elas nunca terminam –, mas por haver chegado à pane do meu raciocínio: o meu nirvana pessoal.

Ao volante do meu *sedan* prata, com as luzes do tráfego rolando sobre o inesgotável tapete de betume, experimento o nirvana que os dias de meditação nunca me proporcionaram. Para certas pessoas, a imperturbável serenidade da mente talvez não advenha de algum processo depurativo das toxinas mundanas. Combinando doses extremas de desejo, repulsa, esgotamento e delusão, obtém-se o efeito devastador de uma ausência que também implica desterrar as emoções e renunciar à matéria. Com o sapato acariciando o acelerador, escolho trajetos improváveis, escuridões imprudentes, roçando nos becos e nos morros: por desapego ao medo, à carne e à armadura de metal semovente que a envolve – o carro que devo revender sem

maiores dificuldades dentro de um ano, outra prova de desapego, pois o repetitivo enfarte agudo em que consiste o pulso vital do capitalismo não difere tanto das respirações budistas, na medida em que Steve Jobs e Sidarta Gautama querem apagar a mesma angústia através de métodos opostos. Temos de lidar, ou ao menos fingir que lidamos, com a evidência da insignificância e da finitude, o que é um tanto ridículo, e somos todos testemunhas uns dos outros, o que nos torna cúmplices obrigatórios, por isso os suicidas eram enterrados nos fundos dos cemitérios, por isso talvez o homem do ônibus tenha precisado invadir um universo à parte – o meu e de Leona – para realizar o ato proibido que não pode gerar sanções, exceto aquela de restar para sempre à margem dos noticiários e dos cemitérios, o que, a bem dizer, já não importa aos mortos.

Encaixo meu sedan prata ao lado do sedan branco de Felipe e atravesso a garagem. Canos vermelhos e amarelos vascularizam o teto; uns afastam o medo de incêndio, outros combatem o medo do escuro. Lâmpadas automáticas saúdam minha passagem, detectam meu avanço, mais conscientes do meu corpo do que eu mesma. Gostaria de agradecê-las – obrigada por notarem, muito obrigada pela deferência –, afinal os sensores de movimento e os médicos são os únicos autorizados a separar os mortos dos vivos.

## 65.

Dentro do apartamento, sou refém de duas possibilidades: Felipe querendo conversar sobre o acontecimento da manhã, Felipe fingindo que nada aconteceu. Lavo as mãos na torneira da cozinha, preparo um sanduíche muito depressa, encho uma garrafa de água mineral e carrego todo o buffet – mais um tubo de mostarda – para dentro do quarto, arranjando o jantar ao redor do *notebook*.

Você quis dizer: Tom Lennox Revista *Barlavento*. Retiro o farelo de pão que emperrou a tecla de espaço e percorro os resultados habituais. Tom Lennox é o personagem de uma série de ficção e também o CEO de uma empresa de Vancouver chamada TenantPay; Tom Lennox é um vegetariano de Michigan, um DJ londrino. Nada sobre ser Leona. O site da Revista *Barlavento* traz algumas prévias de reportagens e um único e-mail para contato, que anoto em caligrafia cursiva sobre a capa da última edição.

Enquanto mastigo o último naco do sanduíche, navego por páginas aleatórias, registrando no histórico do computador aquilo que os psicanalistas se esforçam para extrair do subconsciente. Anúncios de cremes anti-idade, as transformações do corpo após a menopausa,

compreenda a libido feminina, benefícios e riscos da reposição hormonal, conheça os principais tipos de perversão sexual e o macabro caso de necrofilia de Carl Tanzle.

Assim gasto horas.

## 66.

Na sexta-feira da nossa segunda viagem, tive quarenta minutos de espera para me convencer de que Leona não apareceria. Antes de vê-la andar muito depressa sobre o piso imundo da rodoviária, com uma camisa de flanela amarrada à cintura, elenquei tudo o que poderia ter me feito fracassar no acurado processo de triagem pelo qual Leona selecionava as pessoas que valiam uma segunda viagem. Considerando que, na primeira, eu calçava tamancos e deixara cair uma calcinha com estampa de ursinhos, ela não estaria sendo tão injusta ao me pôr de lado.

Cinco minutos antes do embarque, contudo, vi Leona andando na plataforma. A distância me dava alguns momentos de vantagem, enquanto ela espremia os olhos míopes sem me enxergar. Fiz e desfiz um sorriso e então quis fingir que estava distraída, mas já era tarde para isso; ela abria um sorriso do tipo que se mostra inteiro, jogando a cabeça um pouco para trás e passando o braço direito por dentro da alça da mochila, decidindo que nos abraçaríamos, também inteiras, num abraço que, visto de fora, sugeria uma amizade com anos de saudade, mas que, experimentado de dentro, significava algo mais, urgência, ansiedade e sexo, com Leona comprimindo seu corpo contra o meu, fazendo-me saber que ela nunca usava sutiãs, correndo a mão pelas minhas vértebras e contendo-a a um palmo do final das costas, mas é claro que, no subtexto do abraço, o movimento chegou muito mais longe.

## 67.

Respire, o cérebro acordou antes do corpo e logo retomará o domínio dos músculos, isso costumava ocorrer com frequência por volta dos seus quinze anos, nos domingos à tarde, quando deitava após o almoço e dormia até o crepúsculo, acordando parálitica e desorientada na cama da casa dos seus avós, sob uma imagem da Ave Maria. É terrível, mas talvez esteja há mais de três décadas atravessando uma única daquelas tardes, sem conseguir se mexer, alucinando entre os lençóis, tentando gritar, erguer o tronco, acender o abajur, averiguar o

espaço, reconhecer o quarto. Não consegue. Pelo menos, não há vozes ou um íncubo comprimindo seu peito com o saco escrotal, drenando sua energia, parasitando os sonhos cansados.

Os números de LED no radiorelógio indicam três horas da madrugada de terça-feira. Há um rastro azedo de pickles, queijo *cheddar* e condimentos no quarto. Acendo o abajur e recolho o tubo de mostarda e os pratos com os escombros do sanduíche. Desço até a cozinha e deixo correr água sobre a louça enquanto penso no que farei quando desistir de retomar o sono.

Decido me antecipar à insônia.

Sirvo uma taça grande de vinho tinto e vou até a porta do quarto de Felipe. Não escuto nada. Retorno à sala de estar e ergo as persianas. Os semáforos alternam as luzes sem motivo. A lua filtra os espectros de cores quentes, derramando um azul-elétrico sobre a cidade. Alguns retângulos iluminados se destacam em meio aos edifícios escuros. Notívagos habituais com suas bebidas energéticas, jogos *online* e vídeos pornográficos com temáticas variadas. Uma garota estudando de última hora para a prova de histologia. Um rapaz conversando com a namorada que viajou para outro fuso horário. Alguém que também acordou com o corpo paralisado dentro de um escafandro de horror. Alguém que, assim como eu, às vezes perde o sono, e sabe que, nessas ocasiões, não há meios de retomá-lo.

Bebo o vinho junto à janela. É nesse estranho sentimento de superioridade sobre a metrópole adormecida que o insone encontra algum conforto. Agora, em meio às armas depositadas, às fardas despidas, às perversões e aos morcegos que se agitam nos forros das casas, existe uma pequena milícia de criaturas infelizes e despertas, vigiando a persistência do mundo. Se um incêndio evacuasse os moradores do edifício com suas roupas de dormir, ceroulas e calcinhas com estampas e cortes esdrúxulos, eu teria tempo de vestir um robe e passar uma ligeira camada de blush nas maçãs do rosto. Felipe talvez acordasse à beira da carbonização, correndo seminu e desnorteado pelas escadas de emergência.

Na rua, um homem passa carregando um botijão de gás.

**68.**

Prezados editores,

Desde de que descobri a Barlavento – muito ao acaso, numa tarde de chuva –, li todas as edições da revista. Tem sido meu jeito de escapar dum dia a dia que se autorreplica, onde o presente, o passado e o futuro imediatos já não fazem qualquer diferença. A verdade é que não



sinto nenhuma conexão com os momentos e, a esta altura da vida, não se espera que qualquer coisa fenomenal venha a acontecer.

Gosto de todo o projeto da Barlavento, mas escrevo esse e-mail para Tom Lennox. Suponho que esse nome seja um pseudônimo, e que haja alguma boa razão para isso. Mas também tenho boas razões para acreditar que conheci Tom Lennox há vinte e sete anos atrás, num ônibus intermunicipal. Nesse caso, se eu estiver certa – e penso que estou certa –, Tom Lennox se chama Leona. Por favor, se possível, repasse este e-mail a Leona antes de prosseguir na leitura.

Como eu concluí que Lennox é Leona? O estilo da escrita, expressões e temas recorrentes, histórias que ela me contou no passado e que agora se materializam nas páginas da Barlavento. As décadas avançam, viram os séculos, desmoronam ideologias, impérios, culturas, estilos musicais e modas – as calças de cintura alta já foram e voltaram –, mas, dentro de cada indivíduo, as obsessões permanecem.

A persistência de certas ideias é nosso DNA intelectual; mesmo quando não estamos lá, nomeados e subscritos, deixamos evidências. Não sei dizer ao certo quem é Tom Lennox; nunca soube explicar quem foi a garota que viajou comigo dezenas de vezes no decorrer de 1991. Mas conheço suas obsessões.

Antes que perdêssemos contato, Leona – tu, Leona, se estiveres lendo – me contou histórias um tanto quanto inacreditáveis. De tempos, lugares e culturas distantes; fatos que ela testemunhou, ouviu, investigou por contra própria. Eu ficava com a impressão de que lia bastante – e de que vivia mais ainda. De que extraía da vida mais do que os outros podiam extrair. De que conhecia uma dimensão alternativa entre a realidade e a invenção: percebia certa lógica no absurdo e então o absurdo se tornava real e possível. Acho que as matérias assinadas por Tom Lennox restituem um pouco desse universo onde as coisas não respeitam padrões rigorosos, mas também não assentam em crenças desesperadas. Bem, eu estou indo longe demais. É algo que acabo sempre fazendo.

Foi ela quem me apresentou os romances policiais de Raymond Chandler; aliás, por causa de Leona, acabei tomando gosto pelo gênero. Dashiell Hammett e David Goodis também dividem o espaço das minhas prateleiras, mas foi Chandler quem concebeu o incrivelmente enigmático Terry Lennox.

Devo explicar por que meu interesse em contatar Leona persiste? Diga a ela – saiba, Leona – que preciso confirmar uma hipótese. Como num romance policial, juntei indícios, acho que desvendei sua trama. Acontece que, na vida real, as respostas têm de ser dadas pelas

personagens, pois o Grande Autor abandonou a obra na fase dos enigmas. É o tal do livre arbítrio.

Não sei, Leona, se devo me desculpar por isso ou se é uma curiosidade perfeitamente razoável, vinda de uma velha conhecida. São quatro horas da manhã de uma terça-feira qualquer, não consigo dormir, perdi as medidas da razoabilidade depois da segunda taça de vinho. Na madrugada, as regras são outras.

Se puderes responder este e-mail de alguma forma, haverá um pouco mais de grandeza no mundo. Será uma vitória das coisas extraordinárias.

Parabéns por todo o projeto da revista.

Charlotte Voigt

## 69.

Salvo o e-mail como rascunho. Já são cinco e quinze da manhã, não vale a pena tentar dormir, mas meus olhos ardem, não consigo mantê-los abertos. Deito na cama, numa tênue embriaguez; fico pensando em mais coisas que gostaria de ter escrito, em partes que deveria suprimir se, um dia, resolver enviar.

Tento imaginar as rugas que insculpíram no rosto de Leona a textura inevitável dos anos; também penso nas mudanças voluntárias que deve ter feito: os cabelos mais curtos, as roupas de bom corte, embora sóbrias desde sempre. Um relógio com pulseira de couro marrom, sem anéis. Pernas cruzadas, apoiando o calcanhar nos joelhos, a pose de quem domina sem perder a tranquilidade; os mesmos óculos de aros grandes, filtrando as páginas de um livro de Richard Dawkins – detalhes assim, supérfluos, é que conferem verossimilhança à fantasia em que Leona me espera, na hora marcada, num café sugerido por ela. Um lugar silencioso, com abajures no centro das mesas e fotografias de Robert Mapplethorpe nas paredes. Eu a vejo antes, tenho quatro segundos de vantagem enquanto me habituo à Leona do novo século; tem a beleza vincada das mulheres maduras, os ângulos do rosto ainda mais acentuados. Ela não vai se levantar logo; ficará me olhando, sorriso ambíguo. *É chocante te reencontrar, Charlie, mas eu estou encantada.*

E então precisarei confessar que levei uma vida medíocre.

70.

Felipe entra na cozinha barbeado, com as mangas da camisa dobradas até os cotovelos. Uma veia saliente aparece na parte interna do seu antebraço.

– Tem café – eu digo, antes que ele inicie qualquer outro assunto.

– Obrigado.

Ele se aproxima para mexer na cafeteira. Reconheço o perfume que Felipe utiliza desde que nos conhecemos. Confiro o relógio sem propósito; o cheiro do café misturado ao *Polo Ralph Lauren* me faz pensar que não foram apenas anos horríveis entre nós. Coloco minha xícara na pia.

– Charlotte, espera. – Felipe abre a geladeira e, enquanto fala, finge procurar qualquer coisa lá dentro. – Eu queria te perguntar. Consegui um apartamento legal, perto do trabalho. Mas vou precisar de um tempo pra pintar, reformar, essas coisas.

Coloca sobre o balcão um pote de geleia de laranja há muito tempo esquecido no fundo da geladeira. Passa os olhos pelo meu rosto, que não deve revelar muito mais do que cansaço. Começa a abrir um saco de pão de sanduíche.

– Posso ficar num hotel. – Fecha o saco plástico de pão com um arame, uma minúcia excessiva. – Mas é estranho se hospedar em Porto Alegre. Tu sabe que eu não gosto de ficar em hotel nem quando viajo.

Na verdade, Felipe não gosta de viajar. Nunca gostou. A complexa logística dos aeroportos, dos hotéis, dos lugares que devem ser visitados: tudo isso o incomoda. As férias ideais de Felipe consistem num prolongamento da rotina, sem o compromisso de acordar cedo e ir trabalhar. Viajamos pouco juntos, sempre por minha iniciativa. Ele me acompanhava aos lugares, mas se cansava dos grandes passeios, tornava-se mais indiferente a cada museu. Eu poderia ter viajado muito mais, sem filhos e com certa flexibilidade no trabalho.

– Pode ficar – eu digo. – Por mais algumas semanas.

– Não vou precisar de muito mais tempo.

– Eu vou pedir férias. Vou viajar.

Felipe espalha uma quantidade irrisória da geleia sobre a superfície do pão. Dobra a fatia ao meio.

– Viajar pra onde?

– Não sei ainda. Só quero sair um pouco.

– No meio de outubro?

– Melhor assim. Fora da temporada.

Ele mastiga, cotovelos fincado na mesa.

– Era isso? – pergunto, e logo uma descarga de exaustão atinge minhas têmporas. A mobília e as paredes desse apartamento drenam minha energia; não seria má ideia se eu saísse, ao menos por um tempo. Poderia tomar a estrada em direção à casa dos meus parentes no interior; o que não posso é fingir para mim mesma que seria um movimento neutro. Eu acabaria ainda mais imbricada nessa busca insana por Leona.

– Tem certeza? – Felipe joga todo o fardo da esperança nessas últimas palavras, que soam muito graves.

– Tenho.

Antes que comece a chorar, dou as costas para ele.

## 71.

É difícil escolher qualquer itinerário quando se é indiferente aos destinos. Há uma remota possibilidade de que o escritório não me libere para duas semanas de férias; vou dizer que estou sobrecarregada, um caso de separação é sempre comovente. Bahia, Veneza, Montreal, São Paulo: lugares que poderiam manter ocupada uma viajante sozinha e sem objetivos.

O rascunho do e-mail continua aberto na tela do *notebook*. Releio o que escrevi durante a madrugada, suprimo e altero algumas frases. Não sei se faria algum sentido para alguém que não fosse Leona. Não sei se faria sentido para Leona.

Para me livrar do texto – para não voltar a corrigi-lo com camadas de leitura cada vez mais saturadas –, digito o e-mail da *Barlaveto* na caixa de endereço e “Tom Lennox” no lugar do assunto. Posiciono a seta do mouse sobre o botão de enviar; é um estalido muito delicado, nada como o disparo de uma arma de fogo, embora também seja um movimento libertador, como em geral são os atos incontornáveis.

## 72.

Algo muito sensorial pairava sobre aquela noite de março. Leona estava lá, como prometera. Eu quase podia tocar a consistência do verão, com suas partículas úmidas e elétricas. A viagem era muito mais importante do que o destino. Eu escolhera uma regata justa, num tom

castanho-acinzentado, e mal percebia o tecido frio cobrindo a pele: tinha a sensação de estar nua, invulgarmente bonita e confiante.

Sentei à janela, como acabaria fazendo todas as vezes.

– Achei que tu não fosse mais chegar.

Leona ajeitava a mochila junto aos pés; ergueu um pouco a sobrancelha e ajeitou uma mecha comprida de cabelo atrás da orelha. Acomodou-se no banco, piscou os olhos de leve e virou-se para mim:

– E se eu não viesse?

Desviei dos olhos negros que tremulavam com malícia e caí no pequeno vão que existia entre os lábios.

– O que eu poderia fazer?

– Me esperar.

### 73.

Cara Charlotte,

A princípio, devo agradecer, em nome de toda a equipe da Revista Barlavento, seu interesse em nossas publicações. Somos um núcleo reduzido e independente de profissionais que se empenham em levar adiante esse projeto pela paixão que temos pelas boas reportagens. Trabalhamos livres do afã de informar tudo o que se passa na superfície desse país (desse mundo) caótico, mas comprometidos em relatar a grandeza (para usar a sua bela expressão) das histórias que ocorrem em suas margens.

Dito isso, passo a falar por mim. Li com muito interesse seu relato, achei fascinantes as memórias que você mantém do passado. Infelizmente, precisarei frustrar sua busca, pois não sou Leona (embora também seja um grande fã de Raymond Chandler e de Dashiell Hammett). Acho que eu e sua conhecida apenas temos as mesmas obsessões (ou um DNA intelectual semelhante, quem sabe).

Já que seu e-mail acabou chegando até mim, proponho que nos encontremos em alguma ocasião, para que eu possa entender melhor a sua história e descobrir o que levou você a deduzir que eu poderia ser essa Leona. Atualmente, estou morando em Buenos Aires, mas devo ir a Porto Alegre no ano que vem (vi que você mora aí, maravilhas do *Google*) e podemos arranjar uma conversa apropriada. O que você acharia disso?

Abraços,

Tomas ‘Lennox’

74.

Passam-se dois dias irrelevantes até que esse e-mail de resposta apareça na minha caixa de entrada. No instante em que isso acontece, estou almoçando em um restaurante próximo ao escritório, sozinha, tentando vencer um amontoado insosso de purê de batata. À exceção de alguns alimentos específicos – comida japonesa, risoto de funghi, sorvete com calda de frutas vermelhas –, comer é uma demanda corporal isenta de prazer; um compromisso fisiológico que me atrapalha entre os deveres do cotidiano. É por isso que me mantenho magra.

A fome aparece em intervalos de cinco em cinco horas – ou seis em seis, nos dias de calor. Às duas e meia da tarde dessa quinta-feira de outubro, a temperatura não chega aos trinta graus. Ainda assim, gotículas salgadas formam-se no vão entre meus seios, um detalhe que apenas eu posso enxergar por dentro da camisa. A barra de notificação acende no celular, que vibra sobre a mesa. Abro o e-mail com as mãos tremendo; leio duas, três, quatro vezes. O purê de batata esfria. Pelo janelão de vidro do restaurante, assisto às manobras de um *SUV* vermelho que estaciona entre dois carros populares.

Pela primeira vez, cogito a real existência de Tom Lennox, um sujeito esquivo aos algoritmos de pesquisa do *Google*, que se utiliza de alguma espécie de nome artístico para publicar na revista. Contraponho essa possibilidade às evidências de que apenas Leona escreveria determinadas histórias, de que não há coincidência que justifique, por exemplo, o interesse de Tom Lennox pela mesma região em que eu e Leona nascemos, o fogão a lenha azul-piscina da *Eisen*, a garota *poltergeist*, as expressões grandiosas, o modo racional de decantar os fenômenos do mundo, tirando-lhes o obscurantismo, mas conservando uma estranha magia.

Nada disso faz sentido sem Leona.

75.

Como também não faz sentido que o único intermédio entre a mente e a realidade seja a própria mente; posso muito bem estar inventando não apenas a existência de uma garota

chamada Leona, como minha própria existência. Posso ser apenas um átomo desse purê de batata, conjecturando absurdos. É de uma solidão assombrosa existir.

Não faz sentido que exista um homem, no meio da tarde, dentro de uma lata. Não faz sentido que esse homem esteja há cinco minutos tentando encaixá-la entre outras duas latas. Não faz sentido que eu olhe para a lata do homem e a cobice, porque é um belo carro de modelo *SUV*, cor vermelha. Não faz sentido nem o automóvel, nem o vermelho.

Também não gosto da ideia de que ele agora saia com calças sociais e sapatos apertados; não gosto da ideia de que seja atraente, jovem, com os cabelos decididamente pretos e a barba por fazer. Não há nada que o impeça de ser Tom Lennox, pois não há nenhuma regra proibindo que coisas inexplicáveis ocorram, já que a primeira ocorrência – a que deflagrou todas as outras – é algo também inexplicável. Odeio que esse homem evite ser Tom Lennox apenas para que os princípios da probabilidade continuem aceitos, produzindo eventos aleatórios para atormentar seres que creem em razões mais transcendentais para a vida, o amor e a morte. Imagino um pênis encolhido dentro das calças sociais, e olho para o semáforo a variar suas cores, e os prédios de escritórios, e outra vez o *SUV* vermelho. Tom Lennox, Leona e a necessidade de haver algum sentido.

O homem do *SUV* entra no restaurante. Trocamos olhares insistentes, eu a desafiá-lo, como se soubesse um grande segredo seu: que nada o impede de ser Tomas Lennox. Ele é bonito, tem um *SUV* e, além disso, sua existência não faz sentido, o que me encoraja a continuar olhando, porque o absurdo tem a vantagem de ser mais permissivo do que o rigor da normalidade.

Ele senta a duas mesas de distância, de frente para mim. Afasto o prato com o purê de batata e deposito os talheres lado a lado. Ele rola a tela do celular e, às vezes, ergue os olhos na minha direção. A garçonete aparece para retirar meu prato. Peço um café. Volto a reler o e-mail de Tom Lennox e, durante um minuto, esqueço a presença do homem; termino a leitura, sem encontrar um único indício definitivo de Leona nas frases. Ele cruzou os braços, me olha, sorri; sorriu de volta. Meu café chega. Volto minha atenção para o *SUV* vermelho, resplandecendo sob o sol feroz da tarde de outubro. A mesma garçonete que me atendeu anota o pedido do homem.

A linguagem do flerte é ambígua, mas nem sempre há tempo para ambiguidades. Acho que o rapaz do *SUV* compreende isso tão bem quanto eu. A garçonete deposita um suco de laranja e um sanduíche diante dele. Os dois trocam algumas palavras e ela vem até minha mesa.

– O rapaz sentado ali me pediu pra te passar um recado.

Entrecruzamos olhares, os três. Ele sorri, vira um pouco o rosto, ergue o ombro forte. Parece confiante, talvez ainda sob o efeito do *SUV*.

– Ah, é? – digo, rindo.

– Sim. Ele quer saber se tu não aceita uma torta pra acompanhar o café.

– Uma torta?

– Ele disse torta. Mas acho que foi só uma sugestão.

A garçonete – uma mulher risonha, de bochechas inflamadas – parece se divertir também. Ele teve alguma sorte com o cupido.

– Pode ser uma torta.

– A senhora quer ver o cardápio?

– Não precisa. Qual tu me sugere?

– A senhora gosta de Marta Rocha?

– Marta Rocha não. Tem alguma coisa com chocolate?

– Tem a de brigadeiro, a de bombom e o *brownie*.

– Pode ser o *brownie*.

Ela anota meu pedido e sai. Eu pego a bolsa e o café – agora pela metade – e vou até a mesa do meu flerte, que agora sinaliza algum nervosismo, tentando engolir depressa um pedaço de sanduíche conforme me aproximo. Reduzo o passo, para lhe dar tempo.

– Oi. O restaurante tá cheio, será que tem problema se eu sentar aqui contigo?

É claro que, no meio da tarde, o restaurante está quase vazio. Ele coloca a mão direita diante da boca e, com a esquerda, acena para a cadeira à sua frente.

– Claro, claro, por favor.

Eu me sento. Ele toma um gole do suco de laranja.

– Desculpa a boca cheia. Não foi um bom começo. Vou tentar de novo. Prazer, Eduardo.

Aperto a mão dele. Nenhuma aliança. Não tenho a menor vontade de iniciar a conversa divagando sobre a origem do meu nome francês, que parece ser o elemento fundante de todas as idiossincrasias da minha vida. Então respondo o primeiro nome que me ocorre:

– Leona.

Não há nenhum rastro de incredulidade no rosto de Eduardo quando ele repete meu nome, Leona, num esforço de memorizá-lo; mas, ao ouvi-lo na voz de Eduardo, sinto vontade de negar tudo, corrigir minha mentira, pedir que me devolva as palavras. Antes que o faça, acrescento, nervosa:

– Acho que nunca te vi por aqui. Almoço sempre nesse restaurante.



– Sempre tão tarde?

– Nem sempre.

Ele tem um sorriso bonito, com dentes brancos e alinhados. Usa uma gravata fina, toda preta, e uma camisa bem ajustada ao corpo. Não deve ter mais de trinta e cinco anos; há algo sombrio no seu olhar, com a linha d'água margeada por cílios tão densos que chego a me perguntar se ele não passou alguma maquiagem.

À primeira vista, Eduardo é dramaticamente perfeito: ótimos dentes, corpo definido, roupas de bom corte, a barba preta repartindo-se na linha central do bigode e, do lado de fora, o *SUV* vermelho. Não encontro um único fragmento de desordem; não há um pelo excessivo nas sobrancelhas, uma cicatriz adolescente no rosto. Consigo imaginá-lo aparecendo nas colunas sociais, com uma garota de pele radioativamente laranja a tiracolo. De repente, descubro seu desencaixe.

– Eu mudei de escritório há duas semanas. É por isso.

– Com o que tu trabalha?

– Sou empresário.

Ele morde um pequeno pedaço do sanduíche.

– Empresa de quê? – pergunto, sem saber se é uma pergunta adequada.

– Materiais hospitalares – ele diz, enquanto leva um guardanapo aos lábios estreitos. –

E tu?

– Nenhum palpite?

Ele comprime os olhos, inclinando um pouco o rosto.

– Advogada, eu diria.

A garçonete chega com o *brownie* e dois garfos. Deseja bom apetite, com um sorriso sugestivo. Acomodo o corpo no encosto da cadeira. Minha bolsa cai no chão.

– Ah, é? E por quê?

Abaixo-me para juntar a bolsa. Vejo os tornozelos de Eduardo, cobertos por meias de estampa escocesa: cinza, azul-marinho, bordô. Coloco a bolsa no assento ao meu lado.

– Algo no teu jeito de falar. Tem uma eloquência de advogada. Uma confiança de mulher independente.

Quem quer que seja Tomas Lennox, não daria essa resposta. Nunca, nem por disfarce.

Dou uma garfada no meu *brownie* e, de imediato, faço uma expressão satisfeita. Não é muito bom. Empurro um pouco o prato na direção de Eduardo, que faz um breve gesto de recusa.

– Obrigado. Vou terminar meu sanduíche.

– Deixo um pedaço pra ti.

Tomo um gole de café frio para limpar o chocolate dos dentes. Logo percebo que não foi uma boa ideia pedir o *brownie*.

– E então? Acertei?

Olho para Eduardo. Se pretendesse vê-lo mais vezes, eu poderia desfazer a mentira. Dizer que não me chamo Leona; que quis poupar minha identidade porque sou parcialmente casada.

– Foi um bom palpite. Mas eu sou jornalista.

Ele dá um leve tapa na borda da mesa:

– Juro que pensei em algo como jornalista ou publicitária também. Foi quase. Não tira meu mérito.

Eu rio, aplicando outra garfada no doce:

– Eu acho que não suportaria passar a vida tentando enquadrar os conflitos do mundo em leis.

– Sim, tenho muitos amigos advogados – diz Eduardo. – Os caras sabem tudo de cor, todos aqueles termos estranhos...

– O ônus da prova.

Agora consigo deixá-lo um pouco confuso.

– É um livro – digo, balançando os ombros. – Scott Turow.

– Hm, acho que não conheço – diz Eduardo, abocanhando o resto do seu sanduíche.

Conversamos um pouco sobre nossos trabalhos. Lamento que minha profissão esteja perdendo o valor na sociedade. Invento uma história sem nenhum fundamento sobre um grande portal de notícias latino-americano que mantém uma ramificação em um escritório ali por perto. Abuso da boa-fé de Eduardo, discorrendo sobre a decadência da verdade no mundo contemporâneo; falo em fatos alternativos, pergunto se ele acredita na verdade absoluta.

– Sim – diz Eduardo. – É uma verdade absoluta que eu encontrei uma mulher muito bonita numa tarde de quinta-feira. E quero saber como faço pra encontrar ela de novo.

Criar *fatos alternativos* me permite exercer um controle incrível da realidade. Com a ponta dos dedos, acaricio o braço de Eduardo sobre a mesa.

– Eu viajo nesse fim de semana. Vou passar um tempo fora. Cobrindo um caso.

Eduardo pega minha mão.

– Quanto tempo?

– Bastante tempo – digo. – Não sei direito ainda. Só sei que vai demorar.

Largo a mão dele e me inclino um pouco mais, deixando a camisa abrir-se num decote generoso. Ele passa os olhos por ali depressa, as represas abrindo-se à profusão do sangue. Decido propor algo mais arriscado:

– Sei que é uma hora estranha. Mas, se tu tiver um tempo, a gente sai daqui e dá uma volta.

**76.**

Leona me entregou uma caixinha retangular, com uma fita cassete onde se lia *Queen – Rock in Rio 1985*. Disse que havia gravado para mim.

– Conhece?

Eu conhecia a banda; quer dizer, sabia da existência, mas não conseguia recordar uma única canção.

– Nunca escutei.

– Sério? Impossível.

*So baby can't you see, I've got to break free*. Leona cantou numa voz baixa e bastante afinada.

– Não?

Neguei com a cabeça.

– Melhor ainda. Eu também queria ter algo tão bom quanto *Queen* pra descobrir essa noite.

Seus olhos percorreram minha boca.

Desconcertada, abri a mochila e puxei lá de dentro o Walkman. Coloquei a fita e ofereci um dos lados do fone de ouvido a ela, que se aproximou ainda mais – coxas e ombros colados. Meu pescoço palpitava. Pegou o aparelho da minha mão e pulou várias músicas até que Freddie Mercury entoasse *I want to break free*.

*I want to break free*, respondeu, em coro, a plateia do Rock in Rio de 1985.

Leona colocou o Walkie entre nós, deixando o dorso da mão pousar na minha perna.

O ônibus mergulhava na noite.

77.

Eduardo abre a porta do *SUV* vermelho. Mergulho no ar repesado do automóvel, uma gosma quente que não parece capaz de ventilar os pulmões.

– E então? – Ele senta ao meu lado e vira a chave do carro. – Onde nós vamos?

– Eu vou te mostrando o caminho, tá?

Eduardo coloca os óculos escuros, um modelo retrô que assenta bem em seu rosto anguloso. Ele deve ter uma namorada bem mais jovem do que eu, uma universitária com peitos de silicone, nariz insculpido em cirurgias plásticas e bunda avantajada. Não acho que seja um grande cretino, mas é esse seu desencana: mulheres velhas. Sexo com uma cinquentona no meio da tarde, alguém que ele não descobre dentro de um vestido tubinho nas baladas que oferecem espumante nos bares e cocaína nos banheiros.

Eduardo vai acrescentar detalhes para enquadrar essa experiência em alguma seção da pornografia. *Mommy* desesperada faz gostoso.

– Pode virar aqui, Edu. Posso te chamar de Edu?

Ele diz que sim e pergunta se eu gosto da música que está tocando. Não conheço e suprimo o fato de que acho a voz do cantor péssima. Ele me conta que Maroon 5 é sua banda favorita. Pergunta qual é a minha. Penso em responder algo bem *mommy*, para fazer o pinto dele esgaçar a cueca. Talvez *ABBA*. Poderíamos foder ao som de *Mamma Mia*. Prefiro não cair no estereótipo.

– Gosto bastante de Nina Simone.

– Essa é a do natal?

Solto uma risada curta e sinalizo para que ele dobre à direita.

– Não, não é do natal.

Nessas circunstâncias, o mais óbvio seria sugerir um motel, com toda a arquitetura conspirando para o sexo – o espelho no teto, as paredes vermelhas, as suítes temáticas e a sensação de estar sobre a ossada de coitos pretéritos. Em vez disso, faço Eduardo entrar no estacionamento anexo a um shopping. Quando ele se debruça para pegar o ticket, olho para o meio de suas pernas. Há um volume em evidência dentro das calças. Peço para que suba até um dos últimos andares do estacionamento, que, a essa hora, está quase vazio.

Depois de estacionar o *SUV*, Eduardo mantém as mãos sobre o volante. Eu tiro seus óculos escuros e os coloco sobre o painel. A música morreu junto com o motor. Tiramos os cintos ao mesmo tempo.

O beijo de Eduardo é bom, de enleios rápidos e conscientes. Beija muito melhor do que Felipe, que fecha a boca a cada movimento da língua. Passo as mãos pelas suas costas, nos aproximamos mais. O câmbio e o freio de mão atrapalham. Eduardo coloca a mão por dentro da minha blusa; subo do seu joelho até bem perto da virilha. Ele beija meu pescoço, eu retomo sua boca. Tamanho médio, funcionando. Fico satisfeita e solto um gemido baixo, de propósito. *Mamãe desesperada ataca garoto no estacionamento do shopping.*

Deixo que ele desabote os primeiros botões da minha blusa e desafivele meu sutiã, enquanto esfrego a mão sobre o volume da calça. Ele beija e lambe meus seios. Eu me afasto um pouco para conseguir tirar seu cinto. Eduardo observa o próprio pau emergir de dentro da cueca, a cabeça vermelha latejando. Parece gostar disso, um autoerotismo que me excita ao mesmo tempo em que me faz achá-lo ridículo. Não é circuncidado. Coloca a mão na minha coxa enquanto o masturbo devagar, com o seio nu encostado em seu ombro. Acaricio o saco e me surpreendo ao ver que está liso. Eduardo deve usar cera quente, algo que eu nunca fiz. Acelero a punheta, movimentos curtos, mais perto da ponta do que da base. Espremo minhas pernas com força uma na outra. Às vezes, confiro se há alguém no estacionamento, mas só vejo colunas de concreto e linhas vazias no chão.

Eduardo sobe um pouco mais a mão, tentando levantar minha saia. Não chegará muito longe desse jeito. Ergo-a eu mesma, enrolando o tecido na cintura, enquanto Eduardo afasta o banco do motorista. Sento-me sobre ele e só peço que goze fora de mim. Com as duas mãos nos meus quadris, Eduardo impõe um ritmo rápido enquanto geme quente junto às minhas costas. Seguro o volante com força. O medo de ver surgir alguém no estacionamento me excita muito mais do que o desempenho dele; não quero que faça nada diferente, não quero que me masturbe, que me chupe, que me olhe. Quero que faça o que está fazendo: me coma no meio do estacionamento de um *shopping*, no meio de uma tarde quente de outubro.

**78.**

Reconheci as batidas de *We Will Rock You*; Leona ergueu a sobrancelha, sorriu e começou a marcar o compasso da música na minha perna. Estávamos muito perto, ligadas pelos fones de ouvido, pela voz de Freddie e por alguns centímetros de contato entre nossas peles. Ela deixou despencar seu fone. Tirou o meu com cuidado e me entregou o Walkie.

– Tu vai ter a vida toda pro Freddie.

Enrolei os fios em volta do aparelho e guardei na mochila. Agradei o presente e prometi que ouviria durante o final de semana.

Na verdade, escutei aquela fita até que se gastasse, durante muitos anos. Até hoje, guardo-a dentro da caixa dos documentos importantes – junto à minha certidão de nascimento e ao meu passaporte.

Permanecemos muito próximas uma da outra. O ônibus sacolejava, vencendo uma zona de turbulência rodoviária. As janelas não passavam de retângulos negros ao nosso redor, desvelando pequenas porções de um mundo apagado. Éramos o ventre de luz no espaço infinito. Os cabelos de Leona exalavam um perfume magnético, algo sintetizado entre feromônios, bosques e frutos picantes. Nossas bocas quase se encontravam quando comentávamos algo tão vago quanto a temperatura, a iminência da chuva, a tonalidade incerta da minha blusa.

De repente, estávamos há minutos em silêncio. A certeza de que desejávamos o mesmo esbordoava no meu medo de estar enlouquecendo. Por não saber se aquela sensação pairava *entre nós* ou habitava *em mim*, eu nunca poderia ter tomado a iniciativa.

Poderíamos ter dito algo que rompesse o momento, acho que estivemos muito perto de perdê-lo; mas Leona o tinha sob controle, como sempre teve.

Foi um beijo gradual – bocas que se tocam e, aos poucos, se entranham.

**79.**

Prezado Tomas Lennox,

O mundo é mesmo um lugar esquisito.

Entrarei em férias a partir da próxima semana e estou com passagem reservada para... adivinhe? Buenos Aires! Seria ótimo se pudéssemos nos encontrar para um café em Puerto Madero. Ou outro lugar que talvez tu possas sugerir.

Abraços,

Charlotte Voigt.

**80.**

Eduardo pede desculpas.

Uso um lenço do porta-luvas para limpar o gozo que escorre entre minhas coxas.

Não digo nada.

Ele pergunta se estou bem.

Não digo nada.

Ele pergunta se eu quero que me leve para algum lugar.

Se pode anotar meu número.

Não digo nada.

Ajeito a saia, calço os sapatos, prendo os cabelos no retrovisor.

Pulo para fora da *SUV* e atravesso o piso polido a passos de fuga, produzindo ecos assombrosos no estacionamento.

## 81.

Enquanto beijava Leona, os acontecimentos apenas fluíam conforme leis irresistíveis. Nenhum pensamento interceptou aqueles minutos vibrantes.

Passei todo o sábado seguinte andando pelas trilhas abertas na mata que circundava a casa dos meus avós, escutando a fita do *Queen*. Isolada numa cortina de sons e lembranças, recorria às imagens da madrugada e concebia outras tantas – coisas que ainda viveríamos naquele ônibus, que ainda poderíamos viver, porque o mundo – aquele mundo – era nosso.

Com o suor escorrendo pela nuca e a camiseta grudada na pele, sentei na grama, sob a sombra de uma grande nespereira. Às três horas da tarde, a atmosfera pesava – o calor era inebriante.

De olhos fechados, com a música pausada, pensei em Leona abaixando-se sobre mim, enlaçando minha cintura com as pernas, despindo minha camiseta, me beijando, passando a língua pela pequena fenda que marca a longitude do meu abdômen.

Acordei no momento em que a pressão entre minhas pernas atingia aquilo que foi o primeiro orgasmo de que me recordo. Um vento fresco agitava as folhas; havia pequenos galhos grudados nas minhas coxas e algumas formigas passeavam pelas minhas canelas. Relâmpagos descoravam o céu. Voltando para casa, com *Love Of My Life* tocando no Walkie, tentei lembrar se, no sonho, Leona tinha pelos – se estavam distribuídos da mesma forma que os meus.

Eu ainda precisaria esperar duas semanas para descobrir.

82.

Charlotte,

Não temos por que adiar a conversa, então! Quando exatamente você chega em Buenos Aires? Já sabe onde vai se hospedar? Conheço diversos cafés tranquilos onde você pode me contar sua história. Posso sugerir bons hotéis a preços acessíveis, se precisar.

Tom

83.

O último e-mail também não soa como Leona; me ocorre que ela tenha encarregado outra pessoa de respondê-lo, a fim de dissolver minhas suspeitas. Não consigo imaginar por que ela insistiria tanto em não ser descoberta, mas a verdade é que sei muito pouco.

O mais provável, contudo, é que minha teoria se baseie em uma série de coincidências desprezíveis, arranjadas para corresponder à minha vontade de acreditar no retorno de Leona trinta anos depois.

O mesmo tipo de farsa que movimenta copos sobre tabuleiros *ouija*.

E, nesse caso, não faz sentido tomar um avião para outro país.

De qualquer forma, aqui estou, à meia-noite de sexta-feira, pesquisando a temperatura para os próximos dias em Buenos Aires e reservando o quarto seiscentos e dois num antigo hotel da área central. Toda vez que as normas do bom senso me recomendam a desistência, lembro que o bom senso não tem nada a dizer sobre os demais eventos da minha vida. O homem que deu um tiro na própria cabeça dentro do interurbano onde eu viajava. A garota por quem me apaixonei empurrando o revólver de volta às mãos do suicida. Meu ex-marido que se instalou na sala de TV vendo pornografia com peixes e galinhas.

Aliás, o bom senso não pode repreender coisa alguma, quando tudo o que faz é louvar comportamentos *ad nauseam*: aprenda os códigos da sua estufa existencial, cubra os mamilos, compre um sedan, use talheres, administre seu medo de morrer, contenha sua essência mais genuína até que esteja esquecida sob o verniz impenetrável das pessoas comuns.

Consigo comprar a passagem de avião para as cinco e cinquenta da manhã seguinte – um sábado que prenuncia uma semana de tempo ensolarado na capital da Argentina. Coloco uma *playlist* de rock antigo para tocar enquanto arrumo as malas; um ânimo inesperado me leva



a ressuscitar antigas performances de David Bowie diante do espelho do quarto. Nem me passa pela cabeça tentar dormir essa noite.

#### 84.

Pelo mesmo motivo que não gosto da Robô Sophia, não gosto de aviões. São uma afronta aos propósitos dos seres telúricos, uma subversão às leis da natureza. Existe uma força constante conspirando pela tragédia dos voos, puxando-nos de volta ao solo. Sem falar nos pássaros que se lançam para a goela das turbinas, numa brava e suicida reivindicação do espaço.

Não gosto de aviões.

A garotinha sentada à janela, na mesma fileira de bancos, também descobrirá que não gosta.

Por enquanto, conversa com a mãe – uma argentina ossuda, de cabelos castanhos, com tamancos de madeira nos pés. As duas interagem numa espécie de performance, cujo objetivo é me captar enquanto espectadora. A mulher motiva a filha a discorrer sobre seus planos para o retorno a Buenos Aires, preocupando-se em explicar algumas referências cifradas da menina, como sua relação com o tio Facundo, *el novio de mamá*, ou a vontade de tomar sopa, *pero sólo la hecha por mamá*. Ali está uma mulher que tem um objetivo real nesse mundo e, por isso, espera que eu as observe com ternura, estimando a beleza suprema da maternidade.

Para frustrá-la, começo a folhear uma revista que encontrei no bolso do assento à minha frente, me detendo na entrevista de uma dupla sertaneja que não distingo de qualquer outra dupla sertaneja.

O avião se alinha à pista de decolagem e começa a tomar velocidade. A garotinha para de responder à mãe e se fixa na janela, observando a pista rolar cada vez mais depressa sob a gaiola de metal que, em breve, nos lançará pelos ares.

Quando as rodas se descolam do chão, avançando na contracorrente da ordem, ela manifesta os primeiros sinais de pavor. Começar a bater os pés no banco da frente e grita, cada vez mais alto:

– ¡Vamos abajo! ¡Vamos abajo!

#### 85.

Chego a Buenos Aires com a noite posta, depois de uma exaustiva conexão em São Paulo. Balas de café e sanduíches oferecidos pela companhia aérea constituem as únicas refeições do meu dia. Com uma boa quantidade de pesos argentinos na mochila, embarco em um táxi.

O motorista corre bastante pelas amplas avenidas. Com a cabeça encostada ao vidro, fico pensando em que parte daquela grande metrópole Leona poderia morar. Acho que a cidade combina muito com ela. Ambas são incompreensíveis, anacrônicas, compostas por elementos inconciliáveis. Buenos Aires habita o progresso e a história, o charme e a decadência. Já estive aqui outras três vezes, duas delas com Felipe. Faróis correm ao meu redor, tão velozes que se tornam riscos de luz, uma dimensão onírica através da qual eu gostaria de viajar para sempre.

O hotel fica num prédio antigo do centro da cidade. As portas giratórias douradas e o pé direito imenso me transportam para a trama investigativa de um filme *noir*. Enquanto faço o *check-in*, peço à atendente uma sugestão de bar ou restaurante ali por perto. Ela me explica que há uma *cervecería* que prepara ótimos *bifes de chorizo* do outro lado da rua.

O quarto é um pouco sombrio – talvez carregado demais nas sobreposições de bege –, mas limpo e perfumado, com uma cama de casal e uma televisão moderna que destoa do ambiente. Procuro uma jaqueta jeans na mala, passo um batom discreto e saio, antes que o cansaço me chumbe em definitivo sobre o colchão.

O bar indicado pela atendente é do tipo que possui prateleiras de vidro repletas de garrafas de cores berrantes. Garçons manipulam torneiras de onde vertem líquidos áureos, coroados por uma espuma densa. Cada torneira expela uma tonalidade diferente de cerveja artesanal.

Peço que o garçom me traga o tal do *bife de chorizo con papas* do cardápio, além de uma cerveja escura e assumidamente amarga. A cerveja pode ser, ao mesmo tempo, amarga e desejável; eu, inclusive, prefiro as menos palatáveis, por razões psicológicas que associam ao amargor uma essência genuína, sem aditivos que mascaram a verdade substancial. Minha mãe gostava de dizer que as frutas eram doces para atrair os pássaros, pois assim eles espalhavam as sementes. Eu ficava pensando nas frutas amargas – se não tinham interesse em reproduzir-se ou se havia outro modo de se deixarem levar, talvez pela força dos ventos, das enxurradas, dos tornados.

Começo a reparar numa moça que, sentada numa banquetta alta junto ao balcão, bebe o que parece ser uma dose de uísque; usa botas de franja, estilo *country*. As costas magras se recortam contra a regata branca, os cabelos negros estão presos no alto e mechas sinuosas caem

até a nuca. No último e-mail enviado, mencionei o nome do meu hotel para Tom Lennox. O ambiente esverdeado se liquefaz ao meu redor, o coração bate depressa, subindo pela jugular. À minha volta, as conversas embaralham-se em interjeições desconexas, gargalhadas bestiais, órbitas alucinadas. As espáduas salientes de Leona, os braços estreitos e fortes envolvendo meus ombros, puxando as cortinas azuis, apoiados sobre o balcão iluminado de um bar à meia-noite e vinte, na capital da Argentina.

A mulher não vira o rosto. Nunca vira o rosto.

O garçom traz minha *cerveza oscura*, pergunta se sou *brasileña*. Digo que sim. De Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Ele assente, como se aprovasse com restrições minha resposta: relativamente brasileira, nada a dizer sobre as praias paradisíacas.

– ¿*Ronaldinho Gaúcho?*

– Esse mesmo. Vi numa churrascaria, uma vez.

– ¿*No sacaste una foto?*

Nada mais distante dos meus sonhos do que tirar uma foto ao lado de um jogador de futebol. Aliás, fiquei bastante irritada por Felipe dedicar mais de duas frases sobre o episódio. Tento enxergar a mulher no balcão, mas o animado garçom me impede.

– *No*. Vai demorar muito o prato? – pergunto. A sensação de irreabilidade continua; temo que beber de estômago vazio possa agravá-la.

– *Veinte minutos*.

Quando o rapaz sai, vejo que a mulher não está mais no balcão. Corro os olhos por todo o bar – risos, dentes, beijos, taças, reflexos, seios, brilhos –, mas não a encontro. Perscruto o chão: saltos, *All Star*, sapatilhas, verniz, plataformas, scarpins, sandálias, dedos, sapatênis, unhas, mas não as botas de franja – as impossíveis botas estilo faroeste, que nunca vi Leona usar, mas que poderiam muito bem ser a nova aquisição de seus cinquenta anos de idade.

O chão ainda é um lugar inconstante. Essa sensação já me assombrou outras vezes – de que estou prestes a desmaiar em território inimigo, onde mãos desconhecidas me carregariam para destinos ainda mais incógnitos. A única vez que desmaiei, no entanto, foi dois dias antes de prestar a prova do vestibular para direito, depois de vomitar um sanduíche de atum na privada. Tive tempo de deitar na minha cama, assistir ao ventilador dissolver-se em tons cada vez mais impenetráveis de vermelho e, então, apaguei.

Na terça-feira do dia 19 de março, recebemos, no salão nobre da faculdade de direito, um professor com obesidade mórbida, que deu aula sentado em duas cadeiras postas lado a lado: um gênio da área do direito do consumidor. O assunto até me interessava um pouco, mas não prestei atenção. Escolhi um assento bem ao fundo, longe dos meus colegas, e comecei a desenhar Leona nas últimas páginas do caderno. Minhas habilidades de desenho, desenvolvidas ao longo de muitas aulas como aquela, não davam conta de detalhes faciais, de modo que a desenhei de costas, tomando como modelo vivo uma garota de vestido que se encontrava duas fileiras à minha frente, acentuando as espáduas e o relevo da coluna para corresponderem à magreza de Leona. Suprimi o vestido, tramei os cabelos cheios a despencarem bem além da linha dos ombros; contornei os braços, a cintura, as pernas finas, as nádegas, os tornozelos.

Não percebi quando Daniel – um colega que me convidava para sair toda semana e que se candidataria a deputado estadual quinze anos mais tarde – chegou por trás de mim, olhando sobre meu ombro e sussurrando:

– O que tá fazendo?

Tentei fechar depressa o caderno.

– Espera, deixa eu ver. Tu desenha bem.

– Não.

– Qual é o problema? Eu só quero ver.

– Não, eu só tô entediada.

– O que era? Me deixa ver.

Ele passou o braço sobre mim, tentando abrir o caderno.

– Para, Daniel.

– Era uma mulher pelada? Eu quero ver.

– Não.

Alguns rostos se voltaram para nós.

– Quem era?

– Cala a boca, não te interessa.

Ele ergueu as mãos, em sinal de rendição, e parou de me atormentar. Voltou para as fileiras da frente, onde proliferavam brincadeiras e risos, cujo alvo devia ser o professor obeso.

Apenas no dia seguinte percebi que a página do desenho havia sido arrancada do caderno, provavelmente durante o intervalo, quando desci para tomar café e deixei os materiais no salão, dentro da mochila. Restavam apenas as rebarbas do papel e os contornos quase invisíveis na folha posterior.

Minha raiva me fez sair em meio à aula da manhã. Enquanto atravessava a avenida, lágrimas quentes lavavam a matéria tóxica que o tráfego das onze horas borrifava no meu rosto: um cuspe de fuligem.

Peguei o Walkie, mas não quis misturar os bons sentimentos que *Queen* me despertava com a raiva que sentia de Daniel. Achei que era o momento para estrear a fita dos *Sex Pistols* que eu comprara numa lojinha obscura, fincada no meio de uma rua íngreme e estreita do Centro Histórico. Era lá que eu comprava quase todas as minhas fitas. Leona tinha um botton amarelo da banda na mochila, então pensei que seria legal se eu conhecesse.

Coloquei para tocar e, desde a primeira faixa, achei a música insuportável – nada como as melodias de *Queen* ou o vocal diáfano de Freddie Mercury. Eu ainda não sabia quem era Sid Vicious e nem podia imaginar as razões que o levavam a detonar todos os princípios da harmonia daquele jeito, mas estava disposta a assumir *Sex Pistols* como minha primeira discordância em relação ao gosto de Leona. Se aparecesse o assunto – ou se eu tivesse coragem de trazê-lo à conversa –, eu diria, com todas as letras, que a banda era uma grande merda. O bom gosto pode ser relativo e a interpretação estética pode ser subjetiva, mas *Sex Pistols* é, em todos os universos concebíveis, uma tremenda merda.

Se alguma vez tivesse afrontado Leona, talvez ela começasse a me respeitar. Mas isso nunca aconteceu.

Ocorre que a bateção de panelas de *Never Mind The Bollocks* funcionava como uma destilaria de raiva. E eu estava com raiva. Com muita raiva.

O garoto no vocal detestava o mundo inteiro, inclusive Daniel. A humanidade era uma latrina indigna de qualquer arte mais elevada; foi para essa latrina cheia de merda e escarro que eu e Sid Vicious empurramos Daniel, a sociedade burguesa e a rainha da Inglaterra. Posso dizer que o primeiro linchamento hipotético que cometi ao lado de Sid Vicious foi o do futuro deputado Daniel. Houve outros, mas Daniel cuspiu os próprios dentes numa poça de sangue ao som de *Problems*.

Um bebê ouvindo uma canção de ninar, brincando com o mobile sobre o berço: fiquei assim, olhando para o Walkie, deitada no sofá da sala, com os poros do rosto absorvendo as lágrimas cinzentas.

O melhor era fingir que não havia sequer percebido a violação do caderno, que não dava importância ao fato de que meu colega profanara uma parte tão íntima – mais íntima do que ele próprio podia conceber.

Durante a aula de quinta-feira, Daniel manteve a atenção fixa em mim. Ignorei com bravura seus olhares ardilosos.

No começo da noite de sexta-feira, ele me interceptou no corredor:

– Oi. Tudo bem contigo?

Fiz um sinal afirmativo e tentei contorná-lo.

– Ah, espera. Tu parece meio irritada. Aconteceu alguma coisa?

– Não – respondi.

– Estranho. Nada de errado?

– Não. E tu?

– Tudo bem.

– Então tá ótimo.

Ele colocou as mãos na cintura e apertou os olhos, tentando sondar algo além do que eu dizia:

– Vamos tomar uma cerveja hoje, depois da aula?

– Não posso. Preciso ir pra casa.

– Sempre uma desculpa. Passa em casa e, depois, me encontra.

– Não dá.

– Dá sim.

– Tá.

– Tá?

Tentei contorná-lo outra vez, mas ele me conteve pelo braço.

– Tá?

– Já disse que tá.

– E onde a gente se encontra? Que horas?

– Às onze e meia. No Ocidente.

– Mais cedo não dá?

– Não dá.

– Tudo bem. Tá combinado. Onze e meia, no Ocidente.

– Sim.

– Combinado mesmo?

– Sim, Daniel. Tu quer que eu assine?

– Não precisa. Te vejo lá. Onze e meia, no Ocidente.

Fez questão de dizer isso alto, de modo que alguns colegas pudessem ouvi-lo.

Às onze e meia daquela sexta-feira, eu estava na rodoviária de Porto Alegre, esperando Leona.

Mais de quinze mil pessoas votaram em Daniel nas eleições de 2006. Eu, é claro, não fui uma delas.

## 87.

O banheiro da cervejaria portenha tem baldes de gelo em vez de cubas na pia. Diante do espelho, prendo o cabelo com a borrachinha que sempre trago no pulso. É um grande dever levar adiante esse projeto humano: dez trilhões de células ecoando no espelho. O medo de *ir abajo*, do começo ao fim.

Da única cabine fechada emerge uma mulher baixa, extremamente pálida: usa *sneakers*, um estilo absolutamente feio de tênis que entrou na moda há uns dois anos atrás, mas precisa sair com urgência. Feios como botas ortopédicas, com velcros em vez de cadarços.

Percorro todo o bar, entre estilhaços de assunto, bebidas neon e um cheiro floral de lúpulo. Nem sinal da mulher de botas *country*.

Volto ao meu lugar, onde um mofo glacial cobre meu *pint* de cerveja. Mais de vinte minutos depois, surge meu *bife de chorizo con papas*, mais passado do que eu gostaria, mas, ainda assim, muito bom.

## 88.

Não recordo se fez muito mais frio no inverno de 1991 do que nesses invernos do século XXI, o século apocalíptico, o século do urso polar desnutrido sobre uma placa de gelo à deriva no Ártico. O fato é que houve ao menos uma noite glacial naquele que foi o ano de Leona, o ano do ônibus à deriva na estrada: uma madrugada de agosto em que a sensação térmica não ultrapassava os 5°C, sem ventos ou promessas de chuva, ar imóvel, ruas entregues a um abandono apocalíptico.

Eu trouxera uma manta enrolada debaixo do braço, sob a qual nos beijamos, nos esfregamos, nos tocamos. A ânsia por calor e prazer nos manteve ocupadas durante metade do trajeto; eu estava perto de adormecer quando Leona tirou o braço dos meus ombros, indo buscar dentro da sua mochila uma pasta de elástico cheia de fotografias.

– Charlie, olha essas fotos e me diz o que tu acha.

Uma cozinha de azulejos cor de oliva, com um grande relógio marcando meio-dia acima do fogão e um calendário de oitenta e nove na parede, na folha do mês de setembro, com uma ilustração de Ave Maria. Na imagem seguinte, um quarto pequeno, com uma cama de solteiro arrumada e um pôster de um grupo musical porto-riquenho chamado Menudo; sobre o travesseiro, um gato amarelo. Uma estante de livros com porta-retratos de um casal, uma bicicleta coberta de ferrugem, uma pilha de cartas lacradas.

– O que são essas fotos?

– São pra uma matéria que vou escrever.

– Sobre o quê?

– Pessoas ausentes.

Devolvi as fotografias. Havia nelas uma aura sombria.

– Ausentes como?

– Cada fotografia é uma ausência diferente. O garoto da bicicleta era esquizofrênico e desapareceu. A mulher do porta-retratos tá há anos em estado vegetativo. A dona dessa cozinha foi internada numa clínica depois que perdeu o filho. E essas cartas continuam chegando pra esse filho morto.

– Achei bem triste – eu disse. – Como tu conseguiu todas essas fotos?

Leona voltou a guardá-las na pasta.

– Comecei esse projeto há muito tempo.

Ela precisava que eu não apenas incentivasse a ideia, mas aplaudisse sua genialidade, dizendo que era algo muito importante para o mundo. Eu apenas achei aquilo triste. Preferia ouvir Leona falando sobre bandas de rock, cinema e literatura.

– É bem triste.

Ela ergueu a barra da manta, acomodando-se de novo ao meu lado, sem me abraçar.

– É o que é, Charlie.

– Mas isso não te deixa triste?

Ela franziu as sobrancelhas.

– Não. Não acho triste.

Depois de um tempo, vendo que, se dependesse de mim, o assunto estaria encerrado, ela prosseguiu:

– De um jeito ou de outro, as pessoas desaparecem. Sempre foi a regra do jogo.

– É que essas tuas fotos me fazem pensar na morte. A morte é triste pra todo mundo.



- Não é triste pra quem morre.
- É triste pra quem fica. Tu já perdeu...

Leona não me deixou terminar a pergunta.

– Justamente porque a gente tem essa cultura ridícula de fingir que não existe. De só tocar no assunto quando não tem outro jeito. De colocar as pessoas pra morrerem dentro de um hospital, onde ninguém pode ver. Porque ninguém pode ver a morte. Tem que fingir que é pra sempre. Se a gente não fala do monstro, ele deixa de existir. É o elefante na sala. Eu quero mostrar o elefante na sala.

## 89.

Apesar do cansaço, demoro a adormecer. Fico me revirando na cama do hotel, escuto um pouco de música, leio alguns capítulos do romance que trouxe na mala. Marquei de encontrar Tom Lennox na terça-feira, portanto amanhã tenho o dia livre para fazer meu turismo solitário por Buenos Aires.

Antes de mergulhar num sono que se prolongará pelas próximas seis horas, consulto o relógio: são quase três da madrugada.

## 90.

– Leona, o Freddie.

Leona largou a mochila no chão da rodoviária e me abraçou. Ficamos assim durante algum tempo, eu contendo a vontade de chorar, com o rosto imerso no perfume que habitava as fibras de sua camiseta preta. Faltando dois dias para o final de novembro, a morte de Freddie Mercury era apenas a tristeza que eu conseguia exprimir.

Leona ainda era uma ideia fixa que ocupava todos os minutos da minha semana. Eu queria que ela me desejasse a ponto de se tornar hostil, me despindo nos quilômetros da rodovia. Agora, contudo, algo inexprimível contaminava a verve eufórica da paixão: a consciência de que, depois do ápice, só me restava a queda.

*Vamos abajo, vamos abajo.*

Entramos no ônibus, como toda sexta-feira. Puxei a cortina e, antes que o motorista desse a partida, beijei Leona. Ela se deixou envolver.

Ainda que eu mesma não pudesse sustentar essa decisão lá fora, eu queria convencê-la a ficar comigo. Queria que Leona me obrigasse a aceitar sua permanência, violando a natureza breve dos pequenos universos.

## 91.

Depois de um banho rápido, aproveito para improvisar um *brunch* no buffet do café da manhã do hotel, me servindo de ovos mexidos, bacon, pães, queijos, croissants e suco de laranja. Faço a refeição já com a mochila entre os pés, com tudo que vou precisar para o turismo da tarde – o celular, os fones de ouvido, alguns pesos argentinos.

Conheço um pouco da geografia da cidade. Vou em direção à Praça de Maio e à Casa Rosada. Pretendo caminhar o máximo que conseguir, evitando entrar num círculo de suposições para o que me espera no dia seguinte.

Observo os rostos femininos que passam por mim, ávida por encontrar neles o sorriso ambíguo, os olhares à espreita, os indícios de que algo grande está para acontecer.

Na Praça de Maio, queria ver as mulheres tristes – *Las Madres de Plaza de Mayo* – na infinita espera de filhos e filhas desaparecidos durante a ditadura militar argentina. Não sei quando se reúnem em torno da Pirâmide de Maio. Quantas se cansaram, quantas desistiram? O esquecimento não é uma forma de resiliência? A obstinação não é uma forma de virtude?

*Las madres no están aquí.*

Coloco-me diante da pirâmide branca, numa solitária expectativa sem grande relevância para a história.

## 92.

Fotografias de paisagens urbanas, monumentos inertes, pedestres desconhecidos: muitas fotografias de paisagens, monumentos e pedestres para a quais nunca voltarei, porque não têm valor artístico ou afetivo além dessa sensação material de que armazeno estilhaços do presente.

Felipe costumava me fotografar durante as viagens, sem que eu percebesse, em poses casuais: tomando café, admirando uma obra de arte, atravessando uma rua ou amarrando os cadarços, como faço agora.

Compro uma miniatura de guitarra de um vendedor ambulante. Um sol comedido aquece as estruturas de concreto, rebrilhando contra as lentes douradas dos meus óculos escuros, um *Clubmaster* bastante bonito que me exime de soterrar a região dos olhos com maquiagem corretiva.

Com o *Google Maps*, eu conseguiria encontrar uma sorveteria vegana na Coreia do Norte.

Todas as metáforas poéticas que traduzem a cidade como um corpo – as ruas como artérias, o fluxo de pessoas como o fluxo do sangue – são miseravelmente óbvias e precisas.

Meu avatar amarelo no *Google Maps* ficou preso em uma esquina da qual não consigo movê-lo, por mais que clique em todas as direções. Calculo em quatro por cento minhas chances de terminar o dia de amanhã num quarto de hotel com Leona. Tentando me mover pelo mapa virtual, acabo indo parar dentro do que parece ser um prédio histórico, com uma grande cúpula envidraçada; descubro que se trata da Casa Legislativa, diante da mesa do Deputado Sergio Abrevaya, lugar que não me interessa visitar. O ângulo da fotografia pressupõe que o fotógrafo tenha se sentado à mesa dos parlamentares. Há sujeitos em trajes formais com rostos fora de foco. Sincronizo os passos do meu avatar invasor com minha localização física no momento, ao lado do obelisco.

Depois de caminhar por uma hora – tendo passado por quase todas as faixas da *playlist* reservada para o domingo –, encontro a Livraria El Ateneo, situado num prédio inaugurado para ser o teatro *Grand Splendid*. Ando pelo ambiente babélico, fisingando alguns títulos em espanhol junto às inesgotáveis lombadas. Ainda levarei uma hora para encontrar aquilo que procuro: *El Largo Adiós*, de Raymond Chandler.

### 93.

Estendo todas as blusas, calças e saias que trouxe na mala sobre a cama do hotel. Às duas horas da manhã – exausta pelo dia que passou, mas inquieta pelo dia que virá –, sei que é inútil tentar dormir. Um filme dublado em espanhol passa na televisão. Separo um jeans preto e uma camiseta nem muito justa, nem muito larga. Não sei quem vou encontrar no café sugerido por Tom Lennox, portanto não sei quem devo ser.

94.

Não sei se devo classificar como delírio ou sonho lúcido minha busca por uma suposta fórmula matemática para pegar no sono, uma fórmula que não consigo lembrar enquanto fico me tapando e destapando até as cinco horas da manhã.

95.

Chego ao café quarenta e cinco minutos antes da hora marcada por Tom Lennox. Apesar de ter dormido muito pouco, uma energia sôfrega percorre meu corpo; estico as mãos e percebo que meus dedos tremem.

O café fica em uma casa que parece menor devido à fachada estreita e às paredes escuras. Passo por uma antessala com uma estante de livros e dois sofás de couro preto, onde um senhor mexe num *tablet*. Mesas de ferro e madeira rústica se distribuem pelo ambiente principal; atrás do balcão, a tela do computador despeja uma luz fantasmagórica sobre o rosto de um homem de barba comprida. Há sacas de grão empilhadas numa estante metálica. Um perfume amargo enche o ar.

Demoro a entender que o elemento estranho daquele café é o silêncio; não há nenhuma música de fundo ocupando as lacunas de diálogo dos poucos clientes que dividem mesas. Todos sentam-se afastados e conversam baixo; os que estão sozinhos parecem imersos em seus *cappuccinos*. Ninguém repara muito na minha presença.

Um garçom pergunta onde eu gostaria de me sentar. É cordial, mas pouco caloroso. Aponto uma mesa de dois lugares junto à parede, iluminada por um pequeno abajur. Pego o cardápio e digo que vou esperar outra pessoa.

É como se faltassem mobílias imprescindíveis no café silencioso. Sempre detestei a música ambiente – uma intrusão do proprietário nos gostos plurívocos da clientela. Nas salas de espera, o pop industrial que antecede os exames ginecológicos e os diagnósticos de gastrite aguda me soa ainda mais inapropriado. A música, contudo, impede que as conversas alcancem os ouvidos alheios, delatando a natureza e a matéria das relações que se desenvolvem ao redor de cada mesa.

96.

Sete minutos após a hora marcada, cogito ir embora, abandonar uma espera que começa a se tornar insuportável.

Um rapaz entra no café, cumprimentando com um aceno o atendente de barba. Veste uma camiseta cinza e calças jeans azuis. O rosto barbeado possui uma fenda no queixo.

Para diante do balcão e olha em volta. Ao me ver, ergue as extremidades dos lábios num sorriso breve. Aproxima-se da minha mesa; quando me ergo para corresponder ao aperto de mão, constato que temos a mesma altura.

– Prazer, Tomas. O Tom Lennox.

Ele pisca os dois olhos, como se quisesse piscar um só.

97.

– Que achou do lugar? – diz Tom, virando o cardápio para si e passando os olhos pela seção dos cafés. – Já pediu?

Digo que achei o lugar interessante e que o estava esperando chegar para pedir.

– Sugeri aqui porque é calmo. Eu sempre peço o *cappuccino* tradicional mesmo.

A maneira como pronuncia as frases, olhando para o cardápio, sugere certa timidez. Aos poucos, submeto-me à realidade: Tom é apenas Tom, um jovem jornalista brasileiro que vive em Buenos Aires. Não há Leona, ela não está aqui, permanece impossível. *É o que é, Charlie. A vida. Nada muito impressionante.*

Tento recompor a reversão de todas as expectativas geradas clandestinamente. Tom parece um rapaz agradável, alguém que pode tornar a tarde divertida. Há coisas sobre Leona que ele já sabe, outras que ele pode se interessar em saber. A maioria eu vou omitir.

Sem muita criatividade, peço o mesmo *cappuccino* que Tom. Estabelecemos um acordo tácito: o assunto *Leona* depende da chegada dos *cappuccinos*. Assim, ingressamos nas preliminares da conversa.

Ele me conta que, além de atuar como jornalista, dá aulas em universidades; menciona a namorada, Aline, que faz residência médica. Conheceram-se no Brasil, ele me conta, mas ela se mudou para Buenos Aires, onde ele mora desde os quinze anos. Conto para Tom que visitei

a cidade algumas vezes e que gosto muito das avenidas largas. Transitamos por assuntos mornos até que nossas taças cheias de *cappuccino* sejam colocadas à nossa frente.

Leona se torna inevitável.

98.

Tom não pega um gravador ou um bloco de notas; não dá indícios de que tenha um interesse jornalístico na minha história. Nossa conversa é extraoficial. Bebo um gole do *cappuccino* e começo explicando, de forma um tanto atrapalhada, todos os bons indícios que me fizeram acreditar que ele fosse Leona. Ao enunciá-los, perdem a força; tornam-se quase absurdos, me fazem soar maluca.

O rapaz, no entanto, é um ouvinte encorajador; me interrompe apenas para mostrar que presta atenção. Faz movimentos assertivos, mostra-se interessado, parece compreender meu ponto de vista.

Não digo nada sobre a natureza da relação que eu tinha com Leona, muito menos sobre o acontecimento que marcou nossa ruptura. Conto que tivemos boas conversas ao longo daquele ano. Eu era uma garota do interior, não me identificava muito com meus colegas do curso de direito; Leona me mostrou uma porção de bandas, livros e filmes que me ajudaram a construir uma identidade. Ele pergunta quais bandas, quais livros, quais filmes – e isso é o mesmo que perguntar *qual identidade*. Quer saber se eu continuo escutando os rocks antigos, se já me rendi aos seriados. Falo em Raymond Chandler, tiro da mochila *El Largo Adiós*.

– Esse livro aqui. A Leona gostava bastante. Tem um cara chamado Lennox. Um personagem bem enigmático.

Tom vira o livro nas mãos, com o sorriso de quem maneja uma velha lembrança. Começo a desconfiar que não é tímido, mas circunspecto; não faz muita questão de me manter a par do que se passa dentro de sua própria cabeça, embora consiga, com breves intervenções, desentranhar de mim mais confissões.

– Achei que ela tinha tirado o Lennox daí. Leona era um pouco como ele.

– Como assim?

– Enigmática.

– É uma edição bem bonita – diz Tom, me alcançando o livro.

– É um presente.

– Sério? Muito obrigado. Eu gosto muito do Chandler, muito mesmo. Vou reler esse aqui, agora em espanhol.

Tom guarda o livro na pasta. Há cinco medidas de doçura para cada medida de malícia em seus olhos; tem cílios longos e cabelos castanhos de comprimento quase militar.

– Charlotte...

Antes de prosseguir, Tom fica alguns segundos descrevendo movimentos concêntricos com a colher no resto do café, observando o vórtice leitoso no fundo da taça. Ergue o rosto, diluindo num sorriso tranquilo o peso das palavras seguintes:

– E se eu te dissesse que o nome dela não é Leona?

## 99.

Na contabilidade estudantil, eu e minhas colegas de apartamento – Carla e Olívia – dividíamos nossas rendas do estágio entre o aluguel, as contas, a comida e o transporte. Restava uma pequena margem para os gastos supérfluos, que elas aplicavam em roupas, sapatos, festas universitárias e coquetéis exóticos.

Quanto a mim, com toda a existência voltada para as noites de sexta-feira, formei uma coleção respeitável de fitas de rock, preenchi uma estante de livros de ficção e passei a alugar filmes na locadora, desenterrando do acervo da *Take* as obras-primas de Alfred Hitchcock (*Janela Indiscreta*, *Psicose*, *Os Pássaros*), Stanley Kubrick (*Uma Odisseia no Espaço*, *Laranja Mecânica*, *O Iluminado*), François Truffaut (*Jules e Jim*) e Roman Polanski (*Repulsa ao Sexo*, *Chinatown*), além dos clássicos absolutos (*Cidadão Kane*, *Casablanca*, *Crepúsculo dos Deuses*) e das sequências célebres (*O Poderoso Chefão* e *De Volta ao Futuro*). Leona falava de Hitchcock e Kubrick com uma reverência incontida, mas considerava o cinema francês o melhor de todos.

Parecia ter assistido a todos os diretores importantes, mas não sei onde os arranjava, considerando que demorei anos para encontrar uma locadora que disponibilizasse os filmes de Chabrol – um dos diretores de quem Leona falou muitas vezes.

Mais do que um repertório admirável, ela conservava análises profundas sobre os enredos, guardando detalhes vivos e precisos. Podia me fazer gostar de filmes que eu havia achado chatíssimos apenas apontando interpretações e minúcias que eu não alcançara.

Em maio, eu já havia martelado meus ouvidos com dois meses de *Sex Pistols* quando resolvi mostrar a Leona a fita de *Never Mind The Bollocks*; eu formara uma opinião mais

indulgente sobre a banda e até reconhecia algum valor estético no projeto colérico, distinguindo algumas frases de genuína revolta entre a sujeira da guitarra e dos berros.

– Sid Vicious! O melhor baixista da história do rock! – Leona disse isso tamborilando os dedos na capa amarela e rindo.

– Sério? – perguntei.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Claro que não, né, Charlie. O Sid nem sabia tocar baixo. Não sabia tocar coisa nenhuma. Nenhum talento. Além do maior talento de todos.

Aplicou-me aquele olhar progressivo e lento – fios de melado negro escorrendo pela minha pele. Algo entre a sensualidade, o atrevimento e a afronta.

– Qual é o maior talento de todos? – perguntei, baixando o rosto. Por mais íntimas que nos tornássemos, eu fugiria daquele olhar até o fim.

– Atitude.

Leona segurou meu queixo e o ergueu com delicadeza.

– E sabe o que mais, Charlie? O Sid Vicious namorou uma *groupie*. A Nancy.

Eu não sabia o que era uma *groupie*. Por sorte, Leona imaginava que eu não soubesse o que era uma *groupie*.

– *Groupie* é a fã que persegue um músico com o objetivo de dar pra ele. A Nancy era praticamente a rainha das *groupies*

– Ela queria fazer sexo com ele?

– Sim, queria. Mas aconteceu algo insólito. O Sid Vicious se apaixonou pela *groupie* dele. E, depois de um tempo, enfiou uma faca nela.

Leona me devolveu a fita com um riso sardônico. A verve homicida dos *Pistols* não se esgotava na arte.

– Por que ele matou ela? – perguntei, um pouco perplexa.

– Sei lá, Charlie. Por nenhum motivo.

– Sem motivo nenhum?

– Crimes só precisam de motivos mirabolantes nos livros da Agatha Christie. Ele era um punk viciado, fim. Fazia coisas absurdas.

Fiquei em silêncio, rodando a caixinha amarela nas mãos. Leona continuou:

– Sabe o cara que matou um árabe por causa da luz do sol?

– Como assim, Leona? Que luz do sol? O que tem a ver?

Ela encheu os pulmões e suspirou, cansada de me dar satisfações.



– A moral da história é que as pessoas fazem coisas por motivos incompreensíveis, só isso. Não tenta entender muito, ou tu vai acabar enlouquecendo.

## 100.

Se você me disser que o nome de Leona *não era* Leona, eu vou reagir da mesma forma que reagi quando ela me disse que seu nome *era* Leona. Essa nova informação – da qual nunca cheguei a suspeitar – reverberará durante algum tempo entre nós, como uma verdade óbvia que alguém enuncia pela primeira vez.

E eu vou perguntar para Tom, simulando isenção:

– Mas por que ela faria isso?

As últimas palavras se dobrarão sobre si mesmas, transformando-se numa queixa humilhante. Tom vai encher o peito de ar, vai erguer as sobrelanceiras, vai balançar um pouco a cabeça. É um rapaz correto, encarregado de trazer ao meu conhecimento uma série de atitudes e consequências que não aprova.

– Eu só posso imaginar por que ela não quis te dizer o nome verdadeiro.

## 101.

Ninguém sabe que espécie de vida Deise levou antes de chegar a Porto Alegre. Nem mesmo Tom.

A história conhecida de Deise começa, portanto, no início de mil novecentos e noventa e um – mesmo ano da minha história com Leona.

Uma garota de um metro e sessenta e cinco invade um lugar a que não pertence: olhos impossivelmente negros, a mesma depressão funda marcando o espaço logo acima do lábio superior. As camisetas pretas, as calças jeans estonadas, os tênis de cano alto. Confiante dentro de toda a singularidade.

Naquela manhã, Deise chegou com alguma antecedência à Faculdade de Medicina. Sentou-se nas primeiras fileiras, com um bloco de anotações preenchido até a metade com anotações incompreensíveis, uma caneta Bic e uma versão em inglês de *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a clássica novela gótica de Stevenson.

É muito provável que a estranha presença de Deise tenha provocado comentários dos outros estudantes, já imbuídos pelo corporativismo médico; o certo é que ela não se incomodou. Pouco antes de bater o horário para o começo da aula, levantou-se e esperou a professora do lado de fora da sala de aula.

Patrícia fora contratada como professora substituta para uma cadeira de psiquiatria. Embora já tivesse se destacado em congressos no Brasil e no exterior, possuindo um currículo acadêmico bastante sólido em matéria de publicações, não se sentia preparada para enfrentar aquela turma de estudantes de medicina. Patrícia pensava que, em poucos minutos, perceberiam sua inexperiência e verteriam luz sobre as zonas de sombra de seu conhecimento. Era – sempre foi – o tipo de profissional extremamente qualificada que se deixa tolher pela íntima sensação de ser uma farsa prestes a desmoronar.

À época, Patrícia tinha trinta e dois anos, um marido atencioso e um filho pequeno – um garotinho adorável de cinco anos de idade, que viria a se transformar precisamente nesse rapaz de queixo vincado e cabelos castanhos, chamado Tomas. Trabalhava há dois anos no Hospital de Clínicas, atendendo pacientes em situações psiquiátricas agudas: esquizofrênicos, suicidas, loucos de todos os gêneros. Ainda assim, sentia como se estivesse ocupando cargos muito acima de suas verdadeiras aptidões.

Por conta de suas angústias profissionais, Patrícia passara a madrugada decorando cada palavra da aula introdutória que ministraria naquela manhã. Vinha repetindo mentalmente sua apresentação pelo corredor da faculdade quando uma jovem de camiseta preta e calças jeans estonadas a interceptou, com a versão estrangeira de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* nas mãos.

Patrícia relatou muitas vezes esse encontro – a Tom e a quem mais se dispusesse a ouvir. Ficou encantada com Deise. Ficou encantada com seu modo de falar, com sua convicção, com a beleza que aos poucos assumia contornos naqueles traços que nada tinham de delicados ou ideais. Leona – ou Deise – fazia com que as pessoas se sentissem tão empolgadas quanto um aventureiro que desenterra um baú repleto de tesouros no lugar muito inóspito e desacreditado que acabava por ser ela própria.

Mas, ao contrário do que fez comigo, Deise não mentiu para Patrícia. Ao menos não dessa vez. Talvez porque a enxergasse como um plano a longo prazo – ou porque a respeitasse mais do que jamais chegou a me respeitar –, separou a parte que lhe convinha da verdade e a retemperou, com os mesmos recursos persuasivos que, nesse mesmo ano, aplicaria para me impressionar.

Confessou que seu nome era Deise – um nome que detestava, por todo o cheiro provinciano que desprenhia. Identificou-se como estudante de jornalismo e explicou sua insatisfação com o curso, onde sobravam ferramentas técnicas, mas faltava a *consciência humana*.

Quando repete essa expressão, Tom está olhando através de mim. Há minutos, fala como se descrevesse uma cena presente; uma cena que não pode ter vivido, mas que lhe foi contada inúmeras vezes. Talvez os detalhes tenham variado com o tempo, conforme o tempo foi deteriorando a memória de Patrícia, cada vez mais tendente a sacralizar Deise, a desculpar tudo o que aconteceu depois. Porque, a esse tempo, eu já compreendo que *algo aconteceu*. E, o que quer que tenha acontecido, emaranha-se na perspectiva instável de Tom – ao mesmo tempo ouvinte, testemunha, cúmplice e intérprete.

– Mas consciência humana devia ter um significado bem diferente pra minha mãe e pra Deise.

Agora um feixe repentino de sol atravessa seu rosto, liquefazendo o tom castanho-claro dos olhos. Viro-me para identificar a origem da luz – a tempo de acompanhar o vento inflando as cortinas brancas que flutuam diante da janela, numa performance espectral.

Tom pousa as duas mãos sobre a mesa. O vidro do relógio de couro em seu pulso resplandece.

– Sou eu que vou acabar contando minha história – ele diz.

Acho que apenas nesse instante percebe as implicações reais dessa conversa. Acho que apenas nesse instante calcula as biografias que está prestes a violar diante de uma estranha.

– Eu sei muito pouco – respondo, em voz baixa, neutralizando o alcance da minha ansiedade.

Tom bate os dedos sobre a superfície da mesa. A luz do sol reforça o vinco sombreado em seu queixo.

– Charlotte, tu precisa me garantir uma coisa.

Faço uma expressão séria, o encorajando a prosseguir. A confiar e prosseguir.

– Minha mãe. Ela não pode saber disso. Não pode saber que tu existe. Não pode saber que eu contei todas essas coisas.

– Claro – respondo, um pouco assustada ao perceber que imagino Patrícia igual a mim. Exatamente igual a mim.

– Seria difícil pra ela.

Toco a mão de Tom sobre a mesa. Não chego a retê-la.

– Eu entendo.

Trocamos sorrisos tristes, do tipo que esconde os lábios. Só me permito fazer uma pergunta:

– E Leona. Deise?

Tom baixa o rosto antes de responder:

– A Deise faleceu há dois anos atrás. Num acidente de carro. Minha mãe nunca contou muito bem os detalhes.

Não digo mais nada. Mal consigo compreender que *foi Leona quem morreu*.

## **PARTE II**

### **A PEQUENA MORTE**

## 1.

Deise passou os dedos sobre a capa de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e ergueu os olhos para Patrícia – um movimento lento, arrastando o peso magnético que se concentrava em cada uma das pupilas.

A professora sentiu todas as células do seu corpo se contraírem. Era mais alta do que Deise e ocupava um posto mais elevado na hierarquia acadêmica; mas ali, à porta de uma aula que ainda nem havia começado, sentiu-se inferior e teve medo de ser desmascarada pela garota.

– Eu não quero essa objetividade vazia – disse Deise, piscando devagar e movendo as mãos como se tentasse apanhar o espaço. – Eu preciso de mais. Eu preciso da alma.

Patrícia ajeitou a pilha de livros e papéis que quase lhe alcançava o peito.

– Sim, eu entendo.

– Quero participar como ouvinte das tuas aulas. Acho que a psiquiatria pode me trazer uma visão interessante.

Patrícia explicou que aquela disciplina era voltada para os estudantes de medicina, portanto tratava de doenças psiquiátricas, o que talvez não servisse a seus interesses. Sorrindo, Deise garantiu que sim – serviria a seus interesses.

– Então... – disse Patrícia, deixando escorregar uma folha de papel, onde transcrevera os pontos mais importantes da aula.

Deise se prontificou a juntar a folha, ajeitando-a com cuidado sobre a pilha.

– Pronto – disse, tocando de leve o braço da professora.

Patrícia tentou pensar em uma forma de convencer a garota a desistir. Com mais força ainda, tentou se convencer de que conseguiria fazê-la permanecer até o fim do semestre, agarrando sua atenção com as aulas mais instigantes que conseguisse preparar. Deise parecia o tipo de aluna insuportavelmente crítica, que a encheria de perguntas ardilosas – questões que Patrícia não gostaria de responder, porque, se refletisse muito, seria capaz de colocar sob suspeita os anos de estudo sobre as categorias herméticas dos transtornos mentais. Agora, contudo, ela já estava levando suas preocupações muito além do que a situação demandava. Que tipo de professora ela seria se obstasse a introdução de algum senso crítico na sala de aula? Não que os futuros médicos não fossem capazes de fazer questionamentos dessa natureza, mas é que, como ela, precisavam confiar em parâmetros, probabilidades, estatísticas e diagnósticos.

- Pode assistir às minhas aulas. Se não gostar...
- Eu vou gostar – disse Deise. – Eu com certeza vou gostar.
- Posso te indicar outros livros. Que não coloquei no cronograma.
- Eu adoraria.

Deise abriu a porta para que a professora entrasse.

## 2.

No dia 23 de novembro de 1991 – um dia antes da morte de Freddie Mercury –, Patrícia comemorava seus trinta e três anos em um dos melhores restaurantes da cidade, ao lado do filho, Tom, e do marido, Jorge. Observando os dois – o homem dez anos mais velho que a chamava de *meu bem* e fazia questão de beijá-la na testa sempre que saía para o trabalho e o garotinho de cabelos castanhos que agora melava os dedos numa torta de chocolate –, sentia-se culpada. Não por ter estado, há duas horas atrás, com Deise. Na verdade, culpava-se por *não sentir absolutamente nenhuma culpa* em função desses encontros secretos, que vinham ocorrendo há vários meses, nas margens de sua perfeita vida doméstica.

Jorge tentava conter com um guardanapo de pano o derramamento de chocolate que Tom promovia sobre a mesa, evitando que alcançasse a velha camiseta do He-Man que o menino insistira em vestir para o aniversário da mãe, embora não fosse adequada ao ambiente refinado do restaurante. Aliás, Tom também se recusara a comer o tradicional prato *kids* do cardápio, de modo que havia ketchup, batatas fritas e fragmentos de hambúrguer por toda parte.

– Está linda, meu bem – disse Jorge, sem desfazer o semblante sério. – Não é, Tom? A mamãe não ficou linda com a blusa que nós escolhemos pra ela?

O garoto mergulhou os dedos recém-limpos na cobertura de chocolate. Patrícia ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorriu com ternura para o marido. Se ele não estivesse do outro lado da mesa, ela o teria beijado; teria o beijado na altura daquelas linhas de expressão que cruzavam toda sua testa e o faziam parecer muito mais velho do que era.

Patrícia amava Jorge pela forma como ele tomava conta dela e de Tom; o amava por tê-la incentivado a buscar objetivos grandes em sua vida, impelindo-a com delicadeza na contracorrente de suas inseguranças. Achava que ele era o melhor pai que ela poderia ter escolhido para seu filho – um homem progressista que acreditava na igualdade entre os gêneros e que ensinaria Tom a ser uma pessoa do bem. Por isso, não se arrependia de ter se casado tão cedo.

Ao mesmo tempo, sabia que não o amava da forma como um casal deve se amar. Entregava-se ao sexo com a mesma boa vontade com que preparava o almoço aos domingos – tentava fazer o melhor possível para vê-lo satisfeito. Havia, contudo, a indômita busca por *algo mais*. Uma necessidade que só se tornou um problema real quando ela encontrou *algo mais* do que o amor manso e o sexo burocrático do cotidiano. Sua vida ideal tornou-se infeliz a partir do momento em que experimentou a paixão.

Deise aparecera no começo do ano, diante de sua sala, farejando aquele estado de latência. Meses mais tarde, quando as duas já haviam alcançado um bom grau de intimidade, a garota confessou que o encontro não fora uma intervenção do acaso; ela assistira a uma palestra de Patrícia em um evento sobre a relação entre homicídios e transtornos mentais.

– Tu tava usando uma saia justa, cor de gelo. Eu não conseguia parar de olhar.

– Foi por isso que tu quis frequentar minhas aulas? Por causa da minha bunda?

– Foi – disse Deise, entre beijos e risadas.

Estavam as duas deitadas de costas na cama de Deise, com o ventilador de teto ligado para afastar o calor improvável do começo de maio.

– Não, não só pela tua bunda. É o jeito como tu fala, Pat. Gosto da tua voz meio rouca, meio grave, das pausas que tu faz, como se perdesse a linha de raciocínio. Pra depois voltar com alguma ideia ou informação impactante.

– Eu sou péssima, fico sempre nervosa antes de falar em público.

– Tu pensa que é péssima. Mas não é.

– Eu decoro quase tudo que vou dizer. Quando me perco, tenho que ler mentalmente a próxima fala.

– Eu acho que isso te deixa extremamente sexy. Meio alheia a tudo, introspectiva.

Deise apoiou o braço do lado esquerdo de Patrícia, passou a outra mão através de seus cabelos e ficou a olhando com um sorriso incógnito durante alguns segundos.

– Que houve? – perguntou Patrícia, enlaçando o pescoço da garota.

– É que tu parece muito a Greta Garbo.

– Eu nem sei qual é a cara da Greta Garbo.

– É bem assim.

Era em sua relação com Deise que Patrícia pensava quando começou a escutar os gritos de Tom ecoando pelo restaurante. Assustou-se ao ver que o guardanapo na mão de Jorge estava cheio de sangue e demorou a entender o que havia ocorrido: o menino se cortara com uma faca.



Ela se levantou num impulso e foi até os dois, perguntando se o corte havia sido fundo e sinalizando para um garçom, sem saber ao certo por quê. Jorge tentava acalmar o garoto, envolvendo seu dedo com o lado limpo do guardanapo de pano.

– Ele se cortou – disse Patrícia ao garçom, esclarecendo também o motivo dos gritos aos demais clientes do restaurante, que haviam interrompido suas conversas.

– Não foi nada – disse Jorge. – Ele só se assustou. Mas não foi fundo.

– Vocês têm soro fisiológico? – perguntou Patrícia, dispensando o garçom numa missão infrutífera.

– Eu me descuidei por um minuto... – disse Jorge, pegando o menino no colo. – Vamos lavar esse dedo, rapaz.

Patrícia fez menção de acompanhá-los, mas Jorge sinalizou para que ficasse. E ela ficou. De pé, ao lado da mesa, vendo o marido e o filho se afastarem em direção ao banheiro masculino.

Seu alheamento agora era punido com a inutilidade de sua participação na vida dos dois. Quis encontrar Deise, explicar essa estranha sensação de ser supérflua, de estar se descolando cada vez mais da própria vida. Queria ouvi-la dizer que nada daquilo era preocupante, que ela só estava cansada, que poderiam passar a noite ali, na cama, trocando afagos sonolentos, despertando de manhã, passando o café e recomeçando uma vida onde Deise e Tom pudessem coexistir.

Quanto a Jorge, era terrível que Patrícia o enxergasse como um empecilho à felicidade plena.

### 3.

Chovia, fogos coloridos no céu de Copacabana quando o ano de 1992 foi inaugurado. Patrícia e Jorge estavam de mãos dadas, com a água gelada do mar carioca lhes lambendo as canelas. Tom saltava sobre as ondas, os pezinhos provocando espirros salgados que o encharcavam até o pescoço.

A ideia de passar a virada do ano no Rio de Janeiro partira de Jorge; Patrícia achou que seria bom, pois, com Deise fora do alcance, se concentraria na família. Pouco depois da meia-noite, contudo, pensava nela com obstinação. Nas últimas três semanas, Deise não atendera ao telefone nem à campainha; tampouco se preocupara em mandar qualquer espécie de notícia. Tudo indicava que havia partido.

Enfrentar um abandono em segredo não era nada fácil. Patrícia perdera a paciência com Tom uma porção de vezes nos últimos dias, e só não agrediu o menino porque Jorge interveio. Além disso, passara a dar respostas monossilábicas ao marido e fingia estar dormindo sempre que ele entrava no quarto. No banho, diluía as lágrimas sob o chuveiro, tentando convencer-se de que Deise sempre fora uma aventura que, mais cedo ou mais tarde, teria de acabar. De qualquer forma, depois de quase um ano de encontros furtivos, aquele final abrupto e inexplicável a devastara. Era humilhante. Não conseguia deixar de sentir pena de si mesma.

– Meu bem, mais espumante?

Jorge lhe estendeu a taça, cujo conteúdo ela engoliu de uma vez só. Tom agarrou-se às suas pernas, tremendo de frio e limpando as mãos sujas de areia em sua saia branca.

– Acho que a gente precisa levar o rapazinho de volta pro hotel – disse Jorge, acariciando os cabelos molhados do menino.

Enquanto os três andavam a passos irregulares pela areia, Tom e Jorge conversavam; tinham um universo de fantasias apenas deles, onde super-heróis de verdade conviviam com brinquedos falantes e uma ávida curiosidade pelo significado das palavras. Naquele momento, Tom *precisava* saber o qual era a diferença entre *mar* e *oceano*. Patrícia andava mais atrás, carregando os sapatos na mão, lembrando a última vez que estivera com Deise: procurando entender, através de fragmentos de lembrança, seu desaparecimento.

#### 4.

Patrícia costumava gostar das férias de verão, quando Tom, Jorge e ela passavam algumas semanas nas praias feias do litoral norte gaúcho. Pela manhã, instalavam o guarda-sol listrado a uma distância segura da beira do mar, impedindo que o avanço da maré sugasse os valiosos chinelos do *Batman* que Tom se recusava a aposentar, mesmo estando dois números abaixo do tamanho de seus pés. Almoçavam tarde em algum buffet a quilo que permitisse a entrada com roupas de banho; quando fazia muito calor, ela banhava Tom no chuveiro de água fria do jardim da casa, sob gargalhadas animadas. Depois, deitavam-se para descansar, acordando apenas ao final da tarde, quando Jorge se encarregava de buscar doces mil-folhas na padaria, o creme de baunilha escorrendo pelas bordas, o açúcar de confeitiro polvilhando a massa folhada.

No veraneio de 1992, contudo, Patrícia não conseguia funcionar como nos anos anteriores. Distraía-se com frequência, deixava de ouvir o que o marido lhe falava, esquecia-se

de preparar os lanches de Tom, sequer tinha vontade de se alimentar ou de ir à praia. À noite, não conseguia adormecer; ia para a varanda, onde escutava baixinho as canções de Caetano Veloso num pequeno aparelho de som, deitada na rede, com as pernas e os braços besuntados de repelente para mosquitos balançando no ar. Seu único desejo era tomar a estrada para Porto Alegre, bater à porta de Deise e perguntar por que ela havia desaparecido daquela forma.

Tom era a pessoa mais importante de sua vida; ela amava o filho, celebrava suas conquistas, sua inteligência, seu carisma. Doía-lhe muito aquela falta de talento para ser uma mãe decente. Uma paixão marginal como a que sentia por Deise não podia estragar sua relação com o filho, nem destruir o ambiente impecável que ela e Jorge haviam construído para que o menino crescesse; mas o fato é que já estava destruindo, e a culpa era sua.

Através da solidez do cotidiano, a memória de Deise se infiltrava. Patrícia despertava confusa, achando que havia adormecido ao lado dela e que precisava voltar para casa antes que o marido desconfiasse do atraso. Lembrava-se da maneira como a garota ajeitava os óculos de grau no rosto, segurando-os pela extremidade da armação, e da seriedade com que fazia perguntas durante as aulas, sem jamais deixar transparecer a tórrida relação extraclasse que as duas mantinham.

Deise lhe confiara a chave do portão de seu prédio, para que Patrícia a esperasse do lado de dentro, em segurança – isso significava alguma coisa, não significava?

De outra parte, havia boas razões para suspeitar da falta de honestidade de Deise – ou, ao menos, de sua tendência à dissimulação. Uma parte significativa de sua vida permanecia obscura: evitava falar de si, limitando-se a comentários sobre as leituras que fizera, os filmes a que assistira, a crescente insatisfação com a esterilidade do jornalismo e os duelos intelectuais que travava com os colegas de curso. Durante a semana, Patrícia a encontrava apenas por algumas horas – em geral, nos finais de tarde em que deveria estar preparando as próximas aulas, participando de eventos universitários ou resolvendo pendências no hospital. Viam-se sempre no apartamento de Deise – um conjugado minúsculo, com uma cama de solteiro, pilhas de livros pavimentando as paredes e uma bancada de estudos iluminada por um estranho abajur – uma peça com base de ferro que parecia contemporânea à própria invenção da luz elétrica. Deise contou uma história sinistra sobre a origem do objeto:

– Era de uma mulher lá do lugar onde eu nasci.

Enquanto Patrícia estudava os detalhes do antigo abajur, Deise permanecia deitada na cama, com os olhos fechados e os braços cruzados atrás da cabeça.

– Ela te deu?

– Não. É que, quando ela morreu, colocaram todas as roupas e as coisas dela na frente da casa, mas nem os lixeiros quiseram pegar. Eu gostei desse abajur e levei.

– Por que ninguém mais quis?

– Porque ela tinha um pacto com o demônio.

Patrícia afastou a mão do abajur e olhou para trás. Havia um ligeiro sorriso no rosto de Deise, mas seus olhos continuavam fechados.

– Como assim?

– Era nisso que acreditavam.

– Mas por quê?

– Abre aquela segunda gaveta – disse Deise, apontando para o armário que ficava sob a escrivaninha.

Patrícia obedeceu. Encontrou ali um monte de pastas de papel pardo com nomes escritos em caneta hidrográfica vermelha.

– A pasta onde tá escrito “Mulher *Poltergeist*”.

Deise sentou-se na beira da cama, deixando cair os lençóis no chão. Colocou os óculos de grau redondos que deixara sobre a mesa de cabeceira.

– Essa aqui? – perguntou Patrícia, erguendo a pasta.

– Isso. Agora abre.

Lá dentro, havia uma porção de papéis manuscritos e datilografados, além de três fotografias analógicas: todas de uma mulher sentada ao lado de um fogão a lenha azul, com um lenço amarrado na cabeça e o rosto marcado por sulcos profundos.

## 5.

Patrícia encontrou uma desculpa profissional para voltar quatro dias antes do fim da temporada de férias da família, deixando Tom e Jorge sozinhos na casa da praia a pretexto de revisar alguns conteúdos para o semestre e participar de reuniões no hospital. Nem chegou a deixar o carro em casa: estacionou numa rua lateral e usou a chave que Deise lhe dera para abrir o portão do prédio. Subiu correndo os quatro lances de escada que levavam ao apartamento e tocou a campainha várias vezes.

A luz do corredor se apagou. Não havia nenhum ruído lá dentro.

Sentou-se sobre o tapete da entrada, escorou-se junto à porta e fechou os olhos. Tentou pensar no que diria a Deise – se valorizaria a raiva ou a saudade, o ímpeto de beijá-la ou de

ofendê-la. Tentou pensar no que diria a Jorge, caso um dia resolvesse colocar a decência à frente dos próprios interesses. Tentou pensar no que diria a si mesma para explicar por que se submetia àquela constrangedora situação; por que não esquecia aquela garota dez anos mais jovem, que nem devia saber muito bem o que estava fazendo.

Acordou numa hora incerta, com a luz pálida do corredor chocando-se contra suas pálpebras. Quando conseguiu abrir os olhos, viu os tênis de cano alto, cobertos de pó. Viu os dois centímetros de meias cinzas avançando sobre as canelas finas e a bermuda justa desfiada na altura dos joelhos. Viu os anéis de hematita cintilando nos dedos compridos, a mão se estendendo sobre sua cabeça e inserindo a chave na fechadura.

– Cuidado, Pat – disse Deise, destrancando a porta.

## 6.

Deise colocou a mochila sobre a cadeira e lavou as mãos na pia da cozinha. Abriu uma lata de cerveja e um pacote de biscoitos de milho verde.

– Quer uma? – perguntou, acenando com a cerveja na direção de Patrícia, que, escorada à parede do corredor, tentava entender se a outra estava irritada ou alegre em vê-la.

– Não, obrigada.

– Passei o dia fora, tô com fome.

Deise contornou-a e sentou-se à mesa da escrivaninha, onde se espalhavam inúmeras folhas de papel rabiscadas em letras miúdas e seis caderninhos – todos iguais, com capas vermelhas e lisas. Começou a comer os biscoitos e a beber a cerveja, com o olhar fixo no quadro que ficava logo acima de sua cama: um pôster de *2001: A Space Odyssey* já rasgado nas bordas, mostrando as engrenagens de uma nave espacial.

Deise parecia ter imergido numa espécie de estado catatônico; podia ser bastante teatral quando lhe convinha. Pequenas manchas de suor e sujeira maculavam o tecido de sua camiseta cinza. Patrícia sentou-se à beira da cama, colocando-se diante dela.

– Tu tá toda suja. Onde tu andava?

Deise bebeu um gole da cerveja.

– Como?

– Essas semanas todas.

Terminou de engolir mais um biscoito de milho antes de responder, com um meneio de ombros:

- Vivendo.
- Tu desapareceu do mapa – disse Patrícia. – Eu tentei te ligar, tentei vir aqui...
- Eu tô aqui.
- Eu fiquei te esperando na tua porta.
- E eu cheguei.

Deise sorriu, cruzando as pernas. Alguns arranhões laceravam a pele cor de terra.

- E se eu nunca viesse?

Deise bebeu um gole de cerveja e ficou tempo suficiente em silêncio para abater qualquer esperança de resposta.

## 7.

Os movimentos do banho regiam o barulho do chuveiro. Patrícia permanecia à beira da cama, pensando se deveria revirar os papéis e o conteúdo das gavetas de Deise; talvez fosse a única maneira de acessar algo de íntimo sobre ela. Em vez disso, abriu seu pequeno armário de roupas, cheio de peças escuras, calças jeans, bermudas rasgadas e camisetas masculinas com o nome de bandas de rock. Além dos tênis de cano alto, havia outros dois pares – um All Star branco que precisava de uma lavagem urgente e um Reebok preto, que só podia funcionar nos *looks* de Deise ou nos pés de alguma velhinha sem pretensão estética.

Um pouco da irritação que sentia cedeu diante do espírito adolescente daquele armário. Viu-se sorrindo para os poucos cabides, as estampas que comunicavam a personalidade impetuosa, os tecidos amassados.

Patrícia despiu a camisa vermelha; livrou-se dos sapatos, da bermuda de alfaiataria, da calcinha de renda e do sutiã. Os bicos de seus grandes seios enrijeceram ao primeiro contato do ar.

Andou até a porta do banheiro, abrindo-a com cuidado. Os braços finos de Deise recortavam-se contra a cortina de plástico, que Patrícia afastou devagar.

Os cabelos negros de Deise colavam-se à pele castanha, alcançando as espáduas; os lábios molhados e cheios ensaiavam alguma frase que ficou cortada sob o contato dos lábios de Patrícia.

Com a água quente escorrendo sobre os corpos, beijaram-se; um beijo cada vez mais intrusivo. Deise abraçou-a com uma força inesperada, encostando o rosto em seus seios. Gotas

brilhantes pingavam dos cílios, do nariz e do queixo. O cheiro frutado dos produtos do banho as envolvia num torpor quente.

Patrícia desceu as mãos dos ombros até as coxas da garota. Lambeu-a sob um fluxo aquoso com gosto de sabonete e sexo. Deise gemia cada vez mais alto, abafada pelo som múltiplo dos fios de água, com as costas escorregando nos azulejos e as mãos agarrando as cortinas. Patrícia retornou aos seus lábios, espremendo seus seios grandes contra aqueles bicos castanhos e miúdos, segurando o corpo letárgico da garota nos braços.

– Eu senti falta disso – disse, junto aos cabelos de Deise, deslizando as mãos até suas nádegas e a erguendo contra si. – De tudo isso.

## 8.

Daquela noite até o retorno de Tom e de Jorge, transcorreram três dias intensos, em que as duas se comunicaram através de corpos e silêncios. Por volta das seis horas da tarde, Patrícia saía para comprar comida pronta em algum restaurante da região, aproveitando para telefonar para o marido e perguntar sobre Tom. Tentava conter a energia passional na voz; dizia que os estudos iam muito bem e que procurava mudar um pouco o ambiente, para não permanecer tantas horas isolada em casa.

De fato, estava estudando. Trouxera para o apartamento de Deise os livros de psiquiatria e ajeitou espaço para as duas na mesa de estudos, colocando a cadeira da cozinha ao lado da cadeira de trabalho. Deise precisava entregar uma matéria para uma revista especializada em música: uma biografia sobre Ian Curtis, líder da *Joy Division* que, no dia 2 de maio de 1980, se enforcara aos vinte e três anos de idade. Escrevia a mão, numa caligrafia que oscilava entre frenética e metódica, conforme refazia dezenas de vezes o mesmo trecho. Depois, mostrava o resultado para Patrícia, que sugeria ajustes pontuais:

– Se eu não conheço esse cantor, talvez muita gente também não conheça. Acho que tu podia descrever melhor o jeito dele, explicar como era essa dança epilética.

Deise acatava a maior parte das sugestões, fazendo perguntas sobre os possíveis distúrbios psiquiátricos de Ian Curtis e tomando notas sem qualquer ordem nos caderninhos vermelhos. Patrícia sublinhava seus livros de psiquiatria e construía esquemas de aula com canetas coloridas. Às vezes, num gesto distraído, a mão de Deise pousava sobre sua coxa, ou então ela se levantava de repente, andando pelo quarto sem camiseta, enquanto o VHS do show ao vivo do *Joy Division* passava em volume baixo na TV, competindo com o barulho do

ventilador de coluna instalado ao lado da escrivaninha. Patrícia alternava entre a cadeira e a cama, distribuindo sua atenção entre as páginas dos livros e o torso nu de Deise, em cujo braço direito latejava uma linha de músculo conforme a caneta azul imprimia palavras nervosas às folhas de papel. Assistir ao processo criativo tempestuoso de Deise era excitante. Esgotavam depressa a jarra de café preto, que Patrícia tratava de preencher e servir nas xícaras lascadas.

Sempre tomavam banho juntas: masturbações mútuas, deslizamento de peles, beijos molhados. Mesmo durante as ávidas jornadas de trabalho, perdurava uma latência sexual bastante permissiva. Patrícia colocava o livro sobre a mesa de cabeceira e deitava-se na cama, deixando à mostra uma faixa do abdômen; logo Deise punha de lado seus manuscritos e vinha juntar-se a ela. Ou então Deise pulava sobre o colo de Patrícia, beijando-a com a mesma sofreguidão com que, há um minuto, despejava tinta esferográfica nas fibras de papel, iniciando mais um daqueles momentos orgásticos e naturalistas, sob a corrente de ar do ventilador. Entravam pela madrugada sem jamais consultar os relógios, bebendo café e se alimentando conforme o clamor da fome. Dormiam abraçadas e nuas, com o luar respingando pela janela aberta.

– *La petite mort* – disse Patrícia, passando as unhas compridas pelas costas de Deise, criando vincos avermelhados na pele.

– Hm? – murmurou a garota, à beira do sono. Os pelos arrepiavam-se conforme a brisa da madrugada lhes tocava as coxas.

– É como os franceses chamam a melancolia depois do orgasmo. A pequena morte.

Os olhos de Deise se abriram, duas poças negras brilhando sob a luz indireta da lua.

– A pequena morte?

– Isso.

– É maravilhoso. Tu pode me lembrar disso de novo algum dia?

– Posso – disse Patrícia, acomodando outra vez a cabeça da garota sobre seus seios. – Todas as vezes que tu quiser.

## 9.

O chuveiro gotejava sobre um tubo vazio de shampoo, gotas espessas o bastante para que caíssem quentes. Patrícia levantou-se e beijou a nuca de Deise. Caminhou até o banheiro e apertou com força o registro.



Embora suas vidas parecessem suspensas dentro daquelas paredes, o tempo era imparável. Água, plasma, sabão, cafeína, saliva, secreção, umidade, perfume – tudo escorria pelo gargalo estreito da ampulheta que separava a vida oficial daquela paixão delinquente.

Ambas sabiam disso; seu jeito de comunicarem o desespero era trepando com fúria, mordendo-se os lábios, trabalhando com fervor. Por causa de uma brincadeira iniciada por Deise, começaram a dizer frases surreais uma para a outra – ideias sem nexos que porventura lhe ocorriam em meio aos trabalhos:

- Não quero voltar a carregar aquela mochila de conchas.
- Pat, a paixão é uma fábrica de suores.
- Até meus dentes me mordem.
- Se a gente não agir no escuro, as luzes nos matam.

Às vésperas da volta de Tom e Jorge, Patrícia passou em casa. Os cômodos amplos, a mobília lustrosa e o cheiro de uma longa ausência não explicavam todo o desconforto que a invadiu. Ao passar pelo quarto de Tom e ver o trenzinho vermelho parado sobre os trilhos, subiu-lhe um enjoo paralisante. A lâmina de barbear de Jorge, os cremes hidratantes que ela passava nas mãos antes de dormir, a cama de casal, as fronhas de cetim: elementos de um passado que se desintegrava.

O marido e o filho voltariam no meio da tarde de domingo. Ela escolheu um vinho apenas razoável na adega para passar a última noite com Deise.

A garota a esperava voltar com um ar intranquilo. Os óculos de grau pareciam ainda maiores no rosto cansado, a luz do abajur punha sombras profundas abaixo das costelas, as bermudas desfiadas ameaçavam descoser-se, os cabelos negros cobriam as orelhas e a nuca em ondas tempestivas.

- Pra nossa última noite – ponderou Patrícia, mostrando a garrafa de vinho.

Deise pegou a garrafa e a colocou sobre a mesa da cozinha. Enlaçou o pescoço de Patrícia e a beijou.

– E depois? – disse Patrícia, numa última investida da conversa que planejava ter desde que adormecera junto à porta daquele apartamento.

- Depois, depois – suspirou Deise, extraindo as palavras do fundo dos pulmões.

Patrícia segurou-a com força pelos ombros.

- O que tu quer, Deise?

Deise deixou a cabeça pender para trás, fechando os olhos.

- O que tu quer, Pat?

Patrícia segurou seu maxilar, fazendo-a abrir os olhos negros.

– Eu te quero.

## 10.

Voltar para casa, dormir ao lado de Jorge, preparar as panquecas matinais do filho. Patrícia compensava seu distanciamento progressivo do marido com um redobrado esforço materno em relação a Tom. Voltou a trabalhar no hospital e, durante duas semanas, não procurou Deise.

Numa sexta-feira, ao sair de um expediente penoso na unidade de internação psiquiátrica, encontrou um envelope preto preso ao para-brisa do carro. Correu o olhar pelo estacionamento: sensores de alarme piscando, ecos de passos ao longe. O coração esmurrava o peito. Com as mãos trêmulas sobre o volante, dirigiu até o centro da cidade, conferindo, em cada semáforo, se o envelope preto permanecia no banco ao lado.

Estacionou o carro em uma rua lateral e caminhou pela Rua dos Andradas com os mesmos passos convictos de quem possui um destino irrenunciável.

Foi pela ansiedade de encontrar um ambiente tranquilo que subiu as largas escadarias da Igreja das Dores. Nunca teve nenhuma espécie de admiração pela arquitetura dos templos antigos; as imagens barrocas e a imensa abóbada eram-lhe indiferentes. Patrícia se preocupou apenas em sentar o mais longe que conseguiu das senhoras que processavam sua fé em orações silenciosas, castigando as articulações já tomadas de osteoporose e artrite sobre os genuflexórios.

Descolou a aba do envelope. A caligrafia nervosa de Deise, ligeiramente inclinada, distribuía-se em frases assimétricas ao longo de duas folhas de caderno, ainda com as rebarbas.

## 11.

Pat,

Se você nunca mais viesse, então aquele beijo distraído no portão do meu prédio teria de servir como um longo adeus. Eu tento sempre me lembrar de tudo, mesmo que não pareça importante ou único, porque tudo pode se revelar importante e único mais tarde.

Eu pedi, mas você nunca voltou a me lembrar da pequena morte. *La petite mort*. É uma expressão linda demais para ser esquecida. Uma expressão linda demais para não ter traduções em todas as línguas. Uma expressão linda demais para não permanecer.

Quer saber, Pat? Você não sabe muita coisa a meu respeito. Você faz poucas perguntas e se satisfaz com o pouco que eu falo. Você não sabe quem eu sou quando você não está aqui.

Agora é madrugada e eu estou um pouco bêbada. No final das contas, também havia guardado um vinho para aquela noite. Um vinho que não bebemos. Você trouxe outra garrafa, era melhor do que a minha. Será que você precisa ser melhor do que eu, Pat?

Eu tenho medo que você seja ainda melhor do que eu em deixar as coisas para trás.

Desde que eu ouvi você falar naquela palestra, com suas pausas, sua voz intensa, o jeito de perder o raciocínio, suspender o tempo e depois retomá-lo, desde aquele momento eu quis saber das suas fugas. Onde você está quando não se mostra? Onde você anda agora?

Frequentei suas aulas, aprendi sobre seus interesses, ouvi quando se referiram a você como “a professora gostosa”. Não pude dizer nada, porque, bem, você não é minha.

Você algum dia foi minha, Pat?

Sempre voltando para seu marido, seu filho, sua profissão, sua vida digna. Era você que estava sempre indo embora.

Eu fui atrás de você. Agora você precisa vir atrás de mim.

As ruas estão gastas. Não existe mais espaço para nós aqui. Estamos presas dentro de muitas pupilas.

Sua história, essa alegre vida conjugal, foi escrita com tinta que não se apaga. Mas eu acho, Pat, que essa não foi uma história escrita por você. Não existem escolhas compulsórias. E, ainda que o destino seja compulsório, eu preciso pedir que você venha comigo. Essa cidade acabou para mim. Acabou para nós.

Eu deixo uma escolha muito difícil para você: não me procure mais, exceto se estiver disposta a viver algo grande.

Eu entreguei o apartamento e estou indo embora. Não venha dormir na minha porta.

Daqui a um mês, no dia 15 de março, na rodoviária de Porto Alegre, às duas horas da tarde, vou esperar por você. Quero que você venha comigo.

Você é a minha escolha, mas vou esperar por você apenas dessa vez.

Com sua experiência e um pouco de esforço, não vai ser difícil se restabelecer em outro lugar. Não é preciso tomar o ônibus para Buenos Aires ao meu lado no próximo dia 15, mas é

preciso tomar a decisão: você será capaz de fazer isso algum dia? Apareça na rodoviária apenas se quiser vir comigo um dia. Não apareça para se despedir.

Ajeite sua vida em Porto Alegre, traga Tom para morar com a gente.

Pat, você não acredita em deus. Eu também não. Por isso, é urgente que sejamos felizes.

Nosso tempo é agora.

Eu não amaria você se achasse que não é capaz de viver algo maior do que essa sua vida comum.

Seu tempo é agora.

É claro que eu amo você. Então me deixe amar você.

D.

## 12.

No inverno de 92, Patrícia viajou duas vezes a Buenos Aires. Escolheram um apartamento num prédio antigo no bairro de Palermo, cuja reforma Deise assumiu, pintando ela mesma as paredes, mobiliando os cômodos e encontrando algumas peças extraordinárias nos antiquários de San Telmo – um lustre que chovia gotas de cristal sobre a mesa de jantar, projetando fragmentos de arco-íris nas paredes da sala, e uma estante de madeira de demolição, que logo encheu-se das cores da biblioteca das duas. Falavam-se por telefone algumas vezes por semana; nessas ocasiões, Deise fornecia relatórios detalhados sobre a concretização do sonho, lembrando a Patrícia toda a felicidade que as esperava na capital argentina.

No avesso do sonho, contudo, havia Tom. Embora Jorge e Patrícia tentassem tratar o divórcio com relativa leveza, o comportamento taciturno do garoto a lembrava do quão egoísta estava sendo por colocar seus impulsos românticos à frente do próprio filho. Ocorre que ninguém nesse mundo é feliz tendo amado uma vez, e Patrícia *precisava* ser feliz, pois, se mergulhasse cada vez mais na própria insatisfação, acabaria arrastando o filho e o marido consigo.

Jorge não precisou de muitas explicações para entender o que havia acontecido. Ao longo dos anos de casamento, a independência emocional de Patrícia se transformara em desconexão afetiva. A seu modo, teve raiva dela – calou-se por muitos dias, indo dormir na casa da mãe, Edith, uma ex-professora de piano que amava o filho e o neto, mas que nunca estimara a postura doméstica displicente da nora:

– Eu te disse muitas vezes que a Patrícia não era uma mulher pronta. Era só uma menina. Abandonar o marido e o filho pra fazer não sei o que em outro país é uma molecagem – disse Edith, balançando a cabeça grisalha enquanto fritava bolinhos de batata com recheio de guisado.

Jorge bebia o café forte da mãe. Sua destreza na cozinha lhe fazia pensar na tarde em que Patrícia – numa das raras ocasiões em que se prestara a fritar batatas fritas para Tom – esquecera a frigideira com óleo no fogão aceso; por sorte, os azulejos começaram a despencar, espatifando-se no chão, e ele chegou a tempo de evitar um incêndio.

– A Patrícia é uma boa mãe – disse Jorge, em voz baixa. – E ela trabalha muito.

– Tu também trabalha muito, meu filho. – Edith ergueu com a escumadeira um bolinho reluzente. – Eu não tenho uma cabeça antiga. Sei que não é como no tempo do teu falecido pai, que não trocou uma fralda na vida. Mas a Patrícia não nasceu pra ser mãe.

Edith depositou o bolinho sobre uma cama de papel toalha:

– O primeiro tá pronto, pode pegar aqui.

Jorge bebeu o último gole de café e se levantou com o prato na mão.

– Não fala assim. Ela ainda é a mãe do Tom.

– Morando em outro país?

– Ele vai passar as férias com ela. E ela vem visitar sempre que puder. Vai ser melhor assim. Olha quantos filhos moram só com a mãe e isso não é um problema.

Edith suspirou, atirando mais um bocado de massa crua na gordura. Gotículas de óleo quente respingaram em seu braço, fazendo-a recuar sem emitir nenhum protesto de dor.

– A única coisa positiva nisso é que vou ver mais meu neto.

– Vou precisar da tua ajuda – disse Jorge, abrindo com a faca um rombo no ventre fumegante do bolinho de batata.

### 13.

Deise conciliava um curso de pós-graduação na capital argentina com as matérias potentes que escrevia para revistas e periódicos brasileiros; sua natureza desinibida lhe rendera uma ampla teia de contatos profissionais e seu nome já tinha boa circulação no mercado. Além disso, traduzia reportagens do inglês e do espanhol para publicações brasileiras. Montara o escritório no apartamento de Palermo com móveis de madeira imbuia, vasos de folhagens verdes e sua tradicional máquina de escrever *Remington*. Como não se interessava muito por tecnologia, ainda levaria meia década para habituar-se aos computadores.

– Só me interessa o resultado, não os meios – dizia, justificando sua resistência aos novos recursos que surgiam para substituir as velhas máquinas.

Antes do natal de 1992, Patrícia viajou durante dezesseis horas, trazendo as últimas malas no bagageiro do Fiat Tempra. Ao introduzir a chave na porta do apartamento de Palermo, o cansaço da viagem transformou-se numa excitação de repercussões genitais. Um grilo cricrilava nas escadarias do prédio, uma mecha de cabelo castanho caiu-lhe diante dos olhos, e talvez por isso ela tenha começado a pensar naquele verme, uma larva que se entranha nos corpos dos grilos, desenvolvendo-se dentro dos exoesqueletos até se tornar um comprido e esguio parasita que controla o sistema nervoso central do inseto, que continua vivendo sem perturbação aparente – exceto um atípico silêncio – até o dia em que comete suicídio mergulhando em alguma poça d’água ou riacho, e nesse momento o fio de cabelo nematomorfo abre um rombo no abdômen do hospedeiro, deixando-o para morrer afogado enquanto o parasita continua seu ciclo em busca de um parceiro para acasalar.

Deise estava diante da porta, com um cachimbo pendendo do canto da boca, a fumaça branca nublando a luminosidade negra dos olhos. Um chapéu de feltro preto encobria parte dos cabelos. Patrícia largou as malas na entrada do apartamento, mas permaneceu imóvel diante daquela estranha garota, cujo magnetismo lhe fizera tomar tantos desvios na estrada. Havia um aroma confortável de tabaco e cereja no ambiente e um aparelho de som tocava *When I'm Sixty-Four*, lado B do álbum favorito de Patrícia: o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos *Beatles*.

Deise tirou o cachimbo da boca, ergueu a sobrancelha e inclinou um pouco a cabeça. Seus pés descalços pisavam o assoalho de madeira.

– Bem-vinda, *mon amour* – ela disse, abrindo os braços.

Patrícia avançou devagar, enleou-se ao corpo de Deise, bebeu seu cheiro complexo, reconheceu-a por completo, tirou-lhe o cachimbo da mão:

– Desde quando isso aqui?

## 14.

Deise adquirira o hábito de fumar cachimbo enquanto escrevia, alimentando o forninho com *blends* aromáticos comprados numa pequena tabacaria de Buenos Aires. Acordava por volta das cinco e meia da manhã, passava um café e se trancava no escritório, de onde só saía à hora do almoço, retornando logo após uma sesta de trinta minutos.

Para Patrícia, o cheiro de tabaco e café, os toques secos da máquina de escrever e os beijos súbitos na cozinha eram os componentes sensoriais da felicidade. Não importava que Deise alternasse os momentos passionais com longos períodos de introspecção e isolamento criativo; nas horas solitárias, Patrícia se entretinha explorando as amplas avenidas da metrópole, detendo-se junto aos monumentos e colocando à prova seu razoável domínio do espanhol.

Às vésperas da noite de natal de 1992, as duas se dedicaram à preparação da ceia, que se resumia a um peru de tez pálida adquirido na seção de congelados do supermercado. A falta de sentido de suas manobras culinárias – Patrícia despejando vinho branco sobre a carne, Deise atando as pernas da ave com um pedaço de fio dental com sabor de hortelã – culminou numa tarde de risos e numa carne insossa, quase crua, que serviram ao lado de uma vasilha de farofa industrial. Anestesiaram o paladar com duas garrafas de espumante, despindo-se das roupas e de qualquer vestígio do espírito natalino sobre as almofadas do sofá.

– Espera um pouco aqui – disse Deise, retendo o rosto de Patrícia entre as mãos e beijando-a com firmeza na boca. – Vou buscar uma coisa.

Faltavam cinco minutos para a meia-noite. Patrícia enlaçou os joelhos com os braços. Conseguia ouvir o pulso do próprio coração. Concentrando-se em cada instante, impedia que o momento passasse. Era a noite mais perfeita de sua vida – e ainda estava ali. Ainda estava acontecendo. O que vinha sentindo ao lado de Deise não podia ser felicidade. Uma pessoa *feliz* se forma a longo prazo, porque se exige alguma constância e confiança na durabilidade dessa condição, e aquilo era tão diferente. Estar com Deise não era feliz: era *perfeito*, assustadoramente irreal. Uma ilusão à beira de implodir. Num delírio bêbado, ocorreu-lhe que Deise voltaria com uma faca.

Ela, no entanto, apareceu com um violão de cordas de náilon, que sustentava sobre o ombro através de uma correia de couro. O seio pequeno se encaixava na sinuosidade do corpo do instrumento, num enlace íntimo entre pele e madeira.

– Que violão é esse? Desde quando tu toca? – disse Patrícia, logo percebendo que estava bêbada e era melhor permanecer calada.

Deise ajeitou os dedos no braço do instrumento. O cabelo negro lhe cobria parte do rosto, os cílios se encompridavam diante dos olhos, os lábios grossos pareciam emitir um som inaudível. Patrícia nunca a achara tão magnífica.

Passou os dedos pelas cordas, extraindo delas um som limpo. A sucessão de notas e os movimentos cada vez mais seguros iam formando a melodia de *Something*, dos *Beatles*. A voz densa e afinada de Deise alocava-se entre as variações dos acordes, elevando-se conforme os

sentimentos da música tornavam-se mais agudos, mais intensos, e ainda levaria uma porção de anos para que Patrícia interpretasse a enigmática letra de *Something* como um aviso, uma cláusula de risco, e não uma simples declaração de amor.

## 15.

Tom desembarcou em Buenos Aires três dias antes da virada do ano, vestindo bermudas de sarja e uma camiseta preta lisa; já não era o mesmo garotinho obstinado com suas estampas de super-herói, alheio aos problemas dos adultos.

Patrícia apertou o filho nos braços e acariciou seus cabelos, bagunçando a franja castanha que lhe caía sobre a testa. A infância tinha o cheiro do sabonete que ele usava: um cheiro que, dentro de alguns anos, abandonaria a pele do menino.

– Como foi a viagem, filho?

Tom balançou os ombros. Era a primeira vez que viajava sozinho de avião.

No trajeto de carro até o apartamento de Palermo, Patrícia perguntou sobre a escola, os amigos, o futebol. Tom guardava uma distância distraída em relação à mãe, dando respostas vagas; em poucos meses, a intimidade entre eles havia se esbatido.

– Filho, o teu pai deve ter falado que a mãe tá morando com uma moça. Ele falou?

Pelo retrovisor, Patrícia viu Tom assentir com a cabeça. Mediados pelo espelho, os olhos dos dois se cruzaram, numa desconfiança mútua.

– É a tia Deise. Tu vai gostar muito dela.

## 16.

Deise tocava violão quando Patrícia e Tom entraram. Com as pernas cruzadas sobre o sofá, caíra num *loop* do clássico *riff* de *Daytripper*. Só após concluir com perfeição a frase musical, voltou-se para os dois.

– Deise, esse é o meu Tom – disse Patrícia, com a mão apoiada no ombro do menino, que deu um passo à frente.

Alguns dias depois, Patrícia concluiria que o grande trunfo de Deise com Tom foi tratá-lo, desde o início, com certa polidez, evitando lançar sobre ele a afeição compulsória, de baixa credibilidade, que os adultos costumam depositar nas crianças. Ela apenas pôs de lado o violão



e caminhou até ele com um sorriso simpático. Abaixou-se até que seus olhos estivessem alinhados e apertou sua pequena mão.

## 17.

Deise levou Tom para passear uma porção de vezes naquelas férias. Conforme Patrícia reconquistava sua postura materna – colocando o garoto para dormir num horário razoável e providenciando refeições nutritivas –, Deise assumiu um papel quase antagônico, cúmplice de aventuras e pequenas transgressões. Foi ela quem o levou a um parque aquático e mentiu sua idade para andar nos brinquedos mais interessantes. Desafiou-o a descer um tobogã radical e, em troca, lhe comprou um pacote de balas de gelatina em formato de dentadura. Adquiriram uma coleção de livros de terror, que Deise leu para o menino à noite, sob uma cabana de lençóis iluminada por uma lanterna a pilha; enquanto traduzia as histórias, inventava vozes sinistras, silêncios suspeitos e berros apavorantes. Tom não se deixava dominar pelo medo; do quarto, Patrícia ouvia suas risadas e gritos, surpresa com a desenvoltura de Deise e aliviada com a alegria do filho.

Ao longo de dois meses, os três assistiram a filmes no cinema, alugaram fitas na locadora, pediram uma dezena de pizzas de frango com catupiry – o sabor favorito de Tom – e organizaram verdadeiros saraus musicais na sala de estar, com Deise compondo no violão canções com títulos hilários: *Tom odeia alface*, *Deise é um gênio* e *A mãe queimou o bolo*. Passearam no *shopping*, comeram em restaurantes *fast food* e se divertiram muito mais do que o suficiente para que Tom voltasse para casa dizendo que suas férias haviam sido incríveis, e que o quarto reservado a ele no apartamento de Buenos Aires tinha uma televisão onde as vozes castelhanas do Scooby-Doo e do Salsicha eram muito mais legais.

Esses meses de convivência no verão repetiram-se durante os oito anos seguintes, durante os quais Deise e Tom desenvolveram uma forte amizade. Ele tinha por ela uma admiração incalculável; ela era sua referência intelectual, a pessoa com quem ele conseguia ter os diálogos mais inspiradores sobre cinema, literatura, filosofia, relações humanas e até mesmo sexo. A adolescência o distanciou dos pais, mas nunca de Deise – e isso só foi possível porque, desde o princípio, o vínculo entre os dois se construiu além de Patrícia, longe das divisas maternas.

Quando Tom vinha a Buenos Aires, passava grande parte do tempo com Deise, frequentando salas de cinema e livrarias. Ela o introduziu a Hitchcock, Kubrick, Hammett e

Raymond Chandler. Durante a madrugada, escutavam juntos discos e assistiam aos filmes clássicos; de dia, passavam horas nos cafés discutindo cinema, literatura e rock'n'roll.

Contrastando com os momentos inspiradores de que desfrutava na capital argentina, Tom se sentia cada vez mais deslocado em Porto Alegre. Não gostava do colégio de padres onde estudava, frequentado por garotos fanáticos por futebol e avessos a qualquer espécie de arte. O pai se casara com uma mulher mais jovem, que mantinha certa distância de Tom – uma postura fácil de ser confundida com desprezo; para piorar, ela estava esperando um bebê. Embora Jorge oferecesse ao filho todo suporte financeiro de que necessitava, não tinham gostos similares e o assunto mais denso que conseguiam desenvolver girava em torno da situação política do país. Por todas essas razões, aos quinze anos, Tom decidiu se mudar para o apartamento de Buenos Aires e cursar os últimos anos de colégio por lá, no que foi incentivado pela mãe e por Deise.

Entre as duas, contudo, as coisas haviam mudado bastante.

## 18.

As horas de isolamento transformaram-se em dias inteiros. Deise trancava o escritório ao entrar e sair, de modo que o contato que Patrícia tinha com o que acontecia lá dentro se limitava a vislumbres durante os movimentos da porta.

Embora trabalhasse o dia inteiro, Deise nunca conseguia chegar ao fim de nenhum de seus grandiosos projetos. Aos trinta anos de idade, sua carreira se resumia a poucas publicações notáveis e algumas traduções de maior circulação – trabalho que ela detestava fazer, porque veiculava ideias de outros. Enquanto isso, Patrícia se tornara referência em emergências psiquiátricas, atendimentos de casos agudos, manejo de risco de suicídio, agitação psicomotora, autolesão, heteroagressividade. Ministrava cursos para profissionais da saúde e aulas magnas em universidades latino-americanas.

Ela compreendia que Deise ignorasse suas conquistas profissionais; com dez anos de diferença, as duas estavam em estágios diferentes da carreira. Ninguém razoável suspeitaria do talento de Deise e talvez o que a atrapalhasse fosse mesmo seu perfeccionismo, seu desinteresse pelo jornalismo tópico e sua dedicação às histórias marginais. Era admirável como podia se doar a alguma ideia, empreendendo pesquisas de campo em lugares tão inóspitos quanto manicômios, zonas de prostituição e cultos religiosos; aprendera sozinha a tirar excelentes fotografias – muitas das quais acabava vendendo para outros meios de divulgação – e conseguia

captar a confiança das pessoas mais intratáveis. Ocorre que, após colher o material em volumosos arquivos, deixava-se seduzir por qualquer nova ideia, que lhe parecia sempre muito mais genial do que a anterior.

Ainda havia dias de ternura, rompantes de paixão e discussões profundas entre as duas. Patrícia continuava lendo os fragmentos das matérias que Deise escrevia. Nunca deixava de se encantar com a potência de sua escrita, o destemor de seu pensamento, a originalidade de suas leituras da realidade, mas era inquietante como parecia incapaz de chegar ao fim de qualquer um de seus projetos.

Numa dessas noites que se pareciam muito com o passado – as pernas enlaçadas, os sexos unidos, o ventilador de teto revolvendo o perfume floral proveniente dos produtos de banho que partilhavam –, Patrícia sugeriu que Deise se concentrasse em concluir ao menos um de seus maiores projetos.

– Às vezes, eu acho que tu tem medo de fracassar.

O corpo de Deise se enrijeceu.

– Eu acho que nós temos ideias muito diferentes do que é fracasso.

Deise se ergueu da cama e juntou sua camiseta preta do chão.

– Como assim?

Abotoava com pressa as calças jeans, as mãos nervosas erravam os botões.

– Como assim, Deise?

Antes de sair do quarto, voltou o rosto para Patrícia.

– Foi do fracasso que eu te livreí há uns anos atrás. Fracasso é levar uma vida comum.

Bateu com força a porta do quarto e, logo depois, a porta do apartamento.

## 19.

No segundo dia desde a saída abrupta de Deise, Patrícia justificou para si mesma a urgência de entrar no escritório, violando aquela barreira absurda que lhe fora imposta dentro da própria casa, sem que nada precisasse ser dito. Não acreditava que ela pudesse ter sofrido algum acidente, mas queria verificar se, ao menos, levava consigo a carteira com dinheiro e documentos. Por isso, telefonou para um chaveiro e pediu que encontrasse uma maneira de abrir a fechadura sem danificá-la.

Recortes de jornais, anotações e esquemas colados com fita crepe nas paredes, pilhas de papel, folhas arrancadas de revistas, pastas pardas e caixas de arquivo espalhadas pelo piso e

pelas estantes. A máquina de escrever e o computador disputavam espaço na mesa de trabalho, junto com uma infinidade de canetas e blocos de anotações preenchidos. Uma cama com colchão, lençol e travesseiro se formara junto a uma das paredes, ao lado de dois violões que, no decorrer dos anos, resignaram-se a um protesto silencioso.

Dentro das pastas, encontrou várias versões das histórias escritas por Deise – grande parte delas em manuscritos rasurados e sem acabamento. Anos de trabalho obsessivo se sobrepunham nas gavetas, junto com pacotes de tabaco e livros cobertos de notas escritas a mão, cujos diferentes tons de caneta indicavam muitas releituras.

Conforme Patrícia mexia nos livros, esvoaçavam pedaços rasgados de papel, que continham expressões e frases que talvez fizessem algum sentido para sua autora: *máscaras de chumbo, multiverso inóspito (MI), você viu o gorila?, o universo existe em função de um ser humano em particular, de uma estrela, de uma bala de alcaçuz ou de uma garrafa pet.*

Fotografias em preto e branco de Bette Davis, Joan Crawford, Billie Holiday, Greta Garbo, Ella Fitzgerald, Joni Mitchell, Marlene Dietrich, Nina Simone, Audrey Hepburn. Fotografias coloridas de Joan Jett, Kirsten Dunst, Janis Joplin, Charlotte Gainsbourg. Fotografias analógicas de mulheres desconhecidas, vestindo apenas calcinhas e sutiãs, em poses sensuais: nenhum nome, nenhuma data.

A carteira e as chaves não foram encontradas.

## 20.

Ela voltaria no quinto dia, com um aspecto cansado, olheiras fundas, dois ou três quilos mais magra. Patrícia a encontrou sentada no sofá, fumando um cachimbo e lendo *El regreso de Sherock Holmes*.

Patrícia largou a bolsa sobre a mesa e esfregou os olhos, que ardiam de cansaço.

– É muito interessante – disse Deise, sem desviar o foco do livro. – Eu nunca quis ler essas histórias do Sherlock Holmes que vieram depois do Grande Hiato. Acho um pouco, como eu vou dizer? Ele morreu em *O Problema Final*...

– Não me interessa – cortou Patrícia.

– Ludibrioso? Essa palavra existe?

– Não gosto de Sherlock Holmes e não me interessa.

– Tu devia ler, Pat. Antes de dizer que não gosta.

Deise colocou o livro de lado, andou até ela e a enlaçou pelas costas, beijando seu pescoço.

– Me solta, Deise.

– Teu cheiro é sempre voltar pra casa, Pat.

## 21.

Quando Tom chegou, duas semanas mais tarde, com malas definitivas, as duas ainda experimentavam a tensa calma que sucede à ressaca. Evitando perturbar a frágil felicidade, Patrícia não mencionou que entrara no escritório proibido, nem o que encontrara lá dentro.

Tom tinha, então, quinze anos. Vivia com fones nos ouvidos, misturando o rock clássico com as canções hormonais de *Blink-182* e as letras políticas de *Green Day*. Com o rosto crivado de espinhas, bermudas largas, meias puxadas sobre as canelas e tênis de skate, não demoraria a encontrar seu nicho identitário no colégio, embora preferisse, sempre que possível, passar as tardes conversando com Deise. Seus assuntos iam desde as singularidades da vida cotidiana até as explicações do universo: a teoria das cordas, a teoria de tudo.

Deise continuava com seus expedientes claustrofóbicos dentro do escritório, saindo apenas para preparar jarros de café preto. Havia dias em que atravessava a casa num estado tão absorto que era inútil lhe dirigir qualquer palavra. Em outros, saía muito cedo de casa, só retornando de madrugada.

Em ocasiões cada vez mais raras, recuperava o ânimo sedutor, mostrando suas produções mais recentes, colocando para tocar algum disco de que gostasse e reafirmando sua paixão por Patrícia, convidando-a para jantar fora ou assistir a algum filme no cinema.

## 22.

Embora compensasse as ausências de Deise com sua devoção ao trabalho no hospital, Patrícia era inteligente o bastante para compreender que fora relegada a peça acessória da vida da mulher que amava. Deise oferecia uma parte muito restrita de si, mantendo um mistério ocluso sob sua presença rarefeita. Desde que vieram a Buenos Aires, ela tramara sozinha algo além daquele projeto conjugal em que, agora, Patrícia se via abandonada.

Às três horas de uma madrugada de inverno, Deise entrou no quarto e encontrou Patrícia sentada na cama, olhando para a tela apagada da televisão.

– Não consegue dormir?

O vento produzia sons sepulcrais nas janelas.

– Eu não sou feliz.

Deise parou com as mãos na cintura; o músculo de seu maxilar se contraiu.

– Ouviu, Deise? Eu não sou feliz.

Não sentia nem mesmo vontade de chorar. Era apenas uma constatação analgésica.

Deise talvez tenha feito o melhor que pôde naquela noite. Sem dizer nada, deitou-se ao lado de Patrícia, abraçou-a e puxou um cobertor de lã sobre elas, passando os dedos pelas suas costas até que adormecesse.

Às sete horas da manhã, contudo, já havia partido. Sobre o travesseiro, deixara um bilhete:

Preciso de um tempo para pensar. Não se preocupe comigo, Pat. Encontre dentro de você as coisas que ama e vá atrás delas, como se sua vida dependesse disso. Porque depende. Com amor, Deise.

## 23.

Dessa vez, Deise levava consigo os óculos de grau que costumava deixar sobre a mesa de cabeceira. As pilhas de roupa remexidas no armário indicavam que colocara mudas sobressalentes na mochila. Os coturnos pretos que usava para sair em dias de chuva não estavam, tampouco o All Star verde-musgo que Patrícia lhe dera de aniversário.

A jaqueta militar marrom – em cujo peito Deise costurara um *patch* do *U.S. Army* ao lado do *patch* com o símbolo anarquista – pesou sobre os ombros prostrados de Patrícia. O cheiro de canela a fez investigar os bolsos, onde encontrou um pacote de chicletes, um *botton* com o trifólio amarelo e preto de alerta para radiação nuclear e um folheto de pizzeria, onde alguém com uma caligrafia muito mais meticulosa do que a de Deise anotara um número de celular.

O radiorrelógio de LED vermelho marcava sete horas e dezoito minutos. Uma claridade difusa se deixava entrever pelas fissuras abertas na parte superior da veneziana. O sistema de calefação gerava um calor entorpecente no quarto.

Sentou-se sobre a cama, reteve o telefone entre o ombro e a orelha direita e discou o número, que chamou diversas vezes antes de ser atendido por uma voz rouca, amarrotada pelo sono recém-interrompido:

– *¿Hola?*

Patrícia podia imaginar uma mulher com os seios volumosos emergindo do pijama de renda, os cabelos desfeitos pelo atrito do travesseiro.

– *¿Hola, Virgínia?*

Pele bronzeada, olhos felinos.

– *¿Está todo bien, Virgínia?*

Nádegas lisas e redondas.

– Te extraño. ¿Me escuchas? Te extraño, linda.

A polpa úmida dos lábios.

– Quem é Virgínia? – disse Patrícia, expirando uma voz exausta. – Quem é Virgínia? – repetiu, antes de bater o telefone no gancho e atirar-se de costas sobre a cama.

Acordou duas horas mais tarde, com as têmporas doloridas, já atrasada para seu turno no hospital.

## 24.

Duas semanas mais tarde, ao despertar numa manhã relampejante, Patrícia foi localizando cada objeto no quarto: os óculos redondos sobre a mesa de cabeceira, os tênis diante do armário e a mochila pendurada no gancho atrás da porta, com uma constelação de *bottons* ainda mais colorida. Do outro lado das portas fechadas, provinham sons de talheres, trovões, louças, ventos, metais, vidros, sacolas plásticas e uma música indistinguível.

Pisando o assoalho frio com os pés descalços, Patrícia cambaleou até a cozinha. Encontrou Deise fechando o forno, de onde emanava um cheiro quente de massa e açúcar.

– Desculpa, Pat. Cheguei cedo, tentei não te acordar.

Deise usava um suéter peruano, cujas cores quentes contrastavam com os tons gelados dos azulejos da cozinha e do céu pálido que fulgurava através da janela. Por mais que desejasse abraçá-la, Patrícia recebeu imóvel o beijo que Deise lhe aplicou na superfície dos lábios.

– Onde tu andava?

– Trouxe presentes pra ti e pro Tom.

– Eu quero saber onde tu andava.

Deise colocou as mãos na cintura e riu, dando a impressão de que aquela era uma pergunta irrelevante.

– Trabalhando, meu amor.

Patrícia apertou os olhos. O relâmpago transformou o espaço entre elas numa massa de luz pálida. A um instante da explosão, Deise ergueu o dedo indicador.

– Tô fazendo bolo de chocolate.

– Teus bolos são horríveis.

– Mas tu sentiu minha falta.

– Não.

– Não foi uma pergunta.

Deise cingiu a cintura de Patrícia e a encostou contra a parede.

## 25.

Patrícia aprendeu a aceitar o amor possível de Deise. Suas partidas tornaram-se frequentes – às vezes longas, carregando-a por meses, às vezes fugazes, trazendo-a de volta na semana seguinte. Qualquer esforço de tentar retê-la só produzia o efeito de impeli-la ao prolongamento das fugas e à ameaça de uma deserção definitiva – e isso era tudo o que Patrícia queria evitar.

Encontrou seu modo de conservar a dignidade. Envolveu-se também com outras pessoas, manteve um caso extraconjugal com um oftalmologista, aproveitou a coincidência entre um dos hiatos de Deise e uma viagem de Tom ao Brasil para dormir com um professor de ioga na cama onde ela e Deise haviam construído uma sintonia sexual que, apesar do tempo e da progressiva distância, continuava capaz de produzir momentos transcendentais.

O professor de ioga, Augustín, tinha um abdômen trincado. Gostava de andar nu pelo apartamento, com o pênis sempre em meia-bomba, as nádegas musculosas contraindo-se a cada passo. O oftalmologista, Ricardo, marcava encontros em motéis luxuosos e pedia que Patrícia satisfizesse fantasias que não conseguia realizar dentro de sua pacata vida conjugal. Gostava de ser penetrado no ânus com próteses de silicone e proporcionava bons orgasmos a ela com um anel peniano vibrátil. Na prática, os dois trabalhavam como coautores de um sexo cheio de efeitos especiais e recursos tecnológicos. Havia um sentimento recíproco de confiança e amizade, que, no entanto, jamais poderia ser confundido com paixão ou até mesmo amor.



Quanto a Augustín, Patrícia o achava incrivelmente lindo e ridículo. Zombava de seu narcisismo tosco e tinha tanto desprezo por seu intelecto limitado que o tratava com arrogância. Embora trepasse com todas suas alunas de ioga, era nela que Augustín concentrava suas investidas românticas: buquês de rosas, péssimos poemas de amor injustamente atribuídos a Pablo Neruda, bijuterias extravagantes que não combinavam com o charme discreto da médica psiquiatra.

Mas Deise voltava. Sempre voltava. E, assim como não queria falar sobre tudo o que fazia quando estava fora, não se importava em inquirir o que Patrícia fazia durante sua ausência.

Aos dias de abandono sobrevinham os dias de paixão. Deise mostrava a ela seus novos projetos, sempre geniais; já não fazia qualquer diferença que estivessem condenados à eterna incubação.

Beijos súbitos na cozinha, poemas declamados à mesa do café da manhã. Longas contemplações em lugares públicos, seguidas por sorrisos sugestivos. Deise vindo tarde demais para a cama, afastando seu cabelo e a beijando na altura da nuca. A rotina enchendo-se de música, sexo e fantasia.

Quando estava em casa, Deise também saía com Tom para beber, ir ao cinema, comprar livros e discutir todo tipo de ideia abstrata, desde as teorias filosóficas às narrativas de ficção. Não foi surpresa quando, aos dezessete anos, o garoto decidiu seguir a carreira de jornalista.

No dia em que Tom se matriculou na faculdade, os três estouraram uma espumante e riram madrugada adentro, relembando episódios divertidos da vida em comum. Deise contou algumas histórias sobre sua formação acadêmica – como se tornou *persona non grata* por interceptar as aulas com divergências insidiosas – e deu conselhos ao futuro jornalista, assumindo um discurso professoral:

– Tom, meu querido. As pessoas não querem ser informadas. Elas precisam ser seduzidas.

Imersa num momento de sublime lucidez, Patrícia observava de fora os gestos bêbados dos dois, o brio que injetavam à conversa: o ímpeto com que Tom se lançava ao futuro, a confiança que Deise tinha na própria inteligência. Ela era mesmo a pessoa mais inteligente que Patrícia já havia conhecido, mas sua estranha aversão ao pragmatismo da realidade jamais permitiria que realizasse uma única obra relevante. Tom talvez conseguisse transformar uma parte de suas ideias em algo palpável. Patrícia esperava que sim.



## **PARTE III**

# **DUAS MULHERES DANÇANDO UMA AO LADO DA OUTRA**

## 1.

Tudo o que Tom relata sobre sua vida em comum com Deise me sugere que ela – a mulher brilhante que nunca chegou a lugar algum – foi a responsável pela ruína de Leona. É Deise quem responsabilizo pelo desaparecimento de Leona, muito mais do que o homem morto, Patrícia ou a falta de atitude dos meus vinte e dois anos.

Em algum ponto nevrálgico da conversa, sinalizei ao garçom e pedi dois *irish coffees*. Duas taças de bebida escura e cremosa, coroadas por uma densa camada de chantilly, apareceram diante de nós. Eu e Tom bebemos em sincronia, de modo que, em cada copo, sobra apenas um resto de café frio, não maior do que uma moeda de 1 peso argentino.

– Desculpa, Charlotte. Eu acho que falei demais.

Tom passa a mão na nuca. Uma película quase imperceptível de lágrima acentua o brilho de seus olhos verdes. Contenho o ímpeto de confessar-lhe que confio nele mais do que confiei em qualquer pessoa nas últimas décadas. A mistura de uísque e café – a mistura de paixão e morte – me causam essa sensação permissiva de absurdo. Fecho as pálpebras, mas os contornos sombreados de Tom permanecem à minha frente.

– Era forte – digo, e rio.

– O uísque ou a minha história? – Tom também ri, cruzando os braços diante do peito. Os raios de sol do fim da tarde fulguram no vidro de seu relógio, atingindo-me as retinas, me obrigando a virar o rosto e apertar as pálpebras. Ele coloca a mão sobre o pulso e pede desculpas, como se houvesse me agredido.

– Não. Não tem problema. Quer dizer, não foi tua culpa.

Numa mesa ao meu lado direito, um senhor de terno cinza e gravata rosa-bebê atende o celular. Não parece compreender as funções da telefonia móvel, pois grita como se precisasse galgar os quilômetros que o separam de seu interlocutor através da intensidade de sua voz. *¿Qué? ¿Oscar es un boludo de mierda!*, ele berra, me obrigando a abafar o riso com um guardanapo, enquanto Tom adota uma expressão irônica de susto.

Inspiro fundo o cheiro de café e uísque. Conforme se renova o ar nos pulmões, invertem-se os sentimentos: a descontração esmorece, a melancolia enterra todas as perguntas que eu ainda gostaria de fazer.

– Eu não queria que tu ficasse com raiva da Deise – Tom desvia os olhos para o chão. – Ela foi uma pessoa importante pra mim também. Mesmo com todos esses defeitos.

– Não tenho raiva dela – digo, balançando a cabeça. – Não mesmo.

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Volto a acender o abajur entre nós.

– Aconteceu alguma coisa entre vocês duas. Não aconteceu?

Tom se mantém atento ao meu rosto. Aperto os lábios para suster as pequenas contrações que fisgam meu lábio superior.

– Aconteceu – digo, em voz baixa. – Mas eu não sabia. Não sabia da Patrícia.

O celular de Tom vibra sobre a mesa. Consigo ler o nome de Aline na tela.

– É minha namorada.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça. Tom desbloqueia a tela e digita algo. Durante dois minutos, mantenho os olhos fechados, tentando decodificar a origem dos sons que compõem o ambiente.

– Desculpa – diz Tom. – A Aline tá me esperando em casa.

– Tudo bem.

– Mas ela disse que gostaria de te conhecer. Se fosse possível.

– Me conhecer?

– Isso. Te convidou pra jantar lá em casa na quinta ou na sexta. Mas fica à vontade. Eu entendo que é uma situação difícil.

Tento investigar na expressão de Tom algum indício de desconforto que transforme o convite num mero gesto de polidez. O impulso de me aproximar um pouco mais da enigmática vida que Leona levou após nossa última viagem é a principal força que me impele ao sim; além dela, contudo, existe a genuína vontade de passar mais algumas horas na companhia de Tom e de conhecer Aline.

– Posso responder depois?

– Claro. Vou te passar meu número. Acho que é mais prático do que e-mail.

Ao sorrir, os olhos dele se estreitam de tal maneira que se reduzem a duas linhas orladas por longos cílios. Quando alcanço meu celular para que salve o número na minha lista de contatos, tenho a sensação de que ele também cultivava por mim um princípio de afeto.

2.

Janto sozinha na mesma cervejaria da primeira noite, embora haja outros milhares de restaurantes espalhados pela cidade. Janto sozinha com a vaga esperança de encontrar a garota das botas de caubói, a garota que quase foi Leona, a garota que já não pode ser Leona.

Nunca mais confundirei nenhuma estranha com Leona. A longa espera terminou.

Meu prato chega mais depressa do que da última vez. O mesmo garçom coloca a *hamburguesa* ao lado do meu segundo pint de *cerveza rubia*. Agradeço com o rosto baixo, mas não escapo:

– *¡La amiga de Ronaldinho Gaúcho!*

Meu sorriso pouco encorajador não o desestimula:

– *¿Has traído la foto?*

Tomo um grande gole de cerveja; no segundo copo de meio litro, os aromas e sabores já se sobrepõem a um retrogosto azedo. O tédio que esse rapaz me desperta lembra muito meus anos de casada, a insistência em assuntos que não me interessam, esse universo à parte que não tenho ânimo para habitar: um universo onde me importo com personalidades famosas do futebol e não desperdiço a chance de tirar uma fotografia ao lado de Ronaldinho Gaúcho.

– Cara, que se foda o Ronaldinho Gaúcho.

Eu começo a rir; ele me olha, com um sorriso confuso.

– *Que se joda el fútbol* – trato de repetir, num espanhol didático. – *Son todos unos boludos de mierda.*

Começo a gargalhar desabridamente. O garçom sai para atender a um chamado de outra mesa. Intercalo novos acessos de riso com pausas melancólicas. Na mesa à minha frente, um grupo animado de pessoas de trinta anos ou mais pede outra rodada de drinks neon. Compartilham experiências sexuais – algumas invejáveis, outras constrangedoras –, disputando a atenção da mesa com suas melhores confissões. Quanto mais falam, mais tenho certeza de que ninguém sabe muito bem do que está falando. Quanto mais se libertam, mais tenho a sensação de que mentem.

Encaixo as bordas do copo de cerveja meio vazio na boca. Preciso de alguns minutos até encontrar algo verdadeiro para dizer.

*Nada tem importância.*

Afasto o copo, libertando as partículas de ar que carregam minha confissão.

### 3.

Oi, Tom. Ainda não sei bem o que sinto sobre tudo o que conversamos, tanta coisa eu imaginava diferente, mas o que eu sempre quis saber foi a verdade, e agora eu sei. Se o convite ainda estiver de pé (e se não for incômodo), seria um prazer jantar com vocês. Por mim, pode ser qualquer noite essa semana. Só me digam se devo levar cerveja ou vinho. Abraço, Charlotte.

#### 4.

É uma daquelas noites confusas, em que não sei se descanso ou agonizo, numa cama de hotel ou de hospital – no meu quarto ou num ônibus interurbano. É uma daquelas noites turvas, entre o sonho e o delírio, o suor ou a tempestade, as rugas do tempo ou as covas do sorriso. Melhor seria interromper esse sono sem dignidade, um sono cansativo, mas não consigo me expelir para fora do sorvedouro escuro, me desvencilho do lençol, a nuca suando, uma luz azul terebrando as brechas da persiana – não sei se meus olhos estão mesmo abertos ou se recomponho, de memória, os elementos do quarto, e não consigo mudar o ângulo de vista, virar o pescoço ou mesmo lembrar se um dia houve um vulto parado à janela, me olhando, se é possível que esse vulto seja o meu vulto, um espectro dissociativo dessa vigília parcial. Um estampido espasmódico atravessa meu crânio. Com o corpo desatado, sento-me à beira da cama, movo os dedos dos pés. Seis horas da manhã na tela do meu celular.

Os olhos ardem como se eu os tivesse mantido abertos a noite toda. Uma dor uniforme se distribui pelos nervos da cabeça. Viro o corpo de lado e só acordo pouco depois das onze horas da manhã, com o celular vibrando ao meu lado na cama. É Tom, marcando o jantar hoje à noite, por volta das nove horas, numa rua pela qual não me lembro de já ter passado alguma vez na vida.

#### 5.

Peço que o garçom me sugira um prato sem carne vermelha para o almoço. Ele diz que o salmão com legumes é uma boa pedida. Aceito e devolvo o cardápio.

Eu já desconfiava que algo houvesse acontecido com meus olhos. No último ano, as letras miúdas dos livros e cardápios se esbatem em uma nuvem cada vez mais impenetrável. Eu vinha relevando essa circunstância porque se trata de uma intervenção muito delicada na fisionomia; a identidade imexível de uma mulher de cinquenta anos que nunca precisou de

óculos pode sofrer deformações irreparáveis atrás de duas lentes. Fico sujeita a envelhecer uma década ou enxertar uma prótese descontraída que me faça parecer uma dessas mulheres em eterno estado de negação da passagem faminta do tempo. Avalio os modelos que ornamentam os rostos no restaurante; há óculos coloridos, escuros, de contornos felinos, discretos, extravagantes, mas nenhum que eu consiga imaginar em mim.

Enquanto meu salmão não chega, tento imaginar que espécie de pessoa é Aline; sei que se formou em São Paulo, mas fez residência médica no mesmo hospital argentino onde Patrícia trabalhou. Foi através dela que conheceu Tom. Tudo o que ele disse a respeito da namorada durante nosso café poderia muito bem pertencer às elucubrações de um sujeito apaixonado.

## 6.

Mesmo com a rua pouco iluminada, percebo a bela fachada da casa, com tijolos crus e janelões de madeira. Tom e Aline vivem numa daquelas áreas históricas que o dinheiro preferiu conservar em vez de destruir.

Tom atravessa um curto gramado para abrir o portão de ferro. Atravessamos devagar a grama úmida, as garrafas de cerveja tilintando na sacola que trago enganchada ao braço. Conversamos sobre o cardápio da noite – um risoto de cogumelos preparado por ele. Enxergo Aline na varanda da casa, a silhueta esguia abrindo-se numa saia rodada que alcança os joelhos, mais ou menos um metro e sessenta de altura. Quando me enlaça pelo pescoço, erguendo-se sobre a ponta dos pés para beijar meu rosto, fica evidente que concentra toda a expansividade que falta ao namorado. Move-se numa frequência rápida, tem olhos grandes e uma franja cortada um pouco acima das sobrancelhas.

Ela me conduz para a sala de estar, cuja iluminação embutida no teto cria uma atmosfera aconchegante entre as paredes altas. Na estante de madeira, centenas de livros dividem espaço com a televisão, onde passa, em volume baixo, um show que não consigo identificar, e que servirá de assunto mais adiante. Enquanto percorremos os cômodos, Aline me explica a história da casa, as reformas que foram necessárias, a sorte que tiveram por descobri-la nas oportunidades secretas do mercado imobiliário. Faço perguntas sobre a segurança do bairro, elogio o bom gosto da decoração, pergunto se costumam acender a lareira durante o inverno.

– Esse é o quarto onde a mãe do Tom fica quando vem nos visitar – diz Aline, empurrando um pouco a porta para exhibir o quarto simples, mas caprichado, com o lençol



branco estorricado sobre a cama de casal, o armário com portas de espelho e abajures de toque sobre as mesas de cabeceira. Numa delas, há um livro grande, cujo título não consigo ler.

Subimos a escada em espiral. Passamos pelo mezanino de madeira, diante do qual se recorta uma grande janela; através dos vidros, contemplamos a lua quase cheia que perfura o tecido negro da noite. Tom me mostra seu gabinete, com estantes repletas de livros e um notebook da Apple sobre a escrivaninha. Aline aponta uma área destinada aos seus livros de medicina:

– Às vezes, eu venho aqui estudar também.

Tom a enlaça pela cintura e a beija no rosto:

– E sempre deixa uma bagunça.

Rimos os três e tornamos a descer. Tom pede licença para cuidar dos preparativos do risoto.

– O que vamos beber? – pergunta Aline, exibindo um sorriso simétrico.

– Eu trouxe umas cervejas – digo, apontando sobre a mesa a sacola de pano da cervejaria artesanal onde, pela tarde, comprei algumas garrafas, utilizando como único critério o *design* dos rótulos.

– O Tom se esqueceu de colocar na geladeira. Não precisava trazer nada. Mas, já que trouxe... – Aline engancha a sacola no ombro esquerdo e pisca para mim. – Já volto com nossos copos.

Sentada no sofá, amassando a ponta da almofada entre os dedos, penso se Leona algum dia já esteve aqui também.

## 7.

Aline aparece com duas taças cheias até a borda de uma cerveja cor de café. Tomamos o primeiro gole ao mesmo tempo e concordamos que se trata de uma cerveja bastante forte, mas, ainda assim, saborosa.

– Então, Charlotte – diz Aline, cruzando as pernas. – Tu conheceu a Deise?

Tomo mais um gole, evitando cruzar nossos olhares.

– Conheci sim. Há muito tempo atrás. Ela me disse que se chamava Leona.

O barulho das panelas assegura que Tom continua ocupado na cozinha. Isso parece tranquilizar Aline, que relaxa os ombros contra o encosto do sofá.

– Leona – ela diz, pensativa.

– Vocês chegaram a se conhecer?

Aline ergue as sobrancelhas e coloca o copo sobre a mesa de centro.

– Então – diz, alisando a saia com as mãos. – Convivemos muito pouco. Mas posso ser sincera?

Faço um movimento afirmativo com a cabeça.

– Me bastou.

Tom aparece com um prato de vidro na mão. Ela me faz um gesto de silêncio.

– Ai, ai. O que tu anda falando pra Charlotte?

– Nada. Não é?

Tom a encara com desconfiança.

– Nada mesmo – digo, afastando os copos para que Tom coloque o prato de aperitivos sobre a mesa.

## 8.

Durante o jantar – um magnífico risoto de cogumelos sortidos –, esgotamos outras cervejas e enveredamos por assuntos cada vez mais inusitados: da vida em Buenos Aires às diferenças de personalidade de Tom e Aline, que geram alguns impasses, mas nada grave. Só percebo que Tom bebe muito pouco quando Aline pontua o fato:

– Por exemplo, Charlotte. A gente já perdeu a conta de quantas tomou. O Tom deve tá no terceiro copo.

– Segundo – ele corrige.

– Viu só.

– Mas é que eu tenho reunião amanhã cedo.

– É sempre assim – debocha Aline, acariciando a mão do namorado.

A conversa flui bastante divertida. Respondendo a uma pergunta de Aline, menciono meu recente divórcio e, por causa da bebida, acabo falando sobre a apatia de Felipe, o tédio do cotidiano, a sensação de que não existe mais nada para ser vivido.

– É claro que existe – Aline fala alto, com gestos expansivos. – O primeiro passo já foi dado. Agora é ir atrás de coisas novas.

– Eu não tenho mais vinte, nem trinta.

– Nem noventa, nem cem – observa Tom.

– Que se foda – diz Aline. – Tu é uma mulher linda, inteligente. Ela não é linda, Tom? Pode dizer, tem minha autorização.

Nós rimos. Tom diz que sim.

– Obrigada – digo, alinhando os talheres na borda do prato.

– Não, é sério. Tu já pensou que talvez tu também seja isso de vez em quando? – Aline me lança um olhar inquisidor. Tom afasta a cadeira, como se, antecipando a declaração incisiva da namorada, tentasse, de antemão, desvincular-se dela.

– Isso o quê? – pergunto.

– Apática. Passiva. Alguém que espera que as coisas aconteçam e fica deprimida quando nada acontece.

Aperto os lábios, recorro ao copo de cerveja, mas percebo que está vazio.

– Viu? Tu não consegue nem me olhar.

Tom se levanta, coloca a mão sobre o ombro dela.

– Calma, meu amor. Tu já bebeu bastante. Pega leve.

– Ela tem razão. Continua, Aline. Quero te ouvir.

Apesar do meu encorajamento, Aline abrandando o discurso.

– Apesar de a gente ter se conhecido essa noite, eu acho que nos entendemos. Não foi?

– Acho que sim – respondo com franqueza.

– Foi só algo que eu pensei. Que tu tem todos os motivos do mundo pra ir atrás de coisas novas.

Aline vira a garrafa de cerveja sobre o copo. Caem apenas algumas gotas douradas.

– Vou pegar mais uma pra vocês – diz Tom, se dirigindo à cozinha.

Aline fica descolando com a unha o rótulo da cerveja durante algum tempo.

– Sabe de uma coisa? Ela era uma cretina. A melhor coisa que fez na vida foi desaparecer de vez.

Agora é ela quem permanece com o rosto baixo.

– O Tom nunca ia conseguir te dizer isso. Porque uma parte dele idolatrava aquela mulher.

– Deise?

Aline ergue a sobrancelha, assumindo uma expressão de nítida ironia.

– Leona.

Tom volta com a garrafa unvida por uma camada brilhante de gelo. Verte a cerveja dentro de nossos copos, inclinando-os para evitar a espuma.

– Que houve? – ele pergunta, estranhando nosso silêncio repentino.  
– Eu tava aqui pensando – Aline bebe um gole demorado. – Tenho alguém pra apresentar pra Charlotte.

Tom respira fundo, outra vez antevendo alguma ideia estranha.

– A Belén.

– Nossa. Eu sabia que ia ser a Belén.

– Claro! Ela é um gênio, Charlotte.

Tom me lança um olhar desencorajador.

– Para, Tom.

– Tô brincando, a Jodie é uma pessoa legal. Mas não tem nada a ver com a Charlotte.

– Jodie? – eu pergunto.

– O Tom inventa umas coisas.

– Não invento. Ela é igual à Jodie Foster.

– Não é tanto, Tomas.

– Igual.

– Charlotte, ela é um gênio. É uma das maiores imunologistas da América Latina. E terminou o casamento há um ano.

– Com o Hannibal Lecter – observa Tom, provocando nossas risadas.

– Falando sério, Charlotte. Me deixa arranjar um encontro entre vocês duas.

Balanço a cabeça, sem considerar a proposta de Aline.

– Obrigada, Aline. Mas a questão não é essa. Tem outras coisas que eu preciso resolver.

Ela suspira, fazendo um gesto de desistência com a mão.

## 9.

Voltamos para o sofá para comer a sobremesa – um sorvete argentino de pistache com pedaços de chocolate. Na televisão, o show recomeçou.

– Que banda é essa? – pergunto.

– Nem me fala – diz Tom, exausto. – Ela vê isso todo dia.

– É *Arctic Monkeys* – diz Aline, apontando para o vocalista. – E esse é o Alex Turner.

O grande rival do Tom.

– Eu mereço – ele diz, bocejando.

Eu já ouvi falar sobre a banda, mas nunca parei para escutar. Aline me explica que as performances são incríveis e que, na opinião dela, *Arctic Monkeys* – e, em especial, Alex Turner – é o que o rock produziu de melhor nas últimas décadas. Ela canta o refrão de uma música que eu não conheço.

Terminamos a sobremesa falando sobre nossos gostos musicais – que são, em grande parte, compatíveis. Aline fala que uma banda cover de *Arctic Monkeys* vai tocar amanhã, num pub ali por perto.

– O baterista é nosso amigo, mas o Tom não vai poder ir. Se tu quiser me fazer companhia.

Penso em alguma desculpa, um compromisso inadiável para uma noite de quinta-feira na capital da Argentina. Nada me ocorre e, agora, qualquer ideia soaria pouco convincente.

– Não sei, Aline. Eu não conheço a banda.

– Mas vamos pra conhecer.

– E faz muito tempo que eu não saio.

– Então é mais do que hora.

– Deixa ela decidir, amor – Tom já está com os olhos fechados, a cabeça pousada sobre o encosto do sofá.

– Tudo bem – diz Aline. – Só acho que seria bem legal.

## 10.

Com duas *long necks*, eu e Aline sentamos lado a lado nas espreguiçadeiras do jardim que fica nos fundos da casa. Tom já foi se deitar, por causa do compromisso que tem pela manhã. Vários insetos orbitam o poste de luz à nossa frente. Ela me alcança um tubo de repelente.

– Que árvores são aquelas? – digo, apontando para o pequeno pomar à nossa frente.

– Tem uma laranjeira, um limoeiro, uma romã. Algo assim. Foi o Tom que plantou.

Ficamos alguns segundos num silêncio contemplativo, rompido apenas pela sinfonia dos grilos.

– O que tu quis dizer com aquilo?

Aline bebe um gole da sua cerveja. Continua olhando para a frente.

– Sobre a Deise – complemento.

– Escuta – diz Aline, puxando a saia sobre as pernas e se virando para mim. – Nós convivemos muito pouco. Até porque ela tava sempre sumida, sem dar satisfações pra ninguém.

– Por que será que ela fazia isso?

– Supostamente, ela viajava a trabalho. Mas é claro que não era isso. Ela tinha a vida independente dela, não se importava de verdade com ninguém. Deixava a mãe do Tom sempre esperando.

– Por que ela esperava?

– Porque ela continuava voltando. Sempre voltava.

Aline inspira a atmosfera úmida da noite. Os grilos intensificam seu canto seco, que vem, ao mesmo tempo, de todos os lugares e de nenhum lugar em especial.

– E continua voltando – ela diz. – De novo e de novo.

Aline olha sobre o espaldar da cadeira, conferindo se Tom, Deise ou, quem sabe, Leona não estão, de alguma forma, nos escutando. Uma descarga semelhante ao horror faz meus músculos estremecerem. Tento divisar algo em meio ao pomar, sob os fragmentos de luz que se estilhaçam no escuro. Tenho medo de enxergar um vulto entre as árvores – não por acreditar em espíritos, mas por não acreditar na confiabilidade do meu próprio cérebro: o jogo do copo, a representação mental de Leona, todas as crenças, todas as religiões.

– Eu sou o retorno dela, de certa forma.

– De certa forma, é sim – diz Aline, me dirigindo um sorriso afetuoso para atenuar sua sinceridade. – Mas tu só tá aqui porque o Tom também entrou nessa loucura da mãe dele.

Contraio a testa, mostrando que não sei muito bem de que espécie de loucura ela está falando.

– De manter viva a memória daquela mulher – diz isso abrindo aspas irônicas com os dedos. – Eles ainda perdem um tempo enorme com isso.

Pego a *long neck* ao meu lado e proponho um brinde no espaço entre nossas espreguiçadeiras.

– Olhando nos olhos – digo, um instante antes do choque vítreo das garrafas.

– Ela tinha aquele escritório caótico na casa da minha sogra, onde ninguém podia entrar. Isso me deixava puta, eu tinha que dividir a cama de solteiro no quarto dos fundos com o Tom porque a madame, que nunca aparecia em casa e não ajudava em porra nenhuma, não deixava ninguém mexer naquele quarto. E sabe o que é pior?

Faço um movimento negativo com a cabeça.

– Era simplesmente o maior quarto do apartamento. O que eu só fui descobrir depois que ela morreu. Ou melhor, apareceu morta num necrotério lá na puta que pariu.

O desprezo que Aline sente por Deise me entristece; me faz gostar um pouco menos de Aline, me faz gostar muito menos de Deise, me faz perder ainda mais Leona.

– Sabe há quanto tempo ela não aparecia em casa quando morreu?

Repito o gesto negativo.

– Tenta adivinhar.

Balanço os ombros.

– Um mês?

– Nove. Nove meses. E a Patrícia vem com essa história de manter viva a memória, passa os dias revirando aquela papelada no escritório, tentando ver alguma ordem em todas as coisas que a Deise começou e nunca conseguiu terminar.

Aos poucos, começo a entender o que Aline, em sua eloquência embriagada, está tentando me contar. Dois meses após a morte de Deise, quando se tornou injustificável manter intacto seu templo hermético no apartamento, Patrícia autorizou que violassem a porta. Lá dentro, amontoavam-se as décadas de projetos inacabados, centenas de reportagens, pesquisas, fragmentos de histórias, fotografias, entrevistas, relatos e registros de toda natureza assinados por Deise.

– Ela deve ter levado adiante menos de um por cento do que começou.

Aline gesticula em direção ao céu, a noite escoando entre seus dedos, e então diz algo que jamais vou esquecer. Compreendo isso no mesmo instante em que a escuto falar:

– A liberdade de uma vida inteira, e menos de um por cento.

Os outros noventa e nove por cento ainda ocuparão o resto da vida de Patrícia; foi o modo de Deise continuar reverberando.

Todos esses anos, a longa espera, essa viagem a Buenos Aires: tudo fica um pouco mais compensado agora que sei que nunca estive errada a respeito da Barlavento. A substância da garota que conheci no ônibus estava mesmo naquelas páginas, vibrando em colisões caóticas sob a camada de ordem do texto de Tom Lennox: o autor complexo, nutrido pela criatividade tórrida de Leona e metodizado pela eficiência de Tomas.

Acho triste imaginar alguém envelhecendo numa casa vazia, entre fragmentos de histórias – os escombros de uma relação incompleta, os desvios imaginários de uma viagem que nunca chegou ao final.

Aviso a Aline que preciso ir ao banheiro.

– Lembra onde fica?

– Lembro. Quer que eu traga mais cerveja?

Ela alonga o corpo na cadeira e faz um gesto de desafio, com o dedo indicador apontado para mim.

– Só se tu tomar mais uma também.

– Claro que tomo – respondo, já pisando o gramado pegajoso.

O show da melhor banda de rock das últimas décadas, cujo nome já não me recordo, continua passando em *loop* na televisão. Do pouco que consigo avaliar àquela altura, me convenço de que é uma música pouco envolvente, inativa, muito semelhante a tudo que se tem feito em matéria de rock and roll e poesia. Não há nem a sanha revolucionária dos maus músicos do *Sex Pistols*, nem a extensão vocal de Freddie Mercury. É apenas um garoto com roupas bastante apertadas, que poderia trabalhar como garçom num dos incontáveis restaurantes executivos de Porto Alegre, servindo Fanta Laranja em garrafas de vidro para funcionários públicos e bancários, caso os refrigerantes ainda viessem em garrafas de vidro.

Abandono o garçom roqueiro com suas canções sem ira nem paixão – baboseiras românticas metidas à socapa entre *riffs* rascantes – e avanço pelo corredor. De um lado, a porta aberta do lavabo; de outro, a porta do quarto onde Patrícia dorme quando vem visitar o filho. Acendo a luz e fecho a porta do lavabo pelo lado de fora. Então, entro no quarto, puxando com cuidado o trinco atrás de mim.

Faltaria com a verdade se afirmasse que agi por impulso ou que me arrependi de invadir o aposento no mesmo instante. É que parte de mim se sente no direito de reivindicar certos esclarecimentos, mas sem a coragem necessária para reivindicá-los em voz alta. É possível que uma porção da minha busca por Leona, ao perder o objeto diante da notícia de sua morte, tenha se deslocado para uma progressiva curiosidade acerca da mulher que conviveu com ela. Meu único intuito ao entrar no quarto, portanto, é construir uma imagem palpável de Patrícia; ali talvez exista até mesmo um álbum de família, um retrato qualquer, uma fotografia três por quatro, um passaporte vencido.

As cortinas filtram a luz da rua, despejando um retângulo azulado sobre os lençóis. A manta grossa dobrada sobre a cama não combina com a temperatura amena de outubro, sugerindo que ninguém dorme ali há um certo tempo. Ligo o abajur. O livro sobre a mesa de cabeceira me frustra, não comunica nada relevante acerca da identidade de Patrícia: é apenas uma coleção de retratos de Greta Garbo. Nas gavetas, algumas revistas que não tenho tempo de examinar mais a fundo, uma cartela de paracetamol, uma caneta, objetos desimportantes.



Dentro do armário, entre algumas pilhas de blusas e calças, chama a atenção um par de botas de couro femininas. Devem ser mais ou menos do meu número, com certeza grandes e elegantes demais para os pés de Leona.

Abro a gaveta onde esperava encontrar roupas íntimas, mas, em vez disso, encontro apenas capas de DVDs – *Beatles*, *O Iluminado*, *Os Pássaros*, *Pink Floyd* –, livros de medicina e dois estojos de óculos. Abro o de aspecto mais detonado e tiro dali uma armação redonda, do mesmo modelo que Leona usava.

Também faltaria com a verdade se dissesse que não hesitei ao colocar os óculos dentro do bolso interno da minha jaqueta jeans. Nunca fiz nada assim antes. Ocorre que, dessa vez, sob as leis de um universo marginal, eu me sinto no direito de herdar uma fração mínima do que pertenceu à mulher que amei.

## 11.

Quando volto ao jardim, encontro Aline teclando no celular. Recebe com satisfação a long neck que eu lhe alcanço e comenta algo sobre a inevitável ressaca do dia seguinte.

– Vou te contar uma coisa que eu nunca contei pra ninguém, Aline.

Ela senta sobre a espreguiçadeira, enlaçando os joelhos com os braços e suprimindo qualquer indício de embriaguez com um esforço de atenção. Fico escolhendo as palavras, mas, apesar das três décadas, não se tornou mais fácil explicar de que maneira a atmosfera irreal de um interurbano se vincula ao suicídio de um desconhecido, à minha primeira paixão e ao seu estranho fim.

Por isso, começo a falar sobre o conteúdo do *pen-drive* branco de Felipe.

## 12.

Às dez horas da manhã, acordo enjoada e com dor de cabeça. Bebo metade da garrafa d'água que coloquei ao lado da cama e desço até o *buffet* do café da manhã, evitando confrontar, no espelho do elevador, os cabelos ressequidos e os olhos afundados na maquiagem dormida.

Empilho no prato uma banana, um pedaço de pão, duas fatias de queijo e alguns cookies com gotas de chocolate. Devoro tudo sem obedecer à ordem tradicional que antepõe os salgados

aos doces, uma lei preconizada desde o Paleolítico, a caça antes das frutas. Considerando que pretendo voltar para a cama, troco o café pelo suco aguçado de *naranja*.

De volta ao quarto, não consigo escapar do espelho. Apesar do evidente cansaço – dos olhos vermelhos, dos ombros um pouco mais caídos do que costumavam ser –, não estou nada mal. A centelha de loucura legítima as avarias da minha pele, da mesma forma que autenticava o desalinho das roupas de Leona. Talvez a beleza seja apenas uma questão de coerência.

Envio uma mensagem para Tom, perguntando se Aline ainda precisa de companhia para o show.

Sete minutos mais tarde, enquanto escovo os dentes, leio na barra de notificações do celular: preciso sim, passa aqui um pouco antes das 21h (Aline).

### 13.

Visto a mesma jaqueta jeans da noite passada, mas, em vez das sapatilhas sujas de grama, calço os coturnos sobre a calça *skinny* preta. A renda também preta do sutiã aparece por baixo da regata cinza-chumbo. Passo o batom bordô. Não tenho a boca volumosa de Leona, portanto utilizo uma caneta de contorno para engrossá-la, desenhando um pouco além da linha dos lábios, excedendo as formas naturais. Despenteio os cabelos ainda molhados, realçando as mechas repicadas. Por último, experimento os óculos de aro redondo que furtei na última noite. As lentes de grau distorcem minha visão, mas, ainda assim, acho que o modelo fica bem no meu rosto, e talvez eu o adote no futuro.

### 14.

Tom nos dá carona até o bar antes de seguir para uma *parrilla* com os amigos. Aline usa uma camiseta com o nome da banda na frente, uma calça jeans azul e uma bota de salto. Demonstra o mesmo ânimo da noite anterior, aumentando o volume nas suas músicas favoritas, abrindo a janela do carro e deixando que o vento percorra seus cabelos lisos, criando ondas acobreadas.

– Se divirtam, meninas – diz Tom, encostando o veículo junto à calçada. – E se cuidem.

Aline dá um beijo na sua boca.

– Te amo, gato.

– Cuida dela, Charlotte.

Passo a mão no ombro de Tom.

– Pode deixar. Obrigada pela carona.

Algumas pessoas se acumulam à entrada do pub, conversando em pequenos grupos, com copos de plástico na mão. Aline cumprimenta dois rapazes e me apresenta a eles em espanhol. Depois, me puxa pelo braço até a pequena bilheteira, onde compramos dois ingressos por quinhentos pesos cada.

Dentro do bar, eu e Aline passamos alguns minutos tentando reconhecer os artistas emoldurados nos quadros que ornamentam as paredes de tijolos. Luzes vermelhas e azuis compõem o visual futurista do ambiente, com as cervejeiras da Budweiser criando a sensação de que todos os bares ao redor do mundo pertencem à mesma franquia.

Com dois copos cheios de cerveja, vamos até o meio da pista, onde já se concentra um bom público para os parâmetros de uma banda cover.

– Essa música que tá tocando agora – diz Aline, apontando para as caixas de som. – Sabe o que é?

– É *Beach Boys* – eu digo, ensaiando uma dança sem muito jeito.

Aline saúda minha resposta, suspendendo o copo de plástico, que espirra um pouco de cerveja no piso quadriculado.

– Essa banda que vai tocar aqui ganhou um festival de melhor banda cover. Eles são muito bons.

Faço que sim com a cabeça, embora duvide que a cópia argentina de uma banda inglesa ruim possa chegar a um bom resultado. Decido esconder minhas impressões sobre o rock do *Arctic Monkeys* até o fim da noite, desfrutando da companhia de Aline e da tribo heterogênea do pub.

Enquanto minha parceira de show digita mensagens no celular, fico pensando se Leona algum dia conseguiu atravessar essa ponte intergeracional ou se permaneceu estagnada nos seus discos do passado. Os ídolos dela, assim como os meus, morreram de câncer, overdose e melancolia; na melhor das hipóteses, ficaram obesos e continuaram cantando – com as vozes cada vez mais frouxas – versões irreconhecíveis dos antigos hinos.

Enfim sobem no palco os *Monos Andinos*, como anuncia o vocalista, distribuindo alguns risos pela plateia. A versão portenha não chega a ter um nome mais ridículo do que a banda original, mas, em inglês, estamos habituados a tolerar junções tão péssimas quanto “Macacos do Ártico”, “Armas e Rosas” ou “As Portas”. Há uma garota na formação; com a guitarra

vermelha pendurada no ombro, é ela quem toma a frente no palco, sacudindo os cabelos crespos a cada investida da palheta.

A música continua ruim, o vocalista soa como um adolescente tímido que, por algum motivo, está sendo coagido a cantar diante de um monte de gente, mas, afinal, é divertido estar ali, ver a empolgação da plateia entoando as letras, acompanhar o fluxo de sons, corpos e movimentos noturnos. Desvio de um casal bêbado que quase desaba sobre nós. Alguns metros à frente, enxergo uma mulher incomum com um copo de cerveja na mão. Está na última faixa etária dos frequentadores do pub – ou seja, no mesmo espectro que eu. Tenho a impressão de que me olha. Na verdade, tenho certeza de que me olha; de costas para o palco, ela abre espaço entre corpos dançantes e vem andando na minha direção. O nariz arrebitado, as maçãs proeminentes e os maxilares bem definidos criam uma fisionomia vagamente familiar; destoando de todas as pessoas do ambiente, ela usa um blazer social com um caimento reto e ombreiras, calça de alfaiataria preta e, como peça mais despojada, uma blusa lisa e branca. Do lado dela, eu pareço uma velha nostálgica que nunca amadureceu o bastante para encontrar um rumo na vida, precisando circular por aí dentro da mesma indumentária alternativa com que tentou se afirmar durante a longínqua juventude.

Alguns passos antes de chegar até mim, ela baixa o rosto. Três pequenas rugas se formam de cada lado da boca quando sorri, abraçando Aline.

– Charlotte, essa é a Belén que te falei. Simplesmente a chefe do setor de imunologia do hospital, uma das maiores pesquisadoras da área e a pessoa mais brilhante que eu já conheci. Além de uma grande roqueira.

Aline faz o sinal de chifre com as mãos, o gesto comum a todas as tribos do rock – embora os *Macacos do Ártico* estejam bem longe desse espírito. Belén conserva o sorriso, as três pequenas aspás nos cantos dos lábios. Mantém os olhos verdes em mim enquanto passa a mão na cabeça de Aline, como se ela não soubesse muito bem o que está dizendo.

– *Gracias, mas no exageres.* – Belén aperta minha mão entre as suas: – *Mucho gusto. Prazer!*

A plateia aplaude o último acorde de uma música que me parece igual a todas as anteriores. Aline coloca as mãos em concha na boca e grita com toda força o nome do baterista, Nico, que brande a baqueta no ar, um guerreiro medieval com sua espada. Belén ergue a sobrelha para mim e começa a aplaudir também. Misturando português e espanhol, me pergunta alguma coisa. Peço que repita. Ela se aproxima do meu ouvido: quer saber se eu também sou uma grande fã de *Arctic Monkeys*.

Penso em dizer que sim, mas logo percebo que precisarei passar a próxima hora dublando músicas que não conheço para sustentar a mentira. Respondo um singelo *no*, que a faz rir.

– *¿No te gusta?*

Digo, com toda sinceridade, que não entendo como Aline pode considerar essa a melhor banda de rock do momento.

– E tu, é fã dos... como é mesmo o nome?

– *Los Arctic Monkeys.*

Aline nos avisa que vai comprar outra cerveja; finjo não perceber o olhar insinuante que dirige a Belén, antes de desaparecer em meio à plateia. Compreendo que minha parceira de show não voltará tão cedo.

– *También no entiendo* – me diz Belén, erguendo os ombros. – *Soy de otro tiempo.*

Trocamos um sorriso cúmplice e, aos poucos, vamos incorporando o ritmo da música, duas mulheres anacrônicas dançando lado a lado na pista. Belén vira o rosto para mim. Ela parece mesmo a Jodie Foster, e eu ainda não sei se gosto disso.

**A LITERATURA DE UM TEMPO SEM  
PERSPECTIVA**

## **1. Introdução: como acreditar nessa realidade inconcebível para extrair dela alguma literatura.**

Antes de tudo, preciso afirmar a natureza atípica deste ensaio: nele procuro conciliar minha posição híbrida de escritora, leitora e pesquisadora. As proposições teóricas orientam-se por uma finalidade instrumental, que se relaciona à formação de um projeto de escrita literária. Dessa forma, embora não constitua um diário de criação, introduzirei algumas reflexões acerca do processo criativo e da maneira como percebo a inserção da literatura no século XXI. Nos capítulos de maior densidade teórica, afluentes interdisciplinares se permitirão alguns desvios, porém o foco da literatura será sempre retomado; elejo esse método por considerá-lo mais apto a formar novas ideias com algum poder de ineditismo e extensibilidade.

A formação de uma identidade autoral em um território onde não há possibilidade de consenso é desafiadora; inexistem um parâmetro estável ou valores homogêneos que possam ser aplicados com segurança pelo leitor crítico para avaliar a qualidade das obras contemporâneas. A mesma dificuldade se põe ao escritor, que extrai suas influências e amolda sua estética sob projetos de escrita provisórios, que podem, naturalmente, repetir-se em mais de um trabalho, demarcando um estilo característico e pessoal. Dentro de uma mesma obra, é possível romper a unidade estilística; essa técnica tem sido utilizada com frequência para traduzir a polifonia dos centros urbanos, a profusão de discursos da sociedade de massas e a ansiedade das personagens que se encontram em territórios ou situações estressantes.

O fato é que a literatura tornou-se um território de discursos e influências dispersas, misturadas de maneiras muitas vezes inextrincáveis e insubordinadas a classificações estreitas; atualmente, não há escolas ou movimentos que organizem artistas sob qualquer programa definido. Já não faz sentido, portanto, legitimar alguma espécie de literatura em detrimento de outra ou propor fronteiras rígidas de categorização: os gêneros, as temáticas e os estilos se interpenetram. Num sentido amplo, as funções mais transcendentais da arte aparecem imbricadas à sua apropriação pelo mercado de consumo. Mesmo este ensaio – imbuído do espírito de livre conhecimento – não se purifica das ingerências do capital. Ao rastrear as tendências mais atuais, convergirá para as obras ratificadas pelas grandes premiações e publicadas por editoras proeminentes. As teorias e os discursos que subsidiarão os argumentos aqui desenvolvidos também passaram pelo inescapável jogo de forças. Essa consciência não nos exime, contudo, de proceder a estudos críticos daquilo que se tem feito em matéria de literatura, verificando por que algumas formas se consagram em detrimento de outras.

Escritoras e escritores se deparam com duas opções igualmente delicadas: esforçam-se para perceber e fixar aquilo que sobreviverá à vertigem da transformação ou aceitam registrar o amálgama de verdades, sensações, modas e angústias precárias em que se veem imersos no momento em que escrevem. Se neutralizam os indícios temporais, correm o risco de produzir um texto anacrônico, em demasia alheio, artificial e alienado. Por outro lado, se não injetam algo de irrevogavelmente humano e atemporal sob os cenários e aparatos característicos de sua época, arriscam-se a publicar livros que nascem obsoletos. Encontrar a medida entre os dois extremos é um dos desafios da literatura que pretende captar criticamente seu tempo.

De minha parte, acredito na escrita que ordena, com técnica e propósito, os influxos da inspiração, transformando e costurando as narrativas dispersamente colhidas junto à realidade. Há um número cada vez maior de escritores dispostos a teorizar sobre sua própria função, de modo a dessacralizar e desmitificar o processo criativo, afastando-o da ideia de dom inato, destinado por alguma loteria misteriosa a um segmento da humanidade. Livrar a escrita da ideia de predestinação é uma das consequências – a meu ver, positivas – da atual democratização do discurso literário, potencializada pela internet e pelas autopublicações.

Devo admitir que estou longe de ter uma visão romântica do processo criativo: não confio na inspiração e nunca esperei muito dela. Seria ótimo se jamais me faltasse, mas há dias em que falta. Quando isso ocorre, não me obrigo a perceber no mundo qualquer tonalidade sublime. Uma marca na parede persiste como uma simples marca na parede; não me interessa muito, e sobre ela eu jamais escreveria um fluxo de consciência tão brilhante quanto o de Virginia Woolf no conto *A marca na parede*<sup>1</sup>.

Compreendo, aqui, o fenômeno da inspiração como o estado emocional propício à ocorrência de *insights*: a súbita apreensão de alguma nova perspectiva, a observação inebriante de algum aspecto do mundo, a descoberta de algo fundamental. Esse conceito livre de inspiração se aproxima do sentimento oceânico descrito por Freud em *O mal-estar na civilização*: a sensação de eternidade, de comunhão ilimitada do sujeito com aquilo que lhe é exterior.<sup>2</sup>

Perceber a escrita como um trabalho sério me impede de aposentar um dia inteiro a pretexto de falta de inspiração. Não posso esperar que ela apareça com toda sua graça e arbítrio para resolver meus impasses literários. Além disso, muitas vezes consegui atraí-la mediante alguma dose de esforço cognitivo, recorrendo a um recurso menos volúvel e mais acessível pelo

---

<sup>1</sup> WOOLF, Virginia. *A marca na parede e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics - Companhia das Letras, 2011, p. 8.



ato de vontade: o pensamento. Mesmo quando não tenho humor para transcendências, ainda consigo sentar e escrever ficção, muitas vezes resgatando ideias já concebidas que, no seu furor, não ganharam concretude. Não chega a ser, portanto, um trabalho mecânico, como a aplicação de uma fórmula, mas também não é um dom celestial, independente de estudo, empenho e pesquisa.

Reconhecendo de antemão a impossibilidade de generalizar a experiência pessoal, atribuo uma parte considerável do meu processo ao tipo de raciocínio que pode ser medido pelos minutos dedicados ao aprimoramento de cada frase. Sem visar apenas ao efeito estético, quero que cada ideia cumpra uma função minimamente identificável dentro de um texto. O acaso e a intuição podem oferecer boas relações e analogias, mas elaborar uma linguagem que os transmita adequadamente requer o tipo de dispêndio cognitivo que apenas os ambientes de estudo podem proporcionar, porquanto isentos dos estímulos externos que deflagram precisamente a profusão de *insights* desviantes. Existe uma parcela do ato criador que não apenas independe dos arroubos da epifania, mas se desenvolve em seu estado mais controlado e racional.

Isso não significa que a razão seja pura, objetiva, neutra ou mesmo imune às emoções, mas é sobretudo a ela que atribuo a transmutação da matéria imaginativa em palavra inteligível. Mesmo durante a execução das ideias, é possível que irrompam outras, autênticas e imprevistas; quando não levam à distração, podem agregar-se harmoniosamente ao processo. Ainda assim, é por meio de escolhas feitas com algum grau de consciência que consigo exercer o controle do texto: entre renúncias, mudanças, supressões e acréscimos. Antes de começar a escrever, sinto necessidade de pensar *o que desejo transmitir* ou *o que desejo concretizar* com a obra; as intervenções que farei dentro dela, portanto, pautam-se por esse destino preestabelecido. A lógica interna que rege determinada narrativa dificilmente pode ser rompida sem o abalo de toda sua estrutura.

A literatura não é uma réplica ou um recorte da realidade; sua verossimilhança intrínseca precisa ser cuidadosamente tramada pelo autor. Não sou o tipo de pessoa que carrega caderninhos cobertos de registros do cotidiano, anotando fragmentos de diálogos, cenas e detalhes; ainda que eventualmente o faça, não me preocupo necessariamente em realizar as ideias postergadas. Quando decido transpor para a literatura algum episódio do mundo real, sei que o ato de escrever deformará não apenas o fato, mas a percepção que gerou aquele primeiro impulso criativo. As ideias deflagram outras, misturam-se, remodelam-se, exigem do escritor uma construção estética que lhes dê credibilidade, por maior que seja a correspondência com

os eventos reais. A memória capta uma parte ínfima da experiência cotidiana. O resto é invenção.

Os locais de trabalho – escritórios, salas de estudo, bibliotecas – indicam algo importante sobre as medidas de inspiração, artifício e labor que materializam a escrita. Pouca coisa acontece nesses espaços sóbrios: uma tosse, um telefonema, uma conversa inoportuna a perturbar a concentração. É aí que se encastelam muitas escritoras e escritores, urdindo universos fantásticos, criando cenas tensas, insuflando conflitos, esmiuçando a índole humana, narrando motins e pandemônios. Por mais movimentados que sejam os cenários e conflitos sobre os quais se desdobra o enredo de uma história, sua produção deu-se, muito provavelmente, num reduto de ordem, silêncio e solidão. A natureza da arte literária faz conviver a empatia com o isolamento, a inquietude com a concentração, a desordem com o método. A ideia inicial de uma narrativa pode acontecer dentro de um ônibus cheio, mas sua execução se beneficiará do emprego de algum procedimento disciplinado.

O sentido das coisas que vivo se exaure no instante em que ocorrem; transmitir a realidade ao texto literário acarreta uma insuperável ressignificação, uma incontornável mentira que se perfaz no momento preponderantemente racional do processo. Ainda que norтеada pelo pudor da verossimilhança, a literatura nunca pôde e nunca poderá armazenar a realidade. Aos leitores do presente e do futuro, consegue comunicar, no máximo, *a sensação* que perpassava *aquele mundo* representado *naquele momento*, trazendo à luz, nas suas melhores realizações, o que existe de mais universal na condição humana. Mesmo a literatura fantástica ou distópica se utiliza de elementos da realidade, perturbando com a linguagem as expectativas da ordem conhecida.

Em algum momento, contudo, a escrita literária começou a se preocupar demais com sua natureza impostora; sem poder oferecer alguma verdade crível, tentou despir-se dos disfarces. Sendo feita somente de fingimentos, chegou a espalhar suas múltiplas máscaras pelo texto, delatando a própria farsa. Perdeu, com isso, aquilo que lhe era mais honesto: a vontade de propor alguma leitura coerente de um mundo incoerente. É claro que seu projeto nunca poderia realizar-se com perfeição; vertendo a realidade para a linguagem, a literatura não pretendia suplantá-la. Constava no pacto tácito com o leitor – ou deveria constar – a suspensão da descrença, oferecendo o apreço das histórias em troca da credulidade voluntária.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> SANO, Lucia. *Das Narrativas Verdadeiras, de Luciano de Samósata: Tradução, Nota e Estudo*. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A autoconsciência do engodo perpassa grande parte da ficção contemporânea, que avança a passos hesitantes sobre um ambiente de extrema desconfiança. As afirmações categóricas costumam ser tomadas como reducionismos, enquanto a escrita parece descrente de seu próprio poder de representação. O pacto da suspensão da incredulidade foi surpreendentemente rompido pelo lado que propunha o engano. Não creio que seja tarefa primordial da literatura derrubar sua quarta parede, lembrando que seus acontecimentos são feitos de papel. Em vez de incitar o leitor a fugir de sua passividade, a literatura contemporânea tem se resignado a uma conduta passiva, duvidando da possibilidade de agir sobre aquilo que não se sente sequer capaz de representar. É uma escrita desiludida para leitores já desenganados, e por isso consegue comunicar-se.

Ficcionalizar<sup>4</sup> a realidade em crise, onde os discursos estão desacreditados por suas próprias contradições, é uma aventura instigante e difícil. Aquilo que antes vislumbrávamos como questões universais, extensíveis à condição humana, hoje aparece sufocado – e possivelmente sublimado – numa profusão de conflitos dos quais já não se espera nenhum desenlace lógico ou inteligível. Na ânsia de fazerem-se ouvir uns sobre os outros, esses conflitos amparam-se em soluções precárias, alentos ilusórios e tratamentos solitários para pandemias.

Neste ensaio, examinarei as técnicas e tendências empregadas pelos autores contemporâneos para escrever a realidade complexa, onde não há perspectivas consensuais nem soluções concebíveis. Não se trata de uma pesquisa neutra ou acrítica; como afirmei no primeiro parágrafo desta introdução, busco desenhar um perfil da literatura contemporânea para extrair dele algum projeto estético que sirva à minha escrita. Quero entender, antes, se há algum substrato comum sobre o qual assentam as angústias, pois suponho que a falta de perspectivas seja muito mais nefasta do que a falta de certezas. Na poliédrica dúvida de que sempre foi feita nossa existência, podemos escolher trabalhar sobre as facetas da incoerência e do desespero. Também podemos investir naquilo que, para mim, existe de mais apaixonante na arte, e que ela partilha com a ciência: a curiosidade que faz ver, por novas percepções e instrumentos inventivos, as lacunas desse arranjo complexo, tentando propor algum sentido – ainda que revogável e parcial.

De início, a literatura é abordada em sua relação com as teorias do conhecimento que tentaram, ao longo da história, apreender o mundo sensível. A partir do quarto capítulo, faz-se um estudo crítico do perfil da literatura contemporânea. Por fim, as conclusões dos tópicos

---

<sup>4</sup> A palavra não consta nos dicionários brasileiros. A autora deste trabalho, contudo, insiste em registrá-la, na esperança de sua futura assimilação pelo vocabulário oficial.

anteriores arranjam-se no projeto de uma literatura que, enfrentando a falta de perspectivas da realidade que a subsidia, acene com algum horizonte.

## 2. A literatura contemporânea e a literatura sem perspectiva: dois conceitos intercambiáveis que podem deixar de sê-lo.

A literatura de um tempo sem perspectiva só pode ser compreendida pelo seu viés qualitativo, insubordinado à rigidez dos enquadramentos temporais. Aquilo que chamo de “tempo sem perspectiva” é o meu próprio tempo, que avalio enquanto o percorro, com a paixão e o ímpeto transformador que decorrem dessa intimidade. O adjetivo “contemporâneo” também serve para definir a literatura do século XXI, porém seu conteúdo tem valor precário; os anos se encarregarão de afastá-lo de seu referencial, desnaturando o sentido. As ideias, no entanto, não se apagam: o futuro as rejeita, confirma ou renova, e muitas vezes se aproveita delas para contradizê-las ou evitar que se repitam. Uma ideia contemporânea verte luz sobre o que já se consolidou, extraíndo do passado algo de valioso que possa ser projetado sobre um futuro igualmente intangível; é uma zona movediça, inédita, transformadora. O filósofo italiano Giorgio Agamben, nascido em 1942, explica o conceito a partir do pensamento de Nietzsche, para quem o contemporâneo se coloca perante o presente como uma desconexão ou uma dissociação:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões, e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.<sup>5</sup>

Agamben pondera que o contemporâneo, apesar de sua discronia, não rejeita o tempo em que vive. Por outro lado, aqueles que aderem de modo pleno à sua época não são contemporâneos, porque não buscam distanciar-se dela para perceber suas zonas de sombra. O contemporâneo lê a história inédita e a coloca em relação com outros tempos, sendo capaz de oferecer-lhe uma interpretação. Mais do que isso: o contemporâneo é capaz de transformar e dirigir os processos históricos, nadando na contracorrente dos fluxos de pensamento que levam de arrasto os sujeitos à deriva.

Seguindo as reflexões de Agamben, qualifico o contemporâneo por suas marcas indeléveis, que não decorrem da mera atualidade, mas de um esforço crítico de captar seu tempo. Esse esforço pode ser prospectivo ou ineficaz, mas nunca isento ou alienado. Nesse

---

<sup>5</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, pp. 57–73.

sentido, ao falar da literatura contemporânea, não tenho em vista tudo o que se produziu em matéria de literatura no século XXI: procuro perceber as técnicas e os temas empregados por aqueles que se propõem a interpretar ou decodificar o presente. Outra vez, essas técnicas podem ou não reagir eficazmente às vicissitudes que detectam.

A perecível “literatura contemporânea”, portanto, adere à “literatura de um tempo sem perspectiva” na medida em que atravessamos o limbo aberto entre a ausência de um projeto de futuro e a ruína das crenças disseminadas na modernidade. Convencionou-se chamar esse hiato de *pós-modernidade*, conceito de fronteiras bastante extensíveis e imprecisas. Recorrerei algumas vezes a esse termo menos por seu valor conceitual do que por sua amplitude, pois mimetiza a vagueza daquilo que apregoa. Não será, portanto, de aplicação rígida.

De todo modo, a falta de um horizonte de esperança traduz-se por sensações extremas de incerteza e medo. A iminência do apocalipse – a ruína definitiva de tudo o que nos diz respeito – parece ser a única perspectiva mais ou menos consensual entre as culturas ocidentais. Os eventos que causarão o fim da vida na Terra suscitam apostas mais convincentes do que os debates que propõem modos de evitá-lo. Em *Mutações da literatura no século XXI*, Leyla Perrone-Moisés – louvável crítica literária que pautará muitas das discussões deste ensaio – afirma:

No fim do século XX, os teóricos defensores da pós-modernidade apresentavam-na como resultante do não cumprimento das promessas iluministas da modernidade e a exaustão de suas pretensões progressista, frustradas pelas duas guerras mundiais, a ameaça de aniquilação atômica, os campos de concentração, os gulags, a falência das revoluções socialistas e a progressão dos desastres ecológicos. Entretanto, essa justificada decepção com respeito à modernidade não resultou em melhores propostas para a humanidade. Isso também foi notado por Octavio Paz nas “rebeliões! O fim do século XX, que eram “negações de um estado de coisas [mas] não apresentam programas para a organização da sociedade futura”.<sup>6</sup>

Os contemporâneos do tempo sem perspectiva – e nisso se incluem os escritores – operam melhor sobre a crítica do que sobre sua finalidade. Encontram-se estagnados na primeira etapa porque não conhecem a saída, paralisados pela evidência dos erros de seus predecessores e pelo potencial punitivo da sociedade da informação, onde se replicam julgamentos tão sumários quanto mordazes. Ao perceberem a precariedade das crenças que o mercado de consumo, a religião e as articulações de poder oferecem, não acenam com nenhum

---

<sup>6</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

outro projeto mais honesto e menos excludente. A epistemologia pós-moderna lhes autoriza a manter a dúvida suspensa, pois as perguntas não têm o potencial lesivo das respostas. Alguns autores inteligentes parecem médicos que, após um diagnóstico completo e convincente, recusam-se a operar o paciente, ao argumento de que qualquer intervenção cirúrgica comporta riscos e pode causar danos irreversíveis. Com isso, o sofrimento se prolonga, a moléstia se agrava, o grande mal-estar torna os sujeitos cada vez mais vulneráveis às soluções falaciosas, às melancolias prostrantes, às fugas que nada resolvem.

Muitas vezes, os únicos agentes que acenam com soluções o fazem por interesses perniciosos. Pastores, políticos e publicitários vendem falsas e atraentes ideias para pessoas que anseiam por algum projeto palpável de vida – ou simplesmente pelo significado que a arte um dia soube propor. Mesmo os existencialistas dos séculos XIX e XX, ao perceberem o absurdo, buscavam meios de injetar algum sentido às experiências vitais.

Nem sempre são nocivas e oportunistas a religião, a política e mesmo a publicidade. Quando buscam atingir sua função social, contudo, tendem a incorrer nos mesmos diagnósticos vagos ou são abatidas pelos discursos sedutores que prometem respostas simples a questões complexas. Encontrar a medida entre a complexidade e o pragmatismo é um problema típico da contemporaneidade.

Talvez nunca tenhamos sido tão capazes de antever o futuro. Conforme as certezas que julgávamos possuir se revelaram ilusórias, aprendemos a prognosticar as falhas e a detectar as frinchas daquilo que parecia sólido. Todos os conceitos se mostram herméticos demais para apreender a realidade que nos transborda: transborda as ciências, transborda a arte, transborda todas as tentativas parciais de representar e descrever o mundo.

A literatura permite que transitemos com menos rigor e desconfiança pela realidade, colocando-a livremente a serviço da linguagem. Podemos arranjar uma série de definições em torno do conceito de literatura, mas a transmissão da verdade absoluta nunca figurará como um de seus requisitos intrínsecos. Qualquer afirmação que pretenda dar conta do fato é passível de questionamentos; no âmbito da ficção, porém, é a própria dúvida que perde o sentido. É legítimo que o escritor espere do leitor a suspensão da descrença, sem se preocupar com a disseminação de mentiras. O potencial transformador da literatura reside no tratamento estético que oferece às ideias e na luz que consegue verter sobre aquilo que se encontra à margem da trivialidade. Ela capta o leitor num estado particularmente vulnerável, de relaxamento voluntário dos juízos. Mantêm-se apenas as exigências da verossimilhança interna à obra, que deve respeitar suas próprias leis, copiando-as ou não do mundo real.

A literatura de ficção não precisa se limitar ao desengano das demais áreas do conhecimento, desperdiçando sua aptidão para investir em novas perspectivas. Descomprometida com o atingimento de qualquer verdade imanente, a arte é mais capaz de comprometer-se com uma realidade suposta, perscrutando os terrenos instáveis e descortinando outras possibilidades de mundo. Para chegarmos a uma literatura prospectiva, precisaremos ordenar o poder crítico da literatura sem perspectiva através dos mecanismos de solução de conflitos que se conservaram da literatura progressiva. É esse o caminho pelo qual envereda este ensaio e, por consequência, meu projeto pessoal de escrita.



### **3. Literatura e seus fenômenos sísmicos**

Os paradigmas costumam ser entendidos como a matriz teórica sobre a qual assentam os desenvolvimentos científicos. Nesse sentido, são pressupostos de natureza filosófica que se propõem a orientar as pesquisas e os estudos nas diversas áreas de conhecimento. A ruptura de um paradigma que, por qualquer razão, se revelou falso ou insuficiente causa desconfiança acerca dos resultados obtidos a partir de seus métodos e valores. Nos últimos séculos da história humana, verifica-se ao menos uma grande implosão paradigmática, que marca a transição da modernidade para o momento volátil – hostil a definições fechadas – que atravessamos.

A arte – em sua natureza fantasiosa – e a ciência – em sua busca pela verdade – partilham de um mesmo escopo: verter para as linguagens humanas uma imagem mais eficiente do mundo. Em outras palavras, arte e ciência propõem-se a investigar e compreender a realidade.

Na medida em que os paradigmas estabelecem modos de aproximar o sujeito do mundo, também exercem forte influência sobre as produções artísticas. A correlação é diferida porque a própria arte, em seu poder crítico, esforça-se para subverter as ordens que se impõem. Sua vitalidade está justamente na aptidão para revelar as falhas daquilo que parece inescapavelmente sólido, as rupturas do que se pretende coeso. Basta dizer que o movimento modernista do século XX, em seus desdobramentos de vanguarda, voltava-se contra as formas tradicionais, oriundas das convenções que desmoronavam: aqueles pressupostos que compunham o paradigma moderno. A confusão conceitual que circunda o termo *modernidade*, utilizado para designar períodos e conceitos inconciliáveis, não é de todo gratuita.

A tectônica das ideias reverbera nas formas que a literatura assume. Assim, é fundamental observar a sísmica do pensamento contemporâneo para compreender as tendências literárias emergentes.

#### **3.1. A crise do paradigma epistemológico e a crise do romance moderno**

Revoluções culturais, descobertas científicas, crenças religiosas, concepções morais e eventos bélicos influem sobre os processos de criação e sobre os movimentos artísticos. Isso se torna mais evidente na medida em que esses fenômenos aparecem tematizados ou expressos por meio do rompimento das tradições formais. Há, contudo, outras maneiras de aferir essa correspondência; o tom quase ensaístico de algumas obras canônicas deixa palpável a

infiltração filosófica na narrativa ficcional. Em *A Náusea* (1938), Jean-Paul Sartre transmitiu o existencialismo pelo ponto de vista de seu protagonista, Antoine Roquentin, assim como fez Simone de Beauvoir em sua produção romanesca. Reflexões de natureza filosófica perpassam a escrita de Milan Kundera em *A Insustentável Leveza do Ser* (1984). Além desses autores, Thomas Mann (1875 – 1955), Herman Hesse (1877 – 1962), Virginia Woolf (1882 – 1941), Franz Kafka (1883 – 1924), Albert Camus (1913 – 1960), Clarice Lispector (1920 – 1977), José Saramago (1922 – 2010) e Daniel Quinn (nascido em 1935) também são ficcionistas bastante conhecidos por seu veio filosófico. A lista daqueles que situaram suas narrativas em eventos históricos reais seria interminável.

Matérias atinentes à história, à ciência e à filosofia se entranham nos dilemas temáticos e estilísticos da literatura. No cenário atual, o funcionamento das metrópoles e da sociedade da informação age no sentido de abrandar a coesão interna das narrativas, que se pulverizam em enredos independentes ou interrompidos pela colagem de discursos de naturezas diversas. O abalo sísmico subjacente às formas que se destacam na tentativa de traduzir a rasurada agenda pós-moderna é a mesma: a crise da objetividade, o desterro das certezas e a descrença em relação aos métodos de apreensão do mundo real.

Analisando os perfis estéticos e temáticos da literatura contemporânea, delineados principalmente a partir do final do século XX, percebe-se que correspondem a uma série de peculiaridades metodológicas observadas em outras áreas do conhecimento. A postura cognitiva que veio substituir – ou levar a desterro – a epistemologia anterior repercute na estrutura das narrativas longas. No território das inexatidões epistemológicas, velhos conceitos aparecem parasitados pelo prefixo *pós*, de modo a projetá-los a um futuro inapreensível ou à zona inabitável do limbo: pós-modernidade, pós-modernismo, pós-verdade, pós-democracia, pós-humanismo, pós-feminismo. Esse fenômeno representa, em geral, um desvalor, como o índice da ruína de algo que ainda não encontrou substituto melhor. No livro *Babel: entre a incerteza e a esperança*, o jornalista italiano Ezio Mauro e o sociólogo polonês Zygmunt Bauman dialogam a respeito do desmoronamento dos princípios e valores que historicamente modelaram a democracia nos Estados ocidentais. Em uma de suas colocações, Ezio Mauro aponta que o período de interregno que atravessamos corre o risco de não encontrar um caminho, pois a irracionalidade da decadência nos impele a rebeliões mais motivadas pelas angústias do que pela busca da liberdade:

Estamos suspensos entre o “não existe mais” e o “não existe ainda”, e por isso somos necessariamente instáveis – nada à nossa volta é fixo, nem sequer a direção da nossa

viagem. Na verdade, não há qualquer movimento político que ajude a minar o velho mundo e já esteja preparado para herdá-lo; não há nenhuma ideologia identificando uma visão vencedora e ajudando a disseminá-la; não há nenhum espírito constituinte – moral, político, cultural – prometendo moldar novas instituições para o novo mundo.

Nós estamos resvalando para dentro de um território não mapeado, e estamos sozinhos ao fazê-lo, persistindo nas formas e nos modos que regulavam nossas idas e que ora se tornam amorfos, à medida que perdem sua efetividade e autoridade.<sup>7</sup>

As certezas que alicerçaram o mundo moderno revelaram-se insuficientes, trazendo à superfície questões que, séculos atrás, nos julgávamos mais perto de compreender. Com efeito, as respostas nos pareciam mais tangíveis enquanto ainda não havíamos submetido as velhas fórmulas às experiências extremas; na ausência de conceitos mais eficazes, tornamos os antigos mais porosos, mais flexíveis ou simplesmente lhes maculamos com índices de desengano.

A percepção da complexidade forçou a abertura de conceitos, o que produziu resultados importantes e irrenunciáveis. Ao lado da implosão dos absolutismos científicos, segmentos sociais lutaram para visibilizar suas pautas, mostrando que as instituições democráticas, as representações hegemônicas e os discursos médicos, psicanalíticos e jurídicos não os contemplavam. Reconhecidas as incompletudes e parcialidades, o rompimento das categorias herméticas permitiu questionar muitos discursos dominantes que se consolidaram por meio da violência simbólica, institucional e física. No decorrer da história, doutrinas morais, religiosas e pretensamente científicas tolheram e oprimiram a diversidade das experiências individuais e a riqueza das culturas insubordinadas aos referenciais impostos.

O sistema capitalista que se estabeleceu na maior parte do mundo ocidental também contribuiu para uniformizar os projetos de felicidade, subsumindo todos os aspectos da vida à lógica do consumo. Hoje, grandes empresas capitalizam, sem qualquer constrangimento, as pautas ideológicas de grupos historicamente marginalizados, transformando-as em estratégias publicitárias eficientes. Infelizmente, a assimilação mercadológica da diversidade nem sempre resulta num verdadeiro comprometimento com a sociedade e o meio-ambiente. Alheios à mudança dos discursos, persistem os problemas referentes ao trabalho escravo, aos crimes ambientais, à inobservância das leis trabalhistas, aos experimentos cruéis realizados com outras espécies, ao descumprimento dos deveres sociais.

Como manifestações dessa realidade, tendências estéticas e referências temáticas expandem-se pela cultura dos países ocidentais. Se não chegam a conferir-lhe algum grau de

---

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. Babel: entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, ISBN 978-85-378-1589-2, 2016. Edição digital.

homogeneidade, ao menos lançam as sementes que se permitem aflorar nos diferentes territórios.

São imprecisos os marcos temporais que separam o modernismo artístico da amorfa substância estilística e ideológica que hoje se designa “pós-modernidade”, período caracterizado justamente pela instabilidade conceitual. Em primeiro lugar, a nomenclatura é problemática, pois cada época parece disposta a reivindicar o termo “moderno” para si, em oposição ao mundo que a precedeu.<sup>8</sup> Assim, as vanguardas modernistas do século XX não se confundem com a arte da Idade Moderna, cronologicamente compreendida entre os séculos XV e XVIII e influenciada pelo racionalismo, pelos métodos de observação da natureza e pelo antropocentrismo.

Independentemente das definições, a arte moderna e a arte pós-moderna herdam do século XIX o rompimento com as tradições eminentemente racionalistas e realistas. Os sistemas de Immanuel Kant (1724 – 1804) e Friedrich Hegel (1770 – 1831) ofereceram lastro filosófico para essa ruptura. Para Kant, as relações de causalidade não estavam no mundo observável, mas no sujeito que o observa.

No século XX, buscam-se outros fundamentos para a apreensão do real; a linguagem é percebida como alternativa para intermediar a relação do sujeito com o mundo. Em *Iniciação à história da filosofia*, Danilo Marcondes sintetiza essa mudança de perspectiva:

A linguagem surge então como alternativa de explicação de nossa relação com a realidade enquanto relação de significação. A análise do significado e de nossos processos de simbolização constitui-se em uma nova via na busca do fundamento, de se encontrar um elemento mais básico. Isto se dá principalmente em duas direções: 1) Em primeiro lugar é como se o próprio pensamento subjetivo, como se os processos mentais dependessem da linguagem, de significados, de um sistema simbólico; como mais fundamental; 2) Em segundo lugar, a linguagem pode ser considerada, de um ponto de vista lógico, como constituída de estruturas formais cuja relação com a realidade podemos examinar independentemente da consideração da subjetividade, da consciência individual.<sup>9</sup>

A natureza da linguagem e sua relação com o real torna-se uma das grandes questões do século XX, desdobrando-se em diversas teorias ao redor do planeta. É nesse contexto que emergem a filosofia analítica da linguagem de Gottlob Frege (1848 – 1925), Bertrand Russell (1872 – 1970) e Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951), a semiótica, de Charles Sanders Peirce

---

<sup>8</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. P. 38.

<sup>9</sup> MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio e Janeiro: Zahar, 1997.

(1839 –1914), o estruturalismo linguístico do suíço Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e a teoria linguística do norte-americano Noam Chomsky (*Estruturas sintáticas*, 1957), entre outras correntes de estudo.

A crise da antiga concepção do mundo e as problemáticas atinentes à linguagem abalaram também a estrutura romanesca. Em 1954, o filósofo alemão Theodor Adorno (1903 – 1969) já detectava a crise do romance, incapaz de sustentar o realismo que lhe era intrínseco desde sua origem burguesa. A partir do século XIX, quando o preceito épico da objetividade sofreu seus primeiros estremecimentos, reconheceu-se no subjetivismo um fator insuperável de deformação e transformação da matéria real. De acordo com Adorno, não se pode mais narrar, embora a forma romanesca requeira a narração, resultando num paradoxo que condenava o gênero. O procedimento que possibilitava o romance se tornou questionável, uma vez que o escritor, ao adentrar no domínio do objeto, força-se à imitação artesanal e condena-se à mentira, pressupondo o sentido inexistente em um mundo sabidamente inapreensível pela experiência do indivíduo.<sup>10</sup>

À medida em que a vida contínua deixou de fazer sentido, o narrador tradicional perdeu sua autoridade. Seu modo de articular histórias, encadeando fatos para recompor o curso de uma experiência, passou a ser recebido com descrença diante do contexto fragmentado, estandardizado e replicado incansavelmente. O romance perdeu suas funções para outros veículos da indústria cultural, considerando que o jornalismo e o cinema se adequam mais facilmente à potência imagética das grandes cidades, bem como à incerteza e à incompletude das narrativas e dos discursos que se multiplicam em suas ruas e mídias.

Adorno observa que o romance, na ânsia de dizer como as coisas são, viu-se obrigado a renunciar justamente ao realismo que reproduz o engodo sobre o qual se funda. Contra a falsidade da representação, desconstrói a autoridade do narrador, que se obriga a corrigir sua própria perspectiva. Assim, na transcendência estética do romance moderno, reflete-se o desencantamento de uma sociedade em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos.<sup>11</sup>

A contemporaneidade é herdeira dessas múltiplas rupturas epistemológicas. Antes de estudar detidamente as manifestações literárias das incertezas instauradas no mundo pós-moderno, retornarei à proscrita vertente filosófica do racionalismo clássico, na leitura de seu mais célebre expoente, René Descartes. Mais do que a solidez da teoria de Descartes, meu

---

<sup>10</sup> ADORNO, Theodor W. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: Notas de literatura I. São Paulo: Editora 34, 2003. Pp. 55 e 56.

<sup>11</sup> Idem. Pp. 57 e 58.

intuito é analisar os motivos que levaram nosso período histórico a macular o adjetivo *cartesiano* com tonalidades negativas, e de que maneira isso se reflete nos projetos estéticos do século XXI. Ao longo do tempo, as ideias vertidas nas obras passam por apropriações que, para servirem aos autores que delas se utilizam, muitas vezes as distanciam do sentido original; acredito que isso tenha ocorrido com algumas das proposições cartesianas, que merecem ser retomadas e revistas. Algumas nuances esquecidas de sua escrita também merecem atenção, pois restaram ofuscadas pelos aspectos mais contraditados de seu método.

### **3.2 O desacreditado sujeito de René Descartes**

O paradigma que os filósofos do século XXI tentam a todo custo superar tem em René Descartes o poder simbólico de um fundador. Mesmo sob ataque, seu modelo de conhecimento está longe de ser erradicado. Seja porque transições de grande amplitude são lentas, seja porque nenhuma teoria conseguiu substituí-lo com igual eficiência, Descartes persiste – como problema ou como solução.

#### **3.2.1 O método, o viajante e o relógio: onde tudo começou e para onde se encaminha.**

Durante o século XVII, enquanto ainda vigorava o absolutismo monárquico, o filósofo, físico e matemático francês René Descartes delineou os fundamentos do racionalismo clássico, abrindo caminho para o desenvolvimento da ciência e da filosofia modernas. Em *Discurso do método*<sup>12</sup> – uma de suas obras mais conhecidas –, Descartes desarticulou o modo de pensar da Escolástica e propôs um novo sistema de raciocínio, localizando na dúvida a motriz do conhecimento. Para Descartes, o filósofo deve supor a falsidade de tudo o que é passível de questionamento. Eliminando metodicamente as incertezas, buscava algum fundamento evidente a partir do qual começaria a tecer suas convicções.

Desse sistema de dúvida surge a emblemática conclusão *cogito ergo sum* – ou *penso, logo existo*, na consagrada tradução do latim para o português. Mais correto seria vertê-la para *penso, portanto sou*. A despeito da tradução que adotemos, nota-se a consciência do sujeito como perspectiva fundante da percepção do mundo.

---

<sup>12</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Regredindo nas certezas precárias e expelindo sistematicamente todos os dogmas que careciam de comprovação, Descartes julgou ter encontrado uma espécie de verdade elementar: o pensamento comprovava sua própria existência. Ainda que se encontrasse imerso num universo de falsas percepções, o raciocínio não lhe fora negado; a fonte de onde emanam todas as ideias – ainda que falsas – representava um ponto de partida incontestável. Aquele que *pensa* deve necessariamente *ser* algo; portanto, o sujeito que *duvida* pode assumir como convicção primária sua própria existência para, a partir dela, erguer as estruturas do conhecimento racional.

Vê-se, desde logo, que o método proposto por Descartes valorizava a autonomia do pensamento, situando cada sujeito na origem do raciocínio crítico. Ele acreditava que cada indivíduo conduzia o bom senso por caminhos que variavam conforme suas trajetórias pessoais; justamente por reconhecer a diversidade de perspectivas, não pretendia impor seu modo de pensar a toda a civilização ocidental, mas incentivar as pessoas de sua época a criticarem os axiomas que circulavam dentro das universidades. Recomendava, ainda, o avanço cauteloso, pois entendia que os julgamentos apressados tendiam a afastar-se da verdade:

O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: pois cada um pensa estar tão bem provido dele, que mesmo aqueles mais difíceis de se satisfazerem com qualquer outra coisa não costumam desejar mais bom senso do que têm. Assim, não é verossímil que todos se enganem; mas, pelo contrário, isso demonstra que o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina bom senso ou razão, é por natureza igual em todos os homens; e portanto que a diversidade de nossas opiniões não decorre de uns serem mais razoáveis que os outros, mas somente de que conduzimos nossos pensamentos por diversas vias, e não consideramos as mesmas coisas. Pois não basta ter o espírito bom, mas o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, assim como das maiores virtudes; e aqueles que só caminham muito lentamente podem avançar muito mais, se sempre seguirem o caminho certo, do que aqueles que correm e dele se afastam.<sup>13</sup>

Descartes coloca à prova todas as certezas assumidas *a priori* por ele próprio; não nega, porém, que qualquer estrutura de conhecimento precisa encontrar algum substrato estável onde possa se alicerçar e desenvolver. Embora se disponha a sacrificar todas as convicções cujos fundamentos de validade não encontra, não propõe a imediata ruína de todo o corpo de crenças e opiniões públicas. Adota, portanto, uma postura radicalmente reformista no âmbito

---

<sup>13</sup> DESCARTES, René. Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 5.

privado, mas cautelosa e conservadora diante das convenções da realidade que o cerca – convenções que são, em alguma medida, úteis ao funcionamento da sociedade:

É verdade que não vemos demolirem-se todas as casas de uma cidade só com o propósito de refazê-las de outra forma e de tornar as ruas mais belas, mas não é incomum vermos muitos mandarem derrubar as suas para reconstruí-las, e até, por vezes, a isso são obrigados quando elas correm o risco de cair por si mesmas e os alicerces não estão muito firmes. Com esse exemplo me persuadi de que não teria cabimento um particular propor-se a reformar um Estado mudando-lhe tudo desde os alicerces e derrubando-o para reerguê-lo; nem mesmo, também, a reformar o corpo das ciências ou a ordem estabelecida nas escolas para as ensinar; mas, quanto às opiniões que até então eu aceitara, o melhor que podia fazer era suprimi-las de uma vez por todas, a fim de substituí-las depois, ou por outras melhores, ou então pelas mesmas, quando eu as tivesse ajustado ao nível da razão. E acreditei firmemente que, desta forma, conseguiria conduzir minha vida muito melhor do que se apenas construísse sobre velhos alicerces e só me apoiasse nos princípios de que me deixara persuadir em minha juventude, sem nunca ter examinado se eram verdadeiros.<sup>14</sup>

O método cartesiano, ao estabelecer um novo paradigma de análise dos problemas científicos e filosóficos que inquietavam o sujeito moderno, reverberou por todas as áreas do conhecimento. A arte, a ciência e a filosofia, ainda que não sirvam exatamente aos mesmos propósitos, partilham do ímpeto de conceber a realidade, buscando instrumentos úteis à sua apreensão, descrição ou representação. A força do paradigma cartesiano justifica as consequências provocadas pela sua desestabilização.

Conforme escreveu o físico e filósofo estadunidense Thomas Samuel Kuhn (1922 – 1996), paradigmas são “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.<sup>15</sup> Assim, constituem um conjunto de premissas e definições que se aplicam à realidade de uma determinada época.

Em *História da literatura ocidental*, Joaquim Campelo Marques observa que o racionalismo cartesiano, com o modelo de análise metódica e a clareza sistemática de suas exposições, atravessa a literatura clássica. No classicismo francês, a beleza racional e impessoal convive com outra característica marcante: o aprofundamento psicológico das personagens, sobretudo por meio da autoanálise. Entre os autores modelares, Madame de La Fayette (1634 – 1693) encontrou uma maneira eficaz de compassar a progressão da narrativa à análise psicológica da personagem; sua obra-prima, *A princesa de Clèves*, é considerada o primeiro

---

<sup>14</sup> Idem, p. 18.

<sup>15</sup> KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 13.



romance moderno francês. Antes de Lafayette, a ação da trama cessava para oferecer lugar às digressões psicológicas. A dramaturgia de Jean Racine (1639 – 1699) também revela, sobre o fundo religioso, o rigor lógico e racionalista de seu realismo, atento às dimensões humanas e psicológicas das personagens. No ápice de seu potencial trágico, Racine concebeu *Fedra*, centrando a ação numa protagonista feminina de impressionante densidade existencial.

O próprio Descartes, em suas obras, associa sua posição teórica a aspectos biográficos e autorreflexivos. Estabelecendo uma escrita transparente, marcada pela franqueza e pela humildade, relembra, a cada capítulo, a possibilidade de ele próprio incorrer em erro. A autoanálise, ainda que superficial, perpassa o rigor de sua teoria. Ao identificar na formação escolástica um conteúdo obscuro e confuso, reforça a importância da experiência de mundo do filósofo, que deve abrir-se ao conhecimento de múltiplas culturas e pessoas. Os preconceitos contrariam a filosofia cartesiana, na medida em que não submetem as verdades assumidas à dúvida sistemática. Instruído conforme a doutrina dominante nas universidades medievais, demonstra uma invulgar sensibilidade diante das realidades que desconhece ou que parecem estranhas quando confrontadas com seus próprios costumes. Para ele, é muito importante “saber alguma coisa dos costumes de vários povos para julgarmos os nossos mais salutarmente, e para não pensarmos que tudo o que é contra nossos modos é ridículo e contra a razão, como costumam fazer os que nada viram”.<sup>16</sup>

Descartes compreende que argumentos de autoridade e preconceitos culturalmente perpetuados tolhem o pensamento livre e autônomo. Em algumas passagens de *Discurso do método*, a escrita perde vigor e se torna excessivamente cautelosa, deixando entrever uma dose de temor diante da enorme influência da Igreja Católica do século XVII. A quarta parte da obra é dedicada inteiramente a provar a existência de Deus, denotando algum grau de conformismo em face do *status quo*.

A substância de todo conformismo é seu potencial de justificar a impassibilidade do indivíduo diante de alguma realidade que está além de suas forças. Esse esmorecimento assume novas formas, mas não se ausenta das correntes que irradiaram sobre o pensamento do Ocidente. Após as Grandes Guerras, os estruturalistas – que influíram sobretudo no âmbito da psicologia, filosofia, sociologia, linguística e antropologia – sofreram críticas em virtude do determinismo estrutural, desconsiderando a capacidade de ação do indivíduo além daquilo que o sistema prescreve. De outro lado, os existencialistas partilhavam da sensação de desorientação diante de um mundo sem sentido e absurdo, focalizando a atitude existencial do indivíduo. O conceito

---

<sup>16</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P.

de angústia elaborado pelo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813 – 1855), considerado o primeiro filósofo existencialista, é bastante condizente com a angústia pós-moderna: um sentimento de vertigem paralisante diante da liberdade a que o sujeito está condenado. No prefácio a *Temor e Tremor* (1843), escrita sob o pseudônimo de *Johannes de Silentio*, Kierkegaard alude à postura propositiva de Descartes, que percebia já rarefeita naquela primeira metade do século XIX:

Em vão se busca, com minucioso cuidado, uma pequena luz, um ligeiro indício, a mais simples prescrição dietética sobre a conduta que se deve seguir nesta imensa tarefa. Mas alguma vez o fez Descartes? Deste pensador venerável, humilde e leal, ninguém deixará de ler os escritos com a mais profunda emoção; Descartes fez o que disse e disse tudo o que fez. Ah! Ah! Eis uma coisa pouco comum em nossos dias!<sup>17</sup>

A sensação de percorrer um rumo incerto, sem vislumbrar qualquer horizonte factível, não é produto inédito do século XX. Conforme se esfacelou a crença na objetividade e no método analítico proposto por Descartes, outras ideias buscaram reconectar o sujeito aos fenômenos da natureza e da existência. Nenhum novo paradigma foi capaz de causar o mesmo entusiasmo quanto ao próprio poder.

Pelo discurso apaziguador que escudava suas ideias mais rompantes, Descartes deixa transparecer a herança aristotélica do *justo meio*. Com muita perspicácia, delineia as famosas *regras da moral provisória*, recomendando que os cidadãos a princípio se submetam às leis e aos costumes do seu país e se conduzam pelas opiniões mais moderadas. Essa passagem, como tantas outras, mostra que Descartes foi capaz de assimilar as doutrinas do passado naquilo que aproveitavam ao seu pensamento, sem jamais admitir argumentos de pura autoridade hierárquica ou temporal:

A primeira era obedecer às leis e aos costumes de meu país, conservando com constância a religião na qual Deus me deu a graça de ser instruído desde minha infância, e governando-me em qualquer outra coisa segundo as opiniões mais moderadas e mais afastadas do excesso, que fossem comumente aceitas e praticadas pelas pessoas mais sensatas entre aquelas com quem teria de conviver. Pois, começando desde então a não levar em conta minhas próprias opiniões, porque queria submeter todas a exame, estava certo de nada melhor poder fazer do que seguir as dos mais sensatos. E, embora talvez haja pessoas tão sensatas entre os persas e chineses quanto entre nós, parecia-me que o mais útil era seguir aqueles com quem teria de viver (...).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Temor e Tremor* (Coleção Os Pensadores). Tradução: Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>18</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Pp. 27 e 28.

Para Descartes, mudar o sentido constantemente e por qualquer motivo é uma estratégia contraproducente. A dúvida não justifica condutas instáveis e confusas. Assim, um viajante perdido na floresta não deve ficar dando voltas para todos os lados, mudando de direção a todo momento; também não deve permanecer no mesmo lugar, imobilizado pela incerteza. O mais correto seria adotar algum caminho reto, ainda que apenas o acaso lhe sugerisse a escolha, e andar com convicção até chegar a algum lugar. Ainda que provenha do paradigma rompido, essa reflexão cartesiana acena com um modo de enfrentamento dos grandes dilemas do século XXI, onde um emaranhado de opções, caminhos e verdades precárias levam os cidadãos, internautas e sujeitos políticos a estados de angústia que se manifestam de diversas maneiras.

Na literatura contemporânea, é comum que personagens hipnotizadas, deprimidas, desesperadas, pessimistas, indiferentes ou iludidas vaguem em territórios hostis à procura de um rumo. A incapacidade de definir sua busca e a descrença na resolução dos conflitos que compõem as narrativas – sejam eles de natureza psicológica ou factual – são marcas desses romances e novelas. O narrador em primeira pessoa de *A Resistência* (2015)<sup>19</sup>, de Julián Fuks, apresenta algumas reflexões dessa natureza; andando pelas ruas de Buenos Aires, procura o apartamento onde seus pais viveram durante a ditadura militar, cenário importante das histórias que compõem a memória familiar. Diante da fachada do prédio, vacila entre sentimentos de angústia, incerteza, indiferença e paralisia:

Procuro esse apartamento, o apartamento onde viveram meus pais. Procuro esse apartamento embora saiba que não poderei entrar. (...) Por um instante me aflijo, meus pés titubeiam em rumo, nenhuma certeza é possível, minhas mãos se cerram em punhos, tudo o que sei é impreciso, não sem em que prédio tocar.

Mas toco o primeiro interfone ao alcance dos dedos enrijecidos e toda a aflição se extingue. A indiferença é o que me domina, alguma paralisia em meu peito: já não me importa se este é o prédio, e esta é a verdade que desejo, se aqui meus pais foram perseguidos e meu irmão passou seus primeiros dias, os primeiros meses dessa vida que remotamente persigo. E se tão indiferente me sinto, e se não entendo bem meu próprio ensejo, por que não recolho esse meu corpo quase partido e parto de uma vez?

Ao ouvir a voz do porteiro, prossegue hesitante diante de seus propósitos, partilhando com o leitor a desconfiança quanto à efetividade de suas ações:

---

<sup>19</sup> Publicado em 2015, *A Resistência* venceu o Prêmio Jabuti de Romance e conquistou o segundo lugar no Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa no ano de 2016.

Não, é o que lhe digo, todo hesitação. Não procuro ninguém neste momento, só tenho algumas perguntas a fazer, se o senhor me permitir, e lamento de imediato a minha ambivalência, a indecisão entre a obediência e o tom inquisitivo. (...) Procuro um casal que viveu aqui há muito tempo, me contradigo, tentando descrever esse casal e notando como me faltam elementos concretos, atributos específicos, como disponho apenas de abstrações e contingências.

Quanto enfim consegue que o porteiro lhe dê passagem pelo pórtico de entrada do edifício, permanece estagnado, incapaz de levar adiante sua busca:

Mas eu não me movo, fico parado diante daquele pórtico antigo, daquelas paredes cinza, e não sei mais o que dizer. A paralisia se expandiu do meu peito, tomando meus pés e minhas mãos até a ponta dos dedos. Essa é a integridade que consigo, a paralisia do meu corpo inteiro.

O viajante desorientado de Julián Fuks comporta-se de maneira nitidamente distinta daquela recomendada por Descartes ao seu viajante hipotético. É verdade que o decidido viajante cartesiano, ao vagar resolutamente pela desorientação, poderia, depois de uma exaustiva caminhada, encontrar apenas um precipício. Se isso ocorresse, a humildade de reconhecer a desventura e a coragem de retornar para uma nova tentativa lhe exigiriam esforços dobrados – forças que superassem a prostração da derrota. O sujeito pós-moderno não encontra sequer energia suficiente para o primeiro movimento, que inauguraria um projeto do qual ele não tem certeza num mundo onde se percebe deslocado. O narrador de Fuks, filho de pais perseguidos pela sangrenta ditadura militar argentina, assume a descrença e a hesitação. É como se o viajante surgido com a mudança paradigmática do século XX responsabilizasse a aplicação desastrosa dos imperativos que regeram a experiência de mundo anterior pelas atrocidades que se seguiram na história.

No exemplo do viajante cartesiano, o ânimo de encontrar soluções em meio ao labirinto de rumos incertos equivale à busca incansável do conhecimento – exceto que o conhecimento não se funda tão diretamente na sobrevivência, mas na curiosidade indelével que habita a natureza humana. A incerteza pouco propositiva da pós-modernidade tende à prostração. Trata-se de uma conduta diferente daquela proposta pela dúvida metódica de Descartes, onde a busca de fundamentos sólidos encerra o intuito de reconstruir aquilo que já não aproveitava ao pensador moderno.

As concepções filosóficas e científicas que perpassam as épocas influem na literatura; prova disso é que muitos ficcionistas são, ao mesmo tempo, filósofos e ensaístas profícuos, vertendo em romances e novelas suas ideias. Não raro, cientistas e filósofos que não produzem

ficção se revelam grandes conhecedores dos clássicos, introduzindo em suas teorias pequenas narrativas que ilustram algum ponto – como faz Descartes em *O discurso do método*.

Essas breves tramas não servem apenas para exemplificar proposições: elas também tornam o texto científico palatável ao leitor. A história do viajante perdido na floresta se desdobra quase como uma narrativa *multiplot*, descortinando vários caminhos possíveis a depender das escolhas feitas, até concluir que o melhor caminho é seguir qualquer caminho, desde que com passos resolutos. Aí se opera a síntese da investigação metodológica proposta. Além disso, a autobiografia do próprio Descartes funciona como um fio narrativo a permear toda sua teoria, tornando a leitura agradável e transparente, na medida em que elucida as origens do pensamento do autor.

A importância da criatividade literária para a ciência certamente renderia um ensaio mais amplo. Por ora, contudo, interessa-nos ir mais fundo nas razões que levaram o texto coeso e honesto de Descartes a cair num descrédito tamanho que a expressão *pensamento cartesiano* passou a ser utilizada como sinônimo de miopia cognitiva, reducionismo limitante, epistemologia retrógrada, enfim: o mal a que remontam todas as impurezas do pensamento ocidental.

### **3.2.2 O estremeamento do paradigma cartesiano e a metodologia do desterro**

Num tempo marcado por guerras religiosas e silenciamento de ideias desviantes, Descartes propôs um modo de organizar os pensamentos, suprimindo aqueles que não mereciam ser assumidos como verdades apriorísticas. Ao revelar um impressionante respeito ao modo de pensar das diferentes culturas, afasta-se do absolutismo moral. Sua metodologia abalou os domínios da doutrina escolástica, que se impunha de maneira autoritária aos cérebros da época, tolhendo na raiz os avanços do pensamento livre, crítico e autônomo. Se a verdade lhe parecia mais acessível do que hoje nos parece, é porque as dúvidas crescem conforme nos autorizamos ao pensamento crítico que ele ousou defender.

No livro *A evolução da física*, publicado em 1938, os físicos Albert Einstein (1879 – 1955) e Leopold Infeld (1898 – 1968) nos dão outro bom exemplo da apropriação da literatura pelo discurso científico quando definem a natureza como *o grande romance policial*. No capítulo de abertura, advertem o leitor de que, ao contrário de Sherlock Holmes, os cientistas, quanto mais recolhem as pistas e avançam na leitura do mundo, mais longe se descobrem da solução do grande enigma:

O grande romance policial do Universo está ainda sem solução. E nem sequer podemos afirmar que comporte solução. A sua leitura já nos deu (muito; ensinou-nos os rudimentos da língua da Natureza; habilitou-nos a apreender numerosos fios da meada, e tem sido uma fonte de excitação e deleite na penosa marcha da ciência. Percebemos, entretanto, que, apesar de todos os volumes lidos e compreendidos, estamos ainda muito longe da solução completa – se é que existe. Em cada estágio procuramos encontrar explicação que harmonize os pontos já descobertos. Teorias hipotéticas têm explicado muitos fatos, mas nenhuma solução geral, que reúna todos os fios, apareceu ainda. Frequentemente uma teoria na aparência perfeita mostra-se falha logo que a leitura do grande livro prossegue. Novos fatos surgem que a contradizem ou não são por ela explicados. Quanto mais lemos a Natureza, mais lhe aprendemos a perfeição – embora a solução do enigma se afaste com essa maior leitura.<sup>20</sup>

O trecho da obra de Einstein e Infeld assume, com a mesma humildade de Descartes, que a apreensão da natureza será sempre parcial e precária. Pretensões de totalidade e verdades megalomaniacas não fazem parte do pensamento crítico, que opera sobre o detalhe, experimenta a inversão das perspectivas e não se recusa a rever teorias consolidadas. A repetição incansável dos resultados não é capaz de desvelar novos conhecimentos; para viver a ilusão de um mundo perfeito, bastaria que fizéssemos sempre as mesmas perguntas. Os desníveis entre a expectativa e a realidade não fazem tropeçar os bons pensadores; uma vez ordenados, servem como degraus que lhes permitem alcançar outro conhecimento.

As desorientações, portanto, não invalidam o percurso trilhado; tampouco se recomenda ao viajante perdido que corra em desespero para todos os lados, hesitando entre todas as ideias que lhe parecem insatisfatórias ou sedutoras. No século XXI, os acontecimentos não apenas se embaralham, como também nos acessam o tempo todo através dos dispositivos móveis. Num instante, planificam-se notícias e discursos em conflito: miséria, inteligência artificial, golpes de Estado, direitos humanos, a brutalidade do terror e da guerra ao terror, as vozes marginalizadas e os poderes hegemônicos. Perceber a complexidade do mundo, contudo, não justifica respostas genéricas ou incertas; em meio à vertigem, acredito que precisamos, mais do que nunca, da tranquilidade do viajante cartesiano.

Por isso, é contraproducente que determinados segmentos da filosofia, da metodologia de pesquisa e das ciências rejeitem a priori as lições do método de Descartes. Carecem justamente da habilidade crítica de limpar o conhecimento adquirido daquilo que já não lhes

---

<sup>20</sup> EINSTEIN, Albert; INFELD, Leopold. A evolução da física. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. P. 11.

aproveita. Em vez de andarem em alguma direção, assumindo o risco do fracasso, limitam-se a incendiar as florestas em que se veem perdidos.

Falta-lhes, talvez, o atributo essencial do erro, numa falta de coragem que se justifica pela proporção de catástrofe que a falha adquire numa sociedade interconectada pelas redes de informação e compartilhamento. Refugiar-se nas proposições genéricas e privadas de qualquer pragmatismo, no entanto, não moverá nada adiante. Descartes afrontou a ordem moral e religiosa de seus próprios contemporâneos; nada indica que nos tornamos incapazes de fazer o mesmo.

Neste século de embriagante liberdade, existe o risco de pensar fora das zonas de assepsia e das discussões onde os argumentos condenam-se à própria esterilidade. A frequente distorção por que passam os discursos e as notícias advém da falta de apuro das ideias lançadas à massa difusa das informações, pelas quais ninguém assume responsabilidade alguma. Não raro, a deformação dos sentidos convém a determinados interesses e causas. Trata-se de um intertexto predatório dos pensadores contemporâneos em relação aos seus antecessores – ou mesmo entre perspectivas divergentes dentro de um mesmo espaço de tempo. Mais do que parcial, o conhecimento se torna dramaticamente precário, porquanto o discurso seguinte se valerá de todas as artimanhas para desarticular o anterior, recusando-se a participar de seus acertos, preencher suas lacunas ou resolver seus erros.

Nessa filosofia incendiária, o raciocínio cartesiano funciona como perfeito bode expiatório<sup>21</sup>: não apenas René Descartes está morto há vários séculos, como qualquer pessoa que se incline a um modo de pensar racional e organizado está sujeita a ser tomada por conservadora ou retrógrada.

Oscilando com as incertezas, as linhas do pensamento contemporâneo tendem a dois comportamentos distintos. O primeiro deles se limita a convulsionar com os acontecimentos contraditórios da realidade: é arritmico e inconstante. O outro, incapaz de fixar-se em qualquer certeza ou estrutura sólida, é fluido e impalpável. De todo modo, convergem para um só efeito: são incompreensíveis ou de difícilíssima apreensão.

Melhor seria se desconfiássemos mais das informações replicadas e nos esforçássemos, tanto quanto Descartes, para alcançar a fonte das nossas crenças. Quanto à futura desnaturação de suas ideias, ele mesmo a antecipou:

---

<sup>21</sup> Nas cerimônias hebraicas do Yom Kippur, o bode expiatório era aquele que, apartado do rebanho e deixado ao relento, levava os pecados de toda a gente.

(...) embora tenha explicado muitas vezes algumas de minhas opiniões a pessoas de ótimo espírito, e que parecia entendê-las muito distintamente enquanto lhes falava, notei que, quando as repetiam, as mudavam quase sempre de tal forma que eu já não podia dizer que fossem minhas. Quero aproveitar a oportunidade para rogar a nossos pósteros que nunca acreditem que são minhas as coisas que lhe disserem, quando eu mesmo não as tiver divulgado. E de modo algum me espanto com as extravagâncias atribuídas a todos esses antigos filósofos cujos escritos não temos, nem julgo por isso que seus pensamentos tenham sido muito desarrazoados, visto terem sido os melhores espíritos de seu tempo, mas somente julgo que nos foram mal transmitidos.<sup>22</sup>

Essas considerações servem para dissolver o véu de preconceito que circunda a figura de Descartes, revelando o que poderíamos aproveitar de seu pensamento em nosso mundo. Alguns excertos de obras que o criticam permitem delinear um perfil mais preciso das vertentes contemporâneas que se insurgem contra seu método.

Em *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, o neurologista António Damásio condena o dualismo entre mente e corpo, defendendo que o raciocínio e a emoção funcionam conjuntamente na tomada de boas decisões. Ao desmembrar a célebre frase *penso, logo existo*, acaba por extrair dela um conteúdo que não parece derivar imediatamente das palavras de Descartes. Além disso, sua retórica apresenta algumas características da belicosidade contemporânea, onde a paixão do conhecimento parece ter sido substituída por uma pulsão destrutiva. Damásio chega a falar em *protestar* e *censurar* o filósofo do século XVII por ter *convencido* os biólogos a adotarem, até hoje, a concepção mecanicista do organismo humano; como assume na sequência, tal postura seria uma tremenda injustiça.

A menos que Descartes, em aparições espectrais, esteja assombrando os biólogos que o sucederam para convencê-los a assumir como verdade absoluta suas conclusões a respeito da medicina do século XVII, não vejo de que maneira a repercussão desse erro pode ser a ele imputada. Em primeiro lugar, não foi Descartes o fundador do mecanicismo; Kepler, Copérnico e Galileu buscaram, muito antes, compreender o mundo por meio de leis rigorosas e relações de causalidade mecânica. Em segundo lugar, seu método de análise científica não foi privado de resultados; ao questionar a doutrina estagnante e infecunda da Escolástica, que impunha um único modo de pensar, Descartes defendeu a autonomia do raciocínio. Suas conclusões jamais deveriam ser tomadas de modo a engessar o desenvolvimento posterior da ciência. Se os cientistas de hoje ainda não abandonaram algumas de suas concepções, é porque nenhuma teoria nova foi capaz de sustentar resultados práticos de igual magnitude.

---

<sup>22</sup> DESCARTES, René. Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 77.



As inferências de Damásio distorcem a construção cartesiana; é absurdo pensar que Descartes tenha sugerido que a existência dos seres se origina do pensamento, como parece sugerir o seguinte trecho de *O erro de Descartes*:

Não teria sido possível apresentar minha participação nesta conversa sem ter invocado Descartes como símbolo de um conjunto de idéias acerca do corpo, do cérebro e da mente que, de uma maneira ou de outra, continuam a influenciar as ciências e as humanidades no mundo ocidental.<sup>23</sup>

Qual foi, então, o erro de Descartes? Ou, melhor ainda, a *que* erro de Descartes me refiro com ingratidão? Poderíamos começar com um protesto e censurá-lo por ter convencido os biólogos a adotarem, até hoje, uma mecânica de relojoeiro como modelo dos processos vitais. Mas talvez isso não fosse muito justo, e comecemos, então, pelo “penso, logo existo”. Essa afirmação, talvez a mais famosa da história da filosofia (...), sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir.

(...)

No entanto, antes do aparecimento da humanidade, os seres já eram seres. Num dado ponto da evolução, surgiu uma consciência elementar. (...) Para nós, portanto, no princípio foi a existência e só mais tarde chegou o pensamento. (...) Existimos e depois pensamentos e só pensamos na medida em que existimos, visto o pensamento ser, na verdade, causado por estruturas e operações do ser.<sup>24</sup>

Descartes identificou em sua capacidade de duvidar a *comprovação* de que ele próprio existia, e não a origem material de sua existência. Além disso, como reitera ao longo de *O discurso do método*, nunca quis impor seu modo de raciocínio aos outros, pois entendia que cada pessoa é dotada de bom senso e capaz de operar seu pensamento por vias próprias.

Outros autores propõem a substituição do método cartesiano – que seria reducionista e *mais do que insuficiente*<sup>25</sup> em face da realidade complexa – por outro mais apto a lidar com as incertezas e instabilidades do planeta. Em *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*, Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta procuram, na introdução ao livro, depurar toda a ideia de *método* da concepção cartesiana que, a bem da verdade, lhe constituiu:

É certo também que alguns dicionários especializados remetem a idéia de método à filosofia de Descartes, que, ao longo de toda a sua obra, enfatiza a necessidade de proceder, em qualquer pesquisa ou estudo, a partir de certezas estabelecidas de maneira ordenada e nunca pelo acaso. Entendido dessa forma, o método é um

---

<sup>23</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 278.

<sup>24</sup> Idem, p. 279

<sup>25</sup> Idem.

programa aplicado a uma natureza e a uma sociedade consideradas como algo trivial e determinista. Pressupõe que se pode partir de um conjunto de regras certas e permanentes, passíveis de serem seguidas mecanicamente. Entretanto, se temos certeza de que a realidade muda e se transforma, então uma concepção do método como programa é mais do que insuficiente, porque, diante de situações mutáveis e incertas, os programas de pouco servem e, em contrapartida, faz-se necessária a presença de um sujeito pensante e estrategista. Podemos afirmar o seguinte: em situações complexas, nas quais, num mesmo espaço e tempo, não há apenas ordem, mas também desordem; não há apenas determinismos, mas também acasos; em situações nas quais emerge a incerteza, é preciso a atitude estratégica do sujeito ante a ignorância, a desarmonia, a perplexidade e a lucidez.<sup>26</sup>

De novo, percebe-se o dramático repúdio ao funcionamento cartesiano, que só poderia operar sobre a ordem e a certeza. Parece-me, contudo, que a ordem da qual falava Descartes não era propriamente uma leitura acabada do mundo, mas uma maneira dinâmica e pragmática de pensar sobre os problemas e rupturas que emergem na tessitura do conhecimento já consolidado. Na mesma medida, a busca pela certeza era a busca por um ponto de partida seguro, e mesmo o acaso não ficava à margem de sua teoria

Seu *programa* fazia enorme sentido dentro de um contexto onde a Igreja transmitia a verdade homogênea e unívoca – esta sim, imune a dúvidas e mutações. Quanto à compartimentação do conhecimento, era a estratégia de um sujeito consciente das suas limitações diante da realidade que lhe excedia imensamente; faltava a Descartes todos os recursos de comunicação que hoje nos põem em contato com diferentes partes do planeta em poucos instantes. Ademais, seu ceticismo metodológico seria muito útil no universo de informações precárias onde estamos imersos, vulneráveis às *fake news* e displicentes na assimilação da verdade.

É claro que o método cartesiano deve ser questionado, sobretudo em suas excessivas simplificações e analogias incoerentes. Nenhum médico deve operar um paciente como se consertasse um relógio, porque pessoas e relógios são, por certo, muito diferentes. Utilizando a prerrogativa da razão crítica, é possível depreender a inaplicabilidade desses conceitos sem, contudo, clamar pela ruína de tudo o que se aprendeu com eles até então. Provavelmente não há nada que o fantasma de Descartes possa fazer para *convencer* alguém de que os processos vitais funcionam exatamente como um relógio; de certa maneira, a culpa por sua queda é dele próprio, que, no passado, defendeu a extensão do pensamento autônomo aos indivíduos, libertando-os da ditadura intelectual da Igreja. Devemos isso a ele.

---

<sup>26</sup> CIRUANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raul; MORIN, Edgar. *Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez Editora, 2003. P. 17.

Transformar Descartes em um mecanicista frio também não faz justiça à delicadeza de seu texto, que percebia as diferenças e se propunha à experimentação sensível do mundo. Tenho a impressão de que Descartes, nada obstante a malograda analogia do relógio, repudiaria a falta de empatia com que alguns médicos tratam seus pacientes, e que vai muito além do distanciamento exigido para determinados procedimentos. Não posso, porém, extrair conclusões anacrônicas de seu discurso; resta-me apontar a potência sensível que perpassa algumas de suas frases e buscar alguma justiça para o sujeito que tão bravamente abriu caminho à liberdade de pensar.

Em *A Teia da Vida*, o físico Fritjof Capra propõe a substituição das analogias cartesianas por outras, de natureza ecológica. Assim, em vez de percebermos a aquisição do conhecimento como um edifício que deve ser erguido sobre alicerces sólidos, melhor seria se o entendêssemos como uma rede de relações para as quais não há nenhum fundamento. Fritjof Capra faz uma apaixonada defesa do pensamento complexo, onde os níveis do sistema não guardam hierarquia e a teia de relações é descrita como uma rede correspondente de conceitos e de modelos igualmente importantes:<sup>27</sup>

Durante milhares de anos, os cientistas e os filósofos ocidentais têm utilizado a metáfora do conhecimento como um edifício, junto com muitas outras metáforas arquitetônicas dela derivadas. Falamos em leis fundamentais, princípios fundamentais, blocos de construção básicos e coisas semelhantes, e afirmamos que o edifício da ciência deve ser construído sobre alicerces firmes. Todas as vezes em que ocorreram revoluções científicas importantes, teve-se a sensação de que os fundamentos da ciência estavam apoiados em terreno movediço. Assim, Descartes escreveu em seu célebre Discurso sobre o Método:

Na medida em que [as ciências] tomam emprestado da filosofia seus princípios, ponderei que nada de sólido podia ser construído sobre tais fundamentos movediços.

Trezentos anos depois, Heisenberg escreveu em seu Física e Filosofia que os fundamentos da física clássica, isto é, do próprio edifício que Descartes construía, estavam se movendo:

A reação violenta diante do recente desenvolvimento da física moderna só pode ser entendida quando se compreende que aqui os fundamentos da física começaram a se mover; e que esse movimento causou a sensação de que o solo seria retirado de debaixo da ciência.

Einstein, em sua autobiografia, descreveu seus sentimentos em termos muito semelhantes aos de Heisenberg:

Foi como se o solo fosse puxado de debaixo dos pés, sem nenhum fundamento firme à vista em lugar algum sobre o qual se pudesse edificar.

---

<sup>27</sup> CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida - Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

No novo pensamento sistêmico, a metáfora do conhecimento como um edifício está sendo substituída pela da rede. Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos. Para a maioria dos cientistas, essa visão do conhecimento como uma rede sem fundamentos firmes é extremamente perturbadora, e hoje, de modo algum é aceita. Porém, à medida que a abordagem de rede se expande por toda a comunidade científica, a idéia do conhecimento como uma rede encontrará, sem dúvida, aceitação crescente.<sup>28</sup>

Seu modelo é inspirador; nesse mundo integrado, as partes não se dissociam para submeter-se à análise arbitrariamente objetiva, e conseguimos perceber as articulações do todo. Quanto ao indivíduo – ele próprio de cognição limitada, imerso nesse intrincado sistema de “atratores caóticos, fractais, estruturas dissipativas, auto-organização e redes autopoieticas”<sup>29</sup> –, fico a me perguntar se obtém uma compreensão tão ampla do mundo, ou se está condenado a abandonar qualquer projeto de assimilação funcional da realidade para viver apenas sensorialmente, sem compreender nada em seu ímpeto de compreender o todo. Parece-me que o método cartesiano, querendo impor regras homogêneas a *tudo*, já teve reconhecidas suas falhas e impotências – era, ao menos, um modelo de raciocínio exequível a qualquer pessoa inteligente que se propusesse a ele. De outra parte, o pensamento em rede se esquiva de compreender tudo a partir de simplificações, e se lança ao *tudo*, julgando-se capaz de abarcá-lo. Em suma, desistimos de obter o conhecimento universal de *tudo* e partimos à busca do *tudo*; a megalomania apenas se transformou em algum outro tipo pretensioso de idealismo.

Registro, ainda, duas citações que introduzem o livro de Morin, Ciurana e Domingo Motta. O primeiro trecho é de autoria do físico espanhol Jorge Wagensberg (1948 – 2018), que propõe um novo modelo de apreensão da realidade, baseado na inconstância, na inquietude e na mesma intuição defendida por António Damásio:

O método se aplica sempre a uma idéia. E não há um método para caçar idéias. Ou, o que dá na mesma, com as idéias tudo é válido: a analogia, o plágio, a inspiração, o seqüestro, o contraste, a contradição, a especulação, o sonho, o absurdo... Um plano para a aquisição de idéias só é bom se nos tenta continuamente a abandoná-lo, se nos convida a nos desviar dele, a farejar à direita e à esquerda, a nos distanciar, a girar em círculos, a divagar, a nos deixar levar pela obtenção e pelo tratamento de idéias. Aferrar-se com rigor a um plano de busca de idéias é anestesiá-la a intuição.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Idem, p. 46 – 47.

<sup>29</sup> Idem, p. 18.

<sup>30</sup> CIRUANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raul; MORIN, Edgar. *Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez Editora, 2003. P.15.

A frase do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard (1884 – 1962), também introdutória ao referido livro, sintetiza a postura cognitiva do sujeito contemporâneo. Se acerta ao perceber a instabilidade das ideias – potencializada pela rapidez de sua circulação – e ao defender a atualização do conhecimento, a frase de Bachelard também carrega algo de assombroso no seu potencial destrutivo e na sugestão de rompimento absoluto com o conhecimento passado. Para ele, “toda descoberta real determina um método novo, portanto deve arruinar um método anterior”.<sup>31</sup>

Condensando as ideias reunidas neste terceiro capítulo, cabe reiterar que o método cartesiano resultou em descobertas científicas sem precedentes, conduzindo a um período de extrema euforia. Isaac Newton (1643 – 1727) estabeleceu os fundamentos da mecânica clássica com base no método dedutivo de Descartes, descrevendo a Lei da Gravitação Universal e as três Leis de Newton na obra intitulada *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, publicada em 1687. A ciência newtoniana prometia descobrir e enunciar objetivamente as leis universais que regiam todos os aspectos da realidade.

A euforia da Mecânica Clássica durou aproximadamente dois séculos, durante os quais se acreditou que todos os fenômenos podiam ser explicados pela ação de forças de atração e repulsão, dependendo unicamente da distância entre partículas imutáveis. Conhecendo-se a condição atual de um corpo e as forças que atuam sobre ele, a física newtoniana acreditava ser perfeitamente possível recompor seu passado e predizer sua trajetória. A humanidade sentia-se muito perto de obter as leis homogêneas que lhe permitiriam estabelecer um controle seguro sobre o universo.

Surgiram, contudo, problemas: contradições sérias e insolúveis abalaram a teoria mecânica quando os físicos do final do século XVIII tentaram estendê-la aos fenômenos elétricos e ópticos. Experimentos no ramo da eletricidade fizeram surgir alguma força cuja intensidade dependia da velocidade da carga, contradizendo as previsões da física clássica. Por outro lado, o problema do meio pelo qual a luz se propaga e as dúvidas acerca de sua natureza ondulatória ou corpuscular também não encontraram qualquer solução coerente na estrutura das velhas ideias. As enormes dificuldades levaram os cientistas a renunciarem à pretensão totalizante do preceito mecânico; no rastro desses abalos, desencadeou-se a progressiva decadência de todo o paradigma moderno.

As teorias que surgiram no contrafluxo do método cartesiano somam-se para compor o difuso programa da pós-modernidade; algumas delas já foram esboçadas no decorrer do

---

<sup>31</sup> Idem.

trabalho. No capítulo seguinte, procuraremos trazê-las à tona pela influência que exercem sobre as linguagens e temáticas da literatura contemporânea.

## **4. Narrativas contemporâneas: manifestações da realidade estremecida.**

Já se reconheceu a dificuldade de repartir a literatura contemporânea em programas fechados e homogêneos. É perfeitamente possível, no entanto, pinçar, dentre a variedade de obras, alguns traços comuns, sintomáticos do momento que atravessamos. Os autores abordados neste capítulo poderiam habitar outras categorias além das propostas e alguns certamente se adequam apenas em parte às definições de caráter geral.

Entre os modos pelos quais a literatura tem enfrentado a realidade estremecida, as histórias fragmentadas, os romances rizomáticos e os laboratórios de linguagem serão objeto de um estudo mais detido, por conterem elementos substanciais do paradigma emergente. Não se pretende exaurir as tendências observáveis nas narrativas contemporâneas, mas demarcar, na produção ficcional, as reflexões desenvolvidas no decorrer dos capítulos anteriores.

### **4.1 Histórias fragmentadas**

A literatura realista, com seus pressupostos de objetividade e precisão, começou a desmoronar no século XX. Sua queda acompanhou as mudanças do mundo; aqueles que defendem a autonomia absoluta da arte – o esteticismo puro – não podem ignorar que ela se transforma no compasso do tempo e das revoluções. As verdades totalizadoras, a objetividade e as linguagens neutras foram desacreditadas, e a literatura não esteve insensível à transformação do paradigma.

Os fundamentos da razão ocidental cederam. Os projetos homogêneos de felicidade ofertados pelo sistema capitalista deixaram à margem muitos indivíduos. As fórmulas deterministas da física tradicional expuseram suas insuficiências; os cientistas confessaram que ainda estavam longe de explicar a origem e o fim de todas as coisas. Continuamos, contudo, a calcular nosso cotidiano pelas antigas e falhas leis da mecânica, como se as grandes e irrespondíveis questões não nos dissessem respeito. Percebemos, mais do que nunca, que somos criaturas perecíveis habitando a eternidade – bilhões de trajetórias entrecruzando-se em uma minúscula porção do universo infinito.

No século XXI, muitas verdades se impõem, mas nenhuma delas é totalmente válida. A literatura que pretendeu dar conta da inquietação do mundo contemporâneo entregou-se à armadilha que buscava desarmar: ao abrir-se para a pluralidade das histórias e discursos, nada mais fez do que empreender um esforço hercúleo em direção ao ideal totalizante. Alguns romances e novelas são representativos dessa técnica fragmentária: desmembram-se em enredos independentes, cujos propósitos são, por vezes, difíceis de definir para além de sua força estética.

No Brasil, o processo de desintegração das formas realistas acentuou-se a partir da década de 70, atravessada pela ditadura militar e pela consolidação de um sistema industrial e capitalista. Trabalhadores rurais migraram para os centros urbanos, porém os mecanismos mantenedores das desigualdades sociais não permitiram uma efetiva integração das camadas pobres. Criaram-se bolsões de miséria às margens das cidades. A publicidade encontrou meios cada vez mais massivos e ardilosos de incitar a população ao consumo de bens inacessíveis à maioria. A brutalidade tomou conta das áreas marginalizadas; o sentimento de paranoia instalou-se nas ruas da classe média. Cercas e muros dividiram o espaço, câmeras cobriram os ambientes públicos; o sistema panóptico dos presídios estendeu-se à vida privada dos cidadãos. Diante de tudo isso, a representação da realidade também precisou mudar. Em seu *Curso de literatura brasileira*, o professor Sergius Gonzaga observa:

Face a tais transformações – vertiginosas e radicais –, os ficcionistas refletem em suas obras esta experiência coletiva de esfacelamento e pulverização da realidade, quando não de caos. A velha ordem desabara e um mundo instável, frenético e aparentemente irracional ocupava seu lugar. Todas essas mudanças influenciaram decisivamente ficção das últimas décadas.<sup>32</sup>

No ensaio intitulado *A desagregação da narrativa real-naturalista*, escrito em 1991, José Hildebrando Dacanal introduz a temática da fragmentação da narrativa, concentrando sua análise na ficção de temática urbana das décadas de 70 e 80. Muitas das considerações trazidas pelo professor se confirmaram, estendendo-se às tendências da literatura brasileira do século XXI. Sua análise da literatura fragmentada se adapta às temáticas e formas emergentes, que não chegam a romper com as convenções da realidade – o que nos levaria para o campo do fantástico –, mas fazem oscilar a verossimilhança. A descrença transmite-se nessas narrativas, que não encontram nenhum modo seguro de aferir a realidade:

---

<sup>32</sup> GONZAGA, Sergius. *Curso de literatura brasileira*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004. P. 462.



Em relação ao primeiro ponto, a pretensão da totalidade simplesmente desaparece. Mais ainda: não raro ela é posta diretamente em questão, como ocorre em *O caso Morel*, onde um dos temas fundamentais, se não o fundamental, é exatamente a diversidade dos pontos de vista ou, o que é mais radical ainda, a impossibilidade do estabelecimento de uma concepção globalizante e totalizadora do mundo. (...) O mundo está destruído e não há como remontar seus estilhaços nem como organizar um *ethos*. As personagens padecem de total desorientação, sendo incapazes de organizar-se a si próprias e, muito menos, de ordenar o mundo à sua volta. Desesperadas, buscam uma verdade, sem saber se há possibilidade de encontrá-la. Ou nem mesmo a buscam, limitando-se a sofrer ou a protagonizar a desordem, a violência física e moral e a destruição das formas de convivência social.

Em relação ao segundo ponto, a linearidade narrativa, ocorre idêntico processo, parecendo haver perfeita correlação com o primeiro. À desintegração ética corresponde a desintegração técnica, com a estrutura narrativa revelando-se desordenada, sincopada, fragmentada e geralmente – para utilizar uma expressão de alguns manuais – sem um *foco narrativo*, ou ponto de vista, único ou claramente definido. Mais uma vez, *O caso do Morel* é paradigmático sob este ângulo, pois coloca em questão, de forma explícita, a identidade do narrador-protagonista, fazendo com que a fluidez e a incerteza sejam a própria natureza do mundo narrado.<sup>33</sup>

Entre as obras que levaram ao extremo as formas desagregadoras, destaca-se *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Publicado em 2001, o romance compõem-se de dezenas de fragmentos de naturezas completamente diversas, tanto do ponto de vista temático quanto linguístico: dados meteorológicos, a hagiologia de Santa Catarina de Bolonha (pequeno estudo sobre a vida da Santa), numerologia, horóscopo, anúncios variados, descrição de rituais, a certidão de batismo de Paulo Roberto Ernesto na Igreja do Evangelho Quadrangular, a listagem dos livros que ocupam uma estante qualquer, um cardápio de restaurante, a transcrição da caixa postal do telefone de Luciana, uma oração a Santo Expedito, excertos de diálogos e uma série de breves narrativas envolvendo personagens que só chegamos a conhecer num vislumbre – algumas muito pouco estruturadas, outras aptas a funcionar como contos autônomos. Como registra o primeiro capítulo, todas as cenas, ocorrências e recortes acontecem na terça-feira do dia 9 de maio de 2000, na cidade de São Paulo.

Pode-se questionar se *Eles eram muitos cavalos* pertence, de fato, ao gênero romanesco, tamanha a desunião das partes que o constituem, cujo único elo reside na circunstância de transcorrerem no mesmo dia e na mesma metrópole. Através da costura de

---

<sup>33</sup> DACANAL, José Hidelbrando. *A desagregação da narrativa real-naturalista*. In: Ensaios escolhidos, Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2004. P. 101.

discursos plurais, o livro busca assimilar a dinâmica frenética de São Paulo, a cidade mais populosa do continente americano, da lusofonia e de todo o hemisfério sul.

Expandindo a discussão para o âmbito da literatura global, merece resgate o emblemático romance *Eden, Eden, Eden*, do escritor francês Pierre Guyotat. Publicada em 1970, a obra se insere aqui não por sua atualidade, mas pela profunda subversão formal que promoveu. É realmente assombrosa a potência imagética que o escritor consegue transportar às linhas estilhaçadas do romance, que transcorre no deserto da Argélia, num cenário de guerra civil. Cenas de brutal violência, prostituição e sexo degradante perpassam a tórrida linguagem de Guyotat. A personagem central é um garoto argelino chamado Wazzag, que se prostitui e protagoniza os episódios sexuais virulentos do romance. Para compreender a o ritmo dos fragmentos e o vigor da linguagem empregada no livro, transcrevo, abaixo, a tradução livre de um dos trechos do romance, que não possui edição em língua portuguesa:

Wazzag, limpando a boca manchada de ovo, hortelã, porra, puxando a perna dormente de baixo da barriga do cafetão: o cafetão adormecido do lado direito da puta; lençol grudando nos quadris, Wazzag se levantando da cama; nu, descendo as escadas; brincos tilintando: abaixando a testa – porra seca retida nas pregas – sob o lintel que fecha a cômoda; menino ruivo deitado de bruços no quatinho, entre panos de chão, baldes, escovas, pressionando a testa, joelhos, contra o concreto, reabastecendo-se de porra; ganso estendido ao lado do menino, bico enterrado sob a axila; Wazzag levantando o ganso pelo pescoço, a mão friccionando o mamilo do menino; jogando a ave para fora do quatinho...<sup>34</sup>

A arte é uma zona hábil para subverter convenções e recriar as perspectivas; nesse sentido, é inegável que o estilhaçamento narrativo funciona como espaço de experimentação e vanguarda. Algumas obras que empregam esse tipo de técnica retratam, com louvável domínio técnico, a polifonia das metrópoles e a desordem emocional de seus atores.

Ocorre que a literatura fragmentada talvez não represente a melhor resposta às inquietações: trata-se apenas de uma resposta possível. Expondo caoticamente os sintomas, não

---

<sup>34</sup> No original: “Wazzag, wiping mouth smeared with egg, mint, jissom, pulling damp leg from under whore-master’s belly: master asleep at right side of whore; sheet clinging to loins, Wazzag rising from bed; naked, going down stairs; ear-rings tinkling: lowering forehead - powdered jissom held in wrinkles - under lintel closing off counter; red-haired boy lying on belly in box-room among floor- cloths, buckets, brushes, pressing forehead, knees, against concrete, replenishing jissom ; goose stretched out beside boy, beak burrowing under armpit; Wazzag lifting up goose holding neck, hand rubbing boy’s nipple; pulling bird out of box-room...”. In: GUYOTAT, Pierre. *Eden, Eden, Eden*. Paris: Gallimard, 1970, p. 16-17.

chega a propor nenhuma espécie de diagnóstico e raramente oferece algum deslinde propositivo.

Não se pretende, é claro, o retorno a uma literatura moralizante. Até porque a criação de fábulas urbanas que eduquem o leitor em matéria de justiça, cidadania e política não diferiria muito do que já ocorre nas narrativas triviais, nas telenovelas, nas propagandas e até mesmo nos noticiários. Com mais delicadeza, a crônica por vezes assume esse papel educativo ou, ao menos, instrutivo.

Tampouco os enredos amarrados por liames perfeitos de causalidade se aproximariam melhor da real experiência humana. É certo que cada sujeito carrega consigo um espectro de paixões, medos, inseguranças, contradições internas e expectativas frustradas diante da complexidade do ambiente e das relações interpessoais. As personagens verossímeis também vêm nutridas dessas volubilidades. Quando se fala em oferecer algum sentido, em andar para alguma direção, devemos ter em vista um percurso pontuado por todas essas questões, ordenado racionalmente pelo ficcionista – ainda que sob aparência de mera intuição ou acaso. Nenhuma literatura, por mais realista que se pretenda, poderá captar o mundo exatamente como ele é; os escritores têm de aceitar que fazem representações, e que escolhem conscientemente o modo de fazê-las.

Na pulverização da narrativa contemporânea, dificilmente se vislumbra algo mais do que os ecos da realidade perturbada; raramente se percebe qualquer ruído de resistência. Trata-se, antes, de um registro da agonia daqueles que perderam o caminho. Desnovelados os fios da realidade intrincada, não se costura com eles uma peça útil. As narrativas fragmentadas têm seu valor, inequivocamente: mas não bastam.

## **4.2 Romance rizomático**

Em sua forma extrema, o romance rizomático funciona horizontalmente: não se aprofunda nos conflitos ou não chega a nenhuma espécie de deslinde, espraia-se por diferentes caminhos, interrompe bruscamente as histórias que propõe. Essa articulação aproxima a estrutura do romance rizomático da dinâmica das redes virtuais, onde as narrativas e os discursos se sucedem apressadamente, sem que haja espaço para o progressivo envolvimento do leitor.

O livro *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains*<sup>35</sup>, escrito pelo norte-americano Nicholas Carr, traz algumas reflexões interessantes acerca do impacto da tecnologia sobre nosso funcionamento cognitivo. De acordo com o autor, quando nos conectamos à rede, somos impelidos a seguir *scripts* programados por outros, transmitidos por instruções algorítmicas que sequer compreenderíamos se nos fossem reveladas. Nos sites de busca, nos produtos recomendados ou no preenchimento de perfis nas redes sociais, seguimos *scripts* que mecanizam o processo de exploração intelectual e de estabelecimento de vínculos interpessoais. Nicholas Carr empreende uma densa pesquisa para defender que os *softwares* transformam as atividades humanas mais íntimas e pessoais em ritos impensados. Assim, em vez de agirmos conforme nosso próprio conhecimento e intuição, apenas respondemos a estímulos previamente codificados.<sup>36</sup>

Entre as obras representativas da estrutura dispersiva, podemos mencionar *Se um viajante numa noite de inverno*, do escritor italiano Italo Calvino. Publicado em 1979, o romance situa como seu protagonista o leitor médio; numa quebra atípica da quarta parede literária, convoca o próprio leitor (tratado na segunda pessoa) a mergulhar nas aventuras do livro. Conforme se sucedem os capítulos, forma-se a segunda camada da leitura, composta pelos argumentos de dez romances de gêneros tradicionais, todos interrompidos de súbito, na ascensão da trama, antes de seu desfecho.<sup>37</sup>

Ainda que de forma atenuada e menos experimental, os romances do norte-americano Jonathan Franzen também manifestam essa força dispersiva da literatura contemporânea, na medida em que o eixo central de suas tramas geralmente se ramifica em inúmeras subtramas. Conforme avançam os capítulos, o núcleo de personagens se expande, distribuindo os conflitos e desviando o leitor para camadas superpostas da narrativa. É isso o que ocorre em seus volumosos romances *As Correções* (2001), *Liberdade* (2010) e *Pureza* (2015), carregados de personagens e histórias que, de alguma forma, se entrecruzam. Através de seu estilo, Franzen insculpe amplos panoramas do modelo de vida estadunidense, abarcando as intrincadas teias das relações humanas. Nem sempre, contudo, o espalhamento do conflito funciona da melhor maneira; em alguns casos, o engajamento do leitor é drenado pelos constantes afluentes que se abrem no curso principal.

---

<sup>35</sup> Finalista na categoria de Não Ficção Geral do Prêmio Pulitzer no ano de 2011.

<sup>36</sup> CARR, Nicholas. *The shallows: what the Internet is doing to our brains*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2010, p. 212.

<sup>37</sup> CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Gilles Deleuze e Félix Guattari emprestam o conceito de rizoma da botânica, partindo da configuração de determinadas plantas, que se multiplicam em ramos interconectados sem que isso implique a existência de raízes – aqui simbolizando fundamentos epistemológicos hierarquicamente postos na base dos outros.<sup>38</sup> Dessa forma, o romance rizomático busca assimilar, em sua estrutura, a complexidade e a amplitude dos temas que encampa. Preferindo as narrativas difusas às unívocas, permite que se percorram diversas perspectivas, nuances e facetas dessa realidade poliédrica que a literatura busca tornar legível.

### 4.3 Laboratório de linguagem

Em seu ensaio intitulado *A narrativa trivial*<sup>39</sup>, Flávio René Kothe tece uma crítica pertinente à superficialidade e à repetição das estruturas profundas que subjazem às narrativas comerciais (literatura de massa, novelas de televisão, filmes *blockbuster*). Dedicou um capítulo ao tema do *poema hermético*, que serve como antítese impotente ao simplismo da linguagem comercial, recorrendo à abstração e à obscuridade para sugerir algo ignoto, que não se expressa com clareza. Apesar de sua ineficácia e de seu baixo potencial de transformação da sociedade, funciona como “laboratório de cultivo da linguagem e de exploração das fímbrias do conhecimento”.<sup>40</sup>

As circunstâncias que permeiam o poema hermético se estendem a algumas obras contemporâneas, notadamente aquelas que se identificam com a chamada *prosa poética*. Entre jogos de claro-escuro, a linguagem dessas narrativas se preocupa mais com sua potência lírica do que com o encadeamento lógico das situações e ideias narradas. Em geral, as personagens pouco agem sobre o mundo que as cerca, preferindo imergir em discursos autorreflexivos. Há uma baixa densidade de ocorrências concretas, uma vez que a expressão dos sentimentos e a fruição estética da palavra se colocam à frente do avanço progressivo da história.

Entre os diversos autores que misturam a poesia à prosa, o português Valter Hugo Mãe adensa suas narrativas com boas cargas de lirismo, concebendo reflexões que levam o leitor ao deslumbramento e insculpindo as frases com uma notável aptidão poética. A desconcertante beleza das imagens que compõem as narrativas engendra uma atmosfera que flerta com o

---

<sup>38</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 14.

<sup>39</sup> KOTHE, Flávio R. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

<sup>40</sup> Idem, p. 244

surreal. Seu livro *A Desumanização*, de 2014, inaugura-se com um parágrafo cuja melancolia lírica perpassará todo o romance:

Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terá. A more das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus (...).<sup>41</sup>

No Brasil, João Anzanello Carrascoza também elabora a verve poética da língua portuguesa. Em *Caderno de um ausente*, de 2014, entremeia reflexões filosóficas numa prosa sensível, onde a delicadeza é a medida de cada frase.<sup>42</sup>

Mais uma vez, reafirma-se a literatura como um território profícuo à experimentação da linguagem, ao florescimento da beleza e à sensibilização dos indivíduos, resistindo contra a aridez dos sonhos, o esquecimento do passado, a assepsia hospitalar da morte e a naturalização da brutalidade. Tudo isso tem grande valor, servindo como um refúgio diante da repetição nauseante da sociedade de consumo, da esterilidade das metrópoles e das violências que avançam sobre nós. O abrigo da poesia, contudo, não nos exime de enfrentar o que existe de torpe, feio e bruto na realidade.

---

<sup>41</sup> MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo, Cosac Naify, 2014, p. 9.

## 5. Considerações finais: breve manifesto para uma literatura propositiva.

Tanto quanto acredito na importância de ouvir as pautas proliferadas pelo alarido agônico das vozes que se insurgem em nosso território sem perspectiva, persisto acreditando no poder da representação ficcional. Diante da realidade mais tormentosa, a literatura crítica não deve se resignar à impotência; tampouco deve se contentar com o registro dessa desorientação generalizada em que estamos imersos. Creio que as escritoras e os escritores podem retomar a esperança perdida. Repor a beleza e a sensibilidade aos cenários da catástrofe é, sem dúvida, importante, mas de nada serve enxertar flores num chão de caliças e fuligem, pois logo definham.

As ideias que procurei construir pautaram-se sobretudo pelo anseio de compreender criticamente minha posição enquanto escritora de ficção num tempo em que a própria realidade se ressentia de sentido e credibilidade. Paralelamente a este ensaio, escrevi o romance *Gaiola de Esperar Tempestades*, onde aparecem diversos temas que perpassaram o trabalho, como o sentimento de apocalipse, o descrédito da verdade e a insatisfação do sujeito inserido numa lógica profundamente estandardizada, onde se vendem sonhos homogêneos de consumo e se neutralizam as idiossincrasias, tolhendo a verve criativa que habita cada ser humano.

O liame entre o romance e o ensaio não se exaure, contudo, no aspecto temático. Na medida em que decidi organizar minha história em capítulos curtos, de modo a contemplar diferentes níveis de tempo e espaço, me vi diante da complicada tarefa de manter a coerência interna e de tramar, aos poucos, uma tessitura narrativa sólida e harmônica. Queria que os fragmentos funcionassem como um quebra-cabeça desmontado, que guarda no encaixe potencial de suas peças uma imagem coesa e inteligível, a ser vislumbrada com progressiva nitidez no decorrer da leitura. Assim, mesmo não se tratando de uma construção linear, as partes não estariam postas por razões aleatórias.

Quando resolvo contar uma história, o faço por acreditar que possa ter algum significado palpável para meus leitores. Eu espero que a obra lhes transmita um sentido lógico, além do sentido profundo, que depende da apreensão sensível de cada receptor. A literatura, mesmo inserida na corrente de turbidez da realidade, é capaz de adotar alguma perspectiva, ordenando os componentes dispersos.

Foi preciso, também, certo esforço para calibrar a linguagem, sem abdicar de toda a potência lírica da língua portuguesa, mas cuidando para não tornar o texto demasiadamente cifrado, metafórico ou mesmo indigerível. Quis engendrar uma prosa autoral sem incorrer em

experimentalismos desnecessários das estruturas formais, que apenas criariam obstáculos à fluidez da leitura, relegando a segundo plano os acontecimentos da narrativa.

Para ficcionalizar um mundo em transformação, não penso que seja necessário levar a desterro todos os preceitos e formas literárias já consolidadas, sobretudo quando as técnicas emergentes parecem arrastar as narrativas para a beira da ilegibilidade ou de um esteticismo que se impermeabiliza aos problemas sociais e subjetivos da contemporaneidade. No intuito de contrabalançar a postura conservadora – extraindo da literatura tradicional aquilo que ainda nos aproveita – com o brio reformista – ávido por acompanhar a vertigem desse começo de século –, procurei, em meu próprio processo de escrita, costurar os eventos do romance através de relações de causalidade, criando momentos na narrativa que se abrissem à desordem e à captura da realidade fragmentária.

De certa forma, o viajante de Descartes, descrito no terceiro capítulo deste ensaio, serviu como protótipo à concepção da protagonista de *Gaiola de Esperar Tempestades*. Charlotte é uma mulher que, aos cinquenta anos, se vê frustrada com a vida trivial que leva. Volta-se, então, para uma paixão do passado, que foi interrompida bruscamente, antes de qualquer desfecho. Pela combinação de circunstâncias externas e movimentos íntimos, ela decide procurar Leona, mesmo sabendo que sua busca pode não ter resultado – ou mesmo lançá-la de vez no abismo da desilusão.

A infelicidade de Charlotte se deve muito à passividade com que atravessa os anos, numa postura que corresponde à sensação de desengano do ambiente pós-moderno. No decorrer da narrativa, contudo, ela é impelida na contracorrente dessa inércia; como o viajante de Descartes, obriga-se a escolher um caminho, mesmo sem saber para onde será levada. Ainda que minha escrita venha carregada de um certo pessimismo, tentei plantar no romance algum mínimo grão de esperança, que julgo vital à persistência da lucidez nesse momento de tremor paradigmático que vivemos.

Apenas os futuros leitores poderão aferir em que medida a execução ficcional correspondeu ao meu projeto teórico. Ademais, há uma imensidão a ser explorada em matéria de literatura contemporânea; muitos autores e tendências importantes foram postos de lado, tendo em vista que este ensaio não vem eivado de qualquer pretensão de completude. Trata-se apenas de uma livre incursão pelo território simultaneamente profícuo e instável daquilo a que chamamos *literatura pós-moderna*.

Ao resgatar a parte hígida do pensamento cartesiano, espero ter conseguido fazer uma defesa do pensamento autônomo, que ameaça dissolver-se sob discursos homogeneizantes ou



ideários demasiadamente vagos para consolidarem novas alternativas de superação dos problemas tópicos que nos assombram. A meu ver, a bravura de assumir posições persiste como característica inafastável dos grandes líderes e artistas, na mesma medida em que a ânsia por respostas mais eficientes ainda instrui a procura inesgotável da ciência.

Na minha produção ficcional e ensaística, a arte, a filosofia e a ciência sempre vão se interpenetrar, pois todas se propõem a decodificar o magnífico objeto da realidade. Além disso, todas amargam a insolúvel angústia da insuficiência, da parcialidade e da autoconsciência do engodo.

Embora reconheça que a compreensão multiperspectiva do universo infinito é uma causa perdida para o indivíduo, nada tenho de cartesiana no que tange à compartimentação do conhecimento. Assumindo a existência dos limites cognitivos humanos, acho importante que transitemos o mais livremente possível dentro deles, buscando, através dos recursos criativos, antever algo além das alternativas convencionais.

À literatura contemporânea cabe o desafio de conceber técnicas capazes de repor a perspectiva nesse tempo transicional, que beira a irracionalidade, espargindo-se por rumos instáveis que não têm conduzido a nenhum refúgio de esperança. As rupturas da ordem, os abalos da verdade, a voragem das informações e o entrecruzamento de narrativas parciais fornecem uma matéria substancial para a ficção; que ela se resigne, contudo, a fluir nessa desordem me parece um desperdício de seu potencial de transformação e resistência. Por isso, insisto que as aspirações do romance tradicional – de transpor a experiência humana para os acontecimentos fictícios – não devem cair em absoluto descrédito, nem submergir sob a implosão das formas e das narrativas.

Dentro de suas possibilidades, a literatura pode descobrir a medida sensível entre o pessimismo realista e a vontade de melhorar o mundo – ao menos um pouco. Os escritores têm condições de assumir um novo enfrentamento dos problemas sobre os quais escolhem alicerçar seus conflitos. Se não houver resposta possível, talvez devêssemos ao menos ordenar algumas perguntas, para que não nos esquivássemos eternamente à difícil tarefa de pensá-las. E que nos permitíssemos errar em nossos caminhos: errar muitas vezes, como sucede às ideias que, para o bem ou para o mal, sempre acabam por reconduzir a realidade que tentaram descrever.

## 6. Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: Notas de literatura I. São Paulo: Editora 34, 2003.
- AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, ISBN 978-85-378-1589-2, 2016. Edição digital.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida - uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- CARR, Nicholas. *The shallows: what the Internet is doing to our brains*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2010.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CIRUANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raul; MORIN, Edgar. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Volumes 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EINSTEIN, Albert; INFELD, Leopold. *A evolução da física*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FONSECA, Rubem. *O Caso Morel*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2003.
- FRANZEN, Jonathan. *Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRANZEN, Jonathan. *Pureza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FUKS, Julián. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FUKS, Julián. *Procura do romance*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GONZAGA, Sergius. *Curso de literatura brasileira*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- GUYOTAT, Pierre. *Eden, Eden, Eden*. Paris: Gallimard, 1970.

- KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Temor e tremor (Coleção Os Pensadores)*. Tradução: Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KOTHE, Flávio R. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo, Cosac Naify, 2014.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MELLO, Carlos de Brito e. *A passagem tensa dos corpos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- RAMOS, Nuno. *Ó*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VILA-MATAS, Enrique. *Bartleby e Companhia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- VILA-MATAS, Enrique. *Suicídios Exemplares*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- WALLACE, David Foster. *Graça infinita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

*Finis.*